

ROSANA BUDNY

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS EM
DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES E BILÍNGUES (PORTUGUÊS-
INGLÊS) E EM LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD**

**FLORIANÓPOLIS
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO
LINHA DE PESQUISA: LEXICOGRAFIA, TRADUÇÃO E ENSINO
DE LÍNGUAS.

UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS EM
DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES E BILÍNGUES (PORTUGUÊS-
INGLÊS) E EM LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD.

ROSANA BUDNY
Orientadora: PROFA. DRA. ADJA BALBINO DE AMORIM
BARBIERI DURÃO

Tese de Doutorado em Lexicografia,
Tradução e Ensino de Línguas
apresentada como requisito parcial para
a obtenção do título de Doutor em
Estudos da Tradução pelo programa de
Pós-Graduação em Estudos da
Tradução pela Universidade Federal de
Santa Catarina.

Florianópolis
2015

ROSANA BUDNY

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS COM ZOÔNIMOS EM
DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES E BILÍNGUES (PORTUGUÊS-
INGLÊS) E EM LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD.**

Esta Tese foi julgada para a obtenção do Título de “Doutor em Estudos da Tradução”, e aprovada na sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 06 de Abril de 2015.

Prof^ª. Andréia Guerini, Dr.^a
Coordenadora do Curso

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão (UFSC)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro - Aya (UNB)
Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra. Márcia Sipavicius Seide (UNIOESTE)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Lincoln Fernandes (UFSC)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Ronaldo Lima (UFSC)
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, Abril de 2015.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, Misericordioso e Gracioso, que me deu forças para seguir adiante nos dias de desânimo, solidão, isolamento e cansaço.

Ao meu marido *Paulo*, parte integrante do meu ser, separado por Deus para caminhar comigo nesta vida, e que sempre repetia, nas horas mais difíceis: “vai dar tudo certo!”.

À minha família, pelo carinho, compreensão, incentivo e orações. Aos meus filhos Fernando e sua esposa Aline, Naísa, seu esposo Fernando, e minha neta Rebeca e Paulo José meu filho caçula, por darem significado ao meu viver e a certeza que sou melhor, hoje, por causa deles.

À Prof.^a Dr.^a Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, pela brilhante orientação, exemplo, desprendimento, dedicação, seriedade, competência e carinho com que me ajudou a conduzir este trabalho. Orientadora dentro e fora da Universidade, que não poupou esforços para que esse projeto chegasse a termo.

À minha amiga Tânia Picollo Figueira, incentivadora sempre, pelas palavras de encorajamento, pelo interesse genuíno por esta pesquisa e pelo ombro mais que amigo.

Aos meus colegas da Universidade, em especial à Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado, pelo apoio.

Aos coordenadores da PGET, e aos funcionários Fernando e Gustavo, prestativos e generosos, sempre.

A CAPES-REUNI pela concessão da bolsa, que possibilitou, durante alguns meses, minha dedicação exclusiva ao desenvolvimento desta tese.

*“O que sabemos é uma gota; o
que ignoramos é um oceano”.*

Isaac Newton

RESUMO

Esta pesquisa investigou unidades fraseológicas com zoônimos (UFz). As unidades fraseológicas com zoônimos são expressões idiomáticas que têm nomes de animais em sua composição, como *ser cachorro sem dono*, *ser uma galinha morta*, *dizer cobras e lagartos*, etc. O que motivou esta pesquisa foi o entendimento de que a fraseologia é um aspecto cultural emblemático e recorrente nas línguas, por isso está no dia-a-dia na “boca do povo”, motivo pelo qual precisa ser dicionarizada. Esta investigação toma por fundamento princípios teóricos da Metalexicografia bilingue e pedagógica na interface que estabelece com a Fraseologia. Seus objetivos gerais são: (i) identificar e descrever o tratamento dado a unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues; (ii) identificar e descrever o tratamento dado a unidades fraseológicas com zoônimos (as equivalências) em dicionários bilíngues escolares, verificando se as equivalências fornecidas são as mesmas nos 7 dicionários ou se diferem umas das outras; (iii) constatar se há ausência de tradução de UFz em dicionários bilíngues escolares. (iv) investigar se as unidades fraseológicas com zoônimos estão presentes nas coleções de livros didáticos para a língua estrangeira – inglês que fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático nas seções de estudo de vocabulário. Os dicionários monolíngues da língua portuguesa escolhidos foram o Houaiss e o UNESP. Os dicionários bilíngues foram *Oxford Escolar* (2012), *Longman Escolar* (2009), *Michaelis Escolar* (2010), *Collins Prático* (2012), *Mini-Webster's* (2011), *Landmark* (2006), e *Larousse Avançado* (atualizado, 2009). Resultado: A pesquisa constatou que as UFz quase não estão presentes nos dicionários bilíngues. Elas também aparecem pouco nas seções de vocabulário dos livros didáticos pesquisados. Outro aspecto era descobrir se as UFz presentes nos dicionários bilíngues escolares pesquisados recebiam os mesmos equivalentes de tradução. Concluiu-se que as UFz recebem uma média de três equivalentes diferentes nos dicionários bilíngues pesquisados

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia bilingue; unidades fraseológicas com zoônimos; dicionários bilíngues; dicionários de produção.

ABSTRACT

This research has investigated phraseological units with zoonyms (UFz). The phraseological units with zoonyms (UFz) are idioms that take animal names in its composition, as Brazilian Portuguese idioms *ser cachorro sem dono*, *ser uma galinha morta*, *dizer cobras e lagartos*, etc. The motivation for such research was due to the understanding that phraseology can be said to have an emblematic and recurrent cultural aspect in the languages, and for this reason is every day in “everyone's lips” which justifies its inclusion in the dictionary. This research has taken as foundation theoretical principles of bilingual and pedagogic Metalexicography and on the interface which it establishes with Phraseology. Its general goals are: (i) identify and describe the given treatment to phraseological units with zoonyms in monolingual dictionaries; (ii) identify and describe the given treatment to phraseological units with zoonyms (equivalences) in school bilingual dictionaries, checking whether the provided equivalences are the same in the 7 dictionaries or differ from each other; (iii) to find whether there are absences of translations of UFz in school bilingual dictionaries. (iv) to investigate whether the phraseological units with zoonyms are present in the collections of foreign language textbooks - English, which participate of the National Textbook Program (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD) in vocabulary study sessions. The chosen monolingual dictionaries of the Portuguese language were Houaiss and UNESP. The bilingual dictionaries were school dictionaries easily accessible in bookstores, either for economic reasons, or for their popularity. They are School Oxford (2012), School Longman (2009), School Michaelis (2010), Collins Practical (2012), Mini-Webster's (2011), Landmark (2006), and Advanced Larousse (updated 2009), Outcome: The survey found out that the UFz are not present in bilingual dictionaries. They also have a small presence in the surveyed vocabulary sessions of the textbooks. Another aspect also focused was to discover whether the UFz (present in the school bilingual dictionaries surveyed) received the same translation equivalences. It was possible to conclude that the UFz receive an average of three different equivalences in the seven surveyed bilingual dictionaries.

KEYWORDS: Bilingual lexicography; phraseological units with zoonyms; bilingual dictionaries; dictionaries for production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Os dois sentidos da fraseologia	67
Figura 2: Nomes de animais presentes nas coleções do PNLD.	196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Algumas pesquisas empíricas sobre o uso dos dicionários monolíngues com base em Welker (2004, p. 235-238).....	34
Quadro 2: Algumas pesquisas empíricas sobre o uso dos dicionários bilíngues com base em Welker (2004, p. 235-238).	35
Quadro 3: Algumas definições de fraseologia (Cf. ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000) (grifos nossos).....	67
Quadro 4: Algumas funções comunicativas desempenhadas pelas UFz.....	78
Quadro 5: Demonstrativo de digitalização e alinhamento dos resultados dos dicionários pesquisados. Ex: <i>estar ou ficar uma arara</i>	87
Quadro 6: Características dos enfoques positivista e fenomenológico da pesquisa.	87
Quadro 7: Livros didáticos do PNLD incluídos no <i>corpus</i>	97
Quadro 8: Presença de UFz na seção de vocabulário das coleções de livros didáticos do PNLD.	98
Quadro 9 – Ordem de entrada das UFz.....	105
Quadro 10 - Comparação dos dicionários bilíngues do <i>corpus</i> – páginas e verbetes.....	107
Quadro 11: Microestrutura de verbetes dos dicionários bilíngues.....	109
Quadro 12: Microestrutura de verbetes dos dicionários bilíngues.....	110
Quadro 13: Microestrutura de verbetes dos dicionários bilíngues.....	112
Quadro 14 - UFz que figuram em apenas um dicionário.....	113
Quadro 15 – Localização nos dicionários de UFz que figuram em apenas um deles.....	114
Quadro 16 – UFz não contempladas nos dicionários bilíngues.....	115
Quadro 17– UFz presentes em 5 ou mais dicionários.....	116
Quadro 18: Presença de UFz nos bilíngues.....	193
Quadro 19: Média de 3 equivalentes para cada UFz.....	194
Quadro 20: Maior incidência de UFz nos bilíngues.....	197

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LE	Língua Estrangeira
UL	Unidade Léxica
UF	Unidade Fraseológica
UFz	Unidades Fraseológicas com Zoônimos
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

LISTA DE ABREVIATURAS DOS DICIONÁRIOS PESQUISADOS

Dicionários de Português

Houaiss. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa;*
UNESP. *Dicionário UNESP de português contemporâneo,*

Dicionários de Inglês

Collins. *Dicionário Prático Inglês-Português/ Português/ Inglês Collins;*

Landmark. *Landmark Dictionary - English- Portuguese/Portuguese-English;*

Larousse. *LAROUSSE Dicionário prático para o aprendizado da Língua Inglesa Avançado;*

Longman. *Dicionário Escolar Inglês – Português / Português-Inglês Longman Para estudantes brasileiros;*

Michaelis. *Dicionário Escolar Michaelis Inglês- Português/ Português-inglês,*

Oxford. *Dicionário Escolar Oxford Para Estudantes Brasileiros De Inglês (Nova Edição), Português-Inglês/Inglês-Português;*

Webster's. *Mini Webster's Dicionário Inglês-Português/ Português-Inglês.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, O DICIONÁRIO E A INCLUSÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS..	26
1.1 A Aprendizagem de línguas estrangeiras e o “oceano fraseológico”	26
1.1.1 A aula de língua estrangeira e a importância das unidades fraseológicas	27
1.1.2 O ensino de LE e a Abordagem lexical	28
1.1.2.1 <i>A crítica da Abordagem lexical a abordagens tradicionais de ensino de línguas</i>	30
1.2 Aprendendo com o Dicionário	32
1.3 Avaliando o Dicionário	36
2 A METALEXICOGRAFIA E O FAZER DICIONARÍSTICO	40
2.1 A (Meta)lexicografia e os produtos lexicográficos	42
2.2 A Metalexicografia Bilíngue Pedagógica e os Dicionários Pedagógicos	48
2.2.1 Dicionários contrastivos	50
2.3 A Metalexicografia Bilíngue e os Dicionários Bilíngues	54
2.4 Os Dicionários Bilíngues e os Equivalentes de Tradução	55
2.4.1 O conceito de equivalência na conjunção com a Linguística contrastiva	59
2.4.2 O conceito de equivalência na conjunção com a Análise de erros	60
2.4.3 O conceito de equivalência na conjunção com a aprendizagem de vocabulário	61
3 FRASEOLOGIA	64
3.1 Dos Sintagmas/Locuções às Unidades Fraseológicas	64
3.2 Fraseologia - Origem de seus Estudos, Definição e Delimitação das UFs	66
3.2.1 Colocações	71
3.2.2 Binômios	72
3.2.3 Expressões convencionais	73
3.2.4 Marcadores conversacionais	73
3.2.5 Frases feitas	73
3.2.6 Provérbios	74
3.3 Fraseologia – Convencionalidade, Idiomaticidade e Fixação	75
3.3.1 Fraseologia e expressões idiomáticas	80
3.3.1.1 <i>A tradução das expressões idiomáticas</i>	81
4 METODOLOGIA	86
4.1 Natureza da Pesquisa	86
4.2 A Coleta de Dados	88
4.3 Descrição das Fontes do Corpus	89
4.3.1 Relação dos dicionários pesquisados	89
4.3.1.1 <i>Perfil dos dicionários de português</i>	89

4.3.1.2 Perfil dos dicionários bilíngues.....	92
4.3.2 Relação dos livros didáticos pesquisados	96
5 ANÁLISE DO CORPUS	98
5.1 A (não) Presença das UFz na Seção de Vocabulário dos Livros Didáticos (PNLD)	98
5.1.1 Descrição da presença de UFz na seção vocabulário das coleções	98
5.2 Análise das UFz Presentes nos Dicionários Pesquisados	100
5.2.1 Ordenamento de entrada de UFz nos monolíngues Houaiss/ UNESP	100
5.2.2 Comparação dos dicionários bilíngues do <i>corpus</i> – páginas e verbetes	106
5.2.3 Unidades fraseológicas com zoônimos que figuram em apenas um dicionário	113
5.2.4 Unidades fraseológicas com zoônimos: zero inclusão nos dicionários bilíngues	115
5.2.5 Presença de UFz em 5 ou mais dicionários bilíngues	116
5.2.6 As Unidades fraseológicas com zoônimos e as equivalências encontradas	118
5.2.6.1 Definições e equivalências de unidades fraseológicas com zoônimos.	118
5.3 Análise de 152 UFz tomadas como amostra de dicionários monolíngues e bilíngues	120
5.4 Algumas Considerações	191
5.4.1 Avaliação das hipóteses de pesquisa	192
CONCLUSÕES	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203
ANEXOS	218
APÊNDICE	221

INTRODUÇÃO

Em todas as línguas existem enunciados populares usados em situações cotidianas da vida que servem para verbalizar emoções, necessidades e opiniões. Esses enunciados são chamados de fraseologias. As fraseologias apontam para mensagens produzidas por determinado povo, de determinado lugar, de determinada época, que passam de geração a geração. Conforme Vilela (1997, p. 560), as frases populares (que ele chama de marcadores típicos):

[...] como os provérbios, as expressões idiomáticas e as anedotas, falam dos ambientes polissêmicos de criação e recriação cultural fornecem informações valiosas para se conhecer a história de um povo, sua memória e os traços culturais das línguas envolvidas na relação intercultural.

As frases populares se adaptam às necessidades comunicativas de cada momento no movimento dinâmico da língua. Por meio de sua representação metafórica as fraseologias caracterizam “idiossincrasias ou posturas” que se moldam à moral estabelecida ou aos costumes (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2002, p.162). O desconhecimento das fraseologias faz, por exemplo, com que um aprendiz de língua estrangeira demonstre ser um falante ingênuo, por isso, pode proceder a uma interpretação apenas composicional e não idiomática dessas estruturas complexas.

De natureza diversificada, como lembra Tagnin (1989, p.13), as fraseologias aparentemente são compostas de tal forma que o significado de sua totalidade pode em nada lembrar a soma de seus componentes. Em meio ao universo imagético da fraseologia é comum a união de umas palavras com outras que nomeiam animais, pássaros, peixes, cores, partes do corpo, objetos do cotidiano. Os sentidos dessas fraseologias são apreendidos, repetidos, perpetuados... Esses sentidos não se entregam ao estrangeiro enquanto este for estrangeiro; eles têm que ser traduzidos por outras imagens que, de alguma forma, expressem o sentido que têm na língua de origem.

Pode-se dizer na esteira de Ortiz Álvarez que o estudo da fraseologia é fundamental no processo de ensino e de aprendizagem de línguas, “pois algumas expressões e modos de falar metafóricos acabam entrando para o idioma padrão, fixando-se de tal forma que afinal são empregadas por todas as classes sociais” (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000,

p.11). As fraseologias carregam uma identidade cultural forjada em sua língua de origem que é recuperada pelos falantes nativos dessa língua, mas para o aprendiz estrangeiro essa identidade cultural precisa ser ensinada. Como a autora bem observa:

[...] é através da fraseologia que as singularidades da língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2012, p.11).

Inicia-se aqui um estudo que pretende discutir tópicos sobre as fraseologias que tomam emprestados da Zoologia os nomes de animais ou, expressões zoonímicas, as quais, neste trabalho, chamar-se-ão unidades fraseológicas com zoônimos (doravante UFz).

As unidades fraseológicas (entre elas, as expressões idiomáticas) são “parte integrante e rica de todas as línguas, e representam um dos elementos mais pitorescos delas” (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p.13). Tome-se como exemplo a palavra *animal*. Além de seu sentido literal, o dicionário Houaiss registra o sentido figurado dessa palavra, dizendo tratar-se de “pessoa estúpida, grosseira, cruel; animália, cavalgada” (2 (fig). *pej.*). O dicionário UNESP informa que se trata de “um indivíduo estúpido e grosseiro; bruto”. Dos 7 bilíngues pesquisados, apenas o *Larousse* e o *Oxford* registram equivalências para *animal* com sentido figurado. O *Larousse* informa **2.fam pej.** [pessoa] brutal. <> **mf fam pej** [pessoa-bruto] brute; [ignorante] ass. O *Oxford* registra ► **adj (legal)** great. Os demais bilíngues não citam as características metafóricas dessa palavra.

A convivência do homem com os animais nem sempre se deu de maneira harmoniosa, porém eles habitam o mesmo planeta com a diferença de na atualidade os homens estarem avançando no território dos animais e levando vantagem. Os animais, desde longa data, estão à serviço do homem, seja pelo trabalho que exercem com sua força (cavalos e bois), seja pela companhia inestimável que prestam aos seus donos, por vezes solitários e carentes (cachorros, gatos, tartarugas e peixinhos). Os animais têm também estado presente no mundo dos humanos servindo como alimento, como vestimenta ou povoando seu imaginário com histórias e aventuras mirabolantes. Esta convivência

originou uma gama de frases e expressões em que se fez presente a figura do animal. A simbologia atribuiu aos animais determinadas qualidades humanas levando às construções discursivas metáforas e metonímias, figuras que, ao longo do tempo, se cristalizaram na cultura e fala populares e resistem.

Na introdução de sua obra *Os bichos na fala da gente*, Mota ([1969] 1978) relata a origem de expressões linguísticas (nascidas nas artes e peças literárias) que contém nomes de animais, relacionando-as com o dia-a-dia dos homens desde o período do Brasil colonial, passando pelas sátiras que agitaram o Brasil patriarcal do século XIX. Essas expressões cristalizaram-se nas poesias, contos e histórias contadas por “poetas de todas as fases que cederam à fascinação faunística, às vezes popularizando-se mais com ela do que com o resto da obra” (p.18). Mota diz: “a zoofilia é um sentimento comum. Vai de fio a pavio. Não se dilui no modernismo. Pelo contrário: aí se expressa num imagismo às vezes audacioso” (MOTA, 1978, p. 19).

Mota cita escritores como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e outros que inundam seus escritos (quase uma ‘zoolotria’) com as imagens povoadas por animais. Esta zoolatria é discreta se comparada com aquela que “se desenvolve e matiza entre os populares, poetas, artesãos, ingênuos e autodidatas em função – mesmo para resguardo de sua cultura – do meio geográfico e do anímico [...]” (MOTA, 1978, p. 19).

Dos folhetos do Nordeste às narrativas dos cantadores do Sertão é possível observar na descrição de Mota que “uma cultura absorve outra” (MOTA, 1978, p. 21). A xilogravura, a literatura de cordel é invadida por animais nas obras dos artesãos e artistas populares com a ‘bicharia doméstica’ dos engenhos de açúcar em todas as manifestações das artes plásticas no folclore nordestino (cf. MOTA, 1978, p. 31).

Os nomes de família, os topônimos, as crendices populares estão impregnadas dos nomes de animais influenciados também pela popularização do jogo do bicho, que do fim do século passado para cá se desencadeia no ‘dialeto’ dos bichos no Brasil.

Na medicina popular os bichos foram utilizados como cobaias para favorecer a saúde do homem e cooperaram para a formação de um vocabulário específico de expressões e adágios. Outras fontes remotas de expressões e adágios são as escrituras sagradas. Mota (1978, p. 51) informa que “nelas encontram-se oitenta e sete animais da terra e do ar, de várias espécies, “puros” e “impuros”, reais e fabulosos, do verme ao elefante, da fênix, símbolo de perenidade, o pássaro mítico [...]”. O cordeiro, as ovelhas, a serpente que enganou a mulher, os mosquitos das

pragas enviadas contra os egípcios, o leão, imagem da força, a formiga, exemplo de trabalho, esses e outros, povoam o universo bíblico e contextualizam frases empregadas até aos dias de hoje como as fraseologias zoonímicas *bode expiatório* (*scapegoat*) e *atirar pérolas aos porcos* (*to cast pearls before swine*).

Riboldi¹ (2013, p. 1) também explica de onde vêm os fraseologismos zoonímicos. Para ele, descobrir a origem dessas expressões foi um ‘bicho-de-sete-cabeças’:

Busca-se a fonte em lendas, tradições e costumes. Como pesquisador da linguagem, aprendi que não se deve afirmar que uma expressão popular, marcada pela oralidade e pela tradição, possui uma determinada ou única gênese (RIBOLDI, 2013).

O grande cordel de expressões populares zoonímicas está inegavelmente incrustado não só na fala coloquial, mas também nos discursos literários e eruditos e justifica a importância e necessidade de que essas expressões sejam dicionarizadas e traduzidas do português para o inglês. As obras existentes no mercado editorial brasileiro sobre fraseologismos zoonímicos são, em sua maioria, na direção inglês – português. É impossível pensar em traduzir uma crônica como a que se apresenta na sequência sem a ajuda de um dicionário bilíngue que possa dar conta de aspectos marcadamente culturais de idiomatismos. Este, entre tantos outros, é motivo para que se estude as UFz e as incluam nos dicionários bilíngues.

A crônica mencionada é formada por quase todas as UFz pesquisadas nesta tese, motivo pelo qual, opta-se por incluí-la em sua totalidade aqui à guisa de produzir uma ilustração eficaz do universo comunicativo das pessoas que pode passar despercebido pelos falantes. Ao apresentar essa crônica em sua totalidade pretende-se dar a dimensão exata de quanto se pode comunicar com esses fraseologismos. O texto “Uma história pra boi dormir” de autoria de Ribeiro-Aya (2007), publicado no Jornal de Uberaba, na Coluna Opinião, em 12-06-2007:

¹ RIBOLDI, 2013. Disponível em: <http://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/expresoes-animais/>. Capturado em 26/03/2013.

Cansei de atirar pérolas aos porcos e dar com burros n'água. Foi-se o tempo de vacas gordas em que vivia cercado de amigo da onça. Depois que cai no ostracismo só recebi abraço de tamanduá. A vaca foi pro brejo. Somente uns gatos pingados ficaram ao meu lado para o canto do cisne. É triste admitir, mas falhei e estou pegando touro à unha, matando cachorro a grito. Sei que não devo pagar o pato sozinho, mas o que posso fazer? Deu zebra! Julguei que tivesse olhos de lince, no entanto, fiquei em papos de aranha depois que decidi construir aquele elefante branco. No início, fiquei como quem viu passarinho verde, paguei o maior mico. Com raciocínio de ameba não percebi que estava me envolvendo com cobra criada, aquela cascavel! Deveria ter picado a mula em tempo. Trabalhei como camelo, e na hora da onça beber água, saí que nem cachorro magro, feito pinto molhado. Quem mandou amarrar cachorro com linguíça! Na verdade, comprei gato por lebre, quando pensava que iria lavar a égua. Qual nada! Servi de cobaia para um mão-de-vaca, um lobo em pele de cordeiro, que me fez de bode expiatório. O cabra da peste, filho de uma raposa velha, primeiro quis brincar de gato e rato, depois resolveu fazer boca de siri e chorar lágrimas de crocodilo, com cara de cachorro que caiu da mudança. Eu deveria saber: filho de peixe peixinho é! Em princípio fiquei feito barata tonta, depois amarrei o bode. Macacos me mordam! Tive vontade de soltar os cachorros, encarnar o grilo falante e dizer cobras e lagartos àquele verme e mandá-lo pentear macacos. De nada adiantaria ficar pensando na morte da bezerra. Mas na hora da porca torcer o rabo preferi tomar um rabo-de-galo, aquela água que passarinho não bebe, que me deixou com impressão de ter vários cavalos de potência. Ele gritou comigo feito uma gralha, e eu me calei, afinal, quando um burro fala, o outro abaixa a cabeça. Depois que vi que a cobra ia fumar me senti como um peixe fora d'água. Posso até ser burro, ou tonto como um asno, mas não sei fazer gato-sapato dos outros. Não tenho sangue de barata, mas não sou de matar a cobra e mostrar o pau para provar que sou forte

como touro. Há um ditado popular do tempo do onça que diz que em boca fechada não entra mosca, então, pensei ser melhor não cutucar a onça com vara curta. Como sei que uma andorinha só não faz verão, não há proveito em procurar chifre em cabeça de cavalo. Infelizmente sou arraia miúda. Deste mato não sai coelho, pois certamente tem boi na linha e o mar não está para peixe. De nada adianta amolar o boi. Só vou cair do cavalo, se colocar a carroça na frente do boi. Não que eu não tenha nada a ver com o peixe, mas, mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Penso que o melhor é esperar a hora certa para matar dois coelhos com uma cajadada só. Afinal, os cães ladram e a caravana passa. Assim, achei melhor deixar cada macaco no seu galho. Hoje sou uma galinha morta, uma marmota da cor de burro quando foge. Com memória de elefante, é certo. Só não tenho estômago de avestruz. Isso não! Tenho fome de leão, mas me alimento como passarinho. Não como cachorro quente, nem que a vaca tussa. Sou mesmo uma formiga doceira. Mas voltemos à vaca fria: não vou mais ser boi de piranha, nem ovelha negra. Aceitarei de bom grado qualquer vaquinha que me fizerem, pois a cavalo dado não se olha os dentes. Prometo a mim mesmo e aos amigos que restaram, e até ao meu cachorro, o melhor amigo do homem, que, a partir de hoje, vou dormir com as galinhas, ainda que tenha que contar carneirinhos. Vou matar um leão por dia, ainda que a passos de tartaruga, e juntar tudo que me espalharam, pois não dizem que é de grão em grão que a galinha enche o papo? Longe de mim agir como uma anta, ou consentir que sanguessugas, feito urubu na carniça, me façam de burro de carga. Gato escaldado tem medo de água fria e eu não vou permitir que nenhum cão danado venha cantar de galo no meu terreiro. Sapo de fora não chia e se a galinha que canta primeiro é dona dos ovos não vou ficar feito pinguim de geladeira ou bicho preguiça, vou fazer propaganda como uma mãe coruja em ninho de cambaxirra. Pode tirar o cavalinho da chuva quem pensa que estou derrotada, que sou uma mosca morta. Vou cozinhar o galo e dar o drible da vaca. Afinal,

quem não tem cão caça como gato e macaco velho
 não põe a mão em cumbuca! E, olha o passarinho!
 Eu quero mesmo é fotografar a expressão do
 espírito de porco que pensa que essa história é só
 pra boi dormir (RIBEIRO-AYA, 2007).

Nesta crônica há 115 unidades fraseológicas com zoônimos! Pode-se afirmar que há um ineditismo nela pelo fato de conseguir juntar um expressivo número de expressões populares em um só texto que, naturalmente, pode ser entendido pelos falantes brasileiros; contudo, para um aprendiz da língua portuguesa ou mesmo para um tradutor do português para o inglês, a leitura dessa crônica é um *bicho de sete cabeças*. Seriam muitos os lapsos provocados por um texto desta natureza e muitas as adaptações (traduções idiomáticas) a que teria que ser submetido para fazer sentido em outra língua, justificando-se, dessa forma, a necessidade de estudos fraseológicos aprofundados. Atreve-se a afirmar que é culturalmente impossível tal transposição de sentido. Isso ratifica o que foi evidenciado por Vilela (1997, p. 560)², o qual considera importante que se desenvolvam abordagens de ensino de LE que contenham, por exemplo, marcadores típicos de uma língua e cultura, como provérbios, expressões idiomáticas e anedotas, os quais fornecem informações valiosas sobre a história de um povo, sua memória e seus traços culturais. Ortíz Álvarez³ (2000, p. 1) também ressalta que a fraseologia de uma língua deve ser incluída nas situações de ensino e aprendizagem de LE para privilegiar a riqueza cultural e os modos em que essa carga cultural pode ser intercambiada no contato intercultural.

Conclui-se com Mota (1978, p. 52) que “com tantos símbolos, procedências e antiguidade, os bichos influenciam a fala das pessoas, enriquecem-na com novas significações” e, portanto, as fraseologias ou unidades fraseológicas com nomes de animais devem ser cuidadosamente inventariadas.

² VILELA, M. “Tradução da multiculturalidade e ensino de uma língua estrangeira”. In: **Seminário Internacional Português como Língua Estrangeira, 21 a 24 de maio de 1997**, Macau. Actas...Macau, 1997. p.559-573.

³ ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira**. 2000. Tese de doutorado em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

Podem-se citar observações frequentes do tipo “encontrar um fraseologismo nos dicionários nem sempre é uma missão simples, ora porque não os encontramos, ora porque, mesmo encontrando-os, as informações são insuficientes” (OLIVEIRA, 2009, p.12); ou ainda “em se tratando de expressões idiomáticas, por exemplo, a solução de tradução mais comum é a explicação ou a paráfrase, ou seja, na maioria das vezes não encontramos um tratamento adequado para estas estruturas” (OLIVEIRA, 2009, p.12).

Em seção apropriada conceituar-se-á o que se entende aqui por unidade fraseológica, valendo antecipar que a conceituação se restringirá ao campo da Lexicografia teórica e à chamada Metalexicografia pedagógica. Justifica-se esse recorte por ser esta uma pesquisa que pretendia dar a conhecer o tratamento oferecido a unidades fraseológicas com nomes de animais no âmbito de alguns dicionários. De maneira geral, buscava-se oferecer meios que sirvam para a melhoria desses materiais de referência e, principalmente, dos dicionários bilíngues, em virtude da necessidade de atender à recepção e à produção textual no âmbito do uso do dicionário.

Harmer (2009, p.vi)⁴ argumenta no prefácio do dicionário *Longman*:

Faz muito tempo que professores e outros profissionais da educação reclamam dos dicionários bilíngues. Percebem neles deficiências como informações enganosas, insuficiência ou falta de exemplos e a quase inexistência de combinações comuns da língua. A principal crítica, porém, é que esses dicionários não são confiáveis – especialmente para os estudantes que desejam se expressar em inglês com palavras novas ou que conhecem pouco.

Muito embora críticas como essas mostrem algumas das deficiências de alguns dicionários, este autor destaca que os alunos apreciam os dicionários bilíngues e insistem em usá-los. Realmente, como observam vários estudiosos, entre os quais os que se citam neste trabalho, os dicionários precisam de abordagens que auxiliem os alunos a “entender o significado das palavras e possam também, e este é o ponto-chave, lhes permitir encontrar o vocábulo certo para cada aceção

⁴ Prefácio do Dicionário Longman, 2ª ed., 2009.

e empregá-lo corretamente, com confiança.” (HARMER, 2009, p. vi). A relevância deste trabalho repousa no fato de haver escassez de materiais de referência que estudem a idiomaticidade.

Em pesquisa de Mestrado, realizada anteriormente, elaborou-se um glossário terminológico de uma subárea da indústria moveleira e essa experiência aguçou o interesse desta pesquisadora por seguir no campo das pesquisas que geram dados que posteriormente pudessem servir para a elaboração de materiais de referência na direção português-inglês.

Vinculou-se a um projeto de pesquisa da Profa. Dra Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, orientadora do projeto anterior e, também, desta pesquisa de Doutorado. Orientada pela pesquisadora Dra Adja Balbino e consciente da pesquisa que se pretendia fazer, procurou-se elaborar um projeto que tomasse como ponto de partida o levantamento e a análise de expressões idiomáticas que contêm nomes de animais em dicionários monolíngues e bilíngues português-inglês. Tomaram-se por base, além de dicionários, livros didáticos recomendados pelo Plano Nacional do Livro Didático (doravante PNLD), visando a averiguar a presença de UFz em suas seções de estudo do vocabulário.

Esta tese está inserida no campo da Metalexicografia, escolheram-se como fonte de pesquisa dois dicionários monolíngues e 7 dicionários bilíngues (descritos nas seções 4.3.1) e, ainda, os livros didáticos do PNLD para o ensino de língua estrangeira - inglês (descritos na seção 4.3.2).

A partir dos dois dicionários monolíngues que fazem parte do *corpus* desta pesquisa descreveram-se as unidades fraseológicas com zoônimos e suas definições. Buscaram-se, igualmente, nos dicionários bilíngues escolares, objetos da pesquisa equivalentes para as mesmas unidades fraseológicas com nomes de animais encontradas nos dicionários monolíngues. Como forma de triangulação dos dados, analisaram-se, ainda, coleções de língua estrangeira (o inglês) do PNLD a (não) presença das UFz nesses materiais.

Por ocasião da escolha dos dicionários bilíngues como fontes desta pesquisa buscaram-se subsídios e indicações sobre os mesmos no PNLD; contudo, como o PNLD apresenta apenas dicionários da língua portuguesa (até a data de levantamento deste *corpus*), optaram-se pelos dicionários⁵ bilíngues escolares *Larousse* (2009), *Oxford* (2012), *Longman* (2009), *Michaelis* (2010), *Collins* (2012), *Mini-Webster's*

⁵ Em seção destinada à metodologia serão explicados os procedimentos da pesquisa, bem como a apresentação de cada dicionário elencado na mesma.

(2011), e *Landmark* (2006) que são os mais frequentemente usados nos contextos de ensino em que esta pesquisadora trabalha (universo acadêmico e institutos particulares de ensino do idioma inglês).

A escolha do tema foi motivada, também, pela circunstância de esta pesquisadora ser colaboradora do projeto de pesquisa intitulado “Dicionários de Unidades Fraseológicas Português-Espanhol”, de autoria de Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Mariângela Sastre Ruano e Reinhold Werner.

A justificativa para a realização desta pesquisa está no fato de o projeto⁶ no qual esta pesquisadora participa como colaboradora ter indicado que este tipo de estudo contribuiria para (i) a revisão do estudo do léxico e de conceitos referentes a esse campo; (ii) a revisão de aspectos teóricos referentes à lexicografia monolíngue e bilíngue; (iii) a aplicação da linguística contrastiva e de teorias da tradução; (iv) a geração de documentação de formas e usos de unidades fraseológicas das línguas envolvidas no estudo e, conseqüentemente, para a difusão do léxico dessas línguas.

Hartmann (2007) argumenta que em vários trabalhos lexicográficos há uma marcada carência de metodologia que torne os dicionários menos intuitivos e experimentais. Esse autor comenta que os achados têm um ‘quê’ de artificial e ‘irreal’, pois, muitas vezes, as palavras são “despidas de seus contextos colocacionais, flexionais e derivacionais, ou seja, são sequestradas dos ambientes da vida real [...]” (2007, p.15). Some-se a esse fato o que se acabou de informar, que é visível a ausência de pesquisas no campo de estudos fraseológicos que tratem das UFz na relação português-inglês.

Diante das justificativas mencionadas, buscaram-se, no período de elaboração desta pesquisa, trabalhos da área sobre o tema, no sentido de conhecer o ‘estado da arte’ sobre os fraseologismos zoonímicos no Brasil, ainda que os estudos encontrados se voltem para outros pares de línguas. Referenciam-se (v. apêndice 1) alguns dos trabalhos com zoônimos encontrados neste âmbito.

Pode-se constatar, diante do exposto, a validade de pesquisas na

⁶ DURÃO, A. B. A. B.; SASTRE RUANO, M. A.; WERNER, R. **Dicionário Bilingue Contrastivo de Unidades Fraseológicas (Português-Espanhol) (DUFraPE)**. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo Edital: Produtividade em Pesquisa - PQ - 2011 (processo: 310906/2011-3) e pelo Edital Chamada MCTI /CNPq /MEC/CAPES Nº 18/2012 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (processo: 405851/2012-0).

área e antever a importância da contribuição de um trabalho como o que se propõe para o campo dos estudos fraseológicos no Brasil.

Foi propósito de esta pesquisa empírica responder às seguintes questões: (i) que UFz estão elencadas em dicionários monolíngues e bilíngues? (ii) as equivalências fornecidas para algumas dessas UFz são as mesmas nos 7 dicionários bilíngues? (iii) os dicionários bilíngues registram as UFz tomadas como amostra? (iv) as coleções de livros didáticos recomendadas pelo PNLD para o ensino da LE registram UFz nas seções de vocabulário? (v) quais dicionários bilíngues têm maior incidência/ausência de UFz a partir da amostra?

Para responder essas questões, previram-se os seguintes procedimentos:

- Investigar a presença de unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários monolíngues da língua portuguesa e seus equivalentes de tradução em dicionários bilíngues português-inglês/inglês-português.
- Verificar a presença de unidades fraseológicas com zoônimos nas seções de vocabulário das coleções de livros didáticos para a língua estrangeira – inglês, que fazem parte do programa nacional do livro didático/PNLD.
- Identificar e descrever a presença de unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues.
- Identificar a presença e descrever as equivalências apresentadas para as unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários bilíngues, no sentido de verificar se são fornecidas as mesmas equivalências para as UFz.
- Investigar, nas seções de estudo do vocabulário, a possível presença de UFz nas coleções de livros didáticos para o ensino de LE do PNLD.

A seguir, elencam-se as hipóteses estabelecidas:

Hipótese 1: As UFz presentes nos dicionários monolíngues não estão contempladas nos dicionários bilíngues.

Hipótese 2: As equivalências das UFz nos dicionários bilíngues escolares diferem de dicionário para dicionário com equivalências nem sempre satisfatórias para atender a requisitos básicos como, por exemplo, manter o teor formal ou informal das expressões.

Hipótese 3: As UFz não estão contempladas na seção de ensino de vocabulário dos livros didáticos investigados.

Para a realização dos objetivos propostos e comprovação das hipóteses elencadas, organiza-se este trabalho conforme o exposto:

No capítulo 1 apresentam-se pressupostos teórico-metodológicos

que fundamentam o ensino e aprendizagem de uma LE, o uso do dicionário e a inclusão das unidades fraseológicas nesses materiais.

No capítulo 2 apresentam-se os pressupostos teóricos da (Meta)lexicografia bilíngue e pedagógica, parte das áreas nas quais esta pesquisa se fundamenta.

No capítulo 3 voltam-se as atenções para o campo da Fraseologia, outra área que fundamenta esta pesquisa e teoriza-se acerca dos fenômenos fraseológicos.

No capítulo 4 procedem-se à descrição da metodologia e dos dicionários utilizados para o *corpus*; assim como se ilustram os procedimentos adotados para a execução dos objetivos propostos.

No capítulo 5 efetuam-se análises em torno das UFz elencadas nos dicionários pesquisados.

Na conclusão retomam-se e discutem-se as hipóteses de pesquisa, os limites do estudo e suas perspectivas, tal como os resultados obtidos.

1 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, O DICIONÁRIO E A INCLUSÃO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

O Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação (BRASIL, 2011, p. 82) (doravante PNLD) propõe a utilização de acervos didáticos que são disponibilizados às escolas para atividades em sala de aula; entre esses materiais está o dicionário (p. 104), que contribui para a exploração da diversidade e herança linguísticas (p. 116). Na sala de aula, o dicionário constitui material de referência que “pode estabelecer um diálogo bastante proveitoso com os livros didáticos, os livros disponíveis na biblioteca escolar ou na sala de leitura e as revistas distribuídas pelo MEC” (BRASIL, 2006, p. 31) daí a precisar ser (re)conhecido em suas estruturas internas características e assimilado como gênero discursivo diferenciado de livro, que beneficia tanto o aluno proficiente quanto aquele que está nos estágios fundamentais da vida escolar. Orientados pelo professor, os alunos podem “conhecer e conviver com diferentes tipos de dicionários, iniciando-se no mundo do vocabulário, do léxico e da lexicografia” (p.55).

A partir de fundamentos fornecidos pelo Ministério da Educação, discorre-se, neste capítulo, sobre os benefícios do uso do dicionário para a aprendizagem do léxico de línguas estrangeiras.

1.1 A Aprendizagem de línguas estrangeiras e o “oceano fraseológico”

Arnaud (1992, p. 296)⁷ citado por Lewis (1993) provou que um estudante universitário francês era capaz de reconhecer aproximadamente 284 provérbios. Para ele, esse conhecimento é como uma gota no oceano fraseológico, quando se considera a complexidade das unidades fraseológicas no vocabulário individual do falante nativo. Com esta informação pretende-se introduzir o tema deste trabalho.

Especialistas como Lewis (1993, p. 34-35), Coady e Huckin (1997, p. 274), Moudraia (2001, p. 1), Arnaud e Savignon (1997, p. 157) entre outros, veem no ensino do léxico, sobretudo, no das expressões coloquiais, no das chamadas colocações e combinações, a saída para o

⁷ ARNAUD, P. J. L. La connaissance des proverbes français par les locuteurs natifs et leur sélection didactique. **Cahiers de Lexicologie**, n. 60 (1), p. 195-238, 1992. (artigo referido por LEWIS, 1993).

aprendizado da língua estrangeira centrada em sua verdadeira ocorrência diária. Afirmam estes estudiosos que nem todos os aprendizes de línguas estrangeiras de nível avançado alcançam vocabulário de falante nativo; entretanto, para professores de língua, a competência lexical é o que os legitima como profissionais da área⁸ (ARNAUD; SAVIGNON, 1997, p. 157), ou seja, bom conhecimento vocabular, próximo ao do falante natural da língua. Para se obter competência lexical, deve-se contar, entre outras coisas, com instrumentos pedagógicos que auxiliem seu ensino e aquisição. As unidades fraseológicas presentes no léxico de uma língua podem ser sistematizadas (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p. 10; LEAL RIOL, 2011) e podem constituir insumos no processo de ensino/aprendizagem de línguas. A aprendizagem das unidades fraseológicas favorece a naturalidade da fala de quem delas se utiliza em um idioma estrangeiro para a comunicação, o que se torna mais uma razão para incorporá-las no processo de ensino.⁹

1.1.1 A aula de língua estrangeira e a importância das unidades fraseológicas

O interesse em conhecer melhor os fraseologismos e pelo estudo de unidades fraseológicas é atestado também no Brasil por vários estudiosos (cf. TAGNIN, 1989; 2005; XATARA, 1998; ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000; LEAL RIOL, 2011 e outros) que querem aplicá-los ao ensino de língua estrangeira.

Leal Riol (2011, p. 57) explicita que as UF's estão presentes nas conversas, nas canções e filmes, na publicidade e nos periódicos, entretanto há obstáculos na didática das línguas estrangeiras no que se refere às unidades fraseológicas e ao reconhecimento dos contextos de interação em que se pode utilizá-las.¹⁰ Alguns autores¹¹ atestam a dificuldade de seu ensino e tradução e os problemas que envolvem sua delimitação, definição, diversidade terminológica e as relações semânticas existentes entre elas (cf. SKULTETY, 1980, p. 289).¹²

⁸ “Although all advanced learners cannot be expected to reach a nativelike vocabulary, the case of language teachers is different: One of their professional justifications is the proximity of their competence to that of native speakers” (ARNAUD; SAVIGNON, 1997, p. 157)

⁹ ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p.10; LEAL RIOL, 2011.

¹⁰ Cf. Leal Riol, (2011, p.41).

¹¹ LEAL RIOL, 2011, p. 41; SKULTETY, 1980, p. 289; DÍAZ, 1980, p. 35.

¹² “y destaca su delimitación, su definición, su diversidad terminológica, las

Há que se conhecer melhor as UFs para incorporá-las ao ensino e ao dicionário de línguas. Dentre as características que definem uma unidade fraseológica, como destaca (LEAL RIOL, 2011, p. 41), entre outras, encontram-se a idiomaticidade e a fixação, já que o significado da unidade resulta de uma combinação fixa de palavras. Constata-se a falta de estudos das fraseologias no sentido de orientar o professor sobre as dificuldades de cada nível, e há carência de materiais específicos para o apoio às explicações (op.cit).¹³ Com relação aos materiais, faltam dicionários para a tradução das unidades fraseológicas, materiais de apoio que enfatizem o uso das UFs nos exercícios orais e escritos e metodologia que possa orientar seu ensino.

Questiona-se, com relação ao ensino de fraseologias na aula de LE, quando se deve ensiná-las e quais unidades fraseológicas devem ser ensinadas em cada nível de ensino. Leal Riol (2011, p.42-43) ressalta que as UFs devem ser ensinadas assim que o aprendiz começa a aprender a LE, pois isso lhe garante o enriquecimento de seu vocabulário e como agir em certas situações comunicativas. Para ela, há nos aprendizes uma curiosidade e motivação natural pelas unidades fraseológicas e cabe ao professor ensinar as de maior opacidade e também aquelas que necessitam de esclarecimentos referentes à cultura, aos ritos, às crenças, e ainda, nos níveis iniciais e intermediários, aquelas UFs que apresentem uma imagem clara por detrás de sua expressão, o que pode ajudar o aluno a encontrar em sua própria língua uma UF similar.¹⁴

1.1.2 O ensino de LE e a Abordagem lexical

Uma das abordagens de ensino de língua estrangeira presentes na literatura da área e que pode ser útil no processo descrito anteriormente é a Abordagem lexical. A Abordagem lexical visa ao estudo da língua por meio do léxico e das fraseologias (LEWIS, 1993). Os estudiosos da

relaciones semánticas existentes entre estas unidades y el problema de los falsos amigos en su traducción” (SKULTETY, 1980, p. 289).

¹³ “la carencia de investigaciones que orienten al profesor sobre las dificultades de cada nivel, y la carencia también de materiales específicos en los que apoyar sus explicaciones” (LEAL RIOL, 2011, p. 41).

¹⁴ Borres afirma que “las expresiones idiomáticas que muestran de forma más clara la metáfora subyacente, es decir, que son más transparentes, resultan más fáciles de aprender que aquellas que son más opacas y en las que resulta más difícil rastrear la metáfora” (2004, p. 225 *apud* LEAL RIOL, 2011, p.45).

Abordagem lexical criticam o fato de, em outras abordagens de ensino, os alunos precisarem dominar as estruturas éticas em primeiro lugar, para, na sequência, preencherem os espaços em branco com o vocabulário quando o que se pretende na Abordagem lexical é privilegiar a gramática da palavra (colocação e cognatos) e a do texto (características do contexto). Sabe-se que a comunicação linguística acontece, principalmente, mediante a utilização de frases feitas, colocações, provérbios, expressões que se repetem no dia a dia em cada comunidade linguística e que, uma vez conhecidas, são indispensáveis no cotidiano (LEWIS, 1993, p.3). A Abordagem lexical pode ser uma alternativa de ensino em relação às abordagens que se baseiam somente na gramática, uma vez que ela se preocupa em desenvolver a proficiência do aprendiz com relação às combinações lexicais. A habilidade de ‘compreender e produzir’ essas combinações como um ‘todo’ (expressões que são relativamente fixas) precisa ser apreendida pelo aprendiz e a Abordagem lexical pode ser o meio para esse ensino (MOUDRAIA, 2001, p.1).

A Abordagem lexical estabelece alguns pressupostos com relação ao léxico e ao seu ensino. O primeiro pressuposto é o de que o léxico, por ser a base de toda a língua, é o que deve ser ensinado e o seu princípio vital é que “a língua consiste de léxico gramaticalizado e não gramática lexicalizada”. Há uma gramática inerente a cada combinação léxica que norteia as associações feitas no interior do texto (as combinações léxicas podem assumir papéis de substantivos, adjetivos, etc.). O segundo pressuposto é o de que um dos princípios vitais de qualquer currículo que vise ao significado é o léxico. Lewis (1993, p. 115) e Moudraia, (2001, p. 1) argumentam que aprender o léxico com suas coocorrências favorece a comunicação mais natural da língua a ser aprendida.

No âmbito do estudo do léxico e da Abordagem lexical, a língua se constitui de blocos significativos (formados por lexias simples e complexas estocadas no léxico mental do falante) que, ao serem combinados, produzem textos contínuos e coerentes. Pelo viés da Abordagem lexical, torna-se obrigatório conhecer as lexias complexas, que são relevantes não só para as necessidades dos falantes nativos, como também para os aprendizes de línguas estrangeiras que precisam entendê-las nos textos falados ou escritos e a estocá-las para utilização posterior. Blocos de unidades léxicas que formam fraseologismos idiomáticos podem ser encontrados em combinações, como, por exemplo, *(não) ter sangue de barata* (*not to be meek and mild*), *dar com os burros n’água* (*to go down the drain*), ou *dizer cobras e lagartos* (*to*

tell somebody where to get off), com probabilidade de ocorrerem sempre com as mesmas palavras que carregam zoônimos em sua configuração e em muitos outros conjuntos significativos.

Para atingir a competência comunicativa, segundo a Abordagem lexical, os aprendizes precisam ser levados à competência colocacional. A falta dessa competência leva os alunos a cometerem erros sintáticos e gramaticais e a construir frases mais longas por não saberem como utilizar uma unidade pré-fixada que possa expressar de forma natural o que querem dizer. Na verdade, será improdutivo corrigir tais erros se o que falta para o aprendiz é o conhecimento da expressão idiomática adequada.

Muitos linguistas estudam as expressões idiomáticas ou as unidades fraseológicas no sentido de melhor entendê-las para aplicá-las ao ensino. Cowie (1988, p. 136), Moudraia (2001, p.1) asseveram a necessidade do ensino dessas unidades tanto para os falantes de inglês quanto para os aprendizes da língua inglesa.¹⁵ Depreende-se das palavras dos estudiosos citados (COWIE, 1988; TAGNIN, 1989; 2005; XATARA, 1998; ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000; MOUDRAIA, 2001) que o léxico expresso não só pelas lexias simples, mas e, principalmente, pelas lexias complexas deve ser objetivado no ensino da língua estrangeira, sendo, para a Abordagem lexical de Lewis, essencial.

1.1.2.1 A crítica da Abordagem lexical a abordagens tradicionais de ensino de línguas

O ensino de línguas é influenciado pelas visões dos professores. Pode-se dizer que cada mestre empresta ao seu ensino suas convicções que foram forjadas em sua própria vida de aprendiz. Algumas ideias podem permear esse ensino e ter um peso de verdade para os professores, sendo muitas delas recorrentes. Algumas ideias que Lewis (1993, p. 34) considera conservadoras sobre o ensino de línguas seriam:

1. A influência da língua materna do aluno deve ser evitada - tal ideia por muito tempo permeou o ensino de língua em que se ‘proibia’ a utilização da própria língua do aprendiz em uma tentativa de evitar o ‘desastre’ dessa influência; no entanto, conforme Lewis (1993), a influência da L1 pode ser positiva para essa aprendizagem e, inclusive,

¹⁵ “the existence of lexical units in a language such as English serves the needs of both native English speakers and English language learners, who are as predisposed to store and reuse them as they are to generate them from scratch” (COWIE, 1988, p. 136).

encurtar caminhos na absorção da L2;

2. Os aprendizes devem (tentar) evitar os erros – a ocorrência de erros no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira deve ser considerada ‘normal’ assim como se dá com a aprendizagem da língua nativa pela criança em que ela comete vários erros à medida que vai entendendo sua própria língua;

3. A explicação da gramática ajuda e o ensino ‘comunicativo’ desestimula a gramática - até há pouco tempo os cursos de ensino de línguas se valiam (e ainda se valem) excessivamente do ensino de gramática na tentativa de fazer o aprendiz ‘aprender’ a língua estrangeira. Apesar de Lewis (1993) acreditar que a ideia de que a gramática ajude ser conservadora, ele acredita que o ensino formal da gramática é eficiente para a aprendizagem de LE, desde que a instrução se dê de forma contextualizada, por meio de atividades comunicativas. Segundo Lewis (1993, p. 34), o ensino ‘comunicativo’ enfatiza a atividade, a fala e o trabalho em pares, e não desestimula a gramática, uma vez que o ensino ‘comunicativo’ priorizará as funções essenciais e deve ser acompanhado da aprendizagem da gramática inerente a cada função comunicativa. Lewis (1993, p. 34) defende que o aprendizado de uma língua não está vinculado ao ensino exclusivo da gramática, e que a gramática não é mais importante que o vocabulário. Estudos atuais que se utilizam da linguística de corpus¹⁶, corroboram que o estudo do léxico pode revelar aspectos importantes para ensino de LE.

A proposta de Lewis (1993) engrossa a pedagogia contemporânea em torno do ensino de línguas pelo viés da ênfase na aprendizagem e no conhecimento de vocabulário e expressões mais frequentes. Além da ênfase no léxico, tem outros aspectos destacáveis: a língua materna, por exemplo, é tida como influência positiva e passa a ser aliada do professor de línguas, conforme estudos de Durão sobre a interlíngua (2005; 2007). Por outro lado, pode-se afirmar com base na experiência adquirida como professora, que o aprendiz não deve esperar dominar a língua por completo para ensaiar as primeiras frases nas conversações; que é possível aprender falando com nativos em situações do dia-a-dia; e que o vocabulário, situado no contexto, pode levar a uma aprendizagem mais consciente e duradoura.

Algumas ideias defendidas pelo mentor da Abordagem lexical

¹⁶ Uma abordagem que privilegia a observação computacional de uma grande quantidade de dados autênticos que são coletados a partir de *corpora* eletrônicos, para a exploração da linguagem pelas evidências empíricas. BERBER SARDINHA, T. B. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

(LEWIS, 1993, p. 34-35) são: a. que os padrões lexicais podem ser mais potencialmente criadores do que os modelos estruturais; b. que a língua é inerentemente centrada no aqui-e-agora do usuário; c. que a interlíngua do aprendiz não gramaticalizada satisfatoriamente é totalmente aceitável e (como citado anteriormente) d. que a língua consiste de léxico gramaticalizado e não de gramática lexicalizada, entre outras. Corroboram-se esses pressupostos (listados a seguir) de Lewis (1993) e acredita-se no êxito de uma proposta metodológica cujo vocabulário seja essencial e central.

Lewis (1993, p. 35) sugere algumas recomendações para a aplicação da Abordagem lexical ao ensino de línguas:

1. A conscientização acerca do contraste entre as línguas deve ser reconhecida – o aprendiz precisa saber que se trata de outra língua; portanto as diferenças são inevitáveis;

2. O trabalho com *as unidades fraseológicas*¹⁷ deve ser atividade pedagógica frequente na sala de aula – a aprendizagem dessas unidades torna a expressividade do aluno na nova língua algo natural.

Zimmerman (1997, p. 17) ressalta a importância que Lewis dá aos chamados blocos de palavras, ou como se entende neste trabalho, as unidades fraseológicas. Para ele, os trabalhos, não só o de Lewis, mas também os de Sinclair¹⁸, Nattinger e DeCarrico, representam uma mudança significativa comparada a modelos anteriores de ensino de línguas. A mudança se deve, em primeiro lugar, ao fato de os autores citados reviverem o interesse pelo papel central dado à descrição exata da língua e, em segundo lugar, por desafiarem a visão tradicional dos limites das palavras, enfatizando a necessidade de constatar, utilizar e ensinar unidades léxicas maiores (as unidades fraseológicas). Para Zimmerman (1997, p. 17), isso sinaliza uma mudança do foco na gramática para o conhecimento internalizado da língua do aprendiz em suas unidades léxicas maiores internalizadas no léxico mental e possui implicações consideráveis para a pesquisa e pedagogia futuras.

1.2 Aprendendo com o Dicionário

Considera-se que um bom dicionário tem potencial para auxiliar o aluno a aprender palavras novas, a aperfeiçoar sua pronúncia e ajudá-lo a elaborar textos na LE. O dicionário pode explicar aspectos de uma

¹⁷ (grifo nosso para mostrar a importância que Lewis dá ao ensino da UF.)

¹⁸ SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

palavra com profundidade. Em bons dicionários podem-se encontrar definições claras e exemplos sobre como utilizar as palavras além de seus contextos de uso (cf. HUMBLÉ, 2006, p.10 *apud* BEJÓINT, 1981),¹⁹ informações sobre seu registro (informal, jocoso, chulo, etc), elementos esses que dão maior segurança para quem utiliza palavras novas. Vários estudiosos da lexicografia (ALVES, 1988; SCHMITZ, 1990; BORBA, 2003; KRIEGER, 2006; WELKER, 2004-2008; HARTMANN, 2007; DURAN, 2008) defendem a validade do dicionário como instrumento de apoio ao ensino de línguas estrangeiras.

Quando se estuda uma língua estrangeira, sente-se imediatamente a necessidade de se consultar dicionários. Como explica Welker (2008), a tendência natural do aprendiz de LE é procurar um dicionário. O dicionário bilingue (DB) parece ser a preferência, pois nele o aprendiz julga que poderá encontrar todas as traduções de que precisa. Naturalmente, nem sempre isso ocorre. Estudiosos da área²⁰ têm feito pesquisas empíricas sobre o dicionário bilingue e têm constatado que as informações contidas nos dicionários variam de acordo com seu objetivo. Essa informação pode parecer paradoxal, entretanto, pertence ao senso comum a ideia de que se pode encontrar todo tipo de informação nos dicionários e não é isso que as pesquisas demonstram. Welker (2004, p.235) enfatiza a ideia de Householder (1962, p.279) de que os dicionários precisam ser desenhados tendo em mente um conjunto de usuários e suas necessidades específicas. Tendo em vista a variedade de usuários, de necessidades, de níveis de conhecimento, pode-se deduzir que não é possível desenhar um único modelo de dicionário que atenda às diversas necessidades. Daí a diversidade de dicionários e a consequente indagação sobre qual pode ser melhor, o monolíngue ou o bilingue.

Já nas décadas de 60 e 70 insistia-se em buscar respostas para essa pergunta. Por exemplo, no artigo de Atkins (1985, p.22), privilegia-se e recomenda-se a utilização de dicionários monolíngues para auxiliar

¹⁹ Como Béjoint já dizia há mais de vinte anos atrás: “Em geral, o melhor dicionário para a produção é aquele que dá as informações mais detalhadas sobre sintaxe e colocação ...” (BÉJOINT: 1981:210). Tanto a *sintaxe* como a *colocação* supõem um conhecimento da ‘conduta’ das palavras que circundam a palavra desconhecida.

²⁰ Citam-se as pesquisas empíricas dos seguintes estudiosos com base em Welker (2004, p. 237-249): Baxter (1980); Hatherall (1984); Bogaards (1991); Laufer & Melamed (1994). As constatações verificadas por eles estão no quadro 1 e 2 desta tese.

na aprendizagem e incentiva seu uso em todos os níveis de aprendizagem em detrimento dos dicionários bilíngues. Esse autor assumia essa preferência ao fazer uma analogia dos dicionários monolíngues e bilíngues com a escolha de alimentos saudáveis ou não saudáveis. Dizia o autor que “os dicionários monolíngues fazem bem ao usuário, como pão integral, verduras e legumes; ao passo que os dicionários bilíngues, como álcool, açúcar e alimentos gordurosos, não fazem bem, embora sejam os preferidos” (ATKINS, 1985, p. 22). Essa comparação ilustra o fato de que as obras monolíngues, apesar de serem recomendáveis para a aprendizagem, apresentam informações complexas que exigem do usuário um maior domínio do idioma que está aprendendo.

Assim como Atkins (1985), Szynalski (2013, p. 1) também incentiva o uso do dicionário monolíngue, no caso, inglês, ou seja, um tipo de dicionário em que as palavras não são traduzidas, mas definidas ou explicadas nessa língua. Para Szynalski, os dicionários monolíngues são melhores que os bilíngues posto que são produtos mais avançados e geralmente apresentam mais exemplos, mais expressões idiomáticas e locuções verbais. Outra vantagem dos monolíngues assinalada por esse autor é que permitem que os alunos leiam as definições em inglês e acabem encontrando novas palavras e memorizando exemplos.

Apresenta-se um resumo das constatações verificadas em pesquisas empíricas com relação aos dicionários monolíngues relatadas em Welker (2004, p. 235- 237).

Quadro 1: Algumas pesquisas empíricas sobre o uso dos dicionários monolíngues com base em Welker (2004, p. 235-238).

Pesquisador:	Constatação:
Baxter (1980)	Defende o uso do DM (p. 238).
Summers (1988)	Defende que o uso de dicionários melhora o desempenho na leitura (p. 243).
Krantz (1991)	Constata que não há diferença significativa entre DM e DB após verificar que em média 42% das palavras desconhecidas eram consultadas durante a leitura e que os leitores aumentavam seu vocabulário em 66% (na média) (p. 244).
Nesi (1994)	Constata que a língua materna e a experiência (<i>background</i>) são fatores

	cruciais para o uso do DM, já que alguns usuários se prendem a partes da definição sem compreender como ela se relacionava com a palavra consultada (p. 248).
Nesi e Meara (1994)	Constata que alguns usuários se prendiam a partes da definição do DM sem compreender como ela se relaciona com a palavra consultada (p. 248).
Harvey & Yuill (1997)	Afirma que na redação, os alunos buscavam nos DM principalmente informações sobre a ortografia e sobre o significado das palavras. Eles olhavam frequentemente os exemplos e as definições (p. 249).

Também se encontra em Welker (2004, p. 235-238) uma série de relatos sobre pesquisas empíricas relacionadas ao uso de dicionários bilíngues (DB) em contexto escolar. Oferece-se a seguir um resumo dos resultados arrolados por Welker que atestam as vantagens da utilização dos DB no contexto de aprendizagem de línguas.

Quadro 2: Algumas pesquisas empíricas sobre o uso dos dicionários bilíngues com base em Welker (2004, p. 235-238).

Pesquisador:	Constatação:
Baxter (1980)	Constata que estudantes em questão (no caso, estudantes japoneses) confiavam mais nos DB. (p. 238)
Galisson (1983)	Defende que os usuários têm uma opinião positiva sobre os DM e sobre os DB e consideram que têm grande importância para a aprendizagem da LE a partir do nível intermediário. (p. 239)
Tono (1988 ^a)	Afirma que há uma correlação positiva entre habilidades dicionarísticas (DB) e desempenho na leitura. (p. 246)
Bogaards (1991)	Constata que na tradução para a LE os resultados foram melhores para os DB (60,3%) e afirma “ <i>Parece claro que o DB convida mais a consultá-lo e dá</i>

	<i>respostas mais satisfatórias”.</i> (p. 242)
Lupescu & Day (1993)	Afirma que o uso do DB teve um efeito significativo sobre o desempenho dos estudantes no teste de vocabulário; (p. 244)
Laufer & Melamed (1994)	Constata que o dicionário semibílingue era mais efetivo do que o DM na compreensão e na produção. (p. 245)
Knight (1994)	Verifica que os sujeitos que tiveram acesso a dicionários obtiveram melhores resultados em medidas de aprendizagem de vocabulário, aprendiam mais palavras e tinham um desempenho melhor na compreensão da leitura. (p. 245)
Yokoyama (1994)	Observa que na redação os estudantes aproveitavam mais os equivalentes e os exemplos. (p. 248)
Hulstijn et al. (1996)	As palavras consultadas no dicionário eram mais bem retidas [...]. (p. 245)
Momoi (1998)	Os DB eram os preferidos. (p. 249)
Fraser (1999)	Avalia que na combinação de inferência e consulta ao dicionário os sujeitos se lembravam de 50% dos lexemas; somente inferência a taxa caía para 30%. (p. 246)

Estes relatos de pesquisa sobre o uso de dicionários monolíngues e bilíngues revelam que há constatações favoráveis para ambos os tipos de dicionários, no entanto concorda-se que na atualidade privilegia-se o uso de dicionários bilíngues (cf. HUMBLÉ (2001), WERNER (1996, 2006), TOSQUI (2002), ZGUSTA (2006), WERNER e DURÃO (2013), dentre outros). Crê-se que é possível equipar mais os DB para que ofereçam maior apoio aos usuários e principalmente aos aprendizes de LE no que concerne à oferta de equivalentes de tradução para as UFz.

1.3 Avaliando o Dicionário

Avaliar um dicionário implica a observância de vários fatores, entre eles, saber se o(s) autor(es) do dicionário arrola(m) seus objetivos na apresentação do dicionário. Independentemente de falhas que se encontrem na elaboração desses materiais ou da ausência que se possa

detectar de unidades fraseológicas tais como as com zoônimos, concorda-se com Galdós (1901, *apud* SECO, 1994) que afirma, no prólogo da terceira edição da obra *La Regenta*, de Clarín, que visitar uma obra feita por outras mãos implica a admiração pela arte e trabalho de quem a elaborou. Conforme Galdós,

[...] no significa precisamente una labor crítica, que si así fuera yo aborrecería tales visitas en vez de amarlas; es recrearse en las obras ajenas sabiendo cómo se hacen o cómo se intenta su ejecución; es buscar y sorprender las dificultades vencidas, los aciertos fáciles o alcanzados con poderoso esfuerzo; es buscar y satisfacer uno de los pocos placeres que hay en la vida, la admiración, a más de placer, necesidad imperiosa en toda profesión u oficio, pues el admirar entiendo que es la respiración del arte, y el que no admira corre peligro de morir de asfixia (GALDÓS, 1901, *apud* SECO, 1994, p. vii, prólogo):

O sentimento da pesquisadora ao avaliar os dicionários do *corpus* é o mesmo que o de Galdós, uma vez que adentra no terreno de um dos tipos de obras mais laboriosas, daí a suscitar a expectativa (infundada) de que nela se pode encontrar tudo o que se procura. Segundo Seco (1994, p. vii, prólogo do VOX Dicionário Manual), o gênero dicionário suscita expectativas que o expõe à incompreensão. Sabe-se que os dicionários são obra de consulta que decifram os signos que as comunidades verteram. Quando se pretende falar sobre dicionários, há que se inserir na jurisdição da ciência linguística, daí que “todo diccionario esté siempre entre dos fuegos, sometidos al juicio tanto del usuario de la lengua, el hablante de a pie, como del teórico de ella, el lingüista” (SECO, 1994, p. vii).

No âmbito desta pesquisa, como já foi dito, investigam-se as unidades fraseológicas com zoônimos em dicionários monolíngues e bilíngues. Como Welker (2004) abordou, há muita diversidade e interesses em jogo na elaboração de um dicionário e esta pesquisa objetiva justamente chamar a atenção para a presença (ou não) desse tipo de fraseologismos nesses materiais. Muito embora não se pretenda fazer crítica pela crítica, visa-se com as críticas feitas contribuir para que se pesquise e se incluam UFz nos dicionários, e principalmente, nos dicionários bilíngues. Pesquisas empíricas como esta podem auxiliar

para a melhoria dos dicionários. Conforme alguns estudiosos como Hartmann (2001), Werner (2006), Zgusta (2006), reiteram, há que se pesquisar os dicionários para se conhecer a necessidade dos consulentes e se elaborar materiais focados para suas necessidades, seja para a recepção, seja para a produção, e acrescenta-se à fala desses autores a necessidade de inclusão na nomenclatura das unidades fraseológicas com zoônimos.

Seco (1994, p. vii) ressalta que dos três níveis que constituem a linguagem - o fônico, o lexical e o gramatical - o que ocupa lugar de destaque para o falante é justamente o nível das palavras, o lexical, “série ilimitada de signos que analisa e evoca todo o universo sensível e o não sensível, o mundo exterior e o interior”. (p. vii) A isso se soma, ainda segundo Seco, uma avalanche incessante do ‘rio caudaloso’ do idioma que produz maior evolução justamente no nível das palavras. Para esse autor, enquanto as mudanças fonológicas se medem em séculos e as gramaticais em gerações, as mudanças lexicais são medidas a cada passo, o que justifica a necessidade de atualização das pesquisas fraseológicas e sua consequente inclusão nos materiais de referência.

O dicionário sempre é submetido à prova, seja sob o olhar do usuário que o desafia para encontrar palavras novas, ou sob o juízo do linguista, que submete o dicionário aos avanços teóricos. Segundo Seco (1994, p. viii), “con frecuencia, las conclusiones de carácter sistemático y metodológico obtenidas por el lingüista son atinadas y merecen ser consideradas con atención por los lexicógrafos”. Esta pode ser uma justificativa fiável para avaliar o dicionário e buscar nele qualidade superior sempre. Naturalmente,

[...] lo malo viene cuando algunos lingüistas en posesión de la verdad opinan que la lexicografía debe ajustarse al lecho de Procusto de sus teorías y demuestran, con ejemplos elegidos cuidadosamente al azar, que los diccionarios son edificios trazables a escuadra y compás. La lexicografía no es una ciencia, sino un arte, y lo único a que pueden y deben aspirar los lingüistas es que las técnicas con que trabajan sus artesanos se apoyen, *en lo posible*, sobre bases coherentes y sin demasiada discrepancia con los logros de la ciencia del lenguaje (SECO, 1994, p. viii)

Pensa-se de modo parcialmente divergente ao pensamento de Seco, ou seja, que a Lexicografia é mais do que arte. Na atualidade, ela

tem andado de mãos dadas com a ciência, sendo ela própria uma disciplina científica (cf. SHCHERBA, 1995; BEJÓINT, 2001; WELKER, 2004; HARTMANN, 2007, entre outros) razão pela qual depende dos resultados das pesquisas e incorpora novos direcionamentos pedagógicos e lexicais também no que se refere à fraseologia.

Seco (1994, p. viii) compara o fazer lexicográfico a um quebra-cabeça com muitas pecinhas para serem encaixadas em que mais facilmente se encontram pontos negativos que positivos. O lexicógrafo é pressionado pelos processos de seleção a que é submetido, bem como às exigências editoriais. Considera-se, juntamente com Seco (1994, p. viii), que o dicionário perfeito é utópico, pois não se têm todas as informações acerca das palavras do idioma. Afina-se igualmente com as ideias de Alvar Esquerre (1994, p. xii), que afirma que se deve conjugar tradição com modernidade, inseparáveis na lexicografia e imprescindíveis na elaboração de dicionários. Tradição e modernidade devem caminhar juntas quando o assunto é dicionário. Se na tradição se encontra o melhor do fazer lexicográfico, na modernidade das pesquisas se encontram subsídios para, como no caso dos fraseologismos, se buscar estreitar a proximidade do uso das expressões de todo dia com seus equivalentes nas línguas estrangeiras modernas que devem ser incorporados nos dicionários atuais.

2 A METALEXICOGRAFIA E O FAZER DICIONARÍSTICO

Com ênfase voltada à elaboração científica de dicionários, a Lexicografia, de acordo com Welker (2004, p. 11), divide-se em Lexicografia prática e Lexicografia teórica (ou Metalexicografia). A Lexicografia prática realiza a coleta de dados e serve de base para a elaboração de dicionários; a teórica trata dos aspectos e princípios científicos que regem a prática lexicográfica.

Esta pesquisa toma como base os fundamentos da Metalexicografia bem como da Fraseologia para dar conta de aspectos a serem investigados nos dicionários em análise, com o intuito de examinar a atividade tradutória no que diz respeito aos fraseologismos zoonímicos em 7 dicionários bilíngues escolares escolhidos para tal fim. Apesar de a pesquisa tratar de tradução, ela não se sustenta nos pressupostos da tradutologia: centra-se nos direcionamentos da Metalexicografia, área do saber interessada em “estudar todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso)”.²¹

A Lexicografia²² é prática antiga, prova disto é que alguns glossários gregos são do século V antes de Cristo, enquanto outros produtos lexicográficos encontrados na Índia e na China são ainda mais antigos, com mais de 3 mil anos. Inicialmente, muitos glossários e dicionários foram feitos por amadores²³, pessoas das mais diferentes profissões (BÉJOINT, 2001, p.6-7). A partir do século XX, a Lexicografia passou a ser vista como processo e a Metalexicografia como tema acadêmico. Shcherba (1995[1940])²⁴ foi quem deu início a uma teoria geral da Lexicografia, estabelecendo bases para a pesquisa da especificidade da elaboração de dicionários. Como resultado dos estudos delineados na área, chegou-se à constatação da necessidade de

²¹ Na introdução do GTLEX, grupo de trabalho da ANPOLL pode-se encontrar essa definição para a Metalexicografia. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/gtlexNovo/>> Acesso em 25/09/2014.

²² Usa-se o termo Lexicografia como hiperônimo para a prática ou para a teórica ou ainda para a Metalexicografia.

²³ Entre os lexicógrafos do século XVIII que se aventuravam na elaboração de dicionários encontravam-se teólogos, literatos, filólogos, médicos, músicos (BEJÓINT, 2001, p.7).

²⁴ SHCHERBA (ScERVA), Lev V. Toward a general theory of Lexicography. [trad. Inglesa do original de 1940]

International Journal of Lexicography. Oxford, v.8, n. 4, p. 314-350, 1995.

cientificidade na elaboração dos produtos lexicográficos em detrimento das práticas da repetição de receitas antes empregadas. Os princípios da Lexicografia passam a proporcionar fundamentação para a elaboração de dicionários.

Com base no prefácio escrito por Menéndez Pidal²⁵ no *Diccionario Vox* (1945) e na obra de Casares (1950)²⁶ sobre Lexicografia, começam a delinear-se mudanças radicais na Lexicografia europeia que passou de um fazer técnico (Lexicografia prática) para um fazer científico (Lexicografia teórica ou Metalexicografia). A distinção feita pelo dicionário Houaiss, por exemplo, para o termo Lexicografia, reforça a ideia que ainda se tem no Brasil de que a Lexicografia está relacionada à elaboração de dicionários, assim como aos estudos que dizem respeito a eles, conforme definição no Houaiss para Lexicografia:

Técnica de feitura de dicionários; o trabalho de elaboração de dicionários, vocabulários e afins; *análise teórica desse trabalho; estudo científico e analítico das técnicas de elaboração dos dicionários* (p. ex., sobre os princípios de seleção do vocabulário, de classificação dos vocábulos, de definição e descrição dos significados etc.) (HOUAISS, 2007, p.839) (grifo nosso)

Nesse sentido, são abarcados tanto o aspecto prático quanto o teórico em uma mesma palavra. É muito comum encontrar esta terminologia envolvendo os dois sentidos desconsiderando a especificidade científica que marca os estudos lexicográficos da atualidade, como destaca Welker (2008, p. 13) quando afirma que “o termo lexicografia pode ser usado como hiperônimo”.²⁷

Para o âmbito deste trabalho, a Metalexicografia²⁸ é a norteadora dos princípios teóricos utilizados para a análise dos dicionários que fazem parte do *corpus* da tese e, igualmente, poder-se-á aludir ao termo Lexicografia como abarcador dos dois sentidos mencionados. Mais

²⁵ **Diccionario Vox**, organizado por Gili Gaya (1945), na Espanha.

²⁶ *Introducción a la lexicografía moderna* (1950) de Julio Casares.

²⁷ Aliás, com relação à Lexicografia no Brasil, Welker (2008, p. 13) esclarece que “no âmbito universitário brasileiro, o termo lexicografia equivale, na grande maioria dos trabalhos, à metalexicografia, pois se refere a estudos sobre dicionários [...], portanto, *lexicografía* abrange a teoria e a prática”.

²⁸ Segundo Welker (2009), a distinção terminológica entre lexicografia e metalexicografia foi apresentada por Wiegand (1977).

especificamente, toma-se para a Metalexicografia a definição de Welker (2004, p.11) de que ela “abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e tipologia”. Semelhantemente, soma-se à definição de Welker (2004) a de Krieger (2006) que a define como “disciplina que trata da análise crítica de dicionários, investigando problemas em sua confecção” (2006, p. 143).

De acordo com Welker (2004, p. 12), como campo do saber e de pesquisa relativamente novo, a Metalexicografia deve seu crescimento no Brasil, sobretudo, a avanços ocorridos no ensino superior.

2.1 A (Meta)lexicografia e os produtos lexicográficos

Nos últimos anos, tem se constatado um aumento do interesse pela Lexicografia, o que pode ser comprovado pelo número de pesquisas, congressos e publicações na área. Não é objetivo de esta tese fazer um recorte histórico ou mesmo detalhar amplamente as implicações teóricas da Lexicografia, mas voltar o olhar principalmente para produtos lexicográficos. O objeto de análise desta pesquisa são dicionários e o foco, as unidades fraseológicas com zoônimos.

Muitos estudiosos têm se debruçado sobre o termo ‘dicionário’. Rey-Debove (1971, p. 20-27), Bejóint (2000 [1994], p.6), entre tantos outros, têm buscado uma definição para esse termo. Com base nos estudos desses autores, apresentam-se algumas constatações de Rey-Debove (1971, p.20-27)²⁹ e Bejóint (2000, p. 9) que ajudam a formular uma definição do termo ‘dicionário’ produtiva para o âmbito da investigação das unidades fraseológicas:

a) obra que contém uma sequência de enunciados independentes – os verbetes são parágrafos que desestimulam uma leitura contínua.

²⁹As características analisadas individualmente nas páginas seguintes se baseiam na classificação de Rey-Debove (1971, p.20-27 trad. BEJÓINT, 2000, p.9ss) apresentadas no original a seguir:

- a) “*suite de messages graphiques isolees*”
- b) “*Ouvrage de consultation*”
- c) “*Deux structures, parfois reduites a une seule*”
- d) “*Classement par la forme ou le contenu*”
- e) “*Caracteres linguistiques du sujet de l'information*”
- f) “*Caractere didactique de l'information explicite*”
- g) “*Un dictionnaire informe sur des signes*”
- h) “*La nomenclature est un ensemble determine, structure s'il n'est pas exhaustif*” (REY-DEBOVE, 1971, p.20-27)

b) obra de consulta própria para a localização rápida de informações específicas. Esta característica fragmentária de dicionário mereceu algumas críticas³⁰. Acusam o dicionário de ser livro superficial e inferior, destinado a pessoas preguiçosas. De fato, o dicionário não se presta à leitura contínua, e tem unidades léxicas independentes, mas estes elementos constituem elementos característicos do gênero de texto ‘dicionário’.

c) obra com dois tipos de estruturas – uma estrutura horizontal, de conteúdo linguístico determinado pela entrada, e seguida pelo enunciado, chamada de microestrutura; outra, com o ordenamento vertical das entradas, nomeada macroestrutura. A macroestrutura também pode ser nominada de lista de palavras ou de nomenclatura. A microestrutura³¹ carrega em seu interior a definição nos dicionários monolíngues ou a equivalência nos bilíngues; ela apresenta um layout característico; segundo Bejóint (2000, p.12), toda microestrutura de dicionário tem que apresentar, no mínimo, o verbete e sua representação que virá com sua ortografia ou aspecto morfológico e a categoria gramatical que ele se propõe a representar. Toda palavra-entrada da macroestrutura recebe uma informação microestrutural e toda palavra utilizada nas explicações dentro da microestrutura é incluída na macroestrutura;

d) obra cujos itens são classificados pela forma ou conteúdo – os itens geralmente são ordenados por ordem alfabética (REY-DEBOVE, 1971, p.21). Destinado à consulta, as entradas precisam ser práticas para que o usuário faça as suas buscas. Embora a ordem alfabética mostre-se útil para a disposição da macroestrutura (ver 5.2.1), Bejóint (2000, p. 14) explica que o ordenamento das fraseologias é sempre problemático, sendo preciso que o lexicógrafo decida se vai considerar a fraseologia como se fosse uma unidade léxica longa ou se vai ordená-la alfabeticamente pela sequência tomada a partir da primeira letra à esquerda, com subsequentes ordenamentos para a segunda, terceira e demais letras, ou ordená-la pela primeira palavra da fraseologia. Bejóint (2000, p. 16) explica que a ordenação alfabética tem vantagens. Uma

³⁰ Conforme referido por Bejóint (2000, p. 10), o autor francês D’Alembert (1965, p.122) argumenta que os usuários de dicionários são pessoas não esclarecidas e não perseverantes o bastante, pois precisam da ajuda de um dicionário (!...) que é um livro só para consulta e não para a leitura.

³¹ Para Zgusta (1971, p. 248), a microestrutura é uma ‘estrutura rígida’ que nos dicionários modernos se caracteriza pela ‘uniformidade de suas entradas em termos de conteúdo e de layout’.

dessas vantagens é que, ao dividir a informação na macroestrutura, ‘palavra por palavra, parágrafo por parágrafo’, o dicionário sintetiza o tema e o explicita em enunciados curtos que são facilmente entendidos pelo usuário. Outra vantagem está no próprio modo de ordenação alfabética que veio a constituir a maneira mais rápida e facilitada de busca pelo usuário.

Segundo Rey (1970, *apud* BEJÓINT, 2000, p. 16)³², a grande virtude da ordenação alfabética é o fato de dar ao usuário a sensação de domínio sobre seu próprio léxico, ou seja, a de se deparar com as palavras de sua língua ordenadas de A a Z³³, como se essas fossem a totalidade do repertório de sua língua.

e) obra cuja informação é linguística por natureza – cada verbete é introduzido por uma sequência gráfica, objeto da informação contida na entrada. No dicionário típico, essa sequência é “geralmente uma palavra, no sentido de qualquer sequência ininterrupta de grafemas que é comumente entendida por corresponder a um conceito”³⁴ (BEJÓINT, 2000, p. 18). Bejóint argumenta que há “muitos problemas linguísticos e sociolinguísticos”, e que a *palavra* não pode ser definida como qualquer termo técnico e com precisão, ainda que corresponda a um conceito popular totalmente entendido e aceito;

f) obra cuja informação é explicitamente didática – defende-se, na esteira de Bejóint (2000, p. 19) e de Rey-Debove (1971, p. 23) que, por sua natureza, o dicionário é essencialmente didático, pois o usuário busca informação nele, confirma ou aprende sobre algo que desconhecia ou que tinha dúvida. O dicionário é próprio para o autoensino. Sabe-se que por meio do dicionário pode-se chegar a definições, a porções de conhecimento sobre um determinado assunto e apreendê-lo.

Todo lexicógrafo almeja alcançar a (im)parcialidade, mas nem sempre consegue veicular informações distantes de suas opiniões. Os dicionários modernos personificam dispositivos (formas impessoais, voz passiva, palavras científicas e latinas) para manter a cientificidade e

³² ‘*le dictionnaire représente l’illusion de la totalité, de l’ordre immobile, de l’harmonie. Il semble épuiser le monde et les mots*’ (REY, 1970, *apud* BEJOINT, 2000, p. 16)

³³ Mais recentemente, esse sistema de ordenação alfabética tem se especializado ao ordenar as subentradas, como é o caso das fraseologias no Houaiss e no UNESP que têm, em sua composição, unidades léxicas relacionadas com as entradas.

³⁴ “*any uninterrupted sequence of graphemes that is commonly felt to correspond to a concept*” (BEJÓINT, 2000, p. 18).

objetividade de seus propósitos com respeito à imparcialidade; contudo, eles não estão livres de tendências ideológicas. Este é o pensamento de Rey-Debove com relação à ideologia que todo dicionário parece transmitir:

Os dicionários às vezes são polêmicos, às vezes contém informação que reflete o pensamento de uma classe social em particular, de uma geração, de uma classe de políticos e intelectuais influentes que estão sempre procurando disseminar uma ideologia específica (REY-DEBOVE, 1971, p. 23)³⁵

Apesar da tentativa de elaborar produtos lexicográficos imparciais e objetivos, sabe-se que o lexicógrafo é porta-voz de um grupo social em uma dada comunidade cultural e que recebe influências dessa sociedade que ele representa. Os dicionários, ou seja, a linguagem inscrita neles com suas (re) significações são instrumentos de propagação da ideologia³⁶.

g) obra essencialmente linguística, visando a informar sobre o signo. Bejóint (2000, p. 21) explica que um dicionário fornece informações sobre o signo e não sobre o referente daqueles signos. Acontece que nem sempre se consegue distinguir esta linha de fronteira que separa um do outro. Para alguns metalexicógrafos (como REY, 1968, p. 70; REY-DEBOVE, 1971, p.180), os dicionários devem conter definições de palavras e não definições de coisas, que, neste caso, são restritas às informações de enciclopédias. A distinção parece fácil na teoria, mas na prática as duas informações (conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico) muitas vezes coincidem e se misturam (cf. REY-DEBOVE, 1989, p. 308).³⁷ O fato é que as entradas dos dicionários são rótulos linguísticos que representam os referentes e em cujas categorias as definições se baseiam. As informações mais longas do dicionário tendem a ter caráter mais enciclopédico e definitório

³⁵ “*T’larrive que les dictionnaires soient polémiques et que l’information apportée reflète la pensée d’une classe sociale, d’une génération, d’une intelligentsia qui veut faire triompher une idéologie*” (REY-DEBOVE, 1971, p.23).

³⁶ Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

³⁷ Rey-Debove, J. ‘*La Métalangage lexicographique: formes et fonction en lexicographie monolingue*’, in HAUSMANN et al. (edd.), 1989, p. 305-312.

acerca do referente do que acerca do signo³⁸.

h) obra cuja lista de palavras corresponde a um conjunto pré-determinado, estruturado e quase exaustivo do léxico porque na maioria das vezes é uma macroestrutura planejada com antecedência, ou seja, as nomenclaturas não são arbitrárias e seu conteúdo até certo ponto é previsível; o conteúdo não é exaustivo, pois é impossível dicionarizar todo o léxico de uma língua. O léxico de uma língua está em constante mudança e expansão e um dicionário leva anos para ser produzido, consequentemente não se pode evitar que, no momento de sua publicação, muitas das palavras dicionarizadas já estejam obsoletas enquanto outras estejam sendo criadas.³⁹

A enorme abrangência dos dicionários torna inviável a busca por uma definição que dê conta de todos os fins almejados por eles. É possível encontrar definições do dicionário no próprio dicionário, contudo elas estão longe de satisfazer os especialistas em Lexicografia. Veja-se, por exemplo, a definição que o Aurélio (2010) registra para a unidade léxica dicionário: “dicionário é um conjunto dos vocábulos de uma língua ou dos termos próprios de uma ciência ou arte, dispostos alfabeticamente, e com a respectiva significação ou a sua versão em outra língua”. Embora pareça razoável, sabe-se que as definições para o dicionário geral não conseguem explicitar em uma só definição todas as implicações que o termo dicionário encerra para os estudos da linguagem. Aliás, os produtos lexicográficos, por sua extensão e particularidade, acabam por exigir definições específicas para cada segmento de trabalho. No entanto, conforme argumenta Béjout (2001, p. 8), se as definições forem precisas (como no exemplo da definição dada pelo Aurélio) não abarcarão todos os ‘tipos existentes de dicionários’ e se forem vagas não serão capazes de fazer a distinção entre dicionários e outros tipos de trabalhos de referência. Veja-se, por exemplo, que Quemada (autor de trabalhos teóricos sobre a lexicografia francesa), afirma que “um dicionário é acima de tudo um catálogo de

³⁸ Pode-se ilustrar com uma citação de Béjout (2000, p. 23) onde cita o trabalho famoso e controvertido de um lexicógrafo que na tentativa de evitar informação enciclopédica do referente *elefante* acabou fazendo uma definição do tipo “aquele animal que é chamado de elefante”!..

³⁹ Já em 1973, Mc David (p.259) estimava que cerca de 50.000 compostos químicos eram descobertos e nomeados a cada ano. MC DAVID, R.I., Jr. (1973) Go slow in ethnic attributions: geographical mobility and dialect prejudices. In: R.W. Bailey and J.L. Robinson (edd.), **Varieties of Present-Day English** (New York: Macmillan), p.258-273, 1973.

palavras que é destinado a dar acesso fácil a itens de informação cuja quantidade e natureza são deixados ao julgamento do autor (1968, p.14)⁴⁰. Esta é uma definição que Bejóint (2001, p.8) chamou de ‘vaga’ para o estudo dos vários tipos de dicionários contidos no *corpus* organizado por Quemada. Segundo Bejóint (2001, p. 8), essa definição está longe de cumprir as exigências que demandam para os dicionários na atualidade.

Para os propósitos dos estudos fraseológicos, esta definição não é satisfatória uma vez que ela utiliza o termo ‘palavra’ cuja definição os linguistas ainda não chegaram a um consenso. Palavra é um termo que qualquer pessoa crê que pode reconhecer, contudo, encerra dificuldades. Concorda-se então, com uma definição abrangente para dicionário proposta por Rey-Debove (1971, p. 27)⁴¹ para dicionário:

Um dicionário é um livro didático, que descreve um conjunto (geralmente estruturado) de elementos lingüísticos e apresenta-os em unidades separadas e ordenadas, permitindo, assim, a consulta. Os elementos, que vão desde a letra aos elementos que estão acima do comprimento da sentença, são normalmente seguidos pelos parágrafos (duas estruturas, ou apenas uma). A informação, seja implícita (uma estrutura) ou explícita (duas estruturas), segue um programa pré-determinado e é sempre, pelo menos em parte, sobre o signo; na informação explícita que parece ser apenas sobre o referente, a presença de uma definição é tomada como a informação sobre o signo (REY-DEBOVE, 1971, p. 27 apud BEJÓINT, 2000, p. 25) (nossa tradução).

⁴⁰ “*avant tout un catalogue de vocables destines a donner acces, de maniere commode, a des informations dont le nombre et la nature sont laisses a l'appréciation de l'auteur*” (QUEMADA, 1968: 14).

⁴¹ ‘*A dictionary is a didactic book which describes a (generally structured) set of linguistic elements and resents them in separate and ordered units, thus allowing for consultation. The elements, which range from the letter to elements that are above sentence-length, are usually followed by paragraphs (two structures, or only one). The information, whether implicit (one structure) or explicit (two structures), follows a predetermined programme and is always, at least in part, about the sign; in the explicit information which seems to be only about the referent, the presence of a definition is taken as information about the sign.*’

Segundo Bejoint (2000, p. 25), esta é uma das maiores definições sobre dicionário já vistas e a melhor disponível até aquele momento. A palavra dicionário, como vê, é polissêmica e pode se referir tanto ao livro como ao todo (as coisas e os conteúdos) quanto à lista alfabética dentro do livro.

Para as especificidades deste estudo define-se o dicionário como uma obra composta pelas unidades léxicas de uma língua que informa os significados em suas várias acepções e contextos, situa o lugar ocupado pela unidade léxica na sintaxe em suas classes gramaticais, expressa o(s) sinônimo(s) para elas e pode indicar a possível participação das unidades léxicas na fraseologia⁴².

2.2 A Metalexigrafia Bílingue Pedagógica e os Dicionários Pedagógicos

Diante dos rumos que a Metalexigrafia vem adquirindo, muitas transformações estão sendo incorporadas aos materiais de referência, de modo que os dicionários escolares, bilíngues ou não, concebidos atualmente demonstram essas novas configurações. A Metalexigrafia bilíngue pedagógica aponta para as necessidades encontradas por aprendizes de línguas e se ocupa dos dicionários escolares bilíngues. Alguns autores que têm trabalhos voltados para essa área são Hartmann (2001), Werner (2006), Zgusta (2006), Durão (2009; 2014), entre outros.

Os produtos lexicográficos elaborados com foco no aprendiz de línguas estrangeiras têm seus objetivos norteados pela chamada Metalexigrafia pedagógica. A Metalexigrafia pedagógica serve de sustentação para “obras destinadas a quem ainda não alcançou competência linguística suficiente em sua língua materna ou em uma segunda língua” (HERNÁNDEZ, 1998, p.50).

Os dicionários pedagógicos objetivam complementar a aprendizagem de uma língua, materna ou estrangeira, e facilitar a absorção do vocabulário, por esta razão, estão inequivocamente ligados a aprendizes ou à aprendizagem. Welker (2008) entende que os dicionários pedagógicos não servem para ensinar línguas, pois “muitos dos fatos linguísticos que se precisa aprender para dominar um idioma, tais como a sintaxe geral, a morfologia, declinações e conjugações, etc., não se encontram nesses dicionários” (WELKER, 2008, p.15). Porém,

⁴² Estas unidades léxicas em nível da fraseologia passam a se chamar unidades fraseológicas.

pelo fato de serem tidos como pedagógicos ou como voltados para a aprendizagem e para os aprendizes, crê-se que são veículos para a aprendizagem de línguas.

Alguns autores (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2000, p.22, por exemplo) usam o termo dicionário de aprendizagem equiparando-o ao dicionário de aprendiz. Welker (2008) considera a designação inadequada, posto que para ele o termo dicionário de aprendizagem deve nomear dicionários desenhados “para ajudar na aprendizagem do vocabulário, ou a dicionários polifuncionais” que se caracterizem pelas funções de recepção, produção, (auto) aprendizagem e outras (p.17). Todavia, acredita-se que os termos *pedagógicos* e *para aprendizes* possam ser equiparados. Hartmann (1983, p. 5), por exemplo, não diferencia ‘pedagógico’ de ‘para aprendizes’.⁴³ Outro termo para dicionário pedagógico – que, segundo esta pesquisadora pode ser equiparado ao de aprendizagem – é o termo *didático*⁴⁴. Sabe-se que esses termos estão intrinsecamente relacionados uma vez que os dicionários são obras voltadas para a demanda do mercado editorial dos aprendizes de línguas estrangeiras e de alunos do vernáculo (ensino fundamental e ensino médio), podendo os referidos termos serem utilizados indistintamente. Observe-se, por exemplo, o que dizem Durán e Xatara com respeito a essas obras:

Os dicionários *para aprendizes* de línguas estrangeiras são obras relativamente recentes no mercado editorial e atendem uma demanda por *obras pedagógicas* [...] despertar o interesse de pesquisadores brasileiros pela Lexicografia Pedagógica e, indiretamente, promover a produção nacional de *dicionários pedagógicos*. [...] Acreditamos que, se quisermos localizar onde está o dicionário pedagógico do futuro, devemos procurar pela sigla CALL (*Computer Assisted Language Learning*), que significa “*aprendizagem de línguas mediada por computador*”. (grifos nosso) (DURÁN; XATARA, 2007, p.1).

⁴³ Com base no capítulo “The learner’s pedagogical dictionary” de Hartmann (1983).

⁴⁴ SASTRE RUANO (2013, p. 9) utiliza a expressão *didático* ao explicar a natureza do dicionário bilingue contrastivo DIFAPE em construção e afirma “*este equipo de investigadores tiene plena conciencia de que no ha sido el primero en esbozar un plan para la confección de un diccionario didáctico bilingüe*”.

Verifica-se que os termos *para aprendizes*, *dicionários pedagógicos* e *aprendizagem*, para essas autoras possam ser equiparados.

Fonseca e Cano (2011, p.2) se referem aos dicionários como obras didáticas argumentando que o dicionário é “antes de tudo, *uma obra didática*” (grifo nosso), pois o usuário busca nele o ‘aval’ para utilizar certa unidade lexical ou, ainda, para esclarecer dúvidas acerca de seu uso ou “domínio a que pertence”.

Como se observa, o termo pedagógico ou didático é constantemente relacionado à aprendizagem e implica que, de alguma forma, sirva para assistir o aprendiz em seu aprendizado de línguas. Os dicionários pedagógicos têm características que auxiliam o aprendiz de língua estrangeira ou de língua materna a encontrar informações que ultrapassam o nível das definições para os dicionários monolíngues ou das equivalências para os bilíngues. Esses dicionários visam a oferecer apoio linguístico para o estudioso de sua própria língua ou de LE. Na atualidade, os dicionários escolares têm se constituído como suporte relevante para o estudo das línguas.⁴⁵

2.2.1 Dicionários contrastivos

Tomem-se como exemplo de dicionários bilíngues com foco no aprendizado de línguas – os chamados dicionários contrastivos. Durão (2009, p.18) explica que os dicionários contrastivos podem melhorar as propostas já evidenciadas na teoria das funções. Como ela esclarece, o dicionário contrastivo diferencia-se do dicionário bilíngue pelo fato de o dicionário bilíngue caracterizar-se por apresentar equivalentes enquanto o dicionário bilíngue contrastivo, além de reunir equivalentes,

⁴⁵ “[...] a eficiência dos dicionários como instrumentos de apoio na aprendizagem de línguas é cientificamente sustentada por Alves (1988), Schmitz (1990), Borba (2003), Krieger (2007), Welker (2004; 2008), Duran (2008). Na década de 80, e mais especificamente no século XXI, surgiram postulados em defesa da importância dos dicionários bilíngues (DB) no aprendizado de línguas divulgado por Tomaszcyk (1979, 1983), Zacarias (1997), Schmitz (2001), Humblé (2001), Assirati (2002), Tosqui (2002), Duran (2004 e 2006), Höfling (2006) e Zgusta (2006), dentre outros. Conforme Zacarias, R. A. S. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000168378>> Acesso em 21/0/2014.

proporciona informação confrontativa, opondo as características constitutivas e as regras de uso de unidades léxicas da LM a traços semânticos de unidades léxicas da LE, levando em conta as possibilidades de transferência e advertindo sobre as possíveis interferências de uma língua com a outra (DURÃO, 2009, p.18).

Segundo Durão (op.cit.), a proposta de elaboração de dicionários contrastivos não se resume na indicação de equivalentes de tradução, mas na discriminação de ‘diferenças existentes entre uma língua ou outra’. Nesse tipo de dicionário, portanto, tenta-se “aproveitar sistematicamente as possibilidades de transferência desejável derivadas das semelhanças existentes entre as línguas em questão e evitar as transferências indesejáveis mediante a oferta de informação para todos os níveis linguísticos” (DURÃO, 2009, p. 18).

Durão, Ruano e Werner (2009, p.197-198), voltando sua atenção para a elaboração de dicionários bilíngues contrastivos, explicam que é necessária a reformulação dos atuais dicionários bilíngues no que diz respeito ao papel da indicação de equivalentes, para que se acrescentem a esses equivalentes de tradução informação acerca de contrastes havidos entre as unidades léxicas das duas línguas em questão, por acreditarem ser possível fomentar transferências desejáveis e prevenir as interferências indesejáveis por meio dessas informações contrastivas entre as unidades léxicas de uma língua A com as unidades léxicas de uma língua B concentrando-se essas informações mais nas diferenças de uso entre as palavras das duas línguas.

Entre os possíveis dicionários contrastivos que se poderia usar como exemplo neste trabalho opta-se pelo Dicionário Contrastivo de Falsos Amigos (DiFAPE), que foi elaborado por Durão, Ortigoza, Ruano e Werner (vol.1, 2013). O DiFAPE direciona-se a falantes de português brasileiro como língua materna que se encontram imersos em processos de aprendizagem de espanhol como língua estrangeira e parte do pressuposto de que aprendizes de línguas têm necessidades de ter acesso a informações diferentes das que normalmente usuários de dicionários monolíngues necessitam. Seus autores combinam a apresentação de equivalentes com informação contrastiva, dando destaque a “diferenças morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas” (DURÃO, 2009, p. 16) razão pela qual este dicionário diferencia-se bastante dos dicionários bilíngues tradicionais e dos

monolíngues para aprendizagem⁴⁶. Os dicionários contrastivos constituem-se como ferramentas complementares de aprendizagem principalmente para as necessidades de produção. Para compreender o que distingue os dicionários bilíngues contrastivos dos bilíngues tradicionais, Werner e Durão (2013) explicaram que:

os dicionários bilíngues, muito especialmente os que têm função didática, não devem ser concebidos, em primeiro lugar, como dicionários de equivalências, mas devem ser planejados como dicionários contrastivos, ou seja, devem destacar não a equivalência entre as expressões da língua de partida e as da língua de destino que compartilhem traços formais, semânticos e pragmáticos com aquelas, mas proporcionar ampla informação diferenciadora. Dicionários deste tipo seriam sumamente úteis no caso de línguas genética e estruturalmente próximas, especialmente quando se trata de dicionários de aprendizagem (WERNER; DURÃO, 2013, I-SILLIC).

Os autores do DiFAPE defendem o ponto de vista de que dicionários do tipo contrastivo, especialmente os dicionários de aprendizagem, podem proporcionar um melhor aproveitamento das afinidades existentes entre as línguas do par de língua de dicionários deste tipo. Esses dicionários, segundo esses estudiosos, são especialmente úteis no caso de línguas estruturalmente aparentadas.

Durão⁴⁷ defende o ponto de vista de que novas pesquisas contrastivas sejam desenvolvidas com a finalidade de subsidiarem a elaboração de dicionários contrastivos

[...] para reduzir problemas existentes quanto à incorporação de lexias compostas e complexas em dicionários bilíngues dessas línguas, carências essas que vêm sendo constatadas em várias

⁴⁶ SASTRE RUANO (2013, p. 9) *Pero para cumplir con su función este tipo de diccionarios debe distinguirse bastante de los diccionarios bilingües tradicionales y de los de aprendizaje monolingües.*

⁴⁷ DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **Dicionário Bilíngue Contrastivo de Unidades Fraseológicas (Português-Espanhol) (DUFraPE)** Projeto aprovado pelo CNPq com o mérito de produtividade em pesquisa.

pesquisas e que não se consubstanciam, necessariamente, no número de publicações existentes, mas na inadequação das informações oferecidas em grande parte dessas publicações (DURÃO, projeto CNPQ).

As informações contrastivas são importantes para a produção uma vez que possibilitam ao aprendiz visualizar aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos que podem ajudá-lo a construir enunciados na língua estrangeira que se aproximem o mais perto dos enunciados produzidos por falantes reais dessa língua.

Durão (2013, p. 59) e Durão e Werner (2014, p.16-20) explicam, com relação ao DiFAPE (dicionário contrastivo sendo elaborado por sua equipe), que ao tentar contemplar a especificidade dos destinatários desse dicionário viu-se na necessidade de ‘didatizar’ o discurso empregado neste dicionário. O consulente em questão foi descrito pela autora como sendo:

1. falante nativo da variante brasileira do português;
2. aprendiz de espanhol (da variante estándar do espanhol peninsular);
3. aprendiz que tende a “inventar” palavras que não existem no espanhol devido às suas raízes etimológicas em comum;
4. aprendiz com necessidades de aprendizagem claramente particulares por objetivar exercer o magistério na esfera da língua e das literaturas hispânicas entre brasileiros, iniciando cursos de licenciatura em letras-espanhol;
5. aprendiz brasileiro da variante estándar do espanhol peninsular com necessidades específicas de produção em língua espanhola, ou seja, que almeja ter nele uma fonte de consulta com funções ativas e didáticas.

Optou-se por citar este dicionário como tipológico de dicionários bilíngues contrastivos por ser este o primeiro dicionário deste tipo a ser elaborado no Brasil. Neste caso, as línguas em questão e a direção do dicionário é português-espanhol. Seus autores procuram atender as necessidades linguísticas de seus consulentes potenciais, razão pela qual utilizaram procedimentos didáticos que visavam a atender a este público. Podem-se exemplificar tais procedimentos, entre outros recursos usados neste dicionário contrastivo, como o emprego de etiquetas contrastivas, criadas por Durão para chamar a atenção de seus consulentes para o tipo de contraste que cada equivalente de tradução tinha em relação às unidades léxicas do português lematizadas no

dicionário. As etiquetas criadas por Durão (2013) constituem-se um conjunto de sete etiquetas:

1. etiqueta de contraste de gênero gramatical;
2. etiqueta de número gramatical;
3. etiqueta de contraste fônico;
4. etiqueta de contraste acentual;
5. etiqueta de contraste gráfico;
6. etiqueta de contraste léxico;
7. etiqueta de contraste semântico.

De acordo com Durão (2013, p. 59), os procedimentos utilizados no DiFAPE tiveram por objetivo chamar a atenção de seus consulentes para:

transferências indesejáveis de uma língua para outra (interferências) em suas produções, mas também, para a possibilidade de surgirem transferências desejáveis de uma língua para outra, as quais devem ser valorizadas como elementos facilitadores da aprendizagem dessa língua (DURÃO, 2013, p. 59).

Esses procedimentos, segundo Durão (2013, p. 59), foram criados para tentar fazer deste repertório lexicográfico uma ferramenta didática, que ao mesmo tempo compusesse uma contribuição original sua. Tal como foi descrito, este dicionário contrastivo é realmente diferente do dicionário bilíngue tradicional e oferece aos seus usuários plenas condições de uso entre os aprendizes deste par de línguas, podendo ser útil tanto nos processos de aprendizagem como nos processos de ensino dessa língua.

2.3 A Metalexicografia Bilíngue e os Dicionários Bilíngues

A lexicografia bilíngue constitui uma ponte entre duas línguas (PÉREZ, 2000, p.12), estabelecendo uma relação de equivalência entre unidades léxicas de uma língua A com unidades léxicas de uma língua B. Os dicionários bilíngues são peças-chave na aprendizagem de línguas desde o Ensino Fundamental e o Ensino Médio até o Ensino Superior, servindo, também, para facilitar a comunicação entre países de línguas diferentes. Mesmo tendo grande utilidade não só para aprendizes de línguas como para tradutores e pesquisadores, há questionamentos acerca de sua validade. Curiosamente, a Lexicografia bilíngue recebe

menos atenção por parte de linguistas do que a Lexicografia monolíngue (cf. PÉREZ, 2000, p. 36).⁴⁸ Para diferenciar a informação lexicográfica presente no dicionário bilingue em relação ao dicionário monolíngue basta dizer com Alvar Ezquerro (1993, p. 147) que a informação semântica presente naquele está centrada em um equivalente e não em uma definição deste, tornando-se, desta forma, a busca pelo equivalente um desafio constante para a área. Werner (1996)⁴⁹ explica que isto acontece porque:

a) os problemas metodológicos são mais significativos na Lexicografia bilingue que na Lexicografia monolíngue, pois a Lexicografia bilingue produz dicionários voltados para dois sistemas linguísticos diferentes;

b) a elaboração de dicionários bilingues frequentemente parte de obras lexicográficas monolíngues existentes e não de perspectivas científicas;⁵⁰

c) a qualidade dos dicionários bilingues pode ser questionável, considerando-se o apresentado no item anterior;

d) os dicionários bilingues nem sempre se adéquam às necessidades de usuários com relação à sua função de recepção e de produção;

e) os dicionários bilingues não selecionam nem ordenam as informações de forma apropriada às buscas realizadas pelos aprendizes.

Estas alegações explicam, de certo modo, o panorama da Lexicografia bilingue até há pouco tempo, entretanto esta área tem experimentado grandes transformações, impulsionada por demandas por produtos bilingues de vários pares de línguas.

2.4 Os Dicionários Bilingues e os Equivalentes de Tradução

O equivalente de tradução é a preocupação principal dos lexicógrafos bilingues. Embora sugerir equivalentes seja uma das operações interlinguísticas mais complexas da Lexicografia bilingue,

⁴⁸ *En definitiva, los lingüistas han tenido poco interés por la lexicografía, y el campo de investigación de la lexicografía bilingüe aún ha estado más abandonado que el de la monolingüe* (PÉREZ, 2000, p. 36).

⁴⁹ Texto da Conferência em WERNER, R. **Algunos elementos de una teoría del diccionario bilingüe**. Conferencias Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1996-97.

⁵⁰ Constata-se que esse quadro vem se modificando com aumento de pesquisas na área.

afirma-se que tem havido avanços no entendimento deste processo por parte de estudiosos da área. Hartmann (2007, p. 13) esclarece que os lexicógrafos tentam “reproduzir tão corretamente quanto possível todas as características lexicais e gramaticais da língua fonte original encontrando equivalentes apropriados na língua de chegada” (p. 13)⁵¹, ora priorizando-se a informação factual, ora enfatizando a forma.

A proposição de equivalentes é um fenômeno que está longe de ser consensual. Barbosa (1990, p. 67) diz que equivalência consiste em “substituir um segmento de texto da língua de origem por outro segmento de texto da língua de tradução que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”, pretendendo destacar que o propósito da tradução é alcançado ao prestar o serviço que o texto supõe, o de ser entendido para determinada finalidade. A este tipo de equivalente Zgusta (1984, p.151) dá o nome de ‘equivalente funcional’ quando o equivalente deve produzir o mesmo efeito.

Sabe-se que a questão da proposição de equivalentes passa por uma série de implicações para se acreditar que é possível uma simples e definitiva conceituação. Segundo Steiner (2005, p.481)⁵² para se falar em equivalente, fidelidade e adequação (termos que permeiam o campo dos estudos da tradução) há que se ter em mente a égide da negociação. Segundo ele, negociação é o processo pelo qual, para se conseguir alguma coisa, cada parte renuncia a algo e fica satisfeita por saber que não pode ter tudo. Esta comparação pode parecer ingênua à primeira vista, mas é justamente sobre este fundamento que Steiner explica o propósito de equivalentes de tradução. Assim como em uma negociação existem pelo menos duas partes envolvidas, na tradução há, por um lado, o texto original, os direitos no processo, o contexto cultural em que o texto original nasceu; por outro lado, há o destinatário, a expectativa cultural e as pressões dos editores que recomendam critérios para a tradução, visando a um público acadêmico ou a um público popular.

Oliveira (2007, p. 97) fala sobre a divergência em torno do termo equivalência e divide a teoria da tradução em três linhas teóricas: a primeira é a abordagem linguística (ou científica), caracterizada pela tentativa de tratar a tradução como ciência, dentro de padrões estruturalistas, próprios das décadas 60 e 70 e voltados para a cultura do

⁵¹ *to reproduce as accurately as possible all grammatical and lexical features of the source language original by finding suitable equivalents in the target language* (HARTMANN 2007, p. 13):

⁵² 17. Halliday and translation theory: enhancing the options, broadening the range and keeping the ground *Erich Steiner* (STEINER, 2005, p.481).

texto de partida, representados, entre outros, pelos estudiosos Catford, Nida e pelos pesquisadores da chamada Escola de Leipzig. Para Nida (1964 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 97), há dois conceitos importantes a se considerar na teoria da tradução: o de correspondência formal e o de equivalência dinâmica. A primeira enfatiza a mensagem em força e conteúdo; a segunda procura resgatar o efeito pretendido no texto original. As ideias dos autores dessa linha teórica são consideradas ultrapassadas pelos teóricos da atualidade, porém não se pode negar sua contribuição deles para os estudos da equivalência.

A segunda linha teórica da teoria da tradução (Cf. OLIVEIRA, 2007, p.97) é a chamada abordagem histórico-descritiva, que vê a tradução a partir de uma perspectiva contextualizada e histórica e passa à análise da tradução literária e à literatura comparada. A partir daí dá-se origem aos Estudos da Tradução. Os autores representativos dessa fase criam o que se chama ‘Escola de Manipulação’; entre outros, são Lefevere, Holmes, Lambert, Hermans, Bassnett, Toury e Even-Zohar. Para eles, segundo Hermans (1985, p.11), toda tradução apresenta manipulação do texto fonte para um propósito definido. Conforme Oliveira (2007 *apud* RODRIGUES, 1999, p. 115), um aspecto relativo aos equivalentes de tradução que marca os autores dessa linha teórica é justamente a negação da equivalência “enquanto construto definido com base no texto de partida, um ideal a ser atingido e sujeito a regras determinadas pelos teóricos”. Isso se dá pela ênfase na recepção do texto traduzido e pelas condições envolvendo o tradutor durante o processo tradutório. A manipulação do texto feita pelo tradutor é aceita como característica do processo de tradução e o texto traduzido ganha vida própria. Para Holmes (1972) os equivalentes de tradução são rejeitados e ele afirma que o número de traduções diferentes para um mesmo texto será igual ao número de tradutores (cf. GENTZLER, 1993, p. 95).

Para Hermans (1999), o conceito de equivalente de tradução passa por questões que vão além da ‘relação linguística’, envolvendo relações de dominação e de poder. Para ele, a equivalência sugere “igual valor, intercâmbio e relações entre iguais, o que esconde a cumplicidade da tradução no que se refere ao estabelecimento e/ou à manutenção de relações de poder” (HERMANS, 1999, p. 61). As ideias dos autores da Escola da manipulação giram em torno de questões literárias e não em torno de questões pragmáticas. Para Rodrigues (1999, p. 279), os teóricos desta linha da teoria da tradução

apesar da diferença entre as metodologias, os objetivos, o objeto de pesquisa e mesmo em

relação ao que esperam da tradução, os teóricos das duas vertentes analisadas aproximam-se pela crença na possibilidade de que o texto de partida e a tradução compartilhem os mesmos valores. [...] Em todos os trabalhos o construto [equivalência] é mantido como uma espécie de símbolo de uma traduzibilidade pura ou da possibilidade de reconciliação ou acordo ou harmonia entre as línguas (1999, p. 279).

Sem dúvida os autores dessa escola não colocam sobre a equivalência todo o peso da tradução preferindo levar em conta todos os outros fatores que envolvem o processo.

Uma terceira linha de teoria da tradução, seguindo a proposta de Oliveira (2007, p. 108) é a desconstrução. Nela, seus teóricos (Derrida, Fish, Lacan, e no Brasil, Arrojo) se opõem a qualquer tipo de equivalência entre textos ‘originais’ e traduzidos por rejeitarem a estabilidade de sentido em qualquer enunciado. Segundo Rodrigues (2000, p. 186-7), a desconstrução caracteriza-se na tradução por meio da multidisciplinaridade e ligação de seus estudos com a linguagem, a Psicanálise, a cultura e temas que abordam a visibilidade do tradutor ao pós-colonialismo. Por sua própria natureza a ‘desconstrução’ na tradução acaba por tomar lugar de destaque no pensamento dos autores, dos tradutores e das culturas e textos que são desconstruídos no processo de tradução. Por esse motivo, a equivalência entre línguas é vista como impossível pelos teóricos da desconstrução, por não haver uma simetria e pelo significado ser baseado justamente nas diferenças entre os termos (RODRIGUES, 2000, p. 186-7).

Diante dos posicionamentos apresentados, pode-se voltar à ideia defendida por Steiner (2005, p. 481) com base em sua análise das ideias de Halliday, por exemplo, de que é preciso haver negociação entre as partes quando o assunto é equivalência. Entretanto, para os propósitos deste trabalho, considerando o âmbito dos interesses da metalexigrafia, é necessário assumir-se uma conceituação de equivalente de tradução. Tomam-se, para isso, algumas das ideias de Hartmann (2007, p. 15), que discute o problema dos equivalentes de tradução na conjunção de várias áreas da linguística Aplicada (LA). Nos próximos subtópicos apresenta-se essa conceituação.

2.4.1 O conceito de equivalência na conjunção com a Linguística contrastiva

Muitas são as discussões em torno da metodologia que envolve a análise contrastiva e o estudo da equivalência. Hartmann diz que:

[...] não há metodologia consistente, o trabalho é frequentemente desigual, parcial, intuitivo, arbitrário e experimental, e dessa forma com potencial de generalização limitada (que é particularmente verdadeiro para alguns argumentos acerca do ‘campo semântico’). Raramente há critério confiável para testar a validade das anotações usadas, e quase nunca os achados podem ser aplicados para prever ou resolver problemas. Por exemplo, longe de afetar o trabalho do lexicógrafo, tais estudos comparativos seriam bem difíceis sem a ajuda dos dicionários bilíngues! Frequentemente tais estudos carregam um sentimento de irrealidade e artificialidade. Palavras são simplificadas, vistas isoladamente, desvestidas de todos os seus contextos colocacionais, flexivos e derivacionais, tomadas de seus ambientes da vida real. A equivalência lexical permanece correspondência estática de palavras em níveis ou graus estruturais estipulados (HARTMANN, 2007, p. 15) (tradução nossa).⁵³

A crítica de Hartmann (2007) traz à tona aspectos que cercam a tentativa de delimitação de equivalentes entre pares de línguas, pois

⁵³ “*there is no consistent methodology, the work is often patchy, partial, intuitive, arbitrary and tentative, and thus of limited generalisability (which is particularly true of some claims about the 'semantic field'). There are rarely reliable criteria for testing the validity of notations used, and hardly ever can the findings be applied to predict or solve problems. For example, far from affecting the work of the lexicographer, such comparative studies would be very difficult without the help of bilingual dictionaries! Frequently such studies convey a feeling of unreality and artificiality. Words are abstracted, seen in isolation, shorn of all their derivational, inflectional and collocational context, taken out of their real-life discourse settings. Lexical equivalence remains static correspondence of words at stipulated structural levels or ranks*” (HARTMANN, 2007, p. 15).

como ele próprio argumenta as palavras desvestidas de seus contextos acabam por ficar desprovidas dos ambientes que lhes dão a significação. Hartmann (2007)⁵⁴ explica que “a tradução não é vista como palavras que se combinam em compartimentos estanques [...], mas como um processo dinâmico de aproximação, relacionando textos inteiros com seus contextos comunicativos”. Isso explica o fato de os teóricos buscarem não só classificar as correspondências, mas também identificar as condições para se chegar à equivalência.

Pode-se proceder à tradução com uma substituição aceitável, com um empréstimo ou, ainda, com uma paráfrase explicativa, não significando com isso que qualquer dessas soluções seja a ideal, na medida em que o que é considerado “certo para o intelectual, o linguista ou o teólogo pode não ser o certo para o tradutor, pois há que se pensar nos diferentes propósitos da tradução que exigem abordagens diferentes”⁵⁵ (NORD, 1991, p.1) (tradução nossa). O pensamento de Nord serve para reforçar a ideia de que os dicionários bilíngues sejam direcionados para a recepção ou para a produção devem incluir as unidades fraseológicas.

A importância do dicionário bilíngue repousa no fato de ele ser um “repositório das equações estabelecidas” e, portanto um repositório das equivalências (Hartmann, 2007, p.16)⁵⁶. Registre-se que ainda que se encontrem falhas nos dicionários bilíngues, especialmente no que se refere à proposição de equivalentes, é inegável que eles beneficiam o ensino e a aprendizagem de línguas.

2.4.2 O conceito de equivalência na conjunção com a Análise de erros

Por meio da análise de erros, tenta-se entender o que desencadeia erros, considerando-se, entre outras coisas, os equivalentes e os falsos equivalentes de tradução existentes entre palavras de uma língua fonte e palavras de uma língua alvo, sob a ótica dos erros do aprendiz.

⁵⁴ “*Translation is no longer seen as matching words at particular slots within corresponding grammatical hierarchies, but as a dynamic process of approximation, relating whole texts to their communicative contexts*” (HARTMANN, 2007, p. 16).

⁵⁵ “*But what is right for the literary scholar, the text linguist or the theologian is not necessarily right for the translator: different purposes require different approaches*” (NORD, 1991, p.1)

⁵⁶ “*a repository of the collective equations established by generations of 'translating lexicographers'*” (cfe. HARTMANN, 2007, p. 16).

Durão (2004, p. 46-47) faz estudo detalhado sobre os tipos de erros que podem ser detectados na interlíngua de aprendizes de línguas no processo de produção, afirmando que “los errores [...] producidos por los aprendices de lenguas funcionan como indicadores de las áreas de mayor dificultad y, a la vez, sirven para que se repasen y produzcan materiales didácticos más ajustados a las necesidades de esos aprendices”. Na tentativa por falar uma língua estrangeira, o aprendiz costuma elaborar construções que se distanciam daquelas que os falantes dessa língua comumente usariam.

Hartmann também argumenta que é usual encontrar erros do tipo “a água está cozinhando” quando o que se pretenderia dizer é que “a água está fervendo”, demonstrando, com base na argumentação desenvolvida por Nemser e Vincenz (1972, *apud* HARTMANN, 2007, p. 18), que muitos tipos de interferências interlinguísticas não têm como ser previstas. Mesmo aprendizes de nível avançado cometem erros lexicais porque os equivalentes não são estáticos, daí a precisarem ser aproximados e exercitados em cada contexto novo. A característica polissêmica das unidades léxicas faz com que haja nuances de significado que tornam a busca por equivalentes uma tarefa difícil. A essa dificuldade, somem-se as regras de uso e os contextos sociais que diferem entre si e que podem complicar ainda mais essa busca.

Os aspectos discutidos aqui vêm a reforçar as ideias expostas previamente de que a equivalência pode ser ilusória e difícil de ser alcançada e que, como afirma Steiner (2005, p. 481) deva ser algo a ser negociado.

2.4.3 O conceito de equivalência na conjunção com a aprendizagem de vocabulário

Na tentativa de suprir suas necessidades comunicativas, os aprendizes desenvolvem algumas estratégias linguísticas. Este processo é caracterizado pela ‘simplificação’ e pelo preenchimento do ‘vazio semântico’. Hartmann, (2007, p. 19), com base nas contribuições de Blum-Kulka e Levenston (1983 *apud* HARTMANN, 2007, p.19), explica algumas das estratégias que os aprendizes utilizam para conseguir comunicar-se enquanto estão no processo de aprendizagem da LE: (a) o uso de termos superordenados; (b) a estratégia de aproximação; (c) o uso de sinônimos; (d) a transferência; (e) a circunlocução e paráfrase. Hartmann (2007) explica que o uso de termos superordenados é a estratégia de substituição de uma palavra que não se sabe por outra que está acima dela na hierarquia semântica (trocar

“ferver”, pela hiperônima “cozinhar” ou “apurar” por “ferver lentamente”). A estratégia de aproximação consiste em substituir uma expressão desconhecida por outra do contexto, nem sempre próxima da palavra que se quer usar. Hartmann (2007) exemplifica essa estratégia num contexto em que o aprendiz, ao precisar usar a palavra “mesa”, por não conhecê-la, utiliza uma aproximação, ou seja, troca essa palavra pela palavra “jantar”. A estratégia de uso de sinônimos consiste no uso de outra palavra conhecida no lugar de uma que é desconhecida. Por exemplo, homem “bonito” por homem “lindo”. A de transferência é a utilização de palavras da língua materna para substituir palavras da língua estrangeira que não são conhecidas. As estratégias de circunlocução e de paráfrase caracterizam-se pela tentativa de chegar ao equivalente de forma indireta. Outras estratégias são a criação de palavras, a mudança de assunto, entre outras que servem para tentar preencher o vazio semântico.

Como forma de lidar com as dificuldades relacionadas com a equivalência no tocante à Lexicografia, Hartmann (2007, p.19) sugere: 1. Linguística contrastiva: para identificar o vocabulário nos pares de línguas; 2. Teoria da tradução: para classificar tipos de equivalência; 3. Análise de erros: para verificar a variabilidade do processo, e 4. Ensino de vocabulário: para prover contexto para as estratégias de aproximação. O autor afirma estar convicto de que “a aplicação combinada da análise contrastiva e de estratégias bilíngues de comunicação podem se tornar ferramentas úteis para refinar a prática lexicográfica”.⁵⁷

Neste capítulo buscou-se chegar a um consenso com relação ao fazer dicionarístico e suas implicações para os dicionários bilíngues e suas equivalências. Nesse sentido, constata-se que dificilmente pode-se chegar à adequação, à fidelidade e à total equivalência. De qualquer maneira, há que se ter uma definição de trabalho para o termo equivalência no sentido de se poder desenvolver a presente pesquisa que visa justamente à comparação de equivalências de unidades fraseológicas com zoônimos no âmbito dos dicionários objetos desta pesquisa. Assume-se, então, que a equivalência pode ser entendida como valor aproximativo de significado, entre uma língua A e uma língua B, que é dado para um lema, originado em contexto cultural diferente, intermediado por evento semelhante. A definição dada não supre todos os aspectos suscitados por um trabalho de tradução, todavia, em linhas

⁵⁷ “it is my conviction that the combined application of contrastive text analysis and bilingual communication strategies could become a useful tool for refining lexicographic practice.” (HARTMANN, 2007, p.19)

gerais supre a necessidade de uma definição para o termo no âmbito desta pesquisa, considerando-se a complexidade da tarefa do lexicógrafo.

3 FRASEOLOGIA

A Fraseologia é um campo de estudos que tem como objeto de reflexão os fraseologismos ou as unidades fraseológicas. Apesar de o conceito de fraseologia ser controverso, pode-se afirmar que este é o campo do saber que estuda os fenômenos fraseológicos os quais dão conta dos aspectos socioculturais presentes em uma dada comunidade. Estudá-los é uma forma de entender “as situações que motivam seu uso” (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2012, p. 12).

Zuluaga (1980) muito contribuiu para o entendimento dos aspectos caracterizadores da fraseologia. Ele explica que a fraseologia designa “tanto el conjunto de fenómenos fraseológicos, como la ciencia que los estudia” (ZULUAGA, 1980, p. 226). Desta forma, emprega-se, nesta pesquisa este termo, ora no primeiro sentido, ora no outro. No Brasil, os estudos fraseológicos no âmbito da Lexicografia estão atrasados se comparados a outros pares de línguas (TAGNIN, 1989, p.7; ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p. 267). Não apenas esse fato, mas a carência dos materiais fraseológicos nos dicionários de língua bilíngues (principalmente que atenda a função de codificação/produção) vem corroborar o interesse desta pesquisadora pelo estudo das unidades fraseológicas. Inicia-se, a seguir, um registro dos estudos fraseológicos em suas origens.

3.1 Dos Sintagmas/Locuções às Unidades Fraseológicas

Os termos ‘sintagma’ e ‘locuções’ estão diretamente envolvidos com as unidades fraseológicas. Casares (1969) explica que o termo sintagma serve para designar “certas combinações de vocábulos que oferecem um sentido unitário e uma disposição formal inalterável”⁵⁸ (1969, p.167) (tradução nossa)⁵⁹. No entanto, ele considera que o termo sintagma é ambíguo em virtude das muitas acepções que foi assumindo, por isso opta por utilizar, em seu lugar, o termo locuções. Casares (1969 [1950], p. 167) conceituou locuções como “conjunto de duas ou mais palavras que não formam oração perfeita ou inteira, como, por exemplo, os modos adverbiais”.⁶⁰ Com isso, não se quer dizer que qualquer grupo

⁵⁸ “ciertas combinaciones de vocablos que ofrecen sentido unitario y una disposición formal inalterable” (CASARES, 1969 [1950], p. 167).

⁵⁹ As citações estrangeiras presentes nesta pesquisa são traduções desta pesquisadora.

⁶⁰ “conjunto de dos o más palabras que no forman oración perfecta o cabal;

de palavras forme uma locução, como por exemplo, os grupos *água clara*, *criança pequena*, e *esse livro de contos*, que não são locuções. O sentido que Casares dá para as locuções é o de um “conjunto de palavras vinculadas de modo estável com um sentido unitário” (1969, p. 168).⁶¹ Para elucidar o sentido de sintagma, Casares (1969 [1950], p. 52) explica o vocábulo *mar* nas seguintes frases:

- a. Prefiro o peixe de *mar* ao de rio;
- b. Tem *mar* de mais para sair à pesca;
- c. Um *mar* de gente me felicitou;
- d. A noiva vinha igual a um braço de *mar*.

Na primeira sentença, *mar* é apenas o lugar em que os peixes vivem, água salgada; na segunda sentença, a ideia predominante é a de massa líquida agitada e perigosa; na terceira não existe *mar*, nem movimento, apenas uma noção abstrata de abundância; e, na quarta sentença, *mar*, *braço*, *igual* trazem a ideia de imagem rica e portentosa, mas nem por isso é capaz de sugerir que uma ou outra dessas palavras por si só transmitam essa ideia. A esses conglomerados que se fundem em bloco significante e se influenciam reciprocamente é que se pode chamar de sintagmas.

Desses termos, nascem, conforme as explicações de Casares (1969[1950], p. 52), as locuções ou expressões idiomáticas, que, de modo geral, são estudadas no âmbito das unidades fraseológicas. Na explicação de Casares com relação ao sintagma *igual a um braço de mar* entende-se que há um fator que transcende o próprio significado de cada lexema. A esse fenômeno dá-se o nome de idiomaticidade.

À reflexão de Casares com relação à idiomaticidade adiciona-se a de Welker (2004, p. 162) sobre os fraseologismos idiomáticos, que também podem ser chamados de fraseas, unidades fraseológicas ou de combinações lexicais.⁶² O fraseologismo ou unidade fraseológica é definida por Burger (1998, p.17)⁶³ como uma “unidade mentalmente armazenada, à semelhança de uma palavra”. É comum para falantes nativos que ouvem determinada expressão desde a infância enunciadas

como, por ejemplo, los modos adverbiales” (CASARES, 1969 [1950], p. 168).

⁶¹ Conjunto de voces vinculadas de um modo estable y con un sentido unitário” (CASARES, 1969, p. 168).

⁶² Ainda com relação às diversas denominações que recebem as unidades fraseológicas ou fraseologismos, há uma série de termos elencados por diferentes autores que podem ser encontrados na tese de ORTÍZ ÁLVAREZ (2000, p. 108).

⁶³ Tradução do alemão para o português em Welker (2004, p. 163).

da mesma maneira por falantes da família e que vão se acumulando ao longo de sua vida. Existem fraseologismos em todas as línguas, mas a nomeação da realidade muda com base na visão de mundo de cada cultura e requer estudos específicos para o seu entendimento. No caso dos fraseologismos zoonímicos (as unidades fraseológicas com zoônimos) detecta-se a mesma especificidade nos idiomatismos uma vez que expressões do tipo *pensar na morte da bezerra* (*to be up in the clouds; to be woolgathering*), *vai dar bode* (*be hell to pay*) não dão pistas de seu significado que tem que ser, portanto, apreendido por meio do ensino ou da consulta a um dicionário fraseológico.

3.2 Fraseologia - Origem de seus Estudos, Definição e Delimitação das UFs

Welker (2004, p.162) explica que os primeiros estudos de Fraseologia surgiram em território russo, no século XX, por volta dos anos 40, de parte de Vinogradov e Isašenko⁶⁴. Fora do território russo, a Fraseologia começou a constituir-se como ciência por volta dos anos 70 e 80 deste mesmo século. O grande precursor dos estudos fraseológicos (cf. ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000; WELKER, 2004) foi Bally ([1909] 1961), que criou um arcabouço conceitual para o estudo de fenômenos fraseológicos. A partir dele, a primeira monografia sobre o assunto, segundo Welker (2004) parece ser de Makkai (1971), que redigiu uma tese de doutorado que aponta para as expressões idiomáticas. Outro trabalho mencionado por Welker que percorre os estudos dos fraseologismos é o de Rothkegel (1973), que oferece uma proposta de análise automática ou computacional de unidades fraseológicas. O estudioso alemão Burger (1973) intensificou a pesquisa fraseológica e publicou trabalhos acerca de expressões idiomáticas. Uma contribuição também de grande relevância é a de Zuluaga (1980). Este autor faz um apanhado sobre a pesquisa fraseológica referente de 1880 (Paul) a 1973 (Burger). Na atualidade, os estudos relativos aos fenômenos fraseológicos estão em plena expansão e o interesse por delimitar e conhecer as unidades fraseológicas é visível.

Há que sublinhar que na atualidade, o termo Fraseologia, como já foi dito por meio das palavras de Zuluaga (1980), tem dois sentidos, que podem ser demonstrados na figura a seguir, em uma definição de

⁶⁴ Na bibliografia de Ortiz Álvarez (2000) podem-se encontrar várias noções acerca dos estudos fraseológicos, frutos dos diversos trabalhos dos pesquisadores russos.

Welker (2004, p. 162):

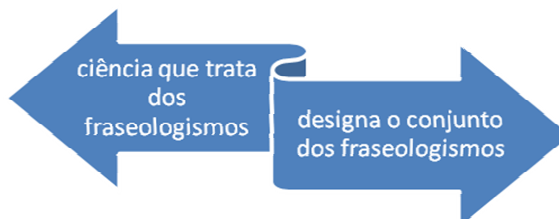


Figura 1. Os dois sentidos da fraseologia

Como se pode observar, a Fraseologia pode ser considerada por um lado, como campo do saber que trata dos fraseologismos e, por outro lado, como o próprio conjunto dos fraseologismos. No quadro a seguir visualizam-se algumas definições de Fraseologia propostas por pesquisadores que vêm contribuindo para o desenvolvimento de estudos da área.

Quadro 3: Algumas definições de fraseologia (Cf. ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000) (grifos nossos)

AUTOR/ANO	FRASEOLOGIA
SAUSSURE (1916) ⁶⁵	<i>Agrupamentos são constituídos por relações sintagmáticas e paradigmáticas de unidades pertencentes à língua e fornecidas pela tradição.</i>
BALLY ([1909]1961)	<i>Na fraseologia a assimilação dos fatos da língua ocorre, principalmente, pelas associações e agrupamentos, os quais podem ser passageiros, mas podem também pela repetição, passar a ter um caráter usual e formar unidades indissolúveis.</i>
POLIVÁNOV (1931)	<i>Disciplina que ocupa em relação ao léxico, a mesma posição que a sintaxe</i>

⁶⁵ Bally e Sechehaye (dois de seus alunos) compilaram anotações dos cursos ministrados por Saussure e editaram o *Curso de Linguística Geral*, livro seminal da ciência linguística.

	<i>desempenha em relação à morfologia. Usa o termo idiomática para se referir à fraseologia.</i>
VINOGRADOV (1938)	<i>A estreita relação que existe entre a fraseologia (idiomática) e a lexicologia está condicionada não só pela cercania estrutural dos conceitos das palavras e idiomatismos, mas também pelo movimento constante das palavras aos idiomatismos e dos idiomatismos às palavras.</i>
REY (1986)	<i>Sistema de particularidades expressivas ligadas às condições sociais nas quais a língua é atualizada.[...]dois aspectos de uma mesma realidade: expressão e locução geralmente empregadas como dois sinônimos.</i>
FIALA (1988)	<i>A fraseologia, conjunto de formas complexas que pertence a diversas categorias sintáticas figuradas ou não, mas é constituída de combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais, fixações construídas em contextos restritivos;</i>
TRISTÁ (1988)	<i>Fraseologismos são combinações de palavras que, devido a seu constante uso, perdem sua independência e adquirem um sentido global.</i>

Nas definições apresentadas pode-se verificar a ocorrência de palavras como *agrupamentos, associações, idiomática, cercania, idiomatismos, expressão, locução, combinações*, entre outras, que assinalam traços significativos presentes na fraseologia e que normalmente caracterizam as combinações tão peculiares desse fenômeno linguístico. As definições auxiliam no estudo dos fraseologismos cujas composições são objeto de investigação da área e, muitas vezes, de discordâncias teóricas. Um aspecto que abriga divergências é o relativo a que categorias (expressões idiomáticas, colocações) devem ser incluídas na Fraseologia.

Hundt (1994, p. 213 *apud* WELKER, 2004, p.167) critica os critérios de escolha da Fraseologia: “fraseolexemas e provérbios são registrados com combinações fixas não idiomáticas, com locuções pragmáticas idiomáticas ou não idiomáticas, com combinações fixas de outras línguas e com o léxico de línguas de especialidade”. É verdade que estudos fraseológicos mais aprofundados são recentes e discutem essa divergência de critérios na classificação desses fenômenos linguísticos. Observa-se em dicionários gerais, como o de Houaiss, por exemplo, que os fenômenos fraseológicos (expressões idiomáticas, colocações, provérbios) são colocados indistintamente sob a etiqueta de Fraseologia. Para Welker (2004), isto deve-se ao fato de o lexicógrafo sujeitar-se aos interesses editoriais, com delimitação de espaço no dicionário e isso costuma forçar a publicar os diferentes fenômenos linguísticos sob o mesmo rótulo.

Para o propósito deste estudo, alinha-se com as classificações para as unidades fraseológicas dos seguintes autores: Hausmann (1984, p.399), Xatara (1998, p.151), Burger (1998, p.15) que incluem nas combinações lexicais, além das expressões idiomáticas, as colocações⁶⁶, os provérbios, as máximas, os aforismos e as frases feitas bem como poemas e orações nas unidades fraseológicas.

Nos estudos fraseológicos atuais, a expressão unidade fraseológica - objeto de estudo da Fraseologia – vem ganhando adeptos entre os estudiosos da área. Segundo Corpas Pastor (1996, p.18), para reconhecer as unidades fraseológicas há que se atentar para as seguintes características:

a) Trata-se de expressão formada por várias palavras⁶⁷ - as UFs são formadas por, no mínimo, duas palavras gráficas;

b) Caracteriza-se por estar institucionalizada – ou seja, cristalizou-se com o tempo e é conhecida e utilizada por falantes da língua em questão;

c) Caracteriza-se por ser estável em variados graus. (ver seção 3.3)

d) Caracteriza-se por apresentar particularidades sintáticas (elas

⁶⁶ As colocações mais típicas são “produtos semicristalizados que o falante não monta de forma criativa, mas encontra na sua memória como um todo e que o ouvinte percebe como algo conhecido” (HAUSMANN, 1984, p.399) cf. citado em Welker (2004)

⁶⁷ Segundo Corpas Pastor (1996, p. 19) concordam com as características citadas: Casares, 1992 [1950]; Matešić, 1983; 1989; 1991; Braasch, 1988; Gates, 1988; Hernández, 1989; Jackson, 1989 [1988].

não podem ser passadas para a voz passiva, por exemplo) ou semânticas (a palavra chave presente na composição da UF resiste a mudanças);

e) Caracteriza-se pela possibilidade de variação de alguns de seus elementos integradores, seja com variantes já lexicalizadas na língua ou modificações ocasionais em contexto, como a UFz *estar com minhocas na cabeça* | *me deixar* | *me deixa com minhocas na cabeça* | (não) por minhocas na (minha) cabeça (*have rocks in one's (your) head*). Uma particularidade das unidades fraseológicas é que não constituem enunciados completos e, geralmente, funcionam como elementos da oração.

De acordo com Welker (2004, p. 164-166) as UFz podem ser classificadas em: (1) idiomáticas⁶⁸, que podem ser ilustradas pelas UFz *estar em palpos de aranha* (*to have (hold) a wolf by the ears*) ou *estar com minhocas na cabeça* (*have rocks in (one's) your head*); (2) não idiomáticas, como por exemplo, *como sardinha em lata* (*packed like sardines*); (3) as que têm diversos graus de idiomaticidade (ver 3.3); e (4) as UFz parcialmente idiomáticas (ou semi idiomáticas), em que um componente mantém seu significado literal, como em *agarrado* como carrapato (*hanger-on*).

Nos estudos dos fraseologismos (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000; WELKER, 2004, entre outros estudiosos da área) tem se tentado compreender os limites da idiomaticidade, assim como estabelecer critérios de fixidez, no entanto, “não há limites precisos entre fraseologismos idiomáticos e não idiomáticos” e os fraseólogos concordam que o critério de fixidez é relativo (WELKER, 2004, p. 165-166). Neste sentido, ainda que os critérios de delimitação e classificação das UFz sejam heterogêneos pode-se concordar com Ortiz Álvarez (2000, p. 90) que “as UFz são sintagmas indivisíveis semanticamente e compostos por duas ou mais palavras e dependendo de sua estrutura gramatical e de sua função podem até constituir ou abranger orações”. Nos estudos das UFz observam-se essas mesmas características apontadas por Welker e Ortiz Álvarez e é possível encontrar UFz delimitadas apenas por dois lexemas, como *dar zebra* (*the dark horse has won*), *galinha morta* (*to be dead easy*), bem como UFz formadas por mais de dois lexemas, como em *puxar a brasa pra sua sardinha* (*to feather one's nest*), *estar com a pulga atrás da orelha* (*to have a flea in one's ear*). Encontram-se também nas UFz algumas variações em um ou

⁶⁸ Fraseologismos idiomáticos (tb. chamados de idiomatismos ou fraseolexemas, termo empregado por Pilz 1978, p.42, Fleischer et al. 1983, p.318, Hundt, 1994, p. 15).

outro de seus componentes, o que nos faz afirmar com Welker (op.cit.) que o critério de fixidez das UFz é relativo e requer o aprofundamento das reflexões a esse respeito.

O objeto de estudo desta tese são as UFz, no entanto, apresentam-se a seguir, conceituações gerais da área em torno de alguns dos fenômenos linguísticos relacionados à Fraseologia, registrando-se que, nesta tese, o foco de atenção recai sobre as expressões idiomáticas. Os fenômenos linguísticos a seguir recebem apenas algumas definições gerais e as expressões idiomáticas (uma das categorias das unidades fraseológicas), são tratadas mais amplamente nos tópicos à frente (v. 3.3.1).

3.2.1 Colocações

As colocações são palavras que comumente aparecem juntas. Firth foi o primeiro a usar o termo “colocação” para explicar este fenômeno em um artigo em que dizia que “as palavras serão conhecidas pelas companhias que elas têm” (MACKIN, 1978, p. 149). Lewis (2000, p.132) afirma que “*colocação* é o modo em que as palavras coocorrem em texto natural de modo estatisticamente significantes”⁶⁹. Em análises textuais com base na Linguística de *corpus* pode-se comprovar a alta frequência com que certas palavras ‘andam juntas’, daí a caracterizarem uma categoria separada. Segundo Tagnin (2005), algumas palavras são agrupadas a outras sem que haja uma razão plausível para isso e passam a ser usadas em conjunto com outras. As colocações são “casos de coocorrência léxico-sintática”, ou seja, palavras que usualmente “andam juntas” (TAGNIN, 2005, p. 37).

Com relação a categorizar as colocações como parte dos fraseologismos⁷⁰, Ortíz Álvarez explica que “as tendências mais recentes nas pesquisas de ordem fraseológica situam as colocações

⁶⁹ “Collocation is the way in which words co-occur in natural text in statistically significant ways”. (LEWIS, 2000, p. 132).

⁷⁰ A favor dessa posição se manifestaram autores como Béjoint & Reid no I Colóquio sobre Fraseologia e Terminologia, na área de Tradução e Interpretação, celebrado em Genebra em outubro de 1991. No I Simpósio Internacional de Lexicografia realizado em Leeds em abril de 1994, nove de quatorze trabalhos apresentados (8. Altenberg, I. Mel'chuk, S. Granger, Fontenelle, F. Knowles, P. Howarth, L. Minaeva, AP. Cowie e V. Telia et. al.) versaram sobre distintos aspectos das colocações, também como da sua relação com o resto das unidades pertencentes ao âmbito da fraseologia.

dentro da esfera da fraseologia” (2000, p. 106). Elas compartilham características comuns como estabilidade, variação ou frequência em diversos graus, especialização semântica, institucionalização, com outros tipos de unidades fraseológicas e como se sabe as colocações apresentam alta frequência de coocorrência dos elementos que as integram⁷¹.

Neste estudo, encontram-se alguns exemplos de colocações em meio as UFz. Embora nesta pesquisa não se priorizem as colocações, toma-se o exemplo de UFz *gatos pingados* proposto por Tagnin (2005, p.38), que ela diz ser, ao mesmo tempo, UFz e colocação⁷², pois preenche o requisito da coocorrência lexical e também o de expressão idiomática, pois apresenta opacidade semântica.

3.2.2 Binômios

Os binômios podem ser considerados um tipo especial de colocação pela ‘força de repetição’. Os binômios são formados geralmente por duas palavras que pertencem à mesma categoria gramatical, ligadas por conjunção ou preposição (TAGNIN, 2005, p. 50). Nas UFz pode-se exemplificar binômios como em *leão de chácara* (*bouncer*) e *pau de arara* (*backwoodsman*). A primeira, formada por dois substantivos, expressa significado diferente de leão da chácara; a segunda, também formada por dois substantivos, tem significado diferente de pau da arara. Com Tagnin (2005, p.38), acredita-se que esses exemplos sinalizem tanto para binômios⁷³, pois preenchem o requisito da coocorrência lexical e da mesma categoria gramatical (dois substantivos ligados por conjunção ou preposição), quanto para expressão idiomática, pois que carregam a idiomaticidade em seu

⁷¹ Neste pormenor, compartilha-se opinião diferente, com respeito a serem as colocações unidades fraseológicas, conforme Durão (2012), orientadora desta tese que está conduzindo o projeto de pesquisa aprovado pelo CNPQ intitulado “BanCo: Banco de colocações léxicas. Unidades semifraseológicas da variante brasileira do português e seus equivalentes de tradução para a variante peninsular do espanhol, no qual, como o próprio título já evidencia, defende o pressuposto de que estão entre suas combinações livres e combinações fixas, daí a serem consideradas como unidades semifraseológicas e não como fraseológicas.

⁷² Pode-se encontrar um estudo sobre os tipos de colocações em Tagnin (2005, p.35-45) e em Lewis (2000, p. 132-142).

⁷³ Pode-se encontrar um estudo mais minucioso sobre os tipos de colocações em Tagnin (2005, p.35-45) e em Lewis (2000, p. 132-142).

sentido.

3.2.3 Expressões convencionais

Tagnin (2005, p. 61) explica que as expressões convencionais são unidades estendidas de significado e não expressões idiomáticas, já que seu significado é transparente, como por exemplo, as expressões: *estar aberto à discussão*, *estar de folga*, *próprio para o consumo*.

3.2.4 Marcadores conversacionais

Para Tagnin (2005, p. 70) os marcadores conversacionais acontecem no nível pragmático, no nível de uso das interações sociais ou das convenções. Há momentos que “exigem determinado comportamento” e, muitas vezes, esse comportamento deve ser verbal, ou seja, é necessário que algo seja dito. Neste tipo de situação, devem-se usar os marcadores conversacionais, que são comentários cristalizados do tipo *Como vai?* ou *Oi, Tudo bem?*

3.2.5 Frases feitas

Tagnin (2005, p. 79) explica que as frases feitas fogem das fórmulas situacionais por não serem obrigatórias e por não causarem ruptura dos padrões comportamentais. São estruturas do tipo *Falando do diabo...*, que enfatizam ou dão colorido à participação de alguém no diálogo cotidiano. Para Silva (1998, p. 12), frases feitas são expressões pré-fabricadas, o discurso repetido, tipo de expressão fixa em que os elementos que a compõem não são substituídos ou recambiados pelas regras. Nas frases feitas, Silva inclui “expressões, giros, modismos, frases ou locuções” (p.12), combinações lexicais que podem ser confundidas em seus traços distintivos. Silva (op.cit) as classifica em dois níveis: o nível linguístico do texto, onde se incluem provérbios, ditados⁷⁴, refrões⁷⁵, adágios⁷⁶, máximas⁷⁷, aforismos⁷⁸, categorias

⁷⁴ O ditado é muito parecido com o provérbio; a diferença entre eles é que o provérbio tem seus elementos formadores tomados sempre em sentido metafórico e o ditado tem seus elementos formadores tomados em seu sentido denotativo, focado a setores de atividades e grupos específicos (SILVA, 1998, p. 14)

⁷⁵ O refrão caracteriza-se por ser popular, familiar, festivo, gracioso, mas não necessariamente metafórico e é comumente difícil de distinguir do provérbio,

lexicais que expressam sentido completo com complexidades diferentes, seja por meio de uma oração ou de uma unidade mais complexa; e o nível linguístico do sintagma em que se incluem as perífrases léxicas representadas pelas frases feitas, ou ainda expressões fixas inferiores à oração, expressões proverbiais, apotegma⁷⁹, que estão abaixo do nível da oração e combinam entre si com outros sintagmas ou outras palavras. Os significantes funcionam como unidades léxicas cujos elementos formadores possuem número e complexidade não demarcados.

3.2.6 Provérbios

São fórmulas fixas que admitem pouca ou quase nenhuma modificação, sintática ou lexical. Caracterizam-se geralmente “por transmitir um ensinamento moral” (TAGNIN, 2005, p. 80). Eles se apresentam como “culto, remoto no tempo e no espaço (logo não familiar), contencioso, grave, sério e necessariamente metafórico” (SILVA, 1998, p.13). Podem-se listar alguns provérbios conhecidos inseridos nas UFz. Alguns exemplos são: é melhor um pássaro na mão do que dois voando (*a bird in the hand is worth two in the bush*); *a cavalo dado não se olham os dentes* (*don't look a gift horse in the mouth*); *uma andorinha só não faz verão* (*one swallow doesn't make a summer*); *cão que ladra não morde* (*someone's bark is worse than his bite*).

É difícil explicar as origens dos provérbios, pois como afirma Ribeiro, “não é processo muito seguro fiar-se de histórias e anedotas que explicam os provérbios e ditados [...]”. O critério que parece seguro é aceitar a versão mais antiga” (RIBEIRO, 1960, p.179).

mais culto, mais sério e metafórico por natureza (SILVA, 1998, p. 14).

⁷⁶ O adágio é o termo mais genérico e de sentido mais amplo e equivale às noções de provérbio, ditado e refrão (SILVA, 1998, p. 15).

⁷⁷ A máxima obedece à gramática, distinguindo-se do provérbio, e não admite a construção em forma de frase nominal, tem ocorrência elevada de infinitivo e não costuma ter rima ou ritmo (SILVA, 1998, p. 15).

⁷⁸ Aforismo é uma sentença breve e doutrinal, que explica a essência das coisas em poucas palavras. Pertence ao discurso literário e poético (SILVA, 1998, p. 15).

⁷⁹ Apotegma ou apólogo proverbial é uma fórmula coletiva e tradicional que se aplica às diversas situações da vida e dizem respeito a pessoa ilustre (SILVA, 1998, p. 15).

3.3 Fraseologia – Convencionalidade, Idiomaticidade e Fixação

Para a investigação da Fraseologia é preciso considerar as características e traços marcantes das unidades fraseológicas, sua função e origem, bem como as regularidades encontradas e seus significados.

Os termos convencionalidade e idiomaticidade perdem complexidade quando pensados através do viés de Tagnin (1989, p. 11), que explica que convenções linguísticas são o modo como a comunidade formada por determinada língua ‘fala’. Pode-se chamar de convencionalidade o aspecto que caracteriza a “forma peculiar de expressão numa dada língua”. Essa autora explica que há expressões que são convencionais, por estarem ligadas a fatos sociais e outras em que a convencionalidade é sua forma. Tagnin (2005, p. 16) afirma que quando “a convenção passa para o nível de significado entra-se no campo da idiomaticidade”.

Tagnin fala que uma expressão é idiomática quando não se consegue decifrar seu sentido com base nas palavras que entram em sua composição, ou seja, quando seu significado não é ‘transparente’:

“toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática”. *Feliz Natal* é convencional, porém não idiomática, pois seu sentido é transparente, Já *mundos e fundos* (*Ele pode prometer mundos e fundos e não cumprir que nada vai acontecer a ele*) é convencional e idiomática, porque não se pode depreender seu significado a partir da soma dos significados individuais de seus elementos (TAGNIN, 2005, p. 16).

Vê-se diante da conceituação dada para expressão idiomática a mesma linha de pensamento utilizada muito tempo antes por Casares (1969[1950], p. 52).

Leal Riol (2011, p. 20) ressalta que algumas características recorrentes das unidades fraseológicas, como já dito anteriormente, são variabilidade, dificuldade para se determinar o pertencimento de certas combinações léxicas à fraseologia ou não, a fixação e o caráter idiomático de suas formações. Pela fixação, a fraseologia determina a complexidade ou estabilidade de um sintagma. Fixação e idiomaticidade podem funcionar como uma matriz que intervêm no processo de formação dos fraseologismos. Entende-se na esteira de Leal Riol (2011,

p. 20) que a fixação é, por um lado, propriedade necessária que pode levar à invariabilidade combinatória e sintática, bem como à impossibilidade de comutação, permutação ou de extração de componentes. A idiomaticidade, por outro lado, supõe um resultado para o complexo combinatório que é diferente do da soma de suas partes tomadas em separado. A idiomaticidade é uma propriedade semântica e a fixação uma propriedade sintática. Elas são consideradas por Leal Riol (2011) as características principais que definem as unidades fraseológicas como uma categoria prototípica da fraseologia. Leal Riol (2011, p. 21) ressalta que as características indispensáveis das expressões idiomáticas são a fixação, a impossibilidade de mudanças de elementos léxicos pela própria invariabilidade e a idiomaticidade, embora haja diferentes graus de idiomaticidade e também de fixação.

Leal Riol (2011, p.20) sugere que no estudo das unidades fraseológicas (i) examine-se as propriedades internas das mesmas, suas características fonéticas, morfemáticas, sintagmáticas e lexemáticas e seus componentes de formação; (ii) observe-se as UFz e seu desempenho no contexto de ocorrência, suas funções, o valor sintático e semântico e suas propriedades estilísticas; (iii) analise-se as relações que as UFz estabelecem com os outros sistemas da língua, especialmente o léxico e sintático.

“Toda expressão idiomática é fixa”, são palavras de Zuluaga (1980, p.124), que reforça que a idiomaticidade pressupõe fixação de componentes, o que resulta na estabilidade de sua forma. Quanto mais idiomática, mais recorrente o grau de fixação.

São diversos os nomes que se podem dar às unidades fraseológicas e às suas combinações muito variadas. Os linguistas podem chamá-las de locuções, fraseologismos, expressões idiomáticas, modismos, frases feitas, ditos, provérbios, etc. À medida que aumenta o interesse por seu estudo aumenta também o número de classificações e novas denominações.

Nesta pesquisa, como já se disse, priorizam-se as expressões idiomáticas que contenham pelo menos um lexema com o nome de um animal. As unidades fraseológicas com zoônimos são de uso frequente em nossa língua e na literatura em geral. Frequentemente, as UFz servem para caracterizar estados psíquicos dos seres humanos, estados muitas vezes copiados ou espelhados nas características encontradas no comportamento dos animais. No Brasil é possível encontrar estudos na área com os seguintes autores: Xatara (1998); Caramori (2000); Pastore (2009); Romão (2013), entre outros, ainda que com pares de línguas diferentes.

Um dos aspectos que se pode observar, sobre as UFz, com base em Wotjak (2000, p. 187), é que as expressões idiomáticas podem expressar valorização negativa (ou pejorativa), isto é, algo reprimível, incorreto ou indesejável no comportamento de alguém. Por exemplo, engano: *lágrimas de crocodilo (crocodile tears)*; preguiça: *ser uma lesma (be a sluggard)*; embriaguez: *estar bêbado como gambá (drunk as a skunk)*; cansaço: *ser burro de carga (be a drudge)*; fracasso: *dar com os burros n'água (go down the drain)*; rejeição: *ser cachorro sem dono (a stray dog)*, entre outros.

Podem-se encontrar também UFz que expressam valorização positiva do comportamento: inteligência: *ser cobra em (be a sacred cow)*; coragem: *pegar o boi pelos chifres (to take the bull by the horns)*; admiração: *ser pai/mãe coruja (be a proud father/ mother)*.

Podem-se encontrar, ainda, UFz que expressam valorização negativa: *ser uma anta (be an asshole)*, ou *ser cabeça de bagre (birdbrained)* ou ainda, *ser uma besta quadrada (be a stupid donkey)* - UFz que expressam valorização pejorativa: *ser um bagre ensaboadado (crooked as a barrel of fish hooks)*; *ser metido a besta (full of oneself)*; *conversa pra boi dormir (shaggy dog story)* – UFz que representam aspectos positivos de admiração, inteligência e tenacidade: *ser um águia (be a sharper)*, *ser o bicho em (be keen witted)*, *ser cobra em / ser fera em (be a sacred cow)*, *ser uma leoa (like a lioness)*, *ser um rato de biblioteca (be a bookworm)*.

Leal Riol (2011) afirma que estados de ânimo ou mesmo deficiências de caráter ou, ainda, aspectos psicológicos ou físicos da individualidade podem ser expressos por meio de expressões idiomáticas típicas, marcadas culturalmente. As unidades fraseológicas com zoônimos a seguir, exemplificam, à guisa de ilustração, as características citadas e seguem uma classificação inspirada na divisão em funções comunicativas feita por Leal Riol (2011, p.65ss). Esta classificação não é exaustiva, porém demonstra como as UFz podem desempenhar diversas funções comunicativas importantes na vida diária.

Quadro 4: Algumas funções comunicativas desempenhadas pelas UFz.

UNIDADE FRASEOLÓGICA COM ZOÔNIMO	FUNÇÃO COMUNICATIVA Referir a:
Levar uma vida de cachorro (<i>to lead a dog's life</i>), Chorar como bezerro desmamado (<i>cry loudly like a child</i>)	Abandono
Ser bicho do mato (<i>be a loner</i>)	Acanhamento, insignificância
Ser um águia (<i>be a sharper</i>), ser o bicho em (<i>be keen witted</i>), ser cobra em, ser fera em (<i>be a sacred cow</i>), ser um rato de biblioteca (<i>be a bookworm</i>) ser uma abelha-mestra/rainha (<i>be a queen bee</i>)	Inteligência, tenacidade
Ser um dinossauro (<i>be a dinosaur</i>)	Arcaísmo, tradição
Viver com gato e cachorro (<i>live like cat and dog</i>), fazer de gato sapato (<i>treat somebody like a doormat</i>)	Discussão
Ser que nem formiga (<i>to have a sweet tooth</i>)	Necessidades físicas (Amante de doce)
Ser burro de carga (<i>be a drudge</i>)	Cansaço
Dar grilo (<i>have a hiccup</i>), vai dar bode (<i>be hell to pay</i>)	Confusão
Pagar um mico (<i>to make a blooper</i>)	Constrangimento
Bicho grilo (<i>flower child</i>)	Contracultura
Bode expiatório (scapegoat), ser boi de piranha (be a <i>whipping-boy</i>)	Incriminação
Cair do cavalo (<i>to fall flat on one's face</i>), tirar o cavalo da chuva (<i>you can say goodbye to that</i>), dar com os burros n'água (<i>to go down the drain</i>)	Desapontamento
Levantar a lebre (<i>to bring something up</i>), dar nome aos bois (<i>to call a spade a spade</i>)	Revelação
Estar no mato sem cachorro (<i>to be up the creek without a paddle</i>)	Aflição
Feito barata tonta (<i>like a chicken with his head cut off</i>)	Desorientação
Matar a cobra e mostrar o pau (<i>show someone what one is made of</i>)	Coragem
Ser bicho-de-sete-cabeças (<i>to make a mountain out of a molehill</i>)	Dificuldade
Pensar na morte da bezerra (<i>to be woolgathering</i>)	Desatenção
Bêbado como gambá (<i>drunk as a skunk</i>)	Embriaguez
Ser um bagre ensaboado (<i>crookeder than a barrel of fish hooks</i>)	Dissimulação
Ficar besta (<i>to have a bird</i>)	Espanto
Ser um cavalo (be a <i>pig</i>)	Estupidez
Ver que bicho vai dar (<i>see how the land lies</i>)	Expectativa

Ser amigo da onça (<i>fair-weather friend</i>)	Falsidade
Ser um garanhão (<i>be a lady-killer</i>), ser um(a) galinha (be a <i>womanizer</i>)	Falta de freio moral
Ter estômago de avestruz (<i>to have a cast-iron stomach</i>), comer como um boi (<i>to eat like a horse</i>)	Gluttonaria
Ser um elefante branco (<i>be a white elephant</i>)	Inconveniência
Pra burro (<i>work like a donkey</i>)	Intensidade
Virar bicho (<i>to blow your top</i>), estar com a cachorra (<i>be with a crusty old man</i>), dizer cobras e lagartos (to tell where to get off)	Ira, raiva
Manso como um cordeiro (<i>as meek as a lamb</i>)	Serenidade
Estar com a macaca (<i>to be in a foul mood</i>)	Mau humor
Bicho papão (<i>bugaboo</i>)	Medo
Ser uma baleia (<i>to look like a beached whale</i>)	Obesidade
Colocar o carro na frente dos bois (<i>to put the cart before the oxen</i>)	Precipitação
Cozinhar o galo (<i>to drag one's feet</i>)	Preguiça
Dar com os burros n'água (<i>to go down the drain</i>)	Fracasso
Ser uma cascavel; ser uma cobra (<i>a snake in the grass</i>)	Traição
Cobra criada (<i>to be more cunning than snakes</i>) matar a cobra e Mostrar o pau (<i>show someone what one is made of</i>), cantar de galo (<i>rule the roost</i>)	Vanglória

A “força evocadora das unidades fraseológicas com zoônimos, sua expressividade e sua carga conotativa, valorativa e emocional são capazes de atrair e manter viva a atenção do receptor para participar ativamente no discurso” (LEAL RIOL, 2011, p. 22) e mantê-lo no diálogo.

As UFz de que trata esta investigação são fixas e poliléxicas. São poliléxicas por terem mais de “um elemento constituinte” (BOCORNÝ, 2008, p. 96). São, igualmente, elementos do discurso repetido de que fala Leal Riol (2011, p.22) em seu estudo comparativo entre a fraseologia espanhola e a anglófona. Algumas UFz investigadas por esta pesquisadora são invariáveis como (ser) *pau de arara* (backwoodsman); (ser) *bagre ensaboado* (*crookeder than a barrel of fish hooks*); *chorar como bezerro desmamado* (*cry loudly like a child*); outras podem apresentar certo grau de variação em seus componentes, tais como estar/ficar/deixar com a pulga atrás da orelha (*to have a flea in one's ear*); colocar o carro/ a carroça/ a carruagem na frente dos bois (*to put the cart before the oxen*).

As UFz são usuais e criam um efeito expressivo seja no texto ou nos diálogos, nas conversas comuns. Pode-se dizer com Corpas Pastor

(1998, p. 157) que as UFs são “o paradigma da repetição, da fixação, da institucionalização e da criatividade linguística”. Nelas, se materializa a observação do mundo e dos seres vivos em todas as suas nuances. As UFs podem expressar os fenômenos naturais do comportamento humano, a dor, a alegria, a surpresa, o enfado, o desânimo e tantos outros estados do viver diário, tornando-se elas parte da conceitualização da realidade cotidiana.

3.3.1 Fraseologia e expressões idiomáticas

Nesta pesquisa, como já foi sinalizado, priorizam-se as expressões idiomáticas que contenham pelo menos um lexema com o nome de um animal. As expressões idiomáticas permeiam o linguajar diário podendo ser encontradas em conversas, em noticiários de rádio e televisão, em discursos políticos, em jornais e revistas, em letras de músicas e filmes, na literatura.

As expressões idiomáticas são uma parte importante da comunicação informal e auxiliam o falante a expressar um conteúdo com um colorido e vivacidade que ele nem sempre encontra nas frases convencionais. O falante ou o escritor usa as expressões idiomáticas para “acrescentar à mensagem algo que a linguagem convencional não poderia suprir” (SCHAMBIL; SCHAMBIL, 2002, p.2). A expressão idiomática enriquece o que é dito, dando-lhe a ‘força ou sutileza’ ou mesmo a intensidade dos sentimentos, podendo reforçar a opinião de alguém acerca do “tamanho, da velocidade, da beleza ou de outras características de um objeto, ação ou evento” (op.cit.) sem contar que ela pode ainda atenuar uma declaração austera com humor. O falante demonstra seu grau de domínio da língua pelo uso que faz das expressões idiomáticas (SCHAMBIL; SCHAMBIL, 2002, p.2.). As diversas conceituações a seguir podem esclarecer a natureza das EIs.

Tagnin (1989, p.13)⁸⁰ define a EI como aquela que cujo “significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos”. Para que se entenda o sentido de *idiomático* na unidade fraseológica ‘expressões idiomáticas’ o termo deve significar ‘não transparente’ ou ‘opaco’.

Xatara (1998, p. 2), explica que uma EI é “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. É lexia complexa por ter a forma de unidade locucional ou frasal e indecomponível, por ter distribuição única ou restrita, conotativa

⁸⁰ TAGNIN, S. *Expressões idiomáticas e convencionais* (1989).

pela interpretação semântica como um todo que não considera os significados individuais e, finalmente, cristalizada por ter significação e frequência de emprego estáveis.

Em alguns casos, a representação metafórica permanece, mas perde a sua atualidade porque os fatos reais, os fenômenos que refletem perderam a sua importância (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000).

Uma expressão idiomática é “relativamente fixa e permite pouca ou nenhuma mudança” (LEWIS, 2000, p. 50)⁸¹. É frequentemente metafórica, tal como as UFz *soltar os cachorros* (*to tell somebody where to get off*), *conversa pra boi dormir* (*shaggy dog story*), *tempo das vacas magras* (*during lean times*), ainda que nem todas as expressões idiomáticas são pictóricas como os exemplos dados. Algumas delas, como *fazer-se de besta* (*to play the fool*), ou *meter-se a besta* (*put on airs with me*), envolvem sentidos que para aprendizes de uma língua estrangeira podem não ser claros.

Na apresentação do dicionário de Expressões Idiomáticas da língua Inglesa, os autores Schambil e Schambil (2002, p.2) afirmam que as EIs pertencem à comunicação informal, tanto escrita como falada, e que são muito usadas no discurso e na correspondência formal.

As expressões idiomáticas permeiam o universo falado em todas as camadas sociais prestando um serviço harmonioso às relações humanas no que diz respeito ao entendimento mútuo.

Um dos motivos que justificam o estudo, a compilação e a dicionarização das expressões idiomáticas é o fato de que seu desconhecimento pode dificultar a compreensão, principalmente do estudante de línguas, caso não venham a ser conhecidas em seu significado correto.

3.3.1.1 A tradução das expressões idiomáticas

A questão da tradução das expressões idiomáticas não é simples. As expressões idiomáticas estão presentes em todas as línguas, fazem parte de seu caudal cultural. Ainda que seja possível encontrar correspondências nas imagens que as UFz veiculam nem sempre os sentidos de UFz são equivalentes em duas línguas.

Uma das dificuldades de tradução das expressões idiomáticas reside no fato de que elas “representam expressões linguísticas culturalmente construídas, [...] típicas de uma determinada cultura e

⁸¹ “An idiom is an expression which is relatively fixed and allows little or no change” (LEWIS, 2000, p. 50).

próprias a uma determinada língua, consideradas por muitos, intraduzíveis” (XATARA, 2008, p.65). Constata-se essa dificuldade nesta pesquisa no que se refere a equivalências diferentes (v. 5.2.6.1) que são dadas para as UFz. Encontrar boas soluções nos dicionários pesquisados não tem sido tarefa fácil. De qualquer modo, o dicionário precisa ser visto em uma dimensão adequada, pois é material passível de inadequações como afirmam Xatara, Riva e Rios (2002, p. 183):

Um dicionário, qualquer que seja, não deve ser considerado o árbitro de uma língua, aquele que estabelece qual a resposta exata para uma dúvida ou qual a significação correta para uma determinada palavra. Um dicionário nunca vai exaurir o tema com o qual se propôs trabalhar, pois, além de a língua estar em movimento constante (surtem novas palavras, outras caem em desuso), os significados não são estáveis nem fixos. Por outro lado, convém esclarecer que o uso de uma expressão idiomática pelo falante de uma língua é muito comum e é impossível se definir ao certo se a equivalente em língua estrangeira é idêntica à usada em nossa língua, tanto no que se refere ao significado, quanto à precisão da frequência e do nível de linguagem. Paradoxalmente, entretanto, é possível se estabelecer uma correspondência idiomática interlínguas e dicionarizá-la.

Embora se saiba das inadequações que um dicionário pode apresentar, ele ainda é o material que oferece possíveis soluções para as dúvidas no percurso da tradução ou da aprendizagem de uma LE.

Ayto, lexicógrafo do dicionário Oxford⁸², diz que a EI é “uma frase que se comporta como uma palavra [...] tem-se que interpretar a frase como um todo, quase como se fosse uma única palavra no sentido exato da mesma”⁸³ (AYTO, 2010, p. vii). O entendimento das EIs não é uma questão de ‘tudo-ou-nada’, uma vez que na compreensão das EIs não há como saber que *dar nome aos bois* (*to call a spade a spade*) é “citar o nome dos verdadeiros culpados, responsabilizando-os pelos atos cometidos” (ver 5.3 (40)). E ao mesmo tempo, outras expressões podem

⁸² *Oxford Dictionary of English Idioms*, 3ed. (2010)

⁸³ “a phrase that behaves like a word, [...] we have to interpret the phrase as a whole, almost as if it was a single word in its own right” (AYTO, 2010, p. vii).

se dar a conhecer com menos trabalho, como a UFz *ser uma baleia* (*look like a beached whale*) ou mesmo, *cabeça de bagre* (*birdbrained*). Ayto (2010, p. vii) afirma que “algumas frases contêm elementos que são mais metafóricos do que o resto da frase. Pode-se exemplificar a condição descrita por Ayto (op.cit) com os exemplos *a vaca foi pra o brejo* ou *engolir sapo*. Na primeira UFz, o segmento *a vaca foi* não parece oferecer grande dificuldade para o entendimento, mas a parte seguinte, *pra o brejo* é metafórica e abriga a idiomatidade da expressão toda. No segundo exemplo, *engolir sapo*, a primeira parte, a que é marcada pelo verbo, não impõe dificuldade para o usuário, mas a parte metafórica fica com o componente *sapo* que acaba por definir o sentido idiomático da expressão que não pode ser inferido, mas precisa ser ensinado por meio de instrução explícita ou do dicionário. Com os exemplos citados, reforça-se a ideia de que a ‘opacidade semântica’ é uma característica chave da expressão idiomática bem como certa invariabilidade, pois “os elementos (palavras) dos quais elas são feitas são mais ou menos fixadas e na maioria dos casos há pouco, senão nenhum espaço para mudá-las” (AYTO, 2010, p. vii).⁸⁴ A invariabilidade faz com que as EIs operem em dois níveis, o gramatical e o semântico. Elas têm a tendência de não ter alcance completo nas possibilidades gramaticais que uma expressão não idiomática teria, como, por exemplo, operar na voz passiva (*Ele engoliu sapo naquela festa*; mas não se pode afirmar *o sapo foi engolido por ele naquela festa*); o outro nível refere-se às palavras-chave encontradas nas EIs que resistem ser substituídas (*fazer de besta / fazer-se de besta/ meter-se a besta/metido a besta*). Nela, a palavra-chave *besta* se mantém enquanto que outras partes da EI podem sofrer pequenas alterações. Os aspectos mencionados ajudam a compreender que nas fraseologias alguns elementos ‘carregam’ maior conteúdo metafórico que outros, e que para a tradução das unidades fraseológicas há que se aplicar estratégias de tradução.

A estratégia de tradução de Ayto para o dicionário *Oxford Dictionary of English Idioms* é de dar a conhecer o significado da EI, mas em muitos casos ele também oferece uma nota explicativa sobre a origem ou evolução da EI ou, ainda, sobre seu uso atual (AYTO, 2010, p. vii).

Além de tentar explicitar o significado de uma EI por meio de

⁸⁴ “the elements (words) of which they are made up are more or less firmly fixed and in most cases there is little or no leeway for changing them” (AYTO, 2010, p. vii).

estratégias de tradução, outro aspecto que se coloca como trabalhoso é a delimitação da EI, da unidade fraseológica como um todo. Veja-se, por exemplo, o que diz Grande, no prefácio do Dicionário de Serpa (1980, p. 5)⁸⁵:

Na elaboração do novo Dicionário, o Autor enfrentou os árduos problemas de saber quando é que uma expressão é idiomática e de aproveitar ou não as locuções não idiomáticas. Sabiamente decidiu coletar, além das expressões idiomáticas propriamente ditas, as várias peculiaridades da comunicação linguística dos dois idiomas (Português-Inglês) [...] coligidas na linguagem do dia-a-dia e até mesmo na linguagem das novelas de televisão, excluídas certas expressões de gíria, quase sempre efêmeras.

Apesar da observação com relação ao desvalor das gírias para a relevância do dicionário, a dificuldade da tradução enfatizada pelo prefaciador é percebida por todos (alunos de línguas, tradutores, professores, lexicógrafos) envolvidos no estudo e tradução das EIs.

Ao falar das EIs na apresentação do dicionário Michaelis de Expressões Idiomáticas, Nash (2008, p. vii) explica a natureza dessas fraseologias e afirma que as EIs “são parte do discurso cotidiano e tendem a dar um tom mais divertido e informal à nossa fala” (2008, p. vii). Ele oferece alguns exemplos do dicionário em questão e explica que:

EIs podem ser formadas de apenas uma palavra, como *chicken* (covarde), ou *fox* (mulher atraente) ou ainda *nut* (pessoa doida), ou de unidades lexicais maiores, como *have a cow* (ficar furioso) ou *drive someone up the wall* (perturbar ou deixar alguém louco). Muitas expressões idiomáticas constituídas de unidades lexicais maiores como *hit the roof* (ficar louco da vida), *paint the town red* (pintar o sete), *burn the midnight oil* (passar a noite em claro, estudando ou trabalhando) e *make ends meet* (bancar as despesas) geralmente não são encontradas em dicionários bilíngues.

⁸⁵ Dicionário de expressões idiomáticas - Inglês-Português/ Português-Inglês, de Oswaldo Serpa (1980, p. 5).

Pode-se afirmar a necessidade do estudo e tradução das EIs, principalmente daquelas que ficam à margem dos materiais de referência, como é o caso das UFz. As EIs que levam nomes de animais são muito frequentes, não só no discurso coloquial e informal, mas também no ambiente literário e televisivo. Esses fraseologismos zoonímicos são marcas culturais que compõem a identidade linguística brasileira e precisam ter seus repertórios traduzidos e dicionarizados.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentam-se a natureza da pesquisa, a descrição das fontes que deram origem ao *corpus* (dicionários e livros didáticos), os procedimentos de coleta e a análise do *corpus*.

4.1 Natureza da Pesquisa

A presente pesquisa é de natureza aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos e saberes para aplicação prática, com vistas à: 1. facultar a elaboração de um dicionário fraseológico; 2. investigar a presença de unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários monolíngues da língua portuguesa (Houaiss e UNESP)⁸⁶ e seus equivalentes de tradução em dicionários bilíngues português-inglês; 3. investigar, em livros didáticos, a presença ou não de unidades fraseológicas com zoônimos, tomando-se para isto as coleções de livros que fazem parte do PNLD para a língua estrangeira – inglês.

Esta pesquisa é aplicada por amostragem, uma vez que não se estudam todas as UFz encontradas nos dicionários. Quanto aos seus procedimentos, esta é uma investigação quali-quantitativa (Cf. ALVARENGA, 2008, p.40) com método exploratório e descritivo⁸⁷, pois parte do levantamento feito em 9 dicionários (cf. quadro demonstrativo abaixo), cujos verbetes com lemas de nomes de animais foram digitalizados e alinhados para subsequente análise descritiva-comparativa de suas equivalências.

⁸⁶ A escrita desses nomes não será uniforme, pois o Houaiss é sobrenome do autor, podendo aparecer ora em maiúsculo ora em caixa alta. Já o UNESP é uma sigla e terá sempre sua escrita em caixa alta.

⁸⁷ Este nivel de investigación (exploratoria) se realiza cuando se aborda un problema poco estudiado antes, o que no haya sido estudiado aún y no existe o existe muy poca literatura e información sobre el tema. [...] Su interés fundamental es *descubrir*. La investigación descriptiva busca describir los fenómenos en estudio. [...] Los datos recogidos pueden ser cualitativos o cuantitativos. [...] En los estudios cuantitativos, la investigación se realiza con poblaciones más o menos grandes y si es necesario se trabaja con muestra. [...] los resultados se presentan a través de datos estadísticos. En las investigaciones cualitativas, que son fundamentalmente descriptivas el estudio se realiza con número reducido de casos pero a profundidad [...]. Consiste fundamentalmente en caracterizar [...] sus rasgos más característicos [...] conocer la situación real de las variables (ALVARENGA, 2008).

Quadro 5: Demonstrativo de digitalização e alinhamento dos resultados dos dicionários pesquisados. Ex: *estar ou ficar uma arara*.

LÍNGUA PORTUGUESA						
ARARA						
HOUAISS			UNESP			
◊ estar ou ficar uma a. estar (ou ficar) muito irritado, muito zangado			uma a. furioso: O prefeito ficou uma arara com o resultado da reunião.			
LÍNGUA INGLESA						
LAROUSSE	OXFORD	LONGMAN	MICHAELIS	COLLINS	WEBSTER'S	LANDMARK
estar /ficar uma arara to be hopping mad.	-	-	ficar uma arara bras gir to get very angry.	estar /ficar uma arara (fig) to be/get angry	-	-

Os procedimentos metodológicos se baseiam, por um lado, no enfoque positivista da pesquisa quantitativa e por outro lado, no enfoque fenomenológico da pesquisa qualitativa. Com base em Alvarenga (2008, p. 12), relaciona-se a seguir algumas características dos dois enfoques:

Quadro 6: Características dos enfoques positivista e fenomenológico da pesquisa.

Enfoque positivista	Enfoque Fenomenológico
Estudo de fenômenos empíricos; Os dados são quantificáveis; Estudo sobre uma parte da realidade; O pesquisador se situa fora do fenômeno; Desenho de investigação pouco flexível; Objetivo: chegar ao conhecimento.	Estudo de fenômenos sociais; Dados não são mensuráveis, são qualitativos; Estudo holístico da realidade; O pesquisador se situa no contexto; Desenho de investigação flexível; Objetivo: compreender a situação.

Predominantemente qualitativo, fenomenológico, considera-se nesse enfoque uma relação dinâmica entre o mundo real (o uso das expressões idiomáticas) e a subjetividade da análise linguística presente na descrição das unidades fraseológicas. É também quantitativo, pois neste enfoque há questões a serem respondidas com base em dados estatísticos (as UFz estão contempladas nos dicionários bilíngues? Qual

a porcentagem de UFz nesses materiais de referência?) originados nas planilhas de levantamento das UFz nos dicionários. A utilização é, portanto, do método múltiplo, ou seja, qualitativo e quantitativo (*multiple method*),⁸⁸ conforme Mackey e Gass (2005, p. 164), que visa a demonstrar a veracidade dos resultados obtidos nas análises.

Os questionamentos acerca desses temas permeiam o universo não só do professor de línguas como também dos aprendizes e justificam uma pesquisa que possa dar respostas concretas aos mesmos.

As perguntas iniciais que motivaram esta investigação foram as seguintes:

1 Que UFz estão elencadas em dicionários monolíngues e bilíngues?

2 As equivalências fornecidas para algumas dessas UFz coincidem nos 7 dicionários bilíngues?

3 Os dicionários bilíngues registram as UFz tomadas como amostra?

4 As coleções de livros didáticos recomendadas pelo PNLD para o ensino da LE registram UFz nas seções de vocabulário?

5 Que dicionários bilíngues apresentam maior incidência/ausência das UFz da amostra?

4.2 A Coleta de Dados

A coleta de dados das UFz foi feita em dicionários monolíngues e bilíngues e em livros didáticos do PNLD. Todos os verbetes de dois dicionários monolíngues que continham nomes de animais foram digitalizados (v. amostra no apêndice 2). A seguir, procedeu-se à pesquisa das UFz nos verbetes e sua listagem. Na sequência, procedeu-se da mesma forma com relação aos dicionários bilíngues, digitalizando cada verbete que incluía nomes de animais. A partir da elaboração dessas listas, foi feito um alinhamento dos resultados presentes nos 7 dicionários bilíngues (v. apêndice 3) e a subsequente comparação de equivalências. A partir da coleta desses dados foi possível desenhar planilhas para começar a responder e testar as hipóteses elencadas. Com relação aos livros didáticos, procedeu-se à busca das UFz nas seções de ensino de vocabulário para subsequente digitalização dos resultados (v. amostra nos anexos 1 e 2).

⁸⁸ Visa a uma triangulação metodológica (MACKEY; GASS, 2005, p. 181).

4.3 Descrição das Fontes do *Corpus*

Como fontes do *corpus* utilizaram-se dicionários monolíngues, bilíngues e livros didáticos que seguem relacionados e descritos a seguir:

4.3.1 Relação dos dicionários pesquisados

Fez-se o levantamento das unidades léxicas relativas a nomes de animais (sem diferenciar quadrúpedes, bípedes, répteis, peixes, pássaros ou insetos) que constam nos dicionários monolíngues e bilíngues, digitalizando esses verbetes e transformando-os em arquivo editável.

Para o levantamento dos dados nos dicionários monolíngues escolheu-se o dicionário Houaiss e o dicionário UNESP. Justifica-se a escolha pelo Houaiss por ser um dos dicionários que juntamente com o DUP é considerado entre os melhores dicionários brasileiros (WELKER, 2006, p. 14). Welker argumenta sobre sua preferência pelo Houaiss por este ser “maior em número de verbetes e no volume de informações enciclopédicas”, constituindo-se, desse modo, como boa fonte para as UFz e a escolha pelo UNESP por ter seu “conjunto de entradas organizado pelo critério da ocorrência em um *corpus* de 90 milhões de itens lexicais de textos escritos no Brasil a partir de 1950”. Este fato faz destes dois dicionários uma fonte adequada para a localização de UFz. Segue abaixo a relação dos dicionários pesquisados e, após, apresenta-se o perfil desses materiais.

1. Dicionário UNESP de português contemporâneo (2004)
2. Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2007)
3. *Larousse* Avançado (2009)
4. *Oxford* Escolar (2009)
5. *Longman* Escolar (2009)
6. *Michaelis* Escolar (2010)
7. *Collins Prático* (2012)
8. *Mini-Webster's* (2011)
9. *Landmark* (2006)

4.3.1.1 Perfil dos dicionários de português

1. Dicionário UNESP (2004)

Na introdução deste dicionário são fornecidas informações acerca

de sua constituição. Os autores argumentam que o UNESP dirige-se especificamente para escolares não só do Nível Médio como dos primeiros anos do Ensino Superior.

O conjunto de entradas organiza-se pelo critério da ocorrência em um *corpus* de 90 milhões de itens lexicais de textos escritos no Brasil a partir de 1950. Os autores dizem que constituem entradas as formas livres simples [bola; zebra; fogueira] e lexias complexas [couve-flor; casa da sogra; zero à esquerda], porém observa-se nesta pesquisa que a categoria das lexias complexas apresenta restrições em sua composição, conforme análise na UFz *boi ladrão* que faz parte da unidade fraseológica maior *apanhar como boi ladrão*, ou ainda, *às baratas*, pertencente à UFz maior *entregue às baratas* (ver 5.2.1).

As lexias que formam sintagmas independentes sejam ou expressões iniciadas por preposição, artigo ou verbo [ex: de cabo a rabo; dar de ombros; o fino] ou frases feitas [duro com duro não faz bom muro], constituem subentradas que são lematizadas pelo primeiro item lexical.

Segundo seus autores, o UNESP apresenta 58.223 entradas; 110.895 acepções; 135.668 contextualizações; 6.187 destaques e 283 ilustrações, que segundo eles, cobrem praticamente todos os setores da vida social. Afirmam, ainda que contempla as regências nominal, verbal e adjetival, oferece sinônimos em cada verbete, informações sobre a história do léxico, sobre estrangeirismos e neologismos, bem como apêndices com siglas e expressões latinas e questões de ortografia.

Alguns pontos positivos deste dicionário é que apresenta lematizações de algumas unidades fraseológicas bem conhecidas tais como: *besta quadrada*, *virar bicho*, *bicho-de-sete-cabeças*, *cabra da peste*, etc.

2. Dicionário Houaiss (2007)

No prefácio do dicionário Houaiss, Villar (2007) explicitou que a elaboração do Houaiss fundamentou-se em três pressupostos: 1. levantamento de uma nominata abrangente, cujas entradas têm definições ancoradas em estudos de etimólogos; 2. levantamento e análise de elementos mórficos da língua como base no estabelecimento de grandes famílias lexicais; 3. esforço de datação das unidades léxicas reunidas. Segundo Villar (2007), neste dicionário trabalharam 34 redatores e 43 colaboradores externos, não raro interligados em tempo real pela rede do Banco de Dados do Instituto Antônio Houaiss. Contou, ainda, com a cooperação de especialistas de Portugal, São Tomé e

Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

Villar (2007) informou também que a obra tem de cerca de 228.500 unidades léxicas que não privilegiam faixas cronológicas ou geográficas da língua. Versa diacronicamente sobre fenômenos do português contemporâneo do Brasil e de Portugal, e nele figuram dialetismos brasileiros e portugueses, assim como o registro e definição de palavras e locuções dos crioulos orientais e africanos de origem portuguesa, e outros vocábulos de algumas línguas da África, incorporados ao léxico da língua portuguesa.

Percebe-se no Houaiss, alto nível de organização quanto à ordenação das entradas das UFz, que obedecem as orientações introdutórias em 100% das UFz analisadas. O Houaiss lematiza várias UFz, como por exemplo, *pau-de-arara*, *barata tonta*, *bicho-de-sete-cabeças*, *bicho do mato*, *bicho papão*,⁸⁹ *pé de boi*, *cabra da peste*, etc., e valoriza esses fraseologismos facultando-lhes um lugar destacado em sua nominata. Algumas UFz ficam subentendidas neste dicionário pelo acréscimo da marca *fig.* (sentido figurado) onde a unidade fraseológica não aparece por inteiro, quando em sua formação participa o verbo de ligação *ser* como por exemplo, a unidade léxica *águia*, ou *asno*:

Águia 3 fig. pessoa notável, que sobrepuja as demais pela excelência de seus dotes intelectuais, de seu talento ou de sua perspicácia;

Asno 2 Fig. indivíduo desprovido de inteligência; burro;

Outras UFz como por exemplo, *ser uma anta* tem o sentido figurado registrado, porém não levam a marca *fig.* apenas *infrm.* (informal), para a unidade léxica *anta*:

Anta s.2g. B infm. 3 indivíduo de inteligência limitada; burro, tolo;

Apesar disto, afirma-se que no Houaiss há uma grande variedade de expressões idiomáticas com nomes de animais dentre as que estão inventariadas nesta amostra. Entre aquelas que não constam nesse dicionário e que são pesquisadas no *corpus* estão: *Feder bacalhau*; *Bagre ensaboadado*; *Besta quadrada*; *Ficar besta*; *Que bicho te mordeu?* *Vai dar bode*; *Colocar o carro diante dos bois*; *Levar uma vida de cachorro*; *Cão sem dono*; *Agarrado como carrapato*; *Esperar a (chegada) da cegonha*; *Comprar gato por lebre*; *Levantar a lebre*; *Lobo em pele de cordeiro*; *Peixe fora d'água*; *Comer como um porco*; *Ser uma velha raposa*; *Como sardinha em lata*. Pelo menos duas das UFz

⁸⁹ O Houaiss lematiza a expressão *bicho-papão* e apresenta para a unidade léxica *bicho* 75 lemas e pelo menos 19 acepções.

que não aparecem no Houaiss figuram no UNESP. Algumas unidades léxicas que compõem essas UFz têm acepções cujos sentidos podem ser ligados às UFz. É o caso da unidade léxica *bode* que significa *confusão*, *briga*, ou ainda *cegonha* que tem o seguinte sentido “*segundo lenda popular é por meio dessas aves que os bebês chegam aos pais*” e que embora não registre a UFz *esperar a (chegada) da cegonha*, tem sua acepção relacionada com o sentido da UFz.

Outras UFz são formadas por extensão de sentido de suas unidades léxicas, como é o caso de *raposa*, *carrapato*, *porco* em que, metaforicamente, os sentidos podem ter motivado as respectivas UFz.

4.3.1.2 Perfil dos dicionários bilíngues

1. Larousse Avançado (2009)

Os autores do *Larousse* informam que têm o objetivo de ajudar os consulentes quanto às dificuldades de leitura do inglês contemporâneo, bem como para a redação de trabalhos escolares, objetivando ser um dicionário não só para a recepção, mas também, para a produção. No entanto, ao analisá-lo, constata-se que ele dedica 326 páginas para a direção português-inglês, direção essa que, teoricamente, destinaria mais páginas à produção, e 411 páginas para a direção inglês-português (recepção). Nesse quesito o Michaelis dedica maior número de páginas (429) ao português-inglês priorizando, dessa forma, a produção.

O prefácio informa que as 90.000 unidades léxicas e 120.000 traduções auxiliam ao usuário na compreensão de vários tipos de textos, não só o inglês britânico, como também o americano e que há exemplos de uso e contextualiza palavras e expressões. Com relação a esse aspecto, constata-se que o *Larousse* é o dicionário com a maior presença de UFz em relação aos demais dicionários analisados e apresenta em sua nomenclatura 55% das UFz pesquisadas, constituindo-se assim, o dicionário com maior número de unidades fraseológicas com zoônimos. (Ver quadro 18).

O *Larousse* pode ser considerado um dicionário escolar, tanto que dedica 20 páginas ao ensino gramatical com exemplos de uso e frases explicativas de artigos, adjetivos, verbos, sentenças condicionais, discurso direto e indireto, etc..

Este dicionário objetiva auxiliar os aprendizes que já superaram os níveis iniciais de aprendizagem da língua inglesa e necessitam de um dicionário para o cotidiano. Seu nível classificado como avançado se comprova nas categorias que vão além das equivalências e paráfrases de

unidades léxicas simples, à lematização de diversas unidades fraseológicas com zoônimos como, por exemplo, *bicho-de-sete-cabeças*, *bicho-do-mato*, *gato-sapato*, *gato-pingado*, etc. Uma UFz também que só figura no Larousse é a expressão *ser uma anta*.

2. Oxford Escolar (2009).

O dicionário *Oxford* apresenta um guia de uso na contracapa que explica como encontrar uma palavra ou expressão no dicionário, e nas páginas iniciais um teste que visa a auxiliar na aprendizagem do inglês. Também apresenta a explicação da pronúncia, e apresenta os símbolos fonéticos. Os editores informam que o Oxford dispõe de mais de 68.000 vocábulos, expressões e exemplos, bem como questões culturais. O dicionário oferece também 24 páginas temáticas (transportes, o corpo, mobília, lojas, animais,) coloridas em sua estrutura interna. Possui páginas de orientação sobre o uso de mensagens de texto, pesos e medidas, mapas e listas de verbos irregulares.

Comparado aos demais dicionários pesquisados ele apresenta cerca de 29% das UFz em sua nomenclatura e figura em 4º lugar na classificação das maiores presenças de UFz nesses materiais. Encontram-se 44 UFz das 152 pesquisadas. Entre elas figuram as seguintes UFz lematizadas, *bicho-de-sete-cabeças*, *bicho-do-mato*, *bicho-papão*, entre outras, e na forma de subentradas as UFz *estar uma baleia*, *ficar besta (com algo)*, *metido a besta*, *virar um bicho*, etc.

O Oxford se intitula escolar muito provavelmente pelas informações gramaticais que oferece do tipo, “como escrever cartas e e-mails”, “como utilizar os modal e os *phrasal verbs*”, informações ortográficas e de pronúncia como “diferenças das variantes inglês e britânica”, explicações sobre os falsos cognatos, sinônimos e antônimos.

Este dicionário se destaca pelas notas que contém aspectos culturais bem como abonações com as locuções idiomáticas (UF).

3. Longman Escolar (2009).

Harmer (prefaciador) apresenta o Longman e explica que este objetiva auxiliar alunos do Ensino Médio no Brasil, com base em *corpus* do inglês e do português da variante brasileira, com exemplos de língua escrita e falada retirados do universo familiar dos adolescentes. Harmer justifica que este é um dicionário superior aos bilíngues do gênero, pois auxilia “*aqueles que precisam conhecer o equivalente em inglês de um vocábulo em português*” (ou seja, voltado para a produção) (grifo nosso)

e as colocações mais frequentes.

O Longman traz exemplos de uso para as palavras que oferecem dificuldades e para as palavras mais usadas. Apresenta também notas culturais para a explicação de conceitos e costumes e um guia de gramática e ilustrações. É um dicionário que se intitula escolar, pois contém um caderno de atividades com exercícios e respostas para os aspectos gramaticais como artigos, possessivos, substantivos etc., que favorece a produção do aprendiz por trazer informações sobre o uso das palavras.

Não obstante todo este conteúdo, o Longman se classifica em penúltimo lugar na análise da presença de UFz em relação aos demais, com uma porcentagem de apenas 14% das UFz pesquisadas, ou seja, 21 UFz das 152 pesquisadas. É pequena a presença de UFz na nomenclatura desse dicionário. De todos os dicionários pesquisados é, juntamente com o Webster's e o Landmark, o que menos apresenta UFz. Algumas UFz recorrentes como *estar às moscas*, *pagar o pato*, *puxar a brasa pra sua sardinha*, presentes nos seis bilíngues, não figuram no Longman, ou ainda *estar/ficar/andar com a pulga atrás da orelha*, *bêbado como um gambá*, presentes nos cinco bilíngues não são registradas nesse dicionário. Há, portanto, ausências importantes no Longman uma vez que se considere seu objetivo voltado para a produção.

4. *Michaelis Escolar* (2010).

O Dicionário *Michaelis* contém, segundo informa na contracapa, mais de 25.000 verbetes, selecionados e adaptados para os brasileiros que estudam a língua inglesa e se preocupam com questões gramaticais e de uso das palavras e expressões. Os verbetes apresentam divisão silábica, transcrição fonética, classe gramatical, várias acepções, e exemplos.

O *Michaelis* é entre os 7 pesquisados o dicionário com maior número de páginas (429p) voltadas para o português-inglês (produção) e dedica outras 11 páginas para particularidades dos verbos do português, como conjugação, modelos das 3 conjugações (1ª, 2ª e 3ª) e mais uma relação dos verbos regulares e irregulares, defectivos ou difíceis em português. Apresenta também uma relação de 24 animais com as informações de gênero, coletivo e voz tanto na direção português-inglês quanto na direção inversa.

Esse dicionário embora apresente 25000 verbetes figura em 3º lugar entre os bilíngues com relação à presença de UFz, uma vez que,

das 152 UFz pesquisadas ele registra 77 e tem, portanto, 50% das expressões procuradas. Constitui-se um bom dicionário para o tradutor e para o aprendiz que pretenda produzir e que precise utilizar uma linguagem do cotidiano. É o único bilingue em que figuram UFz como *estar em palpos de aranha, olhos de águia (piercing eyes), ter sangue de barata*⁹⁰, *como (feito) barata tonta, chorar como bezerro desmamado, colocar o carro diante dos bois, dar nome aos bois, ser um pé de boi, ter boi na linha, matar a cobra e mostrar o pau, ter dente de coelho, ser uma leoa, ele é um lobo em pele de carneiro, picar a mula, aí é que a porca torce o rabo*, entre outras.

5. Collins Prático (2012)

O *Collins Prático* fornece ao leitor cobertura prática dos usos linguísticos mais comuns, além de uma seleção de abreviaturas, siglas e topônimos de uso frequente. As formas irregulares de verbos e substantivos ingleses são incluídas na nomenclatura, com remissão à forma de base, onde se encontra a tradução. Os editores afirmam que todas as palavras mais frequentes receberam um tratamento detalhado, com muitos exemplos de uso típicos.

O Collins se classifica em 2º lugar na pesquisa por UFz e apresenta 82 UFz registradas das 152 pesquisadas. As informações mercadológicas desse dicionário dão conta de que ele possui mais de 80.000 verbetes e constata-se 368 páginas dedicadas ao português-inglês, sendo o segundo da pesquisa em número de páginas, poucas, se comparadas às 429 páginas do Michaelis que informa 25000 verbetes. No tocante à presença de UFz esse dicionário lematiza algumas delas tais como *mosca-morta, gatos-pingados, gato-sapato*, etc. Figuram somente no Collins as UFz *tá quente paca, como sardinha em lata, passo de cágado* (o Oxford registra *passo de tartaruga*, que no português brasileiro é mais frequente), *lavar a égua*.

6. Mini-Webster's (2011)

Este dicionário não dá definições, mas sinônimos de palavras ou frases usadas equivalentes. O *Mini-Webster's* baseia-se em dois dicionários maiores, o Webster's, de Antonio Houaiss, Ismael Cardim e outros e o Webster's, de James L. Taylor. Os editores afirmam que a

⁹⁰ Ainda que o Michaelis registre a UFz *ter sangue de barata* sem a negativa (não), o que é mais comum de se ouvir do que em sua forma afirmativa.

seleção de verbetes é nova e original para corresponder aos usos modernos em inglês e português e não informam o número de verbetes. Esse dicionário apresenta a representação fonológica e não fonética das palavras. Dos dicionários da pesquisa é o que registra o maior número de páginas (421) para o par de línguas inglês-português, em contrapartida é o dicionário com menos páginas voltadas para o português-inglês.

No Webster's a presença de UFz é incipiente com o registro de apenas 17 das 152 UFz pesquisadas, sendo também o último (11%) na classificação da presença de expressões idiomáticas com zoônimos em todos os dicionários pesquisados. Nele encontram-se apenas aquelas UFz já cristalizadas na língua e que também figuram em todos os outros dicionários, tais como, *ser bicho-papão*, *bode expiatório*, *pra burro*, *ser burro*, *cabra-cega*, etc.

7. *Landmark* (2006)

O *Landmark Dictionary* informa que introduziu uma série de mudanças para propiciar maior orientação para os usuários, tomando como base bancos de dados, adaptados para o público brasileiro. Há algumas ilustrações, transcrição fonética, apêndices e expressões do dia-a-dia bem como alguns termos da informática que já fazem parte do cotidiano. Apesar de não trazer a palavra *escolar* na capa os editores informam que se destina, principalmente, ao público estudantil e profissional brasileiros.

No tocante às UFz esse dicionário registra cerca de 29% das UFz pesquisadas com ênfase para aquelas UFz mais correntes e que também fazem parte da nomenclatura dos outros dicionários pesquisados.

4.3.2 Relação dos livros didáticos pesquisados

Trabalhou-se com 9 dicionários (descritos na seção anterior) e 29 livros didáticos conforme relação a seguir. Para o levantamento das UFz nos livros didáticos priorizaram-se as seções de ensino de vocabulário, na tentativa de encontrar tópicos voltados para o ensino das expressões coloquiais e de uso popular na língua. Os livros didáticos que pertencem ao PNLD e pesquisados neste trabalho foram os seguintes:

Quadro 7: Livros didáticos do PNLD incluídos no *corpus*.

Língua estrangeira moderna - Inglês	Nome da série	Série
Ensino Fundamental	<i>Links</i> (1)	6 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Links</i> (2)	7 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Links</i> (3)	8 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Links</i> (4)	9 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Keep in Mind</i> (5)	6 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Keep in Mind</i> (6)	7 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Keep in Mind</i> (7)	8 ^a série
Ensino Fundamental	<i>Keep in Mind</i> (8)	9 ^a série
Ensino Médio	<i>On Stage</i> (9)	1º Ano
Ensino Médio	<i>On Stage</i> (10)	2º Ano
Ensino Médio	<i>On Stage</i> (11)	3º Ano
Ensino Médio	<i>Globetrekker</i> (12)	1º Ano
Ensino Médio	<i>Globetrekker</i> (13)	2º Ano
Ensino Médio	<i>Globetrekker</i> (14)	3º Ano
Ensino Médio	<i>Prime</i> (15)	1º Ano
Ensino Médio	<i>Prime</i> (16)	2º Ano
Ensino Médio	<i>Prime</i> (17)	3º Ano
Ensino Médio	<i>Take Over</i> (18)	1º Ano
Ensino Médio	<i>Take Over</i> (19)	2º Ano
Ensino Médio	<i>Take Over</i> (20)	3º Ano
Ensino Médio	<i>English For All</i> (21)	1º Ano
Ensino Médio	<i>English For All</i> (22)	2º Ano
Ensino Médio	<i>English For All</i> (23)	3º Ano
Ensino Médio	<i>Upgrade</i> (24)	1º Ano
Ensino Médio	<i>Upgrade</i> (25)	2º Ano
Ensino Médio	<i>Upgrade</i> (26)	3º Ano
Ensino Médio	<i>Freeway</i> (27)	1º Ano
Ensino Médio	<i>Freeway</i> (28)	2º Ano
Ensino Médio	<i>Freeway</i> (29)	3º Ano

A pesquisa nos livros didáticos não revelou a presença de unidades fraseológicas com zoônimos nos locais destinados ao estudo do vocabulário, seção previamente escolhida para a busca de UFz. Pode-se ver o detalhamento dos resultados no capítulo destinado à análise do *corpus*.

5 ANÁLISE DO *CORPUS*

5.1 A (não) Presença das UFz na Seção de Vocabulário dos Livros Didáticos (PNLD)

Seguindo as diretrizes estabelecidas para o projeto de pesquisa ao qual vinculamo-nos, decidiu-se que também para esta tese seria pertinente analisar as seções de vocabulário dos livros de língua estrangeira (inglês) do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação para o Ensino Fundamental e Médio, com a finalidade de encontrar ocorrências de expressões idiomáticas com zoônimos. Das nove coleções do PNLD constatou-se apenas cinco UFz,⁹¹ sendo que este dado demonstra que a presença das UFz é insuficiente para fazer que essas expressões idiomáticas com nomes de animais sejam conhecidas e aprendidas em inglês. Há nomes de animais em tópicos de gramática e em exercícios de audição, contudo não se dá o mesmo com as UFz.

5.1.1 Descrição da presença de UFz na seção vocabulário das coleções

Quadro 8: Presença de UFz na seção de vocabulário das coleções de livros didáticos do PNLD.

Coleção	Série	UFz
1. LINKS	6 ^a	nenhuma
1. LINKS	7 ^a	nenhuma
1. LINKS	8 ^a	nenhuma
1. LINKS	9 ^a	nenhuma
2. KEEP IN MIND	6 ^a	nenhuma
2. KEEP IN MIND	7 ^a	nenhuma
2. KEEP IN MIND	8 ^a	nenhuma
2. KEEP IN MIND	9 ^a	nenhuma
3. ON STAGE	1 ^o Ano	nenhuma
3. ON STAGE	2 ^o Ano	nenhuma
3. ON STAGE	3 ^o Ano	nenhuma
4. GLOBETREKKER	1 ^o Ano	nenhuma
4. GLOBETREKKER	2 ^o Ano	nenhuma
4. GLOBETREKKER	3 ^o Ano	nenhuma

⁹¹ A pesquisa se deu apenas nas seções de ensino de vocabulário e nos glossários anexados nos livros. Algumas unidades trabalhavam com o tema “animais”, contudo não apresentavam UFz.

5. PRIME	1 ° Ano	nenhuma
5. PRIME	2 ° Ano	nenhuma
5. PRIME	3 ° Ano	nenhuma
6. TAKE OVER	1 ° Ano	nenhuma
6. TAKE OVER	2 ° Ano	<i>scapegoat</i> ⁹² (bode expiatório)
6. TAKE OVER	3 ° Ano	nenhuma
7. ENGLISH FOR ALL	1 ° Ano	nenhuma
7. ENGLISH FOR ALL	2 ° Ano	nenhuma
Continuação Quadro 8		
7. ENGLISH FOR ALL	3 ° Ano	<i>birds and bees</i> ⁹³ (estória da cegonha)
8. UPGRADE	1 ° Ano	nenhuma
8. UPGRADE	2 ° Ano	nenhuma
8. UPGRADE	3 ° Ano	nenhuma
9. FREEWAY	1 ° Ano	<i>black sheep</i> (ovelha negra) <i>It is not only fine feathers that make fine birds</i> (nem só de boas penas se fazem bons pássaros)
9. FREEWAY	2 ° Ano	nenhuma
9. FREEWAY	3 ° Ano	<i>a little bird told me</i> (um passarinho me contou)

A presença de UFz é pequena nessas coleções, comprovando que as UFz não são ensinadas nas aulas de língua estrangeira da escola pública, considerando-se a análise feita nesses livros didáticos. Conforme demonstra o quadro acima, encontram-se fraseologismos zoonímicos nos volumes da série *Freeway*, *Take Over* e *English For All*. Na coleção *Freeway* registra-se a presença de *black sheep* (ovelha negra - um mau exemplo na família), e *a little bird told me* (que significa *um passarinho me contou*, alguém que eu não quero revelar, me contou). Além dessas UFz, encontrou-se o provérbio *it is not only fine feathers that make fine birds* (não só de penas boas se faz bons pássaros)⁹⁴. Também na coleção *Take Over* registra-se a presença da UFz *scapegoat* (bode expiatório) em texto secundário da unidade, e na coleção *English*

⁹² Essa UFz não faz parte da seção de vocabulário e sim de texto secundário nas atividades do livro. Cita-se apenas para demonstrar que essas UFz poderiam ser ensinadas de forma gradativa na diferentes seções).

⁹³ Essa UFz não faz parte da seção de vocabulário, mas nos exercícios de compreensão do texto.

⁹⁴ Os provérbios não estão sendo investigados nesta tese.

For All constata-se a UFz *birds and bees* (*estória da cegonha*) nos exercícios de compreensão do texto.

No que diz respeito às unidades fraseológicas com zoônimos a presença é mínima, para não dizer inexistente. Também não há atividades de instrução explícita sobre essas fraseologias nas seções de vocabulário. Os dados apresentados vêm reforçar a ideia de que o ensino e registro das UFz nos dicionários deve ser enfatizada.

5.2 Análise das UFz Presentes nos Dicionários Pesquisados

Após a compilação das UFz em dicionários monolíngues e bilíngues, iniciou-se a análise de uma amostra dessas fraseologias para procurar responder às perguntas de pesquisa elencadas na introdução. As seções a seguir detalham como se deu a análise das expressões idiomáticas com zoônimos obtidas nos dicionários. Os tópicos a seguir norteiam a descrição de aspectos observados na amostra de UFz elencadas para análise.

5.2.1 Ordenamento de entrada de UFz nos monolíngues Houaiss/UNESP

Para a análise do ordenamento de entrada das UFz nos dicionários Houaiss e UNESP observaram-se algumas orientações introdutórias nesses dicionários quanto à localização das UFz no conjunto das unidades léxicas (doravante UL) dispostas na macroestrutura. As instruções a seguir encontram-se na introdução do monolíngue UNESP e orientam a ordem de entrada das fraseologias como se segue:

“o critério de entrada foi o da delimitação morfológica e dependência ou vinculação semântica. Assim, constituem entradas [...], todas as lexias que formam sintagmas independentes. Isso quer dizer que as expressões introduzidas por preposição, artigo ou verbo [ex: de cabo a rabo; dar de ombros; o fino] e as frases feitas [ex: Duro com duro não faz bom muro] constituem subentradas. Tais expressões e frases feitas entram pelo primeiro item lexical. Por exemplo, de pernas pro ar entra em perna; ver navios entra em ver; macaco que muito mexe quer chumbo entra em

macaco; matar dois coelhos com uma cajadada entra em matar. Por dependência ou vinculação semântica entende-se a existência de traços semânticos comuns entre itens que, contextualmente, podem ocupar classes diferentes [ex: velho (adj e S); complementar (V e adj); jantar (V e S)]. Dessa forma, evitou-se o desdobramento de entradas, que inflacionaria inutilmente o conjunto das entradas do dicionário. O critério da frequência determinou o registro e ordenação das classes de palavras dentro do mesmo verbete” (UNESP, 2004, p. vii).

Como se observa na citação, os autores do dicionário UNESP informam que as expressões e frases feitas entram pelo primeiro item lexical; contudo, eles não esclarecem o que entendem por item lexical, apesar de fornecerem alguns exemplos: *de pernas pro ar* entra em *perna*; *ver navios* entra em *ver*; *macaco que muito mexe quer chumbo* entra em *macaco*; *matar dois coelhos com uma cajadada* entra em *matar*.

Com base na configuração informada, procedeu-se à busca de algumas UFz que fazem parte da amostra. Cita-se um exemplo ilustrativo. A unidade fraseológica *boi ladrão*, que faz parte da unidade fraseológica maior *apanhar como boi ladrão* (registrada dessa forma no Houaiss), não seguiu as orientações mencionadas. Caso os autores do UNESP considerassem a expressão por inteiro, ou seja, *apanhar como boi ladrão*, ela poderia ter sua entrada ordenada pelo verbo *apanhar*, direcionamento este seguido na primeira busca efetuada com base nas normas de ordenação. Como a UFz não foi encontrada desta forma, considerou-se o primeiro item lexical, ou seja, *boi*, na UFz *boi ladrão*. No entanto, a UFz não foi encontrada pelo primeiro item lexical e sim ordenada pelo item lexical *ladrão*, segundo elemento da fraseologia, o que, conforme entendimento desta autora, foge à regra estabelecida na introdução pelos editores.

Outro exemplo é o da UFz *estar com a cachorra*, que se inicia pelo verbo *estar*. Pela orientação e exemplo da UF *matar dois coelhos com uma cajadada* dever-se-ia procurar pelo verbo *matar*. Transferindo essa orientação para a UFz *estar com a cachorra* procurou-se no verbo *estar*, no entanto, contrariando o exemplo dado na introdução, a UFz foi ordenada pelo substantivo *cachorro* e não pelo verbo.

No caso do monolíngue Houaiss as regras de entrada das locuções e fraseologias seguem as seguintes orientações introdutórias:

42.11 Regras da entrada das locuções e da fraseologia no dicionário - Duas disposições foram levadas em consideração quanto à ordem de entrada de sintagmas locucionais em seu campo específico no verbete. 42.11.1 Regra de preferência da classe gramatical - As locuções e frases feitas entram sempre pelo seu substantivo ou pelo seu primeiro *substantivo* (ou qualquer palavra usada como tal). Quando não há substantivos, entram pelo primeiro *verbo*; se não existirem estas duas classes, pelo primeiro *adjetivo*; caso não haja nenhuma destas três classes, pelo primeiro *pronome*; e em último caso, pelo primeiro *advérbio* existente na locução. A ordem de preferência, portanto, é: *substantivo, verbo, adjetivo, pronome, advérbio*. As palavras e expressões *algo, alguém, uma coisa* etc., quando não fazem parte necessária e invariável da expressão, não podem ser computadas: dar (algo) **panos** para as mangas; comer (alguém) o **pão** que o diabo amassou” (HOUAISS, 2007, p. xxiv).

A ordem que se procurou verificar, em primeiro lugar, foi a da busca pelo primeiro substantivo presente na UFz, e, em segundo lugar, a da busca pelo verbo. Observou-se, também, que na versão digital as locuções só aparecem na tela quando se escolhe o modo tradicional de apresentação, o que cria confusão na hora da busca.

Nas instruções apresentadas, os autores do Houaiss informam que as locuções e frases feitas entram pelo substantivo (ou qualquer palavra usada como tal) e que quando não há substantivos, entram pelo verbo; e que a ordem de preferência seria: substantivo, verbo, adjetivo, pronome e advérbio.

Com apoio nessas orientações, efetuou-se o estudo da ordenação de entrada das UFz o qual se registra a seguinte amostra:

1. *Ficar/ estar uma arara*

Na análise da UFz *ficar/ estar uma arara* constata-se que sua

entrada no Houaiss segue a orientação fornecida, ou seja, entra pelo substantivo *arara*. No UNESP as orientações iniciais indicam que a entrada é feita pela palavra lexical, seja ela substantivo ou verbo. No caso da UFz *ficar/ estar uma arara*, o UNESP a registra no lema *arara*, com a composição *uma arara*, ou seja, sem o verbo *ficar* ou *estar*. Caso a UFz estivesse completa, ela seria registrada na primeira palavra lexical (seguindo as próprias orientações do UNESP) *ficar/estar*, e, portanto, pelo verbo. Apesar de o registro da UFz na entrada não ser completo (*estar/ficar uma arara*), a abonação fornecida leva a expressão toda: “O prefeito ‘ficou uma arara’ com o resultado da reunião”, que, aliás, é a maneira como normalmente se encontra essa fraseologia nas conversas informais.

2. *Entregue às baratas*

Na busca pela UFz *entregue às baratas* comprovou-se que segue-se a orientação fornecida no Houaiss, ou seja, ela se dá pelo substantivo *barata*. Verifica-se, porém, que o monolíngue UNESP não segue as orientações iniciais indicadas e que informa que a entrada é feita pela palavra lexical, seja ela substantivo ou verbo. No caso da UFz *entregue às baratas*, o registro é feito no lema *barata*, com a composição *às baratas*, sem o verbo *entregue*. Caso a UFz estivesse completa, ou seja, *entregue às baratas*, sua ordenação seguiria a primeira palavra lexical (portanto, se daria pelo verbo). Apesar de o registro da UFz não ser completo (*entregue às baratas*), a abonação fornecida leva a expressão toda: “Quando chegou, a chácara parecia *entregue às baratas*”.

3. *Ficar besta*

Com relação à UFz *ficar besta*, o Houaiss não a registra. Já o UNESP registra apenas a acepção de besta no sentido figurado, dando-se a entrada pelo lema *besta*. No entanto, na abonação, a expressão aparece completa: “*Fiquei besta* quando soube que Liana veio do Rio só para me ver”, o que comprova a popularidade da expressão com essa composição.

4. *Conversa (história) pra boi dormir*

O UNESP registra a UFz *pra boi dormir* no lema *boi*. Caso a UFz estivesse completa em sua composição, ou seja, *conversa pra boi dormir* (como aparece no Houaiss) ela deveria ser registrada na primeira

palavra lexical (seguindo as próprias orientações do UNESP) *conversa* (portanto, no primeiro substantivo). Apesar de o registro da UFz não ser completo (*conversa pra boi dormir*), a abonação fornecida leva a expressão toda: “Toda aquela interminável discussão não passava de **conversa** mole *para boi dormir*”.

5. *Estar com a cachorra*

O dicionário Houaiss registra a fraseologia *com a cachorra* pelo substantivo *cachorra*. Ao se buscar no dicionário UNESP constata-se que a UFz *estar com a cachorra* está registrada no lema *cachorro*. Considera-se uma alternativa satisfatória o ordenamento pelo substantivo; no entanto, com referência ao UNESP, tem-se indecisão no que diz respeito à busca pelo substantivo, uma vez que as instruções iniciais não esclarecem a contento a opção escolhida pelos editores: se pelo substantivo ou pelo verbo. Apesar de a UFz ser grafada completa em sua composição, o que é fator positivo, ela não é registrada pela primeira palavra lexical *estar* que é uma das alternativas oferecidas, conforme as orientações do UNESP, portanto, pelo verbo. A abonação confirma a composição da UFz que utiliza o verbo *estar*: “meu irmão *está* hoje *com a cachorra*, já brigou com todo mundo”.

6. *Dizer cobras e lagartos*

O ordenamento da UFz “dizer cobras e lagartos” é feito pelo verbo *dizer* no dicionário Houaiss, porém não chega a ser um desvio de orientação pois o dicionário também registra a UFz pelo substantivo, ou seja, no lema *cobra*. Segundo a regra deste dicionário a UFz deveria estar registrada em *cobra*, pelo primeiro substantivo. Há, nesse caso, um duplo registro da UFz. O UNESP, por sua vez, registra a referida unidade pelo verbo *dizer*.

7. *Estar/ficar uma fera*

O UNESP registra a UFz *uma fera* no lema *fera*. Na abonação, porém a UFz figura completa: “Sua mãe *está uma fera*”.

8. *Pegar o touro à unha*

Verifica-se na busca pela UFz “pegar o touro à unha” que o UNESP a registra parcialmente, ou seja, “à unha”, no lema *unha* com o

sentido de “sem instrumentos, desarmado”, que vem a ser o sentido da expressão maior *pegar o touro à unha* ou ainda como a registra o Houaiss *pegar o touro pelos chifres*. A indefinição das instruções iniciais (UNESP) obriga o consultente a uma busca por todos os componentes da UFz para conseguir êxito na obtenção de informações.

Os dados a seguir demonstram os percentuais de ordenação das entradas de UFz nos dicionários Houaiss e UNESP. Do total de 152 UFz escolhidas para a amostragem, 138 delas encontram-se no Houaiss e 99 UFz no UNESP. O Houaiss fez este registro pelo substantivo em 100% das UFz elencadas (138 presentes), seguindo, desta forma, as orientações iniciais. O UNESP, por sua vez, registrou pelo substantivo apenas 79% (78 presentes) das UFz e em 21% pelo verbo (21 presentes). Ver quadro a seguir:

Quadro 9 – Ordem de entrada das UFz

	Ordem de entrada das UFz			
	HOUAISS (138)		UNESP (99)	
	Verbo	Substantivo	Verbo	Substantivo
UFz		138	21	78
Porcentagem		100%	21%	79%

A variação encontrada no ordenamento das UFz no UNESP pode explicar a dificuldade para se encontrar nesse dicionário algumas expressões idiomáticas, uma vez que há pelo menos dois parâmetros de ordenação (pelo verbo e pelo substantivo). Além desses fatores, pode-se mencionar que o registro dos fraseologismos nos dicionários nem sempre segue a mesma composicionalidade e, muitas vezes, faltam elementos, geralmente os verbos que os completam e que comumente aparecem no uso dessas UFz.

Na análise feita no dicionário UNESP as fraseologias que tiveram seu ordenamento com base nos verbos foram as seguintes: (1) *Virar bicho*; (2) *Dar bode*; (3) *Dar nome aos bois*; (4) *Dar com os burros n'água*; (5) *Estar no mato sem cachorro* (6) *Soltar os cachorros*; (7) *Cair do cavalo*; (8) *Tirar o cavalo da chuva* (9) *Dizer cobras e lagartos* (10) *Matar a cobra e mostrar o pau*; (11) *Lavar a égua*; (12) *Soltar a franga*; (13) *Cozinhar o galo*; (14) *Fazer de gato e sapato*; (15) *Acertar na mosca*; (16) *Picar a mula*; (17) *Pagar o pato*; (18) *Vender o (seu) peixe*; (19) *Engolir sapo*; (20) *Puxar a brasa pra sua sardinha*; (21) *Ir para o brejo*. As demais, 78 delas, foram ordenadas pelo substantivo.

O demonstrativo comprova que nem sempre as orientações introdutórias são suficientes para a localização correta da fraseologia desejada e esse fato faz com que o usuário do dicionário perca informações importantes com relação à sua busca, ou nem mesmo consiga localizar a expressão procurada.

5.2.2 Comparação dos dicionários bilíngues do *corpus* – páginas e verbetes

Entre as informações pertinentes que se pode fornecer na comparação de dicionários para que se tenha uma visão geral dos mesmos está o número de páginas e o número de verbetes em sua nomenclatura. Essas informações são relevantes se, se considerar que na atualidade há um apelo propagandístico amplo no marketing desses produtos, cuja ênfase geralmente recai nesses aspectos dos dicionários. Acredita-se que é possível fazer essa comparação em virtude das datas desses dicionários compreenderem um período de no máximo seis anos entre a edição mais antiga (Landmark, 2006) e a mais atual (Oxford e Collins, 2012). Para essa classificação toma-se por base a comparação feita por Humblé (2006) de quatro dicionários nos mesmos termos.

O quadro da comparação de páginas e verbetes feita nos dicionários bilíngues objetos desta pesquisa se justifica, pois “dá indicações, declaradas ou não, dos autores dos dicionários” (op. cit., p. 256). Conforme afirma Humblé (2006) com base em Bejóint (1981), para se compreender uma língua a macroestrutura é mais importante do que a microestrutura, no entanto, para se produzir nessa mesma língua a microestrutura é mais importante, explicando-se, assim, o interesse em se conhecer o número de páginas dedicado a cada direção. Compara-se, por exemplo, o número total de páginas, o número de verbetes informados, e a quantidade de páginas dedicadas ao par de línguas português-inglês nesses materiais.

Quadro 10 - Comparação dos dicionários bilíngues do *corpus* – páginas e verbetes

	Larousse	Oxford	Longman	Michaelis	Collins	Mini-Webster's	Landmark
Número de Verbetes informados	Acima de 90.000	Acima de 68.000	127.000	25.000	Acima de 80.000	Não informa	40.000
Páginas Port-Ingl	326	296	347	429	368	283	347
Páginas Extra P/I				11		7	
Páginas Ingl- Port	411	402	422	389	407	421	348
Páginas Extra I/P	38 +26	39 + 17	44	10		8	64
Apresentação	6 +4	9	10	19	20	6	14
Total de páginas	811	763	823	858	795	725	773

O quadro 10 demonstra, pelos números apresentados, que (a) o Michaelis apresenta o maior número de páginas (429 p.) na direção português-inglês o que leva a inferir que este direciona seu foco mais para os usuários brasileiros e para sua produção. É, também, dos 7 dicionários comparados o que apresenta o maior número de páginas; e que (b) o Webster's apresenta o maior número de páginas (421 p.) na direção inglês-português. Como é esperado por ser uma versão reduzida, o Mini-Webster's apresenta o menor número de páginas (725 p.) e é dele também a menor porcentagem de UFz, com cerca de 11% das 152 pesquisadas.

A exposição do número de verbetes informado pelos editores demonstra um dado curioso, ou seja, o Michaelis que possui o menor número de verbetes (25.000) da amostra não é o dicionário que apresenta a menor porcentagem de UFz. Muito pelo contrário, o Michaelis está em terceiro lugar no número de UFz registradas, cerca de 50%, depois do Larousse (90.000 verbetes) com 54% e do Collins (80.000) com 53,6%. O dicionário Longman que informa o maior número de verbetes (127.000) registrou apenas 20 das 152 UFz pesquisadas, cerca de 13,07% do total.

Ainda, com relação aos verbetes, cabe outro tipo de comparação, aquela que pode informar detalhes da microestrutura apresentada por cada dicionário. Naturalmente, só é possível expor uma pequena amostra que, via de regra, serve para generalizar o restante da configuração desses materiais.

As unidades fraseológicas com zoônimos, como o próprio nome informa, tem em sua composicionalidade pelo menos um nome de animal (tomado aqui generalizando animais, insetos, pássaros, peixes, sem distinção dessas categorias nesta tese). Ao analisar a amostra de 152 expressões idiomáticas, pode-se perceber uma recorrência de alguns nomes em detrimento de outros. Exemplifica-se: o zoônimo *boi* comparece na relação com 10 UFz, o *cachorro* com 8 UFz, o hiperônimo *besta*, o quadrúpede que se compara ao burro ou a mula, comparece na relação com 7 UFz, o hiperônimo *bicho* para animal ou inseto, comparece com 7 UFz e assim sucessivamente.

A razão de alguns zoônimos serem mais presentes que outros na formação de UFz pode ser explicada pela análise histórica (diacrônica) dessas expressões, pois muitas delas se originaram ainda no Brasil colonial, e com atividades que envolviam os animais na luta dos homens pela sobrevivência.

No quadro a seguir se apresenta uma amostra da microestrutura de verbetes dos dicionários pesquisados.

BOI

Quadro 11: Microestrutura de verbetes dos dicionários bilíngues

LAROUSSE	boi [l'boj] m ox.
OXFORD	boi sm steer LOC Ver COMER
LONGMAN	boi s bull
MICHAELIS	boi [b'oj] sm 1 ox, steer. 2 bras the main animal character in the bumba meu boi feast. boi na linha an unexpected difficulty. carro de bois oxcart. colocar o carro diante dos bois to put the cart before the oxen. dar nome aos bois to call a spade a spade. pé de boi a hardworking person. pegar o boi pelo chifre to tackle a task with energy.
COLLINS	boi [boj] m ox; pegar o boi pelos chifres (fig) to take the bull by the horns
MINI-WEBSTER'S	boi 'boy sm. ox
LANDMARK	boi ox, bull. 16 - Animal Kingdom

No caso do verbete *boi* o Michaelis dá, além da informação fonética e gramatical, 2 equivalências para a acepção 1 e uma definição para um acontecimento cultural para a acepção 2 que envolve o sentido figurado na língua alvo. Na sequência ele registra 6 UFz sendo 1 não idiomática (carro de boi). Dos outros dicionários, o Oxford dá 1 equivalência e faz remissão ao verbo *comer* na seção destinada às locuções e quando se busca pelo verbo encontra-se a UFz *comer como um boi*. O Collins assim como o Michaelis, registra a informação fonética e gramatical, a equivalência e a UFz *pegar o boi pelos chifres*. O Larousse, o Longman e o Mini-Webster's apresentam 1 equivalência cada e o Landmark 2 equivalências.

A primeira constatação que se tem é que o Michaelis faz um

trabalho lexicográfico superior, principalmente em termos de locuções.

BICHO

Quadro 12: Microestrutura de verbetes dos dicionários bilíngues

LAROUSSE	<p>bicho /'biʃu/ <i>m</i> -1. (animal) animal. -2. (inseto, piolho) insect. -3. <i>fam</i> [pessoa feia]: ser um ~ to be enough to scare one's own mother. -4. <i>fam</i> [sujeto] mate UK, buddy US. -5. (loc): ver que ~ dá to see what will come of it; virar ~ fig to turn nasty.</p>
OXFORD	<p>bicho <i>sm</i> 1 (inseto) bug 2 (animal) animal 3 (estudante) freshman [pl -men], fresher (GB) LOC bicho de pelúcia stuffed animal, soft toy (GB) ♦ que bicho mordeu você? what's eating you? ♦ virar um bicho to get mad</p>
LONGMAN	<p>bicho <i>s</i> 1 (animal) animal: bichos da selva jungle animals 2 (inseto) insect, bug (AmE) 3 ser um bicho (de feio) to be really ugly 4 virar um bicho to blow your top</p>
MICHAELIS	<p>bi·cho [b'iʃu] <i>sm</i> 1 any animal, excepting fowl and fish. 2 ugly, repulsive or unsociable person. 3 expert, skilful, cunning or intelligent person. <i>ele é um bicho na matemática</i> / he is very good at Maths. 4 freshman. bicho da madeira woodworm. bicho que rói na consciência remorse. eles foram matar o bicho they had a drink. ele virou bicho he became furious and aggressive. fazer de alguma coisa um bicho de sete cabeças to exaggerate, make a mountain out of a molehill. jogo do bicho bras forbidden kind of animal lottery. ver que bicho dá wait for the results or consequences of something.</p>

COLLINS	bicho ['bifu] <i>m</i> animal; (<i>inseto</i>) insect, bug; (<i>col</i> : <i>pessoa</i> : <i>intratável</i>) pain (in the neck); (: <i>feio</i>): ela é um - (feio) she's as ugly as sin; virar - (col) to get mad; ver que - dá (col) to see what happens; que - te mordeu? what's got into you?; um - de sete cabeças a big deal; - do mato shy person
MINI-WEBSTER'S	bicho 'bixu <i>sm.</i> animal (also <i>fig.</i>); insect, bug. -jogo do b. il- legal lottery
LANDMARK	bicho animal; beast. ♦ bicho-da-seda silkworm. bicho-papão bugbear, bugaboo. ♠6 – Animal Kingdom

O Michaelis registra 4 acepções. As acepções 2 e 3 apresentam o sentido figurado da UL e constata-se 7 locuções. O Oxford registra 3 acepções e 3 locuções. O Collins apresenta três equivalências, 1 sentido figurado e 6 locuções. O Larousse registra 4 acepções sendo a terceira com o registro do sentido figurado e 2 locuções. O Longman apresenta 2 acepções com as equivalências e 2 locuções. O Webster's registra 3 equivalências e uma locução e o Landmark registra 2 equivalências e 2 locuções. O Michaelis é o dicionário que apresenta a maior microestrutura e o maior número de locuções (7).

CACHORRO

Quadro 13: Microestrutura de verbetes dos dicionários bilíngues

LAROUSSE	cachorro, rra [ka'foxu, ra] m, f - 1. (cão) dog; soltar os ~s (em cima de alguém) fig to lash out (at sb); estar matando ~ a grito to be scraping the barrel. - 2. fam pej/patife bastard. ♦ cachorra f: estar com a ~ fig to be in a bad mood.
OXFORD	cachorro, -a sm-sf 1 (animal) dog ➡ Ver nota em CÃO 2 (pessoa) scoundrel: Que ~! Como é que ele me fez uma coisa dessas? What a scoundrel! How could he do such a thing to me? LOC Ver VIDA
LONGMAN	cachorro s (animal) dog
MICHAELIS	ca.chor.ro [ka'ʃoɾu] sm 1 young dog, puppy. 2 bras any dog. 3 the young of wild animals, cub. cachorro que late não morde barking dogs do not bite. cachorro vira-lata mongrel. eles vivem como gato e cachorro they live like cat and dog. estar matando cachorro a grito to be in a desperate situation. estar no mato sem cachorro to be helpless, in a tight spot. levar uma vida de cachorro to lead a dog's life. soltar os cachorros to kick up a stink.
COLLINS	cachorro [ka'fohu] m dog, puppy; (filhote de animal) cub; (patife) rascal; soltar os ~s em cima de alguém (fig) to lash out at sb; estar matando ~ a grito (col) to be scraping the barrel
MINI-WEBSTER'S	cachorro ka'xorv sm. dog
LANDMARK	cachorro dog. ♦ Cachorro que late não morde. Barking dogs don't bite. cachorro-quente hot dog. Cuidado com o cachorro! Beware of the dog! levar uma vida de cachorro lead a dog's life.

No caso do verbete *cachorro*, o Michaelis fornece três acepções e 7 locuções. O Larousse apresenta 2 acepções com respectivas

equivalências e 3 locuções. O Oxford registra 2 acepções com suas equivalências, e na segunda acepção apresenta o sentido figurado para a UL. Faz remissão ao substantivo *vida*; quando se busca pelo substantivo encontra-se a UFz *ter/levar uma vida de cachorro*. O Collins registra 3 equivalências sendo 1 sentido figurado e 2 locuções. O Landmark registra 1 equivalência e 4 locuções. Os demais, Longman e Webster's apresentam 1 equivalência cada.

O Michaelis mais uma vez se revela superior no registro lexicográfico no quesito das locuções (unidades fraseológicas). Desponta-se neste trabalho como um dicionário que busca o preenchimento do maior número de informações para cada verbete e este é um fato que surpreende, pois aquele, apesar do tamanho reduzido (25.000) em relação ao Longman (que afirma conter 120.000 verbetes), fornece mais informações para as UFz do que este.

5.2.3 Unidades fraseológicas com zoônimos que figuram em apenas um dicionário

Na sequência, lista-se um conjunto de unidades fraseológicas com zoônimos que na comparação dos 7 dicionários bilíngues apareceram em apenas um deles. Na frente de cada UFz informa-se, entre parênteses e abreviado qual é o único dicionário em que a UFz figura. São elas:

Quadro 14 - UFz que figuram em apenas um dicionário

<i>olhos de águia (LA)</i> <i>ser uma anta (LA)</i> <i>estar em palpos de aranha (MI)</i> <i>ter estômago de avestruz (LAND)</i> <i>feito (como) barata tonta (MI)</i> <i>(não) ter sangue de barata (MI)</i> <i>metido a besta (OX)</i> <i>chorar como bezerro desmamado (MI)</i> <i>pensar na morte da bezerra (LA)</i> <i>ser o/um bicho (em) (MI)</i> <i>amarrar o bode (MI)</i> <i>colocar o carro diante dos bois (MI)</i> <i>comer como um boi (OX)</i> <i>conversa (história) pra boi dormir (LA)</i> <i>dar nome aos bois (MI)</i>	<i>ser um pé de boi (MI)</i> <i>ter boi na linha (MI)</i> <i>estar no mato sem cachorro (MI)</i> <i>viver como gato e cachorro (MI)</i> <i>esperar a (chegada) da cegonha (LA)</i> <i>matar a cobra e mostrar o pau (MI)</i> <i>ter dente de coelho (MI)</i> <i>ser mãe/pai coruja (LA)</i> <i>lavar a égua (CO)</i> <i>(ser uma) leoa (MI)</i> <i>lobo em pele de cordeiro (MI)</i> <i>ser um mosca morta (CO)</i> <i>picar a mula (MI)</i> <i>comer como um porco (LAND)</i> <i>como sardinha em lata (CO)</i>
---	--

É de se estranhar como algumas UFz tão conhecidas como *estar em palpos de aranha*, *feito barata tonta*, *estar no mato sem cachorro* figurem em apenas um dos 7 dicionários pesquisados e esse fato comprova que ainda há muito que se fazer no âmbito lexicográfico e fraseológico para a inclusão e tradução das UFz nos dicionários escolares bilíngues.

Além da relação acima, demonstra-se no quadro 15 quais UFz da amostra tomada para esta pesquisa figuram nesses dicionários e qual dicionário apresenta o maior número delas.

Quadro 15 – Localização nos dicionários de UFz que figuram em apenas um deles

LAROUSSE	OXFORD	MICHAELIS	COLLINS	LANDMARK
<i>olhos de águia</i>	<i>metido a besta</i>	<i>estar em palpos de aranha</i>	<i>lavar a égua</i>	<i>ter estômago de avestruz</i>
<i>ser uma anta</i>	<i>comer como um boi</i>	<i>feito (como) barata tonta</i>	<i>ser um mosca morta</i>	<i>comer como um porco</i>
<i>pensar na morte da bezerra</i>		<i>(não) ter sangue de barata</i>	<i>como sardinha em lata</i>	
<i>conversa (história) pra boi dormir</i>		<i>chorar como bezerro desmamado</i>		
<i>esperar a (chegada) da cegonha</i>		<i>ser o/um bicho (em)</i>		
<i>ser mãe/pai coruja</i>		<i>amarrar o bode</i>		
		<i>colocar o carro diante dos bois</i>		
		<i>dar nome aos bois</i>		
		<i>ser um pé de boi</i>		
		<i>ter boi na linha</i>		
		<i>estar no mato sem cachorro</i>		

		<i>viver como gato e cachorro</i>		
		<i>matar a cobra e mostrar o pau</i>		
		<i>ter dente de coelho</i>		
		<i>(ser uma) leoa</i>		
		<i>lobo em pele de cordeiro</i>		
		<i>picar a mula</i>		

As UFz listadas acima aparecem apenas em 1 dicionário, como demonstrado no quadro 14. Destaca-se, no quadro acima, o dicionário Michaelis por ser o que mais registra as UFz que não figuram nos demais dicionários.

5.2.4 Unidades fraseológicas com zoônimos: zero inclusão nos dicionários bilíngues

Um aspecto que esta tese procura comprovar é que as unidades fraseológicas com zoônimos não se encontram representadas nos dicionários bilíngues. Esta hipótese foi confirmada com uma porcentagem média de 38% de UFz presentes nos bilíngues, portanto um resultado abaixo da média. No quadro 16, apresenta-se uma amostra das UFz que não estão contempladas nesses dicionários e que foram destacadas das 152 UFz compiladas para análise. São elas:

Quadro 16 – UFz não contempladas nos dicionários bilíngues

<i>(ter) estômago de avestruz</i> <i>ser bagre ensaboado</i> <i>cabeça de bagre</i> <i>Ser um(a) besta quadrada</i> <i>meter-se a besta</i> <i>ser bicho-grilo</i> <i>apanhar como boi ladrão</i> <i>ir amolar o boi</i>	<i>ser uma égua</i> <i>como formiga (aglomeração)</i> <i>ser que nem formiga (para doce)</i> <i>soltar a franga</i> <i>quando as galinhas tiverem (criarem)</i> <i>dentes</i> <i>cantar de galo</i> <i>cozinhar o galo</i>
---	---

<i>ser boi de piranha</i> <i>prender o burro</i> <i>cabra da peste</i> <i>cachorro-sem-dono</i> <i>pra cachorro</i> <i>cair do cavalo</i> <i>cobra criada</i> <i>ser um dinossauro</i>	<i>afogar o ganso</i> <i>levantar a lebre</i> <i>ir pentear macaco</i> <i>vender o peixe pelo preço que</i> <i>comprou</i> <i>montar num porco</i> <i>abraço de tamanduá</i>
---	--

O quadro 16 apresenta um total de 29 UFz que não figuram em nenhum dos 7 dicionários bilíngues pesquisados. Este dado demonstra que cerca de 20% das UFz não são contempladas em nenhum material de referência pesquisado e, devido a popularidade dessas expressões, tal fato é no mínimo problemático do ponto de vista lexicográfico. Expressões como *cair do cavalo*, *cozinhar o galo*, *cobra criada* entre outras que aparecem na lista estão na ‘boca do povo’ diariamente e precisam figurar nos dicionários bilíngues. Os dicionários devem favorecer ao público aprendiz da língua estrangeira (Inglês). Tome-se como exemplo a UFz *cobra criada*. Ao colocar esta expressão no google, descobre-se que a mesma aparece em 53.800 resultados, e desconsidera-se a primeira busca que engloba, por exemplo, marcas de confecções, nomes de filmes, letras de músicas, imagens, com um total de 1.520.000 resultados. Esta simples busca, feita superficialmente, leva à constatação que a UFz *cobra criada* assim como as demais listadas acima precisam fazer parte desses dicionários bilíngues.

5.2.5 Presença de UFz em 5 ou mais dicionários bilíngues

O quadro 17 a seguir exemplifica as UFz que apresentam a maior incidência nos dicionários bilíngues do *corpus* e comprova, dessa forma, sua popularidade e relevância. O número entre parênteses informa em quantos dicionários a expressão figurou.

Quadro 17– UFz presentes em 5 ou mais dicionários

<i>Ser um besta (7)</i> <i>Ser/ fazer bicho-de-sete-cabeças (5)</i> <i>Ser bicho-papão (6)</i> <i>Virar bicho (5)</i> <i>Bode expiatório (7)</i> <i>Vai dar bode (5)</i> <i>Pra burro (5)</i> <i>Ser burro (7)</i>

Cabra-cega (5)
Ser um cavalo (5)
estar/ficar uma fera (6)
Bêbado como um gambá (5)
Ser uma gata (5)
Dar grilo (5)
Ser uma lesma (7)
Estar/viver às moscas (6)
amigo da onça (5)
ovelha negra (6)
pagar o pato (6)
(Ser um) porco (7)
estar/ficar com a pulga atrás da orelha (5)
puxar a brasa p/ sua sardinha (6)
Fazer uma vaquinha (6)

Apesar de os dados acima serem animadores pelo fato de as UFz listadas estarem inseridas na maioria dos dicionários pesquisados, ainda pode-se questionar em qual dicionário dessa mesma relação as UFz não estão presentes. Sabe-se que é fator positivo as UFz constarem em alguns deles, porém é igualmente importante se fazer o levantamento para a verificação de qual dicionário tem priorizado as UFz. Os dados analisados informam que das UFz acima, presentes em pelo menos 5 dicionários, 10 delas não estão presentes no Longman e outras 10 UFz não estão presentes no Webster's.

O Webster's tem a seu favor o fato de se intitular 'mini dicionário'. Isso previne para que não se espere muito dele. O Longman, pelo contrário, vem com a proposta de ser uma edição "totalmente atualizada com novas palavras e expressões incorporadas ao idioma [...], garantindo que este dicionário permanece como o mais 'abrangente e atualizado' de sua categoria". De todos os dicionários é o que se atribui o maior número de verbetes (120.000), levando o usuário a pensar que pode encontrar tudo nele. Também o dicionário Landmark tem uma ausência de 7 para 23, ou seja, cerca de 30,4% das UFz mais frequentes nos outros dicionários não figuram neste. Nas informações da contra capa afirma-se que o Landmark traz expressões idiomáticas e que possui 40.000 verbetes, sendo quase o dobro do Michaelis. O Landmark é também o dicionário mais antigo do *corpus*, com data da edição de 2005, podendo ser este um dos fatores determinantes com relação às ausências de UFz percebidas em sua nomenclatura.

5.2.6 As Unidades fraseológicas com zoônimos e as equivalências encontradas

Quando se busca a equivalência para uma UFz nos dicionários bilíngues, geralmente se está motivado pela tentativa de entender melhor o que se lê. Ocorre que quando o objetivo é outro, ou seja, o de escrever um texto ou verter para a língua estrangeira porções da língua materna, isso se torna bem mais difícil. Encontrar o modo de como se devem expressar certas sequências escritas na língua estrangeira requer um material de consulta que ofereça não só a equivalência, mas também algum exemplo de como se dá a aplicação da mesma na frase, bem como aspectos lexicais e estilísticos. Para exemplificar o aspecto em discussão, analisam-se, na sequência, dois exemplos de UFz pesquisadas nos dicionários Houaiss e UNESP e nos 7 bilíngues que são objeto desta pesquisa.

5.2.6.1 Definições e equivalências de unidades fraseológicas com zoônimos.

estar em palpos de aranha

É estar sem saída, sem saber ao certo o que fazer. Segundo o Houaiss é “estar em situação difícil”. É “meter-se em complicações” (Mota)⁹⁵ ou, como afirma Pimenta,⁹⁶ “encontrar-se numa situação muito complicada”. Mota (*op. cit.*) acrescenta os sentidos de “indivíduo lento, confuso, desajeitado” para a palavra *aranha*. Pode-se entender *papo* no sentido de estar sendo digerido na barriga do bicho, ou seja, segundo Pimenta (*op. cit.*), é estar sem saída. *Palpo* é palavra de uso científico que significa o par de apêndices próximo à boca da aranha, em que submete a presa. Segundo o Houaiss, as duas formas são corretas. Um dos bilíngues registra a UFz em seu sentido figurado, no entanto, fornece uma equivalência formal: *to be in a very difficult position*. Pastore (2009, p. 206)⁹⁷, por sua vez, traduz a UFz *to have (hold) a wolf by the ears* do inglês para o português como *estar em papos de aranha*, estar em má situação. Considera-se este equivalente apropriado por suas características sintáticas similares à UFz. Pode-se considerar, também, os idiomatismos *to be in a fix/ in a tight corner/ on a sticky wicket* como

⁹⁵ (1978, p.58)

⁹⁶ (2006, p. 85)

⁹⁷ (2009, p. 206)

equivalentes para a UFz.

Sabe-se que a paráfrase explicativa (*to be in a very difficult position*) não terá o mesmo efeito para a produção do aprendiz se a intenção dele é utilizar uma linguagem mais coloquial. Tagnin (2005, p. 13) faz menção à UFz e traduz a mesma para o inglês como *your goose is cooked*. A unidade fraseológica é satisfatória, pois é compatível com o registro e com a inclusão de um zoônimo. Para a utilização na produção, porém, o aprendiz provavelmente terá dificuldade para utilizá-la, pois tentará fazer a versão a partir de “Eu/minha mãe/ estou/está (estava) em papos de aranha” e terá que chegar a construção seguinte “My/ my mother’s goose/ is/was cooked” ficando um tanto confuso. Por suas características sintáticas similares à UFz de partida, considera-se o equivalente *to have (hold) a wolf by the ears* mais apropriado para a produção em que o aprendiz poderá mais facilmente chegar a “*I have/ a wolf by my ears*” para a produção da frase “Eu estou /em papos de aranha”.

(estar) entregue às baratas

Apenas o Larousse e o Collins registram esta UFz. Observa-se também a inclusão diferenciada nos dois bilíngues da composição da UFz, pois o (Larousse) apresenta a UFz incluindo o verbo (estar) e o outro, a registra sem o verbo (estar). Quanto ao sentido, os dois diferenciam o abandono à pessoa do abandono a um projeto ou plano. O Collins faz a tradução empregando um zoônimo em sentido figurado (*gone to the dogs, gone out the window* [plano]). O Larousse emprega uma paráfrase explicativa formal para o sentido de projeto, construção ([*projeto, construção*] *to fall into a state of neglect*).

A equivalência *gone to the dogs* do Collins atende ao sentido figurado, utilizando inclusive um zoônimo, porém para fins de produção pode se tornar problemática para o consulente. Observe-se que ele provavelmente tentará fazer a versão da seguinte construção: “a casa estava entregue às baratas” e colocará *the house gone to the dogs* na primeira tentativa e se for de nível mais avançado poderá então fazer a construção *the house was gone to the dogs* que é aceitável. Ao se empreender a busca pela ferramenta do KWIC (LAEL) (do site do Programa de Pós Graduação de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) encontram-se algumas construções possíveis para a UFz: “*Man, that shop has really gone to the dogs - I don’t even want to go inside anymore.*” ou “*Now he was dead and everything was gone to the dogs, there was nothing but debt and threatening*” e, ainda outra,

"Going to the dogs" means going bad.

No tópico a seguir apresenta-se uma análise com definições e equivalências sugeridas (a partir de buscas em dicionários on-line e impressos) para 152 unidades fraseológicas tomadas como amostra.

5.3 Análise de 152 UFz tomadas como amostra de dicionários monolíngues e bilíngues⁹⁸

Na sequência, inventariam-se as definições e equivalências encontradas (ou não) nos dicionários pesquisados. Discute-se seu alcance idiomático e para a maioria delas, sugerem-se equivalências possíveis com base em pesquisa tanto em dicionários fraseológicos como em sites em que as mesmas aparecem em contexto.

1. ABELHA - ser uma abelha-mestra/rainha

Abelha rainha se diz de mulher geralmente mandona, que toma a frente das coisas. Segundo o Houaiss, em seu sentido figurado, é mulher dominadora, intrometida. São mulheres astuciosas, ladinas (Magalhães Júnior)⁹⁹ ou alcoviteiras, intrigantes (Mota)¹⁰⁰. Pastore¹⁰¹ diz que entre as qualidades atribuídas à abelha estão a habilidade de organização [...], a coragem, [...], a eloquência e a agitação.

Não se encontra nos bilíngues pesquisados o sentido figurado para a UL abelha-mestra/rainha, mas, encontra-se traduzida *queen bee* em três deles. Sem a abonação para contextualizar a UFz não é possível saber se a equivalência atende o sentido figurado expresso no Houaiss. Nesse sentido, procedemos a uma pesquisa no Google por uma referência à equivalência dada em inglês, e encontramos a abonação: *"the 'queen bee' and her friends all went to the halloween dance as nurses"*. O sentido da abonação concorda com as qualidades atribuídas à abelha-rainha.

⁹⁸ Adotamos nesta seção organização diferenciada das fontes das citações por se tratar de inclusão de muitos fragmentos de significação que deixaria o texto sem fluidez caso adotássemos o critério de AUTOR, DATA, p. para referenciar cada segmento. Ao invés disso, adotamos o sistema de colocação das fontes em notas de rodapé.

⁹⁹ (1974, p.10)

¹⁰⁰ (1978, p.56)

¹⁰¹ (2009, p. 57)

2. ÁGUIA – ser um águia

É pessoa inteligente, perspicaz. Encontra-se em Pastore¹⁰² o registro dos atributos de rapidez, poder e percepção para a *águia*. Segundo o Houaiss “sobrepuxa as demais pela excelência de seus dotes intelectuais, de seu talento ou de sua perspicácia”. Alguém *expert* em algo, “velhaco, espertalhão” (Mota)¹⁰³. O grande escritor Rui Barbosa foi chamado de *Águia de Haia*. Nascentes¹⁰⁴ diz que o evangelista João foi chamado de *águia de Patmos*¹⁰⁵.

Dos bilíngues investigados têm-se a paráfrase explicativa *a talented person* e a tradução *genius*. Não consideramos as equivalências apresentadas satisfatórias do ponto de vista da tradução como ‘trans-representação’ de que nos fala Vermeer¹⁰⁶. Entende-se que a UFz *ser um águia* não tem a mesma conotação na língua inglesa que damos em nossa língua. O dicionário de expressões idiomáticas¹⁰⁷ apresenta as seguintes equivalências: *be a sharper; be full of cunning, be keen-witted* para o conceito expresso acima. No entanto, ao pesquisá-las no Google não pudemos encontrar nenhuma referência que servisse de abonação para as equivalências apresentadas.

3. ÁGUIA – olhos de águia

A pessoa com *olhos de águia* consegue enxergar oportunidades que outros não veem. Segundo o UNESP a expressão tem o sentido de *perspicaz; agudo*. Na busca pela UFz em um dicionário de expressões¹⁰⁸ em português online encontramos a seguinte definição: olhar agudíssimo, muito penetrante, que tudo percebe e que tudo vê.

¹⁰² (2009, p. 58)

¹⁰³ (1978, p. 57)

¹⁰⁴ (1986, p. 5)

¹⁰⁵ O evangelista João viveu muito tempo na ilha de Patmos e lá escreveu o apocalipse.

¹⁰⁶ But they ‘transpresent’ a hetero-cultural ideal into an object of the artist’s own culture [...] to bring it into another culture and to transform it into something else to change its form and meaning and sense which again means a partial cultural trans-presentation, an adaptation. (Vermeer, 1992, p.5 “Translation Today: Old and new problems”)

¹⁰⁷ (SERPA, 1975, p. 177)

¹⁰⁸

Disponível

em:

<<http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Olhos%20de%20%E1guia>>. Acesso em 18/04/2014.

Michaelis apresenta a equivalência *piercing eyes*. Procedemos a uma pesquisa no Google por uma referência à equivalência dada em inglês, e encontramos a abonação “*She looked at me with ‘piercing eyes’, and I was suddenly frightened that she knew what I had done.*”¹⁰⁹ No entanto, verifica-se que a UFz pode igualmente ser traduzida por *eagle eyes* conforme define o dicionário on-line Cambridge¹¹⁰ significando “perceber tudo, até mesmo os pequenos detalhes” e seguida pela abonação em que a equivalência encontra-se na categoria adjetivada do inglês “*My eagle-eyed mother noticed that some cakes had gone missing*”¹¹¹.

4. ANTA – ser uma anta

É comum na linguagem falada ouvir-se a expressão “Aquele fulano é uma anta, sempre se intromete onde não é chamado”, ou seja, pessoa tola, inconveniente. Tanto o Houaiss como o UNESP registram o sentido figurado para a UFz informando que se trata de indivíduo de “inteligência limitada; burro, tolo”. A UFz costuma ser utilizada para o conceito pejorativo de *burrice*. Encontra-se em um dos bilingues pesquisados a equivalência *to be an ass*. Verifica-se no dicionário Babylon a equivalência *asshole*¹¹² para o conceito expresso acima. No Google pode-se constatar a seguinte abonação para a UFz: “*That ‘asshole’ took my parking space.*”¹¹³

5. ARANHA – estar em palpos de aranha

É estar sem saída, sem saber ao certo o que fazer. Segundo o Houaiss é “estar em situação difícil”. É “meter-se em complicações” (Mota)¹¹⁴ ou como afirma Pimenta¹¹⁵ “encontrar-se numa situação muito

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/piercing>> Acesso em: 12/05/2014.

¹¹⁰ Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/eagle-eye>> Acesso em 03/04/ 2014.

¹¹¹ Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/eagle-eye>> Acesso em 12/05/2014.

¹¹² asshole - 1. insulting terms of address for people who are stupid or irritating or ridiculous;

¹¹³ Disponível em:

<http://www.reddit.com/r/funny/comments/1urm2t/some_asshole_took_my_spot_after_i_shoveled_3/> Acesso em 12/05/2014.

¹¹⁴ (1978, p.58)

complicada”. Mota (id.) acrescenta os sentidos de “indivíduo lento, confuso, desajeitado” para a palavra *aranha*. Pode-se entender *papo* no sentido de estar sendo digerido na barriga do bicho, ou seja, segundo Pimenta (ibidem), é estar sem saída. *Palpo* é palavra de uso científico que significa o par de apêndices próximo à boca da aranha, em que submete a presa. Segundo o Houaiss, as duas formas são corretas. Um dos bilíngues registra a UFz em seu sentido figurado, no entanto, fornece uma equivalência formal: *to be in a very difficult position*.

Pastore¹¹⁶, por sua vez, traduz a UFz *to have (hold) a wolf by the ears* do inglês para o português *estar em papos de aranha*, como estar em má situação. Consideramos esse equivalente apropriado por suas características sintáticas similares à UFz. Pode-se considerar, igualmente, os idiomatismos *to be in a fix/ in a tight corner/ on a sticky wicket* como equivalentes para a UFz.

6. ARARA – estar/ficar uma arara

É ficar muito bravo, irado mesmo com alguém ou com alguma coisa que alguém fez. Segundo o Houaiss é ficar muito “irritado, muito zangado” e segundo o UNESP o sentido é de “furioso”. *Arara* tem o significado de “mentira, tolo, imbecil” para Mota¹¹⁷. Caramori¹¹⁸, associa o pássaro *arara* com o conceito de ira. Encontram-se nos bilíngues as seguintes equivalências: *to be hopping mad* e *to be/get angry*.

Pastore¹¹⁹ traduz a UFz *be a cross bear* como sendo estar/ficar muito bravo ou insatisfeito com alguém ou alguma coisa e, portanto, traz o sentido expresso pela UFz em português brasileiro.

7. ARARA – (ser) pau de arara

Trata-se de transporte feito em caminhão coberto, com varas longitudinais na carroceria, às quais os passageiros se agarram, usado principalmente nas retiradas de nordestinos e que, por extensão de sentido, é direcionado a qualquer nordestino (Houaiss e o UNESP). Pode-se, ainda, reforçar a definição dos monolíngues com o sentido

¹¹⁵ (2006, p. 85)

¹¹⁶ (2009, p. 206)

¹¹⁷ (1978, p. 59)

¹¹⁸ (2000, p.83)

¹¹⁹ (2011, p. 28)

dado por Mota¹²⁰ de “sertanejo nordestino que emigra para o sul, caminhão que conduz emigrantes”.

Um dos bilíngues lematiza a UFz e acrescenta uma paráfrase (para a pessoa): *migrant from North-easter Brazil* enquanto outro registra uma paráfrase explicativa (para o tipo de transporte): *open truck*. No entanto, sabe-se que esse fraseologismo é produto característico da cultura nordestina brasileira incorrendo naquilo que Welker¹²¹ chama de *ausência de equivalentes* e, por essa razão, requer um trabalho minucioso para encontrar um item lexical da L2 que designe um “objeto ou fato análogo ao objeto ou fato designado pelo item lexical da L1”. Geralmente tal conceito se aplica aos temas de festividades, fatos históricos ou atividades especializadas próprias de uma dada cultura. Sugestão de tradução: (backwoodsman).

8. ASNO – Ser um asno

É uma pessoa que faz tudo errado e causa irritação por conta disso. Indivíduo “desprovido de inteligência, burro” (Houaiss) ou como ressalta o UNESP, pessoa “pouco inteligente”. É, segundo Mota¹²², pessoa estúpida e inclui também a variação *pedaço de asno* como indivíduo totalmente ignorante.

Os bilíngues registram: *silly ass, stupid, a fool, ignorant*. Sugerimos *to be an utter ass* para traduzir a UFz conforme a abonação “*If you choose to be an utter ass on this page, to my friends, or to me, I will ban you*”¹²³.

9. AVESTRUZ - ter estômago de avestruz

Diz-se que uma pessoa tem estômago de avestruz quando é capaz de comer grandes quantias de comida sem passar mal. O Houaiss e o UNESP empregam definições semelhantes, ou seja, “indivíduo capaz de comer muito e de um tudo, sem que isso lhe traga distúrbios estomacais” e “quem come muito e de tudo sem ter problemas digestivos”, respectivamente.

¹²⁰ (1978, p. 59)

¹²¹ (2004, p. 195)

¹²² (1978, p.61)

¹²³ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/QueenMargaretofScotlandandtheIsles/posts/587958334559664>> Acesso em 19/04/2014.

Magalhães Júnior¹²⁴ explica que a definição se deve ao fato de a avestruz comer corpos duros, como pedrinhas, que acabam por auxiliar sua digestão e favorecer a trituração dos alimentos ingeridos. Para Mota¹²⁵ é “suportar comidas, ofensas ou atos repugnantes”. Ribodi¹²⁶, igualmente, faz uma analogia com o avestruz porque a ave possui um poderoso suco gástrico capaz de dissolver até metais, e engole objetos com facilidade.

Nenhum bilíngue pesquisado registra a UFz. No entanto, fornecemos a equivalência *to have a cast-iron stomach* que pode traduzir satisfatoriamente a Ufz conforme comprova a frase “*Unless you ‘have a cast iron stomach’, I would be very careful eating moldy or expired food*”.¹²⁷

10. BAGRE - bagre ensaboado

Fala-se em *bagre ensaboado* quando uma pessoa demonstra esperteza ou mesmo consegue se sair de perguntas com respostas evasivas. O UNESP define o lema *ensaboado* como pessoa que “evita responder perguntas, que não fala a verdade”.

Os bilíngues não registram o fraseologismo em análise. Com base em nossas pesquisas podemos sugerir a equivalência *crookeder than a barrel of fish hooks* para a UFz conforme comprova o sentido na frase “*Don’t play cards with him. He’s as crooked as a barrel of fish hooks*”¹²⁸ ou ainda, *as slippery as an eel* como na frase “*The minister can be as slippery as an eel when he doesn’t want to answer a reporter’s question*”.¹²⁹

11. BAGRE – cabeça de bagre

Refere-se à pessoa tola e medíocre. O sentido de pessoa

¹²⁴ (1974, p.121)

¹²⁵ (1978, p.61)

¹²⁶ (2007, p.11).

¹²⁷ Disponível em: <<http://www.atlei.com/blog/post/2013/09/13/To-have-a-cast-iron-stomach.aspx>> Acesso em 12/05/2014.

¹²⁸

Disponível

em:

<<http://idioms.thefreedictionary.com/crooked+as+a+barrel+of+fish+hooks>>

Acesso em 12/05/2014.

¹²⁹ CURTIS, STEPHEN. *Animal Idioms in action through pictures*. Learners Publishing, Singapore, 2011.

mediocre, é também compartilhado pelo UNESP no futebol. Pode-se ligar o sentido com pessoa feia conforme o Houaiss e o UNESP registram. Para Mota¹³⁰ é pessoa “destituída de bom senso”. Riboldi¹³¹ explica que o bagre, apesar da cabeça grande e desproporcional com o resto do corpo, possui cérebro minúsculo e isso explica a analogia feita com pessoas de pouca inteligência, estúpidas. No futebol, a gíria se aplica a jogador *mediocre*, sem intimidade com a bola.

Não há registro da expressão em nenhum dos 7 dicionários bilíngues. Sugerimos a tradução *birdbrained* como na frase “*Look, you birdbrained idiot, you are dead wrong!*”¹³²

12. BALEIA – Ser uma baleia

Dizer que alguém é uma baleia é porque a pessoa está exageradamente gorda. Segundo o Houaiss é um indivíduo obeso, muito gordo. Tanto Mota¹³³ como Nascentes¹³⁴ explicam a UFz com o sentido de obesidade, mas voltado para a mulher, ou seja, mulher gorda, grande e feia.

O bilíngues registram as seguintes equivalências: *to look like a beached whale*, *to be very overweight*, *to be enormous* e *something impressive in size*. Em inglês existe exatamente a mesma expressão, conforme listado por um dos bilíngues, a equivalência *to look like a beached whale* tradução que satisfaz tanto o sentido quanto a forma para a UFz.

13. BARATA – entregue às baratas

É estar totalmente abandonado, sem cuidado e sem manutenção. Para o Houaiss é “sem receber, ou dar a si próprio, a devida atenção ou os cuidados necessários; abandonado, negligenciado” e para o UNESP é o mesmo sentido, ou seja, “às traças; ao abandono”.

Os bilíngues apresentam as equivalências: *gone to the dogs*, *to let oneself go* [projeto, construção] e *to fall into a state of neglect*.

¹³⁰ (1978, p.63)

¹³¹ (2007, p.12)

¹³² Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/browse/most+bird+brained>>

Acesso em 19/04/2014.

¹³³ (1978, p. 64)

¹³⁴ (1986, p. 21)

Pastore¹³⁵ observa que barata no Brasil é símbolo de sujeira e pestilência. Talvez essa simbologia possa justificar a metaforização da UF acima. Além da equivalência *gone to the dogs* pode-se traduzir a UFz com a expressão *to be left to the flies* quando se trata de lugares abandonados.

14. BARATA – feito barata tonta

A fraseologia refere-se a uma pessoa que desconhece determinado lugar ou mesmo se encontra em meio a pessoas desconhecidas e se sente totalmente deslocada. É pessoa desorientada, sem organização e sem serenidade para fazer as coisas (Houaiss/UNESP).

É “pessoa irrequieta, de pouco juízo” informa Mota¹³⁶ e Nascentes¹³⁷ afirma que é “mostrar-se estonteado”.

Nos bilíngues a UFz aparece apenas no Michaelis com as paráfrases: *disorientedly*, *aimlessly*, e com a variante *como barata tonta*.

Schmidt & Hainfelder¹³⁸ explicam que *feito barata tonta* é o mesmo que *like a chicken with his head cut off*. Essa mesma expressão é usada por Pastore¹³⁹ que explica que “a imagem evocada pela EI é a da galinha e da barata andando em círculo, simbolizando alguém que estaria desorientado devido a alguma situação”. A galinha sem a cabeça ilustra bem essa desorientação evocada pela imagem. O simbolismo de desorientação para a barata é devido à maneira confusa como se move quando é ameaçada.

15. BARATA- (não) ter sangue de barata

Há que se dizer que geralmente aparece com a negativa e o sentido é de não suportar provocações. O Houaiss define a UFz na afirmativa, ou seja, *ter sangue de barata* significa não gostar de briga, não reagir a provocações. Mota¹⁴⁰ a define sem a negativa, como “pessoa mole, fria, sem reações”. Para Nascentes¹⁴¹ (*não*)*ter sangue de*

¹³⁵ (2009, p. 58)

¹³⁶ (1978, p.64)

¹³⁷ (1986, p.23)

¹³⁸ (1990, p. 214)

¹³⁹ (2009, p.113)

¹⁴⁰ (1978, p.64)

¹⁴¹ (1986, p. 27)

barata é reagir contra uma ofensa. O autor afirma que a comparação é feita por conta do sangue branco dos insetos ser considerado mais fraco.

Apenas o Michaelis apresenta equivalências para a UFz, uma formal e outra mais culturalmente marcada: *to be a coward; be chicken*. Uma equivalência possível para a UFz é *not to be meek and mild* como na frase *“I’m not meek and mild. I decided to provoke somebody and complain”*.¹⁴²

16. BESTA - Ser um(a) besta quadrado(a)

É ser uma pessoa estúpida, imbecil, alheio a tudo o que é sensato. O sentido figurado de *besta* no Houaiss é o de “ignorante ou pouco inteligente, burro, tolo”. No monolíngue UNESP é “pessoa idiota ou tola, cretino” e ainda explica a origem do fraseologismo como sendo uma analogia da redução de besta elevada ao quadrado, ou seja, a super besta, o/a grande idiota. Mota¹⁴³ a define como “estúpido”. Nascentes¹⁴⁴ concorda com a explicação dada pelo UNESP, ou seja, “elevada ao quadrado, mais do que a comum, a da primeira potência”.

Não se encontra nenhuma equivalência nos bilíngues pesquisados. Há muitos idiomatismos ligados a ideia de estupidez. Sugerimos a equivalência *stupid as a goose*, pois de alguma forma, o ganso é associado com *estupidez* em várias línguas¹⁴⁵ (inglês, polonês, francês e até hieróglifos egípcios fazem associações do ganso com pessoas imbecis, estúpidas). Outra equivalência é *stupid donkey* como explica a frase *“To then call someone ‘a stupid donkey’ is like a double superlative, to mean that the person is a complete ass, or ridiculously and totally stupid”*.¹⁴⁶

¹⁴² Disponível em: <<http://www.teclasap.com.br/como-se-diz-ter-sangue-de-barata-em-ingles/>> Acesso 19/04/2014.

¹⁴³ (1978, p.65)

¹⁴⁴ (1986, p.28)

¹⁴⁵ Disponível em: <<http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=1269653>> Acesso em 19/04/2014.

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Stupid%20Donkey>> Acesso em 19/04/2014.

17. BESTA - Fazer (alguém) de besta

É alguém fazer o outro de bobo, talvez por desconhecimento de alguma situação, ridicularizá-lo. Para o Houaiss significa enganar. Mota¹⁴⁷ diz que fazer (papel) de besta é “bancar o bobo”. Larousse informa que fazer (alguém) de besta é *to make a fool of somebody*.

18. BESTA - Fazer-se de besta

É “fazer-se tolo, fazer-se desentendido, fingir ignorância ou burrice” (Houaiss). Para Mota¹⁴⁸ é “bancar o sabido” e para Caramori¹⁴⁹ é “fingir-se de tolo, dissimulação”. O bilíngue Michaelis registra *to play the fool* para a UFz.

19. BESTA – meter-se a besta

É mostrar-se abusado, intrometer-se com alguém, com intenção de namoro ou sexo (Houaiss). Sugerimos a equivalência *to put on airs* para a UFz conforme a abonação “*Don’t you put on airs with me, I know quite well who you are*”.¹⁵⁰

20. BESTA - metido a besta

Pessoa pretensiosa e arrogante, que finge ser o que não é, também pedante, orgulhosa (Houaiss). Nos bilíngues têm-se as seguintes equivalências para o sentido figurado de besta que leva o sentido dado pelo Houaiss: *pedantic, cocky e full of oneself, pretentious* ou arrogant, contudo a UFz *metido a besta* somente aparece no Oxford e no lema *metido*.

21. BESTA - Ficar besta

É ser surpreendido com algo que não se espera. É “ficar muito admirado; pasmo” (UNESP). Dois bilíngues a registram com o sentido de ficar admirado: *to be amazed at/by something*. Sugerimos a

¹⁴⁷ (1978, p. 66)

¹⁴⁸ (1978, p. 66)

¹⁴⁹ (2000, p. 84)

¹⁵⁰ CAMARGO, S. E STEINBERG, M. **Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas Port.-Ing.**. São Paulo, EPU, 1989.

equivalência *to have a bird* conforme a frase “*When I told my daughter she was grounded, she ‘had a bird’... began screaming and crying*”.¹⁵¹

22. BESTA – Ser um besta

Pessoa ignorante que está sempre pondo os pés pelas mãos ou que não se coloca em seu lugar. Para o Houaiss é “que ou quem é ignorante ou pouco inteligente; burro, tolo”. Registra também o sentido de “antipático, presunçoso, pernóstico, arrogante”. O UNESP a registra como “pessoa bruta e estúpida”. Para Mota¹⁵² é “tolo, imbecil, pretensioso, orgulhoso”.

Todos os bilíngues registram o sentido figurado para a UL *besta* com as seguintes equivalências: *pedantic, idiotic, fool, idiot, cocky, stupid, silly, simple, full of oneself, imbecile, stupid person*. Sugerimos a equivalência *to be an utter ass/asshole* conforme a abonação “*he is a complete and utter asshole*”.¹⁵³

23. BEZERRO - chorar como bezerro desmamado

É chorar alto e copiosamente, assim nos explica o Houaiss. É quem se “lamenta muito como se tivesse perdido todos os bens, criança manhosa”, de acordo com Mota.¹⁵⁴ Para Nascentes¹⁵⁵ é “chorar fazendo alarido”. A simbologia do *bezerro* o define como “aquele que simboliza pureza ou sacrifício voluntário” conforme Pastore¹⁵⁶. Somente um bilíngue registra a expressão e explica por meio da paráfrase *cry loudly like a child*.

24. BEZERRA – pensar na morte da bezerra

É estar distraído, pensativo, não estar atento ao que se passa em

¹⁵¹

Disponível

em:

<<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=have%20a%20bird>>

Acesso em: 05/05/2014.

¹⁵² (1978, p. 65)

¹⁵³ Disponível em: <<http://www.calgarygrit.ca/?p=3767>> Acesso em 05/05/2014.

¹⁵⁴ (1978, p.67)

¹⁵⁵ (1986, p.29)

¹⁵⁶ (2009, p. 59)

redor (Houaiss). É “lamentar a perda de alguma coisa”, diz Mota.¹⁵⁷ Encontra-se em um dos bilíngues a equivalência *to daydream* que tem registro formal. Há, igualmente, várias equivalências possíveis para a UFz, com base nas situações comunicativas de cada uma: *to be up in the clouds*, *to be woolgathering*, *to be in a brown study*, *to be lost in thought*.

25. BICHO - ser/fazer bicho-de-sete-cabeças

É complicar uma situação que pode nem ser tão difícil, indisposição para enfrentar uma responsabilidade. O Houaiss a define como “coisa de difícil solução” e o UNESP “coisa muito complicada e difícil”.

Segundo Magalhães Júnior¹⁵⁸ o fraseologismo faz menção à mitologia grega, ao monstro hidra de Lerna que Hércules matou realizando assim um feito extraordinário. Caramori¹⁵⁹ registra o conceito de “dificuldade, encontrar-se diante de uma situação de grande complexidade, por vezes imaginária”. Riboldi¹⁶⁰ acrescenta, concordando com Magalhães Júnior, que “a cada cabeça cortada por Hércules outras mais renasciam do corpo do monstro”. Segundo alguns autores, a serpente tinha 7 cabeças o que veio consagrar tal expressão. Os bilíngues apresentam as seguintes equivalências: *be hideous*, *to make a mountain out of a molehill*, *to be a hideous thing*, *to make a big deal out of something*, *it's no big deal*, *to exaggerate*. Consideramos satisfatórias as equivalências *to make a mountain out of a molehill*, ou, ainda, *to make a song/fuss about something* para traduzir a UFz.

26. BICHO – ser bicho do mato

Indivíduo arredio ao trato social, retraído, grosseirão, segundo o Houaiss. Pessoa “tímida, que foge ao convívio social” informa o UNESP. Sujeito “ignorante, esquivo, mal vestido, praticante de fiascos” (Mota)¹⁶¹. Criança que tem medo de gente, não gosta de vir falar com as pessoas. Pessoa insociável (Nascentes)¹⁶². Três dos bilíngues

¹⁵⁷ (1978, p. 67)

¹⁵⁸ (1974, p. 44)

¹⁵⁹ (2000, p. 85)

¹⁶⁰ (2003, p.13)

¹⁶¹ (1978, p.68)

¹⁶² (1986, p. 29)

pesquisados dão a mesma equivalência *loner* e outro registra *shy person*.

27. BICHO – ser bicho-grilo

É o que costumamos chamar de hippie, pessoa que ganha seu sustento de objetos que fabrica artesanalmente e os vende em praças, feiras, etc., e que não segue os padrões de comportamento ditados pela sociedade.

Para o Houaiss trata-se de indivíduo que segue o estilo da contracultura, no modo de agir e pensar, no vestuário. Para o UNESP é pessoa de aparência extravagante e relaxada.

Mota¹⁶³ informa o significado de *grilo* como sendo alteração, bagunça, encrenca. No dicionário informal acionado pelo Google¹⁶⁴ diz-se de pessoa que na década de 70 mantinha um estilo de vida não formal, não seguindo os padrões de consumo e comportamento. O *bicho-grilo* usa roupas do tipo artesanal, também podendo designar alguns tipos de maconheiros que tem um estilo de vida mais voltado para a natureza e vive à margem da sociedade. Nenhum bilíngue registra a UFz. Encontramos a equivalência *flower child* para traduzir esse mesmo conceito como na frase “*Flower child originated as a synonym for hippie, especially among the idealistic young people who gathered in San Francisco*”.¹⁶⁵

28. BICHO – ser bicho-papão

É um monstro inventado pelos adultos para se por medo nas crianças e fazê-las obedecer. É monstro imaginário, concebido como bruxa horrenda e má, com cara de jacaré e garras de gavião (UNESP). Para Mota¹⁶⁶ é “bicho de fábula, citado nas estórias para crianças”. “Monstro imaginário das cantigas e histórias infantis, comedor de crianças” (Nascentes).¹⁶⁷ Pimenta¹⁶⁸ explica que o termo veio do verbo *papar* (*devorar*). O bicho-papão também é chamado de *papagente*.

¹⁶³ (1978, p. 131)

¹⁶⁴ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/bicho-grilo/>>. Capturado em 10/07/2013.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Flower_child> Acesso em 05/05/2014.

¹⁶⁶ (1978, p.68)

¹⁶⁷ (1986, p. 29)

¹⁶⁸ (2006, p.41)

Quatro bilíngues apresentam a equivalência *bogeyman*. Outros registram *bugbear* e *bugaboo*.

29. BICHO - Que bicho te mordeu?

Usa-se fazer essa pergunta para a pessoa que se mostra emburrada, de cara fechada e triste. O UNESP a registra como expressão usada para perguntar o que aconteceu a alguém que parece zangado ou aborrecido.

A expressão é dita quando uma pessoa muda de comportamento de repente. Conta-se que na França do século XVII, era comum se perguntar: *que mosca te picou?* Em algum momento após, não se sabe quando, a mosca foi trocada pelo bicho.¹⁶⁹

Dois bilíngues pesquisados registram as equivalências: *What is eating you?* e *What's got into you?*

30. BICHO - ser o/um bicho (em)

Significa que a pessoa tem habilidades especiais para com determinada tarefa ou disciplina escolar. Para o Houaiss é ser “agradável, excelente” e para o UNESP é “pessoa de grande habilidade, fera”.

Um dos bilíngues parafraseia o sentido da UFz com as seguintes definições: *expert, skillfull, cunning or intelligent person*.

Sugerimos a equivalência *be keen witted* como na abonação “*He was angry that, a man of common sense, 'keen witted' and farseeing in the ordinary affairs of life, should have placed himself so completely in a false, not to say a humiliating position*”.¹⁷⁰

31. BICHO - ver que bicho vai dar

É tomar uma decisão e esperar pelos resultados, mas, com uma expectativa positiva acerca da situação. O Houaiss a registra como esperar o “resultado do jogo do bicho, esperar para ver o que sucede”.

É “aguardar os acontecimentos” (cf. Mota).¹⁷¹ Encontramos em

¹⁶⁹ Disponível em: <<http://www.slideshare.net/elizabetebianco/expressoes-curiosas>> . Capturado em 03/04/2013.

¹⁷⁰ Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/witted>> Acesso em 05/05/2014.

¹⁷¹ (1978, p. 68)

um blog português¹⁷² que, a expressão significa que às vezes, não vemos imediatamente o resultado de alguma ação nossa e assim, precisamos ter paciência e esperar, neste caso o blog afirma: *como dizem os brasileiros, é preciso ver o bicho que dá*. Encontram-se nos bilíngues as equivalências: *to see what will come of it*, e as paráfrases *wait for the results or consequences of something, to see what happens*. Sugerimos a equivalência *let's see how the land lies* para a tradução da UFz.

32. BICHO – virar bicho

Ficar muito bravo com alguém ou por causa de alguma coisa. O Houaiss diz que é “ficar enraivecido (como um animal feroz)”. Para Mota¹⁷³ é zangar-se, mostrar-se agressivo e disposto ao “vale-tudo”.

Os bilíngues, ora parafraseiam, ora oferecem uma equivalência para a UFz, sendo respectivamente: *to turn nasty, to get mad, he became furious and aggressive, to get mad*. A seguir, listamos algumas possibilidades de tradução para a UFz: *to blow your top, to fly off the handle, to hit the ceiling, to throw a fit, to get pissed off, to kick up a stink, to bite someone's (sb's) head off, to last out at, to tell somebody where to get off, to breathe fire and brimstone, to flip out, to be wild*.

33. BODE - amarrar o bode

É ficar emburrado por alguma coisa. Ficar sério, de cara amarrada, mal-humorado conforme informa o Houaiss que registra também sua variação, ou seja, *de bode amarrado*, como amuado, mal-humorado. Mota¹⁷⁴ dá o sentido de “zanga, aborrecimento, incomunicabilidade”. Nascentes¹⁷⁵ acrescenta “estar contrariado”. Observe-se o sentido da UFz na seguinte abonação “bastava uma menina desconhecida olhar para mim, pronto, eu *amarrava o bode*.”¹⁷⁶

Um dos bilíngues aponta a equivalência *ill-humored* para a segunda opção do Houaiss.

¹⁷² Disponível em: <<http://blogs.asa.pt/portuguesemdia/2010/03/16/expressao-idiomatica-ver-o-bicho-que-da/>>. Capturado em 03/04/2013.

¹⁷³ (1978, p.68)

¹⁷⁴ (1978, p. 71)

¹⁷⁵ (1986, p.33)

¹⁷⁶ JARDIM, Luiz. *Maria perigosa*, 1959, p. 3.

34. BODE - bode expiatório

É a pessoa que sem querer, paga pelos erros dos outros. A “que(m) se imputam ódios, reveses, frustrações, desgraças; alvo favorito de troças e ataques de todos; joquete” (Houaiss).

Para Magalhães Júnior¹⁷⁷ é alguém que “leva a culpa de atos que não cometeu”. Para o autor, é uma alusão ao bode, considerado símbolo das iniquidades do povo judeu, e que no Dia da Expição era sacrificado para expiar os pecados de Israel. Segundo Mota¹⁷⁸ significa a vítima a quem se atribui a responsabilidade dos insucessos.

Os 7 bilíngues registram a mesma equivalência: *scapegoat* e um deles acrescenta: *fall guy*, *whipping-boy*.

35. BODE – vai dar bode

É o mesmo que dizer que vai haver complicação, problemas. O Houaiss não registra a UFz mas afirma que *bode* é sinal de confusão. O UNESP a registra com o sentido de “confusão, encrenca, causar problemas”. Mota¹⁷⁹ além de *encrenca* informa que *bode* é *alteração*, *bagunça*.

As equivalências apresentadas nos bilíngues são: *be hell to pay*, *there'll be trouble*, *got a real fix*; *a difficult situation*, *a brawl*.

36. BOI - apanhar como boi ladrão

É “ser surrado, espancado” (Houaiss). O UNESP diz que *boi ladrão* é “animal que arrebenta a cerca para invadir plantação” e não informa a UFz *apanhar como boi ladrão*.

Pode ser também aquele que “recebeu insultos ou teve fracassos em demasia” (cf. Mota)¹⁸⁰. Na simbologia o *boi* é tido como “símbolo universalmente benevolente”, podendo representar “força, paciência, submissão e sacrifício”, informa Pastore¹⁸¹.

Não há registro da UFz nos bilíngues fazendo-se necessária uma pesquisa pela equivalência dessa UFz.

¹⁷⁷ (1974, p. 46)

¹⁷⁸ (1978, p. 71)

¹⁷⁹ (1978, p. 70)

¹⁸⁰ (1978, p. 74)

¹⁸¹ (2009, p. 60)

37. BOI – colocar o carro diante dos bois

É apressar-se para fazer algo ou tomar alguma decisão sem dar o devido tempo. Não encontramos nos monolíngues Houaiss e UNESP registro da unidade fraseológica com zoônimo acima. Mota¹⁸² explica que significa “inversão dos fatos, das situações humanas”. E Riboldi¹⁸³ concorda com a definição e acrescenta que é “não respeitar a hierarquia, fazer a coisa errada por precipitação”.

Somente um bilíngue apresenta o equivalente *to put the cart before the oxen* que é compatível com o registro.

38. BOI – comer como um boi

O Houaiss e o UNESP não registram a expressão acima. Dois bilíngues registram a equivalência *to eat like a horse*.

Nascentes¹⁸⁴ informa a UFz com uma pequena variação, *comer um boi*, e acrescenta que significa *comer com excesso e de uma assentada*.

39. BOI - conversa (história) pra boi dormir

É conversa que não se pode acreditar ou confiar, engano. É “conversa fiada” (Houaiss) ou “conversa para engambelar” (UNESP).

É “conversa mole” segundo Mota¹⁸⁵, “conversa sem objetividade para desviar do assunto principal” afirma Riboldi¹⁸⁶. *Conversa pra boi dormir* é a que designa uma história absurdamente inconsequente ou sem objetivo. Pastore¹⁸⁷ diz que em inglês é *shaggy dog story*, pois o cachorro tem um simbolismo de lealdade e obediência. O simbolismo seria por ele ser considerado amigo do homem e um ouvinte passivo das conversas. O boi foi utilizado na EI em português por possuir um simbolismo de animal benevolente e paciente, assim ouvindo histórias absurdas “sem reclamar”, apenas um bilíngue registra a equivalência *empty talk*.

Pode-se sugerir a UFz *a cock and bull story* como no contexto

¹⁸² (1978, p.74)

¹⁸³ (2007, p.19)

¹⁸⁴ (1986, p. 34)

¹⁸⁵ (1978, p.74)

¹⁸⁶ (2007, p.18)

¹⁸⁷ (2009, p.115)

She told me a cock and bull story about little green men from outer space landing in her garden.

40. BOI – dar nome aos bois

É revelar explicitamente quem é o culpado. É dizer claramente o que estava apenas sendo insinuado, nomear os nomes omitidos em uma ocorrência (Houaiss), revelar a identidade (UNESP). Para Mota¹⁸⁸ é “mencionar os implicados em fatos comprometedores”. Riboldi¹⁸⁹ explica que é revelar o nome dos verdadeiros culpados, responsabilizando-os pelos atos cometidos.

Os bilíngues informam as equivalências: *to name the culprit, to call a spade a spade*, equivalentes compatíveis com o registro.

41. BOI – ir amolar o boi

Ir amolar o boi é “ir importunar outrem” (Houaiss). Para Mota¹⁹⁰, a expressão quer dizer “vá embora, deixe-me em paz” e para Nascentes¹⁹¹ é “pedir que deixe de amolar”. Não se encontrou equivalências nos bilíngues pesquisados. Pode-se sugerir as equivalências *don't push, don't be a nuisance, leave me alone* dependendo do contexto da ocorrência da UFz.

42. BOI - pegar o boi pelo chifre

É encarar uma situação difícil sem titubear. Segundo o Houaiss é “enfrentar um problema com decisão”. Para Nascentes¹⁹², significa “encarar com energia a dificuldade”. Para Mota¹⁹³ é “enfrentar a situação”.

Dos bilíngues pesquisados, dois registram as equivalências: *to tackle a task with energy* e *to take the bull by the horns* em que, esta última, traduz tanto na forma quanto no conceito a UFz.

¹⁸⁸ (1978, p.74)

¹⁸⁹ (2007, p. 19)

¹⁹⁰ (1978, p. 74)

¹⁹¹ (1986, p. 34)

¹⁹² (1986, p.34)

¹⁹³ (1978, p.74)

43. BOI - ser boi de piranha

O Houaiss explica que é boi que os boiadeiros sacrificam, em rio de piranha, para que o resto da manada possa atravessá-lo sem problemas; pessoa que se submete, ou é submetida, a um sacrifício por alguma coisa ou por outrem.

Para Mota¹⁹⁴ o *boi de piranha* é pessoa jogada às perseguições. Nascentes¹⁹⁵ cita a mesma definição do Houaiss e acrescenta que é “aquele boi magro, enfezado, que vai à frente do lote, quando se atravessa um rio”.

Nenhum bilíngue consultado registra a UFz acima. No entanto, pode-se sugerir as seguintes equivalências *whipping-boy*, *scapegoat* para a UFz.

44. BOI – ser um pé de boi

Um “trabalhador esforçado e assíduo ao serviço” assim o define o Houaiss e o UNESP o define como uma “pessoa que não enjeita serviço, trabalhadora”.

“Sustentáculo da família, da casa, da repartição” (Mota).¹⁹⁶ Além dos significados mencionados, Nascentes¹⁹⁷ acrescenta à expressão o sentido de “homem aferrado a velhos costumes e inimigo dos novos”. Percebe-se uma variação no primeiro conceito dado por Nascentes.

Somente um bilíngue apresenta a paráfrase explicativa *a hardworking person* para a UFz. Sugerimos as equivalências *to work like a horse* e *to be a wheel horse/ a galley-slave/ a plodder* para a UFz.

45. BOI - ter boi na linha

O sentido é “haver algum problema ou empecilho pela frente” diz o Houaiss. Magalhães Júnior¹⁹⁸ ressalta que quando se diz *tem boi na linha* é porque “surgiu uma dificuldade inesperada”. Ele explica que a expressão se deve ao início das estradas de ferro, quando às vezes, os bois se deitavam calmamente sobre as linhas de ferro que não eram protegidas por cercas e, dessa forma, atrasavam a marcha dos comboios

¹⁹⁴ (1978, p. 73)

¹⁹⁵ (1986, p. 34)

¹⁹⁶ (1978, p. 73)

¹⁹⁷ (1986, p. 225)

¹⁹⁸ (1974, p. 46)

e obrigavam os trens a parar.

A expressão aparece em um bilíngue com a paráfrase *an unexpected difficulty*. Pode-se sugerir para a tradução da UFz *there is a spoke in the wheel*.

46. BURRO - dar com os burros n'água

É “ser malsucedido, falhar” informa o Houaiss e o UNESP acrescenta “cair em desgraça”.

Magalhães Júnior¹⁹⁹ diz que é “sair-se mal de uma empresa qualquer, fracassar, falir”. A expressão surgiu quando dois tropeiros faziam uma competição com seus animais de carga, dois burros, que iriam levar um fardo até determinado lugar, mas sem conhecer o caminho. Um levaria um fardo de sal e o outro de algodão. Ao tentar atravessar um rio o sal derreteu e o fardo de algodão encharcou. Nenhum dos burros chegou ao destino proposto, pois na confusão o fardo desprende-se e se perdeu, ou seja, deram com os burros n'água (RIBOLDI)²⁰⁰.

Três bilíngues registram as seguintes equivalências: *to lose out, to meet with disappointment, end in failure, to come a cropper*. Consideramos as equivalências *to come a cropper*, e *to go down the drain* satisfatórias para traduzir a UFz.

47. BURRO – pra burro

É com grande intensidade, muito. Também, segundo o Houaiss, encontra-se a expressão *pra cachorro* com o mesmo sentido e o UNESP registra como “muito, demasiado”. Mota²⁰¹ a define como “em demasia”. Nascentes²⁰² cita a expressão *trabalhar como um burro* que significa “trabalhar muito”.

Cinco bilíngues apresentam os seguintes equivalentes: *terribly ugly, loads of, loads, really difficult, heaps of, a lot, really, lots, tons, extremely*. A equivalência *to work like a donkey* pode traduzir bem a UFz.

¹⁹⁹ (1974, p.91)

²⁰⁰ (2007, p.23)

²⁰¹ (1978, p.78)

²⁰² (1986, p. 41)

48. BURRO – prender o burro

É ficar emburrado, mal humorado, não querer conversar. O Houaiss registra a UFz como “ficar aborrecido e calado, emburrar-se, amuar-se”.

Nenhum bilíngue consultado registra a UFz acima. Não encontramos a expressão em nossas referências para os significados em português. Em inglês, podemos sugerir as equivalências *to pull a long face*; *to be sulky* para traduzir a UFz.

49. BURRO – ser burro

Tem sentido pejorativo, ou seja, que ou aquele que é “falto de inteligência; que é ignorante, falto de informação, de cultura; ou que é teimoso, obstinado” (Houaiss). “Indivíduo ignorante; estúpido” informa o UNESP. Para Mota²⁰³ a variação *ser burro como uma porta* significa *totalmente cretino* que tem o mesmo significado de *ser burro*, entretanto, com maior intensidade.

Todos os bilíngues registram o sentido figurado da unidade léxica *burro* sendo que a equivalência *stupid* está presente em todas as traduções. São elas: *stupid, ass, dumb, thick* (GB) *idiot, idiotic, really stupid, stupid fool, foolish, dim, thick, fool, dull*. Consideramos as seguintes equivalências satisfatórias para traduzir a UFz: *to be an utter ass, to be a pig, to be filthy, to be a numbskull, to be a brute*.

50. BURRO – ser burro de carga

O sentido figurado é de pessoa que faz o seu trabalho e o de outros. Mota²⁰⁴ informa que é quem faz o “seu e o trabalho dos outros”. Nascentes²⁰⁵ acrescenta a forma negativa *não* à expressão e para ele *não ser burro de carga* significa “não estar disposto a aguentar com o seu serviço e mais o que lhe queiram impor”.

Pelo menos quatro bilíngues registram equivalências: *workhorse, gofer, hardworker, beast of burden*, sendo que esta última não parece referir-se ao sentido figurado, mas ao animal como cargueiro. Sugerimos *be a drudge (babilon)*; *(not) to be a willing horse*.

²⁰³ (1978, p. 79)

²⁰⁴ (1978, p. 79)

²⁰⁵ (1986, p. 41)

51. CABRA - cabra-cega

A expressão refere-se a um tipo de brincadeira de criança em que um participante fica vendado e tem que conseguir pegar o outro participante, para ser por este substituído (Houaiss) ou como o UNESP registra, uma “brincadeira infantil em que uma criança, de olhos vendados, tenta agarrar outra, para por ela ser substituída”. Encontra-se em Mota²⁰⁶ a mesma explicação do Houaiss e UNESP para cabra-cega.

Cinco bilíngues registram a mesma equivalência: *blind man's buff*. A palavra *buff* segundo o dicionário Serpa (1980) é pele de anta ou de búfalo. Vê-se na palavra uma ligação com o zoônimo cabra (reino animal). Nascentes²⁰⁷ informa que *jogar cabra-cega* é “andar sem saber o caminho”.

52. CABRA- cabra da peste

Trata-se de indivíduo admirado por seu valor, lealdade, coragem, disposição, capacidade de trabalho ou outra qualidade; indivíduo temido ou respeitado por sua valentia, frieza, crueldade. As várias definições são registradas pelo Houaiss e o UNESP a define como “indivíduo muito corajoso, valente ou esperto”.

Para Mota²⁰⁸ é “homem aventureiro”. Para Nascentes²⁰⁹ é uma expressão nordestina que significa “sujeito muito ordinário”. Pimenta²¹⁰ afirma que cabra, do latim *capra*, a mulher do bode, ganhou no Brasil o sentido de mestiço de mulato e negro e, por extensão, o de indivíduo “valentão e o de cangaceiro”, o famoso *cabra da peste*. Apesar de frágil a fêmea do bode se transforma num macho provocador.

Nenhum bilíngue apresenta equivalente para essa UFz. Podemos sugerir por aproximação de sentido a equivalência *a crude guy*.

53. CACHORRO - cachorro-sem-dono

Pessoa desprotegida, pela qual ninguém se interessa, nos informa o Houaiss.

²⁰⁶ (1978, p. 83)

²⁰⁷ (1986, p. 44)

²⁰⁸ (1978, p. 82)

²⁰⁹ (1986, p. 44)

²¹⁰ (2006, p. 46)

Nascentes²¹¹ e Riboldi²¹², semelhantemente à definição de Houaiss, dizem que é “pessoa por quem ninguém se interessa”. Mota²¹³ registra a variação da UFz acima, *cão sem dono*, e informa que significa “desprezado, sem amparo, sem meios”. Registra-se, dessa forma, a variação *cão sem dono* para a UFz *cachorro sem dono*.

Nenhum bilíngue registra a UFz. Pode-se traduzir a UFz por *a stray dog*.

54. CACHORRO – estar com a cachorra

É estar muito bravo, disposto a qualquer coisa por conta desse estado. Para o Houaiss, a UFz sem o verbo apresenta o sentido de “mau ou péssimo humor, rabugento; muito zangado, possesso, irritado, irascível; triste, abatido, deprimido” e o UNESP a registra como pessoa “fora de si irada”. Para Mota²¹⁴ é “estar furioso, ofendido”.

Três bilíngues registram a expressão no lema *cachorra* com as seguintes equivalências: *to be in a bad mood; to be ill-humoured, to be in a foul mood*. Podemos sugerir a equivalência *a crusty old man* para o sentido expresso pela UFz.

55. CACHORRO - estar matando cachorro a grito

É estar totalmente sem dinheiro, em uma situação de penúria. Segundo o Houaiss é pessoa que “se encontra em condição, estado ou situação aflitiva ou desesperadora”. Riboldi²¹⁵ apresenta a mesma definição de Houaiss.

Os bilíngues apresentam as equivalências: *to be scraping the barrel, to be in a desperate situation*. Além da equivalência *to be scraping the barrel* podemos sugerir *to be as poor as a church mouse* e *to be on a sticky wicket* para traduzir a UFz.

56. CACHORRO – estar no mato sem cachorro

A expressão quer dizer estar sem solução para algum problema. O Houaiss registra “em situação muito difícil e sem meios para livrar-se

²¹¹ (1986, p. 45)

²¹² (2007, p. 26)

²¹³ (1978, p. 92)

²¹⁴ (1978, p. 86)

²¹⁵ (2007, p.26)

dela” e o UNESP informa o significado de “encontrar-se em situação embaraçosa ou difícil”. Para Mota²¹⁶ é “estar ao Deus dará, sem recurso, sem companhia”.

Quatro bilíngues registram as seguintes equivalências: *to be up the creek without a paddle, to be helpless; in a tight spot*. Uma correspondência possível para a UFz é *chicken and egg problem/situation*, como na frase *Poor John is in a chicken and egg situation for he can't sleep because of a depression but not sleeping make him even more depressed*.

57. CACHORRO - levar uma vida de cachorro

É viver uma vida de desconforto e de necessidades não supridas. O Houaiss registra parte da UFz, ou seja, *como um cão*, com o sentido de “no abandono; desprezado, maltratado”. No UNESP a expressão significa “situação cheia de transtornos e dificuldades, vida difícil”. É “vida ruim” para Mota²¹⁷ e “dar muito mau trato” para Nascentes²¹⁸. Riboldi²¹⁹ explica que é o mesmo que “vida penosa, trabalhosa, dura, de maus tratos ou de miséria”. Encontra-se nessas fontes, a variação *vida de cão*, ou *levar uma vida de cão*, ou *tratar como a um cão*, ou *como um cão* para a UFz *levar uma vida de cachorro*.

Nos bilíngues as equivalências apresentadas são: *dog's life, to lead a dog's life, an awful day/ awful life*. Para o lema *cão* os bilíngues apresentam: *dreadful, lousy, an awful (life), they led a dog's life*. Os bilíngues registram a UFz com algumas variações em sua composição. A equivalência *to lead a dog's life* é a equivalência que melhor corresponde com a UFz.

58. CACHORRO – pra cachorro

É com grande intensidade, muito. Segundo o Houaiss, o sentido é de “muito, pra burro” e o UNESP registra “em grande quantidade; muito”.

Nenhum bilíngue registra a UFz. Não encontramos mais informações sobre a UFz em nossas referências.

²¹⁶ (1978, p. 85)

²¹⁷ (1978, p. 85)

²¹⁸ (1986, p. 52)

²¹⁹ (2007, p. 24)

59. CACHORRO – soltar os cachorros

É falar verdades, impropérios para alguém em momento de grande raiva. O Houaiss diz que é “expressar ou manifestar ira, mau humor; demonstrar ou comportar-se com agressividade” e o UNESP a define como “enfurecer-se”. Para Riboldi²²⁰ é “dirigir-se a alguém em tom ríspido ou com palavras de insulto, vociferando”.

Os bilíngues registram os equivalentes: *to lash out (at somebody)*, *to kick up a stink*. Encontramos várias possibilidades de tradução para a UFz. São elas: *to give someone a big scolding*; *give someone hell*; *to blow your top*; *to fly off the handle*, *to hit the ceiling*, *to kick up a stink*; *to bite someone's (sb's) head off*; *to tell somebody where to get off*; *to breathe fire and brimstone*. Essas equivalências encerram o sentido da UFz, bastando adequar ao contexto.

60. CACHORRO – viver como gato e cachorro

É viver brigando constantemente. Para o Houaiss é “andar (mais de uma pessoa) sempre em briga; andar às turras”. Para Magalhães Junior²²¹ *vivem como cão e gato*, variação da UFz, significa “casais cujas desavenças são notórias e constantes, mas apesar disso continuam juntos”. Cães e gatos também vivem sob o mesmo teto apesar de serem inimigos naturais. Mota²²² registra a UFz *vivem como cão e gato* e explica que é porque *brigam constantemente*. Mota²²³ ainda registra a UFz *brigam que só gato e cachorro*, expressão com uma pequena variação mas com significado semelhante ao informado pelo Houaiss, ou seja, “diz-se de pessoas rixentas”. Para Nascentes²²⁴ significa “em constante inimizade, brigando sempre, sem se poderem ver”. Riboldi²²⁵ apresenta a expressão *ser como cão e gato* significando *viver sempre em briga*, que se aproxima dos sentidos apresentados acima. Registram-se, dessa forma, as seguintes variações para a UFz: *viver como cão e gato*; *ser como cão e gato*; *viver como gato e cachorro*; *brigar que só gato e cachorro*;

As equivalências nos bilíngues são as seguintes: *to fight like cats*

²²⁰ (2007, p. 27)

²²¹ (1974, p. 315)

²²² (1978, p. 92)

²²³ (1978, p. 87)

²²⁴ (1986, p. 52)

²²⁵ (2007, p. 27)

and dogs, live like cat and dog.

61. CARRAPATO – ser um carrapato

É aquela pessoa que não desgruda do outro, que vive sempre na dependência do outro. Para o Houaiss é “indivíduo que não larga o outro”. Para Mota²²⁶ *agarrado que só carrapato* é “apegado demais”. Percebe-se uma variação na UFz. Nascentes²²⁷ informa que *ser um carrapato* é “apegar-se a uma pessoa, a um cargo, a uma situação, sem querer largar”.

Os bilíngues apresentam as equivalências: *hanger-on*, *clinger* e a paráfrase *importunate or troublesome person*.

62. CASCABEL – ser uma cascavel

Uma pessoa, geralmente mulher, “faladeira e intrigante; pessoa traiçoeira e má” nos informa o Houaiss e o UNESP também a registra como “pessoa má ou traiçoeira”. Mota²²⁸ apresenta a cobra cascavel como “gênio mau, perverso”. Para Nascentes²²⁹ uma cascavel é “mulher de mau gênio e de má língua”.

Encontra-se nos bilíngues as equivalências: *cow*, *malignant*, *backbiting person*.

A expressão pode ser traduzida pela equivalência *a snake in the grass*.

63. CAVALO – cair do cavalo

É decepcionar-se, é não obter aquilo que se esperava. Segundo o Houaiss cair do cavalo é “surpreender-se, especialmente de modo negativo” e segundo o UNESP é “dar-se mal”. Mota²³⁰ informa que *cair do cavalo* significa “queda de posição política ou social”.

Nenhum dicionário bilíngue apresentou essa expressão. Podemos sugerir a equivalência *to fall flat on one's face* para traduzir a UFz.

²²⁶ (1978, p.96)

²²⁷ (1986, p. 57)

²²⁸ (1978, p.104)

²²⁹ (1986, p.60)

²³⁰ (1978, p. 98)

64. CAVALO – ser um cavalo

É alguém muito rude e agressivo. Segundo o Houaiss trata-se de indivíduo “violento, grosseiro, rude; animal, cavalgada, estúpido”, e segundo o UNESP é “indivíduo grosseiro e sem educação”. Para Mota²³¹ é “ser mal-educado, grosseiro, insolente”.

Cinco dos bilíngues pesquisados registram as seguintes equivalências: *pig, brute, rough-mannered fellow, to be rude*.

65. CAVALO - ser um cavalo de batalha

É ser algo muito complicado ou *fazer* um cavalo de batalha é aumentar a dificuldade de uma determinada situação. Para o Houaiss é um “argumento no qual se insiste [...]”. Para o UNESP é “dificuldade; embaraço; complicação”. O sentido dado pelo Houaiss e pelo UNESP é reforçado por Mota²³² “fazer caso, complicação sem motivo”. Em suas explicações sobre a UFz, Magalhães Junior²³³ relata que provém da França a expressão, quando os cavalos da nobreza eram os mais enfeitados quando arreados para a guerra.

Para Nascentes²³⁴ era um cavalo especial, adestrado, com que o cavaleiro entrava em batalha e se diferenciava dos outros usados no dia-a-dia. Na verdade, tal aparato era levado ao exagero, explicando talvez a origem do idiomatismo. Nascentes²³⁵ define a UFz como *apresentar argumento mais valioso e insistir nele*. Depreende-se das definições apresentadas que aquele que assim procede cria impedimentos ou embaraços e se torna um estorvo e uma trava na situação.

Recorre-se então aos bilíngues que apresentam as equivalências: *to make a fuss about nothing, to make a mountain out of a molehill of something*. Em nosso ponto de vista, as equivalências apresentadas são satisfatórias para o registro de informalidade da UFz. Acrescentamos ainda, às equivalências acima *to make heavy weather of something* que pode bem expressar o sentido da fraseologia.

²³¹ (1978, p.97)

²³² (1978, p.97)

²³³ (1974, p.67)

²³⁴ (1986, p.62)

²³⁵ (1986, p.63)

66. CAVALO - tirar o cavalo da chuva

É perder as esperanças sobre algo que se deseja. O Houaiss informa o sentido de “desistir da ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito” e o UNESP registra a UFz como “desistir”. O Houaiss fornece ainda uma variação para a UFz: *tirar o cavaleiro da chuva*. O sentido de *desistir* registrado nos monolíngues é reforçado por Mota²³⁶ “deixar de competir em alguma coisa”, por Nascentes²³⁷ “deixar de pretensão” e Caramori²³⁸ “desistir dum propósito, dum intento”.

Segundo Pimenta²³⁹ a expressão veio do tempo em que o cavalo era o meio de transporte. Nas visitas que fazia, o cavaleiro costumava abrigar o animal, ou seja, protegê-lo. Caso fosse demorar deveria tirá-lo da chuva, e aguardar. Mais tarde o sentido se ampliou para, desistir de algum propósito, e o cavalo ganhou um diminutivo e virou cavaleiro.

Nos bilíngues as equivalências: *can forget, to forget the idea, drop the idea* traduzem a UFz. Observe-se que o sentido do fraseologismo é o mesmo definido pelos dicionários e autores citados, contudo as equivalências não parecem adequadas para o registro informal que o idiomatismo evoca. Sugerimos os seguintes fraseologismos idiomáticos - *to take a running jump* e *you can say goodbye to that*.

67. CEGONHA – esperar a (chegada) da cegonha

Atualmente, talvez ainda subsista em meios rurais ou em famílias mais conservadoras a expressão para explicar às crianças a chegada de mais um membro da família. Segundo o dicionário Houaiss, é uma lenda popular que explica que é “por meio dessas aves que os bebês chegam aos pais”. A ideia é reforçada por Mota²⁴⁰ – “ave ligada à lenda sobre o nascimento das crianças” e Nascentes²⁴¹ - “aguardar o nascimento de um filho”. Nascentes²⁴² ainda registra a expressão com a variação *esperar a ‘visita’ da cegonha*.

Em suas explicações, Nascentes (ibidem) relata que “na Europa

²³⁶ (1978, p.98)

²³⁷ (1986, p.63)

²³⁸ (2000, p.89)

²³⁹ (2006, p. 220)

²⁴⁰ (1978, p.103)

²⁴¹ (1986, p. 319)

²⁴² (1986, p. 319)

se diz às crianças que os recém-nascidos são trazidos por uma cegonha que os atira pela chaminé abaixo”. Não se sabe ao certo, como a expressão veio a se fixar, contudo, sua presença no dicionário comprova que ela faz parte de nossa fraseologia zoonímica. Ela aparece no bilíngue Larousse com a paráfrase *to be pregnant*. Os demais não registram a expressão. Pode-se sugerir como uma equivalência satisfatória para o registro (*to talk about*) *the birds and the bees* que expressa em inglês fatos contados às crianças.

68. COBRA - cobra criada

O Houaiss diz que é “indivíduo muito experiente”. Trata-se de pessoa muito esperta, que sabe se sair bem em situações adversas. O sujeito que é *cobra criada* sempre quer tirar vantagem em cima dos outros. O dicionário informal on-line fornece uma abonação para a UFz. Ele diz: “No surgimento de um problema que não dava para ele resolver o sujeito jogou em cima de outro, o outro resolveu e ele levou o crédito! O cara eh *cobra criada*!”²⁴³

Não se encontrou equivalências dessa UFz em nenhum bilíngue pesquisado. Pode-se sugerir *to be more cunning than snakes* como uma equivalência possível para traduzir a UFz.

69. COBRA – dizer cobras e lagartos

Dizer a alguém tudo o que está entalado na garganta, ou seja, todas as verdades (geralmente coisas negativas) que se quer que o outro saiba.

“Falar mal, dizer coisas desagradáveis ou injuriosas de ou a alguém” (cf. o Houaiss) ou “blasfemar contra; xingar” (cf. o UNESP) bem como *soltar os cachorros em alguém* é mostrar que se está muito zangado com o outro. O conceito é corroborado por Mota²⁴⁴ “falar muito mal de alguém”, por Nascentes²⁴⁵ “fazer referências desagradáveis e injuriosas” e por Riboldi²⁴⁶ “vociferar contra alguém, atacando-o com

²⁴³

Disponível

em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/cobra%20criada/3566/>>

Acesso em 07/07/2014.

²⁴⁴ (1978, p.104)

²⁴⁵ (1986, p.71)

²⁴⁶ (2007, p.33)

impropérios”. Pode-se ler, igualmente em Riboldi²⁴⁷ o relato acerca da possível origem do termo²⁴⁸.

Os bilíngues pesquisados (quatro deles) listam os seguintes equivalentes: *to call somebody every name in the book, to denigrate someone, to say bad things about somebody, defame, speak ill of*. As equivalências fornecidas parecem-se mais com explicações do que propriamente equivalências. A que parece melhor solucionar a expressão em questão é *to call somebody every name in the book* pelo Oxford.

Schmidt & Hainfelder²⁴⁹ oferecem uma equivalência alternativa para essa expressão “He told me where to get off”. Talvez por ser um idiomatismo que trata de um fenômeno humano rotineiro, ou seja, irar-se, podem-se encontrar muitas expressões que dependendo do contexto se aplicam satisfatoriamente, como as UFs a seguir: *to give someone a big scolding; give someone hell; to get pissed off; to blow your top; to fly off the handle, to hit the ceiling, to throw a fit; to kick up a stink; to bite someone’s head off/ to last out at; snap one’s head off; to breathe fire and brimstone/ to run down; to flip out; to be wild*.

70. COBRA - matar a cobra e mostrar o pau

A expressão é usada em rodinhas de conversas em que se tenta comprovar atos de coragem, de ousadia. O Houaiss diz que é “afirmar alguma coisa e prová-la” e o UNESP registra que é “fazer algo às claras;

²⁴⁷ (2007, p.33)

²⁴⁸ A respeito da expressão Riboldi (2007, p.33, 34) relata que “a palavra cobra é uma forma antiga de copla, que servia para denominar vários tipos de estrofes de poesia. Por isso, dizer de alguém copla satírica era falar mal, satirizar, ridicularizar. Daí proveio a expressão “dizer de alguém cobras”, entendida agora cobra como variante de copla, todavia com o significado do conhecido réptil. O sentido de palavras venenosas contra alguém, próprias de uma língua viperina (de serpente), está associado à ideia do veneno da maledicência. Basta lembrar a Bíblia, no livro de Gênesis, em que a serpente simboliza a maldade, ao enganar Eva. O lagarto, por sua vez, é companheiro constante nas malvadezas da cobra, desde o texto bíblico. Seguindo uma tendência de construção de frases populares com arredondamento binário, a expressão “cobras e lagartos” ficou consagrada e popularizou-se. Veja outras frases comuns de arredondamento binário: a ferro e fogo; são e salvo; de seca a Meca; aos trancos e barrancos”

²⁴⁹ (1990, p.151)

comprovar o que diz”. O conceito pode ser visto em Mota²⁵⁰ que afirma que a UFz significa “provar o que fez”, também em Nascentes²⁵¹ “se trata de vangloriar-se de ação má”, ou Riboldi²⁵² “fazer algo e assumir a responsabilidade pelo ato praticado”.

Em suas explicações Riboldi relata que quando uma pessoa encontra uma cobra em seu caminho, ela deve matá-la ou afugentá-la. Se a pessoa apanhar um pau e dar com ele na cobra e matá-la vai querer comprovar a façanha para seus amigos, ou seja, carregar a cobra morta na ponta do pau utilizado para matá-la. E Riboldi conclui que “assim, pode exibir a cobra morta e mostrar o pau com o qual realizou a bravura”. Isso talvez possa explicar uma fraseologia dessa natureza.

O Michaelis é o único dicionário que registra a UFz, contudo não oferece equivalência, mas sim, paráfrase da expressão *to make a statement and prove it*. Uma sugestão aproximativa de equivalência pode ser *show someone what one is made of* como, por exemplo, na seguinte abonação “*Now's your chance to show them what you're made of*” que denota alguém que vai comprovar o que diz ou faz.

71. COBRA – ser cobra em (algo)

Hoje em dia, quando se diz que alguém é *cobra em algo* é porque alguém é muito inteligente e capaz. Encontra-se no Houaiss “diz-se de ou perito em determinado assunto ou especialidade, cobrão, fadista” e no UNESP que é “pessoa perita em alguma atividade, perito, excelente”. Também, os autores Mota²⁵³ e Nascentes²⁵⁴ falam dessa fraseologia como sendo, respectivamente, “o maior em determinada atividade” e “esforçado em qualquer atividade”.

O Larousse, o Longman e o Collins registram *ace, to be brilliant at something*, e *expert* como equivalências para *cobra* no sentido figurado. Para usar uma equivalência que ao mesmo tempo se utiliza de um zoônimo em sua composição, sugerimos a UFz *be a sacred cow* ou ainda *be a bookworm*. Além dessas UFz, podem se aproximar do conceito as fraseologias seguintes: *be a sharper; be full of cunning; be keen-witted*.

²⁵⁰ (1978, pg.105)

²⁵¹ (1986, p.71)

²⁵² (2007, p.34)

²⁵³ (1978, p.104)

²⁵⁴ (1986, p.71)

72. COELHO – ter dente de coelho

Dizer que “aí tem dente de coelho” é porque se quer denunciar alguma irregularidade ou mesmo suspeita. O Houaiss registra o sentido de “obstáculo, embaraço, estorvo que dificilmente pode ser ultrapassado; busca de vantagens ou benefícios empreendidos de forma contrária à lei; ação ilegal” e o UNESP informa que é “fato escondido; mistério”. Para Mota²⁵⁵ significa “uma coisa oculta astuciosamente”.

Somente o Michaelis apresenta a equivalência *something fishy* para a UF. A equivalência *there's something fishy* parece satisfazer a tradução do conceito expresso pela UFz.

73. CORDEIRO – manso como um cordeiro

É alguém extremamente calmo, tranquilo que não faz mal a ninguém. Segundo o Houaiss, que registra o sentido figurado da UL *cordeiro*, é “pessoa pacífica, cândida” e muito embora o Houaiss não registre a UFz completa, ou seja, somente parte dela, encontra-se a expressão toda *manso como um cordeiro* em Mota²⁵⁶ e em Nascentes²⁵⁷ com os significados “de calmo, sem reação” e “muito manso”, respectivamente.

O Michaelis e o Collins apresentam a UFz com as equivalências: a gentle, sweet-tempered person; *an innocent being* e *sheep*. O Collins utiliza a tradução do animal *cordeiro* como sendo o sentido figurado para essa expressão. Mas, a tradução que melhor parece cobrir o conceito seria *as meek as a lamb* que, inclusive, faz uso do mesmo zoônimo da UFz em português.

74. CORUJA - ser mãe/pai coruja

Não se sabe ao certo da razão da analogia feita com a coruja, mas o fato é que a expressão encontra uma explicação para sua origem no relato contado por Magalhães Júnior²⁵⁸ sobre um acordo feito pela águia e a coruja em uma fábula de La Fontaine.²⁵⁹ A estória se resume em que

²⁵⁵ (1978, p.107)

²⁵⁶ (1978, p.108)

²⁵⁷ (1986, p.80)

²⁵⁸ (1974, p.85)

²⁵⁹ Sobre coruja e corujismo, Magalhães Júnior (1974, p.85) conta que a expressão originou-se de uma fábula de La Fontaine chamada “A águia e a

a coruja considera seus filhos os mais extraordinários. Para Mota²⁶⁰ *mãe coruja* é a mãe que “exagera as boas qualidades do filho”, definição reforçada por Pimenta²⁶¹ que diz que “*mãe* (ou *pai*) *coruja* é “quem alardeia a beleza única e o caráter extraordinário do filho”. O dicionário Houaiss registra o sentido figurado para a UL *coruja* como aquele(a) “que demonstra explicitamente sua admiração, seu enleio por criança, considerada sua cria, ou por algo que produziu ou criou (diz-se de indivíduo)” e o UNESP registra o sentido figurado como aquele(a) “que gaba os filhos ou parentes”.

Riboldi²⁶² explica que a *mamãe coruja* “crê que seu filho tem as mais raras qualidades e um caráter sem igual”. Isso explicaria a extensão aplicada ao papai-coruja, vovó, vovô, tios e demais parentes.

O Larousse registra o sentido figurado *doting*, o Collins registra *proud father/ mother* e o Landmark *proud mother*. Sugerimos a equivalência *doting mother* registrada pelo Larousse conforme a abonação “*Jane is a doting mother. She's always supporting her children*”.

75. CROCODILO - lágrimas de crocodilo

À pessoa que chora e não convence quem está ao seu lado costuma-se dizer que é uma fingida e que está chorando lágrimas de crocodilo, ou seja, derramando lágrimas falsas. Há algumas explicações para se entender a razão de o crocodilo vir a ser envolvido nessa história. Tanto Lopes²⁶³ quanto Riboldi²⁶⁴ relatam a possível origem da expressão. Para o primeiro, provém de uma crença popular²⁶⁵ e o

coruja” em que as duas aves fazem um acordo de paz, a águia não comeria o filhote da coruja. Para isto esta pediu à coruja uma descrição segura de como era seu filho para poder reconhecê-lo e manter sua promessa, ao que a coruja respondeu: “Nada mais fácil que reconhecê-los! É só atentar na sua beleza! São os filhotes mais encantadores, mais elegantes, mais sedutores, entre os bichos de pena que há na terra!” Claro que a águia os comeu e pôs a culpa na coruja pela falsidade da descrição.

²⁶⁰ (1978, p.108)

²⁶¹ (2006, p. 68)

²⁶² (2007, p.35)

²⁶³ (1986, p.160)

²⁶⁴ (2007, p.36)

²⁶⁵ LOPES (1886, p. 259) conta que era crença popular que o crocodilo chorava de pena por ter comido uma criatura humana. O que acontece, na verdade, é a impressão de que o crocodilo ri, mas, trata-se não de riso, mas sofrimento,

segundo explica que trata-se de uma ocorrência biológica²⁶⁶ que explicaria o motivo de o crocodilo parecer chorar enquanto come.

À definição registrada por Houaiss de “choro hipócrita, lágrimas fingidas” acrescentamos as de outros autores como Mota²⁶⁷ que diz ser “fingimento de dor diante de uma ocorrência triste, que se recebe com indiferença”; Nascentes²⁶⁸ que a define como “mostras fingidas, traiçoeiras, de tristeza, de arrependimento”; e a de Pimenta²⁶⁹ para quem a origem da expressão tem pelo menos 3 versões, mas, significa “manifestar cinicamente um pesar falso”.

Oxford, Michaelis, Collins e Landmark registram a UFz com a mesma equivalência: *crocodile tears*. Sugerimos a equivalência *shed crocodile tears* para a UFz analisada.

76. DINOSSAURO - ser um dinossauro

Não encontramos maiores informações em nossas referências com relação a essa UFz. No entanto, ao fazer buscas pela internet encontramos as frases “hoje o professor parece um “*dinossauro* pisando em uma vidraça” (como relatado por um colega que leciona em três instituições e se vê desse modo)”²⁷⁰ e também em um blog português encontramos a seguinte abonação “mas a paixão afastou-o da vocação de ser professor e só passados quase 40 anos termina a pegada autárquica do *dinossauro* Mário Almeida”²⁷¹ e ainda “O professor *dinossauro*: verdade, exagero ou ficção?”²⁷² título de outro blog. A UFz está inegavelmente associada a ideia de pessoa ligada à educação,

motivado por cócegas que ele experimenta.

²⁶⁶ Riboldi (2007, p.36) explica que é biológico, pois quando ingere um alimento o crocodilo o pressiona contra o céu da boca e comprimindo suas glândulas lacrimais. As lágrimas saem de seus olhos enquanto ele vai devorando a presa. Riboldi conclui que as lágrimas de crocodilo “são naturais, nada fingidas, apenas inevitáveis e não justificam as nascidas dos olhos humanos de quem, interiormente, se delicia com a dor e a desgraça alheia”.

²⁶⁷ (1978, p.110)

²⁶⁸ (1986, p.160)

²⁶⁹ (2006, p. 129)

²⁷⁰ Disponível em <<http://www.jborba.com.br/professor-ou-dinossauro/>> Acesso em 07/04/2014.

²⁷¹ Disponível em <<http://portocanal.sapo.pt/noticia/9557/>> Acesso em 07/04/2014.

²⁷² Disponível em <<http://proftomaslps.blogspot.com.br/2012/11/o-professor-dinossauro-verdade-exagero.html>> Acesso em 07/04/2014.

alguém que tem bastante experiência mas, de alguma forma não evoluiu. É esse o conceito que se encontra no Houaiss que registra a acepção de “pessoa ou instituição considerada ultrapassada, mantida pela força da tradição”.

Nenhum bilíngue registra a UFz, mas podemos sugerir *be a dinosaur*, como equivalência satisfatória para a UFz conforme a abonação a seguir “*Google’s Boss and a Princeton Professor agree: College is a Dinosaur*”²⁷³, em que o sentido se encaixa com as definições. A abonação vem de uma reportagem em que se questiona o valor das faculdades e que estas estariam se tornando obsoletas pela não evolução e mudança ao longo das décadas.

77. ÉGUA - lavar a égua

Na língua portuguesa costuma-se usar essa expressão quando se quer falar de alguma vitória, vantagem muito grande que se possa ter tido. É fácil encontrar na internet as frases do tipo “O ganhador da megasena *lavou a égua*. Com 50 milhões de reais ele não vai precisar mais trabalhar”, ou “Fui ao casamento da Maricota e o almoço estava ótimo! *Lavei a égua*.” ou ainda “Hoje eu *lavei a égua*! Troquei as minhas duas garruchas por uma novilha.” O dicionário informal on-line²⁷⁴ informa que é muito utilizado na região da mata mineira (MG).

Lavar a égua no Houaiss é obter grande lucro; levar vantagem sobre o adversário ou ganhar muito dinheiro nas apostas. No UNESP é “fazer tudo o que se tem vontade; saciar-se”. Conceituação parecida pode ser encontrada nos autores usados como referencia neste trabalho. Para Mota²⁷⁵ a UFz significa “ganhar bem, tirar a diferença”, Nascentes²⁷⁶ diz que é “ter um grande lucro sem esforço” e Pimenta²⁷⁷ ressalta que é “fartar-se, ter uma grande satisfação.” Riboldi²⁷⁸ complementa essas definições e acrescenta que significa “um grande

²⁷³ Disponível em: <http://www.businessweek.com/articles/2013-09-13/googles-eric-schmidt-and-ann-marie-slaughter-agree-college-kind-of-stinks>> Acesso em 07/05/2014.

²⁷⁴ Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/lavar%20a%20%C3%A9gua/>> acesso em 07/04/2014.

²⁷⁵ (1978, p.112)

²⁷⁶ (1986, p.107)

²⁷⁷ (2006, p. 131)

²⁷⁸ (2007, p.37)

lucro advindo, normalmente, do jogo”. Pimenta²⁷⁹ e Riboldi²⁸⁰ contam que a frase teria origem no turfe, o esporte dos reis e da nobreza. Após uma grande vitória a égua era lavada com um banho de champanhe pelo proprietário feliz com o resultado.

Na pesquisa aos bilíngues constata-se que o Collins é o único que fornece uma equivalência para o idiomatismo: *to win hands down*. Podemos sugerir também a equivalência *make your pile*.

78. ÉGUA - ser uma égua

O Houaiss registra duas acepções diferentes para o sentido figurado da unidade léxica *égua*, sendo “indivíduo pouco inteligente, ignorante e/ou grosseiro” e “mulher que pratica a prostituição” e essa definição é corroborada por Mota²⁸¹ que diz que *égua* é mulher de baixíssima categoria.

Não encontramos nenhuma equivalência nos bilíngues. É necessária uma pesquisa detalhada para se chegar a uma equivalência satisfatória para essa UFz, que ao mesmo tempo dê conta do conceito e seja traduzida por um idiomatismo afim.

79. ELEFANTE - ser um elefante branco

O Houaiss registra a UFz com o sentido de “coisa pouco prática, que dá muito trabalho, muito incômodo” e o UNESP com o significado de “coisa de pouca ou nenhuma importância prática; trambolho”. Encontram-se outras definições como em Mota²⁸² “presente de grego, indesejável”, ou em Nascentes²⁸³ “presente que dá trabalhos, importunações, que custa muito caro e não rende”. A expressão provém, segundo Nascentes²⁸⁴, da “antiga prática do rei da Tailândia, de oferecer um elefante branco ao cortesão a quem queria arruinar. Como o elefante branco é animal sagrado, o presenteado não podia desfazer-se dele de forma alguma e a despesa com a manutenção bastava para comprometer as mais sólidas fortunas.” O relato de Nascentes é o

²⁷⁹ (2006, p.131)

²⁸⁰ (2007, p. 37)

²⁸¹ (1978, p. 112)

²⁸² (1978, p.113)

²⁸³ (1986, p.108)

²⁸⁴ (1986, p.108)

mesmo relatado por Magalhães Junior.²⁸⁵ Pimenta²⁸⁶ relata igualmente as estórias anteriores e acrescenta que “a expressão ficou com o sentido de *presente incômodo* e ganhou popularidade com a comédia francesa a partir do século XVIII”.

Apenas o Larousse e Collins registram essa expressão com a equivalência *white elephant*. Pode-se empregar a equivalência *be a white elephant* para o sentido definido acima conforme mostra a seguinte abonação encontrada na internet: *The ‘white elephant’ will continue it’s travels until it finds someone who wants it!*²⁸⁷

80. FERA - estar/ficar uma fera (com)

O Houaiss explica a expressão como sendo “indivíduo muito severo” e o UNESP a registra como “extremamente enraivecido; descontrolado”. Mota²⁸⁸ diz que *fera* é cruel, sanguinário.

Todos os bilíngues, exceto o Webster’s, apresentam equivalências para a UFz. São as seguintes equivalências: *to be very angry (with)*, *to be furious*; *to flip (out)*, *to be / get furious*, *to get mad (with somebody)* e *become wild*. Fornecemos a seguir uma lista de equivalências possíveis para o conceito: *have a cow*; *to get pissed off*; *to blow your top*; *to fly off the handle*, *to hit the ceiling*, *to throw a fit*; *to kick up a stink*; *to bite someone’s (somebody’s) head off*; *to last out at*; *To tell somebody where to get off*; *to breathe fire and brimstone*.

81. FERA - ser fera (em algo)

O Houaiss registra a UFz com o sentido de “indivíduo exímio no que sabe ou faz” e o UNESP como “quem é muito forte ou poderoso num setor; quem sobressai numa atividade”. Para Mota²⁸⁹ é “ser hábil em alguma coisa”.

Os bilíngues que registram a expressão o fazem com cinco equivalências diferentes para *fera*: *to be an ace at something*, *to be a whiz at something*, *to be a genius at something*, *person of great knowledge* (paraphrase), e *to be brilliant at something*. Dependendo dos

²⁸⁵ (1974, p.110)

²⁸⁶ (2006, p. 80)

²⁸⁷ Disponível em: <<http://www.englishwithrae.com/2010/06/02/a-white-elephant/>> Acesso em 07/05/2014.

²⁸⁸ (1978, p.115)

²⁸⁹ (1978, p.115)

contextos pode-se ainda traduzir pelas equivalências: *be a sharper; be full of cunning, be keen-witted, be a sacred cow*.

82. FORMIGA - como formiga (aglomeração).

É quando se depara com uma grande quantidade de pessoas. Segundo o Houaiss é “em grande número” e cita a variação *que nem formiga*.

Mota²⁹⁰ registra a UFz *gente que só formiga* com uma pequena variação e dá o significado de “aglomeração, multidão”. Nascentes²⁹¹ informa que *como formiga* é “em grande quantidade”.

Não encontramos nenhuma equivalência nos bilíngues. Sugerimos a equivalência *they came in crowds* para a tradução desse idiomatismo.

83. FORMIGA – ser que nem formiga (para doce)

O Houaiss registra a UFz como “pessoa que gosta de doces que nem formiga; com a voracidade das formigas” e o UNESP informa a UL *formiga* com o sentido figurado de “quem come muito doce”.

Nenhum bilíngue registra a UFz. Sugerimos a seguinte tradução para o conceito expresso pelos dicionários: *to have a sweet tooth*.

84. FRANGO – ser frango (do goleiro)

Magalhães Júnior²⁹² explica que “no linguajar esportivo, frango é gol defensável e frangueiro um mau goleiro”. Daí o verbo franguear, deixar o gol passar pelo adversário facilmente. Frango é no futebol bola fácil diante do goleiro, afirma Mota²⁹³. Nascentes²⁹⁴ explica que *engolir frango* é deixar fazer um gol fácil de defender.

O Houaiss registra a UL com o sentido figurado de “bola facilmente defensável que o goleiro deixa entrar no gol” e com a variação *engolir um frango*. O UNESP informa que significa “falha do goleiro na defesa de chute a gol; gol que teria sido fácil de defender”. A UFz é muito utilizada como *frango* ou ainda *goleiro frangueiro*

²⁹⁰ (1978, p. 115)

²⁹¹ (1986, p. 131)

²⁹² (1974, p.134)

²⁹³ (1978, p.117)

²⁹⁴ (1986, p.132)

expressões que podem ser facilmente encontradas na internet, no vocabulário esportivo, conforme as abonações “E o *frango* do Grohe no meio do gol contra o News Old Boys. [...] Isso é *goleiro frangueiro* que não sabe sair do gol.”²⁹⁵

Os bilíngues registram as equivalências: *blunder, goalkeeper error, blunder goal, easy goal*. Uma sugestão de equivalência para a fraseologia seria *a goalkeeping blunder*. Na abonação “*when Tijuana scored two second-half goals to overcome a major ‘goalkeeping blunder’*”²⁹⁶ pode-se observar a presença da equivalência sugerida, a qual é reforçada pela ideia de erro na sequência do artigo “*But Tijuana goalkeeper made a huge mistake just three minutes later [...] and rolled into the goal.*”²⁹⁷ Na língua portuguesa, especialmente no Brasil essa fraseologia é frequente nessa área de especialidade.

85. FRANGO - soltar a franga

Um dos contextos em que se pode deparar com esse idiomatismo zoonímico é o seguinte: uma pessoa séria, sisuda e normalmente controlada em suas atitudes, de repente vai a uma festa, bebe umas e outras e é vista minutos mais tarde, falando “pelos cotovelos”, tirando alguém pra dançar ou ainda, tratando os demais com intimidade e descontração. Um colega de repartição vai olhar para cena e dizer – olha lá, Fulana *soltou a franga*!

Os monolíngues pesquisados, Houaiss e UNESP registram a UFz, respectivamente como “ter rasgos de desinibição; desinibir-se; gesticular, movimentar-se (um homem) como uma mulher de gestos e modos muito delicados ou afetados; agir como um homossexual” e como “perder o medo; ousar”. Segundo Mota²⁹⁸, tanto *frango* como *frangagem* significa pederasta passivo. Pode-se acrescentar ainda a essas definições a explicação dada por Riboldi²⁹⁹ de que pode se referir literalmente ao ato de soltar uma galinha que estava presa entre as mãos de alguém e que quando se sente livre e solta, a franga “ouriça-se toda e

²⁹⁵ Disponível em <<http://wp.clicrbs.com.br/santana/2014/04/03/quero-elogiar-o-marcelo-grohe-diz-santana/?topo=13,1,1,,13>> acesso em 08/04/2014.

²⁹⁶ “Quando o TIJUANA fez dois gols no segundo tempo para superar um grande *frango do goleiro*”

²⁹⁷ “mas o goleiro do TIJUANA cometeu um grande erro só três minutos depois [...] que rolou para dentro do gol.”

²⁹⁸ (1978, p.117)

²⁹⁹ (2007, p.38)

saltita.” (p.117) e nós reputamos a essa analogia o possível sentido da UFz.

Nenhum dicionário bilíngue registra a expressão, porém em nossas pesquisas encontramos a UFz *to paint the town red* conforme a seguinte abonação “*Jack finished his exams today so he's gone out 'to paint the town red'*”³⁰⁰ ou ainda na frase “*I'm pissed. Wanna go 'paint the town red tonight'?*”³⁰¹ que consideramos equivalência satisfatória para a UFz analisada.

86. FRANGA – dormir/deitar-se com as galinhas

Segundo o Houaiss, é “deitar-se cedo, quando ou logo depois que anoitece”.

O Oxford e o Landmark registram a UFz com as equivalências: *to go to bed early* e, *to go to bed with the sun (very early)*.

Mota³⁰² diz que ir *deitar-se com as galinhas* é ir dormir cedo. Da mesma forma, Nascentes³⁰³ informa que é ir para cama cedo, logo que anoitece. Riboldi³⁰⁴ oferece a mesma definição e explica que as galinhas dormem cedo porque se guiam pelo sol. Logo que anoitece, elas procuram um lugar para dormir. Ao clarear o dia, já estão caminhando à procura de comida. Esse hábito das galinhas é seguido por trabalhadores rurais que enfrentam uma jornada dura de trabalho. Deitar-se cedo e levantar-se ao raiar do dia. Cremos ser *to go to bed with the chickens* uma equivalência aceitável para o conceito expresso pela UFz conforme a seguinte abonação encontrada na internet “*They say that farmers go to bed with the chickens.*”³⁰⁵

³⁰⁰ Disponível em <<http://idioms.thefreedictionary.com/paint+the+town+red>> Acesso em 09/04/2014.

³⁰¹ Disponível em <<http://pt.urbandictionary.com/define.php?term=paint%20the%20town%20red>> Acesso em 09/04/2014.

³⁰² (1978, p.119)

³⁰³ (1986, p.136)

³⁰⁴ (2007, p.39)

³⁰⁵ Disponível em <<http://idioms.thefreedictionary.com/go+to+bed+with+the+chickens>> Acesso em 09/04/2014.

87. GALINHA - galinha-morta

É “mercadoria muito barata, pechincha; coisa fácil de aprender ou de fazer” ou “adversário que se vence com facilidade; adversário fraco ou covarde; coisa de pouco valor; ninharia; trabalho fácil” segundo o Houaiss e UNESP, respectivamente.

Mota³⁰⁶ a registra como “coisa fácil, prato feito”, e Nascentes³⁰⁷ como “ser coisa fácil de fazer ou de aprender”. O sentido figurado percebido hoje tem mais ligação com algo que se compra barato, uma barganha, análogo ao sentido que os monolíngues também fornecem.

O Larousse lematiza a UF *galinha-morta* no sentido de *covarde*, com a equivalência *chicken* que não parece ser o sentido de *pechincha*, *negócio vantajoso* que normalmente se dá a essa UFz. Collins e Landmark registram para a UFz a mesma equivalência *bargain*. Pode-se usar uma equivalência mais informal do tipo *to be dead easy* ou ainda *sure easy thing* ou *it's a bargain!*

88. GALINHA - quando as galinhas tiverem dentes

Para o Houaiss é “nunca, jamais” e apresenta a variação *quando as galinhas criarem dentes*. Nas referencias, tanto Mota³⁰⁸ como Nascentes³⁰⁹ ou ainda Riboldi³¹⁰ afirmam o mesmo sentido dado pelo Houaiss, respectivamente, ou seja, “a um tempo impossível.”, “nunca, em tempo algum” e “situação impossível de acontecer. Afinal, galinhas têm bico; jamais criarão dentes”.

Nenhum dos dicionários bilíngues pesquisados registra essa expressão, mas a UFz *when pigs have wings* parece ser a equivalência natural para a UFz do português. Há ainda a expressão *when two Sundays come together*, no entanto, a primeira contém um zoônimo em sua composição sendo um candidato natural a equivalente.

89. GALINHA - ser galinha

Quando se diz - “meu irmão é um galinha”, pretende-se com isso dizer que ele flerta com muitas mulheres, sendo namorador e infiel. O

³⁰⁶ (1978, p. 119)

³⁰⁷ (1986, p. 136)

³⁰⁸ (1978, p.120)

³⁰⁹ (1986, p.136)

³¹⁰ (2007, p.40)

Houaiss ratifica esse conceito ao dizer que trata-se de “indivíduo (mulher ou homem) que se dá a contatos voluptuosos ou que age publicamente sem freio moral; diz-se de indivíduo (mulher ou homem) que varia facilmente de parceiro amoroso ou sexual” e o UNESP registra o sentido de “pessoa que não se satisfaz em ter apenas um parceiro amoroso”. Mota³¹¹ diz que *galinha* é mulher ordinária, que se entrega a qualquer homem.

O Larousse registra a equivalência *womanizer* para o sentido “namorador” e o Collins registra a equivalência *shut* para “puta”.

A equivalência *womanizer* fornecida pelo Larousse é satisfatória conforme a abonação a seguir “*I like him but he's real womanizer!*”³¹² (Eu gosto dele, mas ele é um verdadeiro galinha!) ou ainda, pode-se usar para o conceito a seguinte equivalência be a *player* como na frase “*I think this guy I'm dating 'is a player'.*”³¹³ (Eu acho que este cara que estou namorando é um galinha.)

90. GALO - cantar de galo

Segundo Mota³¹⁴ significa “impor a opinião, dominar a situação”. Nascentes³¹⁵ registra a expressão cantar de galo como “mostrar-se audaz. Considerar-se vitorioso, superior.” Caramori³¹⁶ liga a expressão com a temática arrogância.

Esse é também o significado que Houaiss registra, ou seja, “considerar-se vitorioso, dar ordens, ter voz ativa”. Há anos atrás, talvez fosse mais comum se ouvir frases do tipo “quem canta de galo lá é a mulher dele” ou “na minha casa quem canta de galo sou eu”, pois com a emancipação feminina ambos podem “cantar de galo” na casa atualmente.

Nenhum dicionário bilíngue pesquisado registra essa expressão. Apresentamos *rule the roost* como sugestão de equivalência para essa

³¹¹ (1978, p.118)

³¹² Disponível

<<http://comosedizistoemingles.blogspot.com.br/2012/11/como-se-diz-em-ingles-muitas-vivem.html>> Acesso em 09/04/2014.

em

³¹³ Disponível

<<http://comosedizistoemingles.blogspot.com.br/2012/11/como-se-diz-em-ingles-muitas-vivem.html>> Acesso em 09/04/2014.

em

³¹⁴ (1978, p.123)

³¹⁵ (1986, p.136)

³¹⁶ (2000, p.133)

UFz, conforme a seguinte abonação “*My mother "rules the roost" in my family. She is the big shot.*”³¹⁷

(Lá em casa quem "canta de galo" é minha mãe. Ela é o chefão.)

91. GALO - cozinhar o galo

O Houaiss dá para a UFz o sentido de “simular que está trabalhando; adiar indefinidamente compromisso, providência, obrigação” e o UNESP registra o significado de “fazer hora”.

Não encontramos maiores informações em nossas referências sobre a UFz. Encontra-se na internet que a fraseologia “é uma gíria de SP para simular que está trabalhando sem estar; fazer hora, enrolar [...]”, e é usada como no contexto “O Kiko pegou o relatório e ficou 6 horas *cozinhando o galo* enquanto os outros terminaram na hora”, ou ainda, no exemplo, “Nesta era da informática tem muito empregado que fica *cozinhando o galo* no Facebook”.

Nenhum bilíngue pesquisado registra a UFz. Pode-se traduzir a UFz com a equivalência *to drag one's feet* como na frase “*He spent all day dragging his feet, looking for excuses not to do the work*”.³¹⁸

92. GALO -- galo de briga

É sujeito que briga fácil. Segundo o Houaiss é indivíduo que gosta de brigar, de comportamento agressivo. Para Mota³¹⁹ é um homem brigão e para Nascentes³²⁰ é indivíduo rixoso. Os bilíngues (quatro deles) informam a equivalência *fighting cock*. O Michaelis registra *cock-fight(ing)* e o Collins apresenta a equivalência *troublemaker* que vem de encontro aos significados fornecidos pelo Houaiss.

93. GAMBÁ- bêbado como gambá

É pessoa completamente embriagada e sem controle de si. Segundo o Houaiss o sentido é de “muito embriagado” e para a UL *gambá* registra os significados “êbrio, bebedão” e o UNESP informa o

³¹⁷ Disponível em <<http://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-cantar-de-galo-em-ingles-t16773.html>> Acesso em 09/04/2014.

³¹⁸ Disponível em: <<http://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-cozinhar-o-galo-em-ingles-t16779.html>> Acesso em 12/05/2014.

³¹⁹ (1978, p.122)

³²⁰ (1986, p.136)

mesmo sentido de “beberrão” para a UL gambá.

Os significados encontrados nos monolíngues são reforçados por Mota³²¹ e Nascentes³²². A analogia que se faz do gambá com a bebedeira se explica, segundo Nascentes³²³ porque o gambá gosta muito de aguardente. Aquele que pretende capturar o bicho põe uma vasilha com esta bebida a fim de que o animal se embriague. Não se pode afirmar que esta afirmação popular seja verdadeira, mas, encontra-se em Pimenta³²⁴ a informação de que a expressão *bêbado como gambá* surgiu “porque o bicho adora uma pinga [...] a aguardente na vasilha é a isca para a vítima”. É também o que afirma Riboldi³²⁵ de que o gambá é facilmente atraído pela cachaça, “o bicho vem, guiado pelo cheiro, bebe tudo e, em seguida, cai embriagado”. O relato pode ser uma tentativa de se entender a ligação do conceito de embriaguez com o animal.

Os bilíngues registram a UFz *bêbado como gambá* ou *beber como gambá* concordando entre si nas equivalências. Encontram-se as equivalências: *drunk as a skunk*, *(as) drunk as skunk/ drunk as a lord (Gb)*, *to drink like a fish*, *pissed as a newt*, *boozer (drunkard)* para ébrio e beberrão para a UL *gambá*. Apenas o Collins difere ao oferecer a expressão *pissed as a newt* (Britânico) (em que newt significa salamandra = que é um anfíbio). Cremos que *drunk as a skunk* (Americano) e *pissed as a newt* (Britânico) podem corresponder satisfatoriamente como equivalentes para a UFz.

94. GANSO - afogar o ganso

O fraseologismo tem o sentido de querer fazer sexo (ou masturbar-se) por estar ‘atrasado’, há muito tempo sem fazê-lo. Tabuísmo significando “ter relação sexual” (Houaiss). Uma atividade sexual rápida e agradável (incluindo masturbação) que não envolve sentimentos.

Mota³²⁶ diz que é ato sexual do homem. Riboldi³²⁷ explica a expressão grosseira e pejorativa com sentido de relação sexual. Costume que teria sua origem nos antigos chineses, de satisfazerem as

³²¹ (1978, p.125)

³²² (1986, p.136)

³²³ (1986, p.136)

³²⁴ (2006, p. 101)

³²⁵ (2007, p.41)

³²⁶ (1978, p.125)

³²⁷ (2007, p.41)

necessidades sexuais com os gansos. “No momento da ejaculação, imergiam a cabeça da ave na água, com o que a mesma estremecia o corpo, provocando, assim, uma sensação de maior e mais prolongado prazer.”

O fraseologismo não foi encontrado nos bilíngues. A UFz pode ser traduzida por *roll in the hay* no sentido de fazer sexo, transar, que utiliza igualmente um idiomatismo, conforme a frase “*I wouldn't sacrifice my marriage for a 'roll in the hay' with a waitress.*”³²⁸

95. GANHÃO - (ser um) ganhão

É o homem que procura seduzir mulheres indistintamente, sem manter compromisso com as mesmas, ou homem muito dado a mulheres (Houaiss) ou libidinoso, sensual e mulherengo (UNESP).

Encontra-se a equivalência *stud* nos bilíngues (três deles) e o Michaelis parafraseia a UL *ganhão* como “*man who is notoriously good with women*”. As equivalências *be a ladie's man* ou *be a lady-killer* podem traduzir a UFz.

96. GATO - (ser uma) gata/gato

Uma *gata* é uma mulher bela e atraente. Um homem bem feito de corpo, e sexualmente atraente é um *gato*. Mulher ou homem jovem, atraente, gatona ou gatão (Houaiss), “pessoa jovem, atraente e sensual” (UNESP).

O sentido que Mota³²⁹ dá para a UFz foge daquele expresso por Houaiss e UNESP, em que *gata* é “prostituta, mulher magra e branca”. Riboldi³³⁰, por sua vez, explica que “por processo metonímico, vinculado às características desse animal, surgiram outras palavras”. Um jovem ou uma jovem de rara beleza são chamados de *gato* e *gata* comparados à beleza do animal e ao seu andar esbelto.

Nos bilíngues têm-se as seguintes equivalências: *sexy person*, *be gorgeous!* *what a hunk!*, *a young, beautiful and attractive woman*; *a handsome, attractive man*, *sexy lady* (para mulher) e *dish* (para homem).

³²⁸ *roll in the hay* - sexual activity which is quick and enjoyable and does not involve serious feelings. Disponível em <<http://idioms.thefreedictionary.com/a+roll+in+the+hay>> Acesso em 09/04/2014

³²⁹ (1978, p.126)

³³⁰ (2007, p.43)

A UFz *ser uma gata* pode ser traduzida por *be foxy* ou, ainda, *a hot number* como nas seguintes abonações: “*Oh my god she is foxy*”³³¹, “*She was such a ‘hot number’, that to see her was to want her.*”³³² A UFz *ser um gato* pode ser traduzida por *what a hunk!*³³³

97. GATO - (ser uma) gatinha

É uma adolescente linda e charmosa, com corpo de mulher. É uma moça graciosa e bonita (Houaiss). A expressão é usada principalmente para exaltar a menina moça. Segundo Mota,³³⁴ *gatinha* é mulher amorosa.

Os bilíngues informam as seguintes equivalências *very pretty girl*, *especially a teenager* e *sexy lady*, respectivamente. Pode-se usar como equivalência a expressão em inglês *to be a peach* com sentido semelhante.

98. GATO - (Fazer de) gato sapato

A expressão tem o sentido de “tratar com desprezo, ridicularizar; destratar, humilhar; fazer de (alguém) o que se quer; fazer gato e sapato de” (Houaiss/ UNESP).

Ribeiro³³⁵ define a expressão *fazer de gato sapato* relatando que antigamente sapato escrevia-se com ç e a palavra *gato* podia ser lida como *çapato* na abreviatura *çato*, dessa forma “çato” confundida com gato, ou seja, fazer de gato sapato. Como na frase “Fazem de mim gato-çapato, logram-me como um criado a um amo, uma mulher a um marido” (op. cit.).

Para Mota³³⁶ é fazer de alguém o que bem entender, humilhar. Para Nascentes³³⁷ significa ridicularizar, tratar com desprezo, fazer

³³¹ Disponível em <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=foxy>> Acesso em 09/0/2014

³³² Disponível em <<http://www.wordreference.com/pten/gata>> Acesso em 09/04/2014

³³³ Disponível em <<http://www.thefreedictionary.com/hunk>> Acesso em 09/04/2014

³³⁴ (1978, p.127)

³³⁵ (1974, p.126)

³³⁶ (1978, p.126)

³³⁷ (1986, p.138)

joguete, maltratar. Caramori³³⁸ associa a UFz com a temática exploração. Pimenta³³⁹ dá outra explicação dizendo que ela teria surgido por associação com um terrível ultraje para os felinos, ser subjugado por um cão e assim ficar um “gato sob pata”. Para Pimenta, “sob pata” teria se transformado em sopata (tal como “sob o papo” virou *sopapo* e “sob pé” virou *sopé*). Mas a palavra nem chegou a se estabelecer: foi logo substituída por sapato porque (a) ninguém conhecia sopata, (b) sapato todo mundo conhecia e era a palavra mais parecida com sopata e (c) sapato rimava com gato”. Relatos de origem à parte, o certo é que a expressão ganhou força e é muito usada no fraseologismo brasileiro. Para o inglês, encontra-se a equivalência *treat somebody like a doormat* e *to walk all over somebody* em dois bilingues

99. GATO - gatos-pingados

Quando poucas pessoas comparecem a um evento diz-se que *havia uns gatos-pingados*, ou seja, “agrupamento pequeno de pessoas” (UNESP).

Ribeiro³⁴⁰ vê na expressão vestígio do costume bárbaro de castigar os escravos negros ou mouros com pingos de gordura fervente ou de azeite de candeias acesas. A expressão estaria vinculada à tortura, no Japão, em que se derramava óleo fervente em criminosos ou animais, sendo os gatos as maiores vítimas. Poucas pessoas ficavam assistindo essa prática, restando apenas os gatos pingados.

Nascentes³⁴¹ acrescenta que a expressão diz respeito a poucas pessoas e sem importância. Explica também que gato-pingado era “indivíduo que acompanhava enterro a pé e com tocha na mão”. No Rio de Janeiro, o cartunista Henfield, falecido em 1988, criou o personagem chamado Gato Pingado, simbolizando a torcida do América, sempre muito reduzida nos estádios, ou seja, o autor relaciona o sentido a poucas pessoas na audiência.

O Larousse e o Collins lematizam a UFz com a equivalência *hardly a soul* e *stalwarts* respectivamente e o Landmark *torch bearer; unimportant person; scanty audience; a few people*. A equivalência *hardly a soul* pode traduzir a UFz em semelhança de sentido.

³³⁸ (2000, p.133)

³³⁹ (2006, p. 103-104)

³⁴⁰ (1974, p.126)

³⁴¹ (1986, p.139)

100. GATO - (vender) gato por lebre

Enganar o comprador, fazendo-o levar mercadoria inferior àquela por que realmente pagou (Houaiss).

Mota³⁴² diz que significa ser enganado ou enganar. Para Nascentes³⁴³ é vender por uma coisa outra mais ordinária. Caramori³⁴⁴ associa a expressão *vender gato por lebre* à temática engano.

Os bilíngues registram as equivalência *to sell a pig in a poke, to take somebody in; to buy a pig in a poke, be cheated* e *to take an owl for an ivy-bush* para a mesma UFz. Com relação à equivalência *to sell a pig in a poke* em inglês, Pastore³⁴⁵ explica que “a EI refere-se a alguém enganado por achar que comprou algo de valor quando na verdade o que adquiriu não foi o que pensou. A EI em inglês elegeu o porco, já que ele simboliza fertilidade e abundância, porém estando em um saco, como sugere a EI, não se sabe se é realmente este animal ou outro considerado menos próspero. O mesmo acontece com a lebre que possui um simbolismo de fartura e abundância e, assim, quando comparada ao gato assume um status mais importante, já que o gato possui representações negativas como doença e morte, além de não haver um simbolismo de “animal que serve como alimento” embutido em sua simbologia, como observamos na simbologia da lebre”.

As equivalências *to sell a pig in a poke* satisfaz a tradução da UFz. As seguintes abonações comprovam o sentido da fraseologia: *If you don't get a good look at the engine of a used car before you buy it, you'll wind up buying 'a pig in a poke'. I just took the salesman's word that this camera worked. I guess I bought 'a pig in a poke'.*³⁴⁶

101. GRILO - (dar) grilo

Trata-se de algo não sair como planejado e ainda gerar uma “situação complicada, confusão, trapalhada” (Houaiss) ou ainda “cisma; preocupação” (UNESP).

Mota³⁴⁷ registra o sentido de “bagunça, encrenca” que esta

³⁴² (1978, p.126)

³⁴³ (1986, p.139)

³⁴⁴ (2000, p.133)

³⁴⁵ (2009, p.118)

³⁴⁶ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/pig>> Acesso em 12/05/2014.

³⁴⁷ (1978, p. 131)

relacionado com a ideia transmitida pela UFz *dar grilo* registrada no Houaiss.

Com relação aos bilíngues o Larousse registra a equivalência *to cause a hiccup*, o Michaelis e o Collins parafraseiam a UFz com *to be worried or suspicious about something*, e *to cause problems*, respectivamente. Pode-se sugerir a equivalência *have a hiccup* para traduzir a UFz, conforme a frase “We have had a few hiccups with the power supply”.³⁴⁸

102. LEÃO - leão de chácara

O leão de chácara é aquele segurança (geralmente musculoso) que cuida da entrada e saída nas casas de show, discotecas e danceterias. É pessoa de bom porte físico, acostumado às artes marciais e pode funcionar como um guarda-costas do dono da casa de show. Encarregado da “vigilância e manutenção da ordem” (Houaiss) ou “guarda de casas de diversões” (UNESP).

Magalhães Júnior³⁴⁹ explica que *leão de chácara* é empregado de bares, boates, e outros estabelecimentos, cuja missão é conter pessoas de ânimo exaltado, que se excedem nas bebidas e às vezes deixam de pagar suas contas. Em geral, são policiais que exercem as funções como um bico. A sua presença deve ser marcante e impor respeito e são comparados aos leões de louça que antigamente decoravam a entrada das chácaras mais importantes nas grandes cidades.

A definição de Mota³⁵⁰ “guarda de boate, clube” reforça as definições anteriores.

Pelo menos três bilíngues registram *bouncer* como equivalente para a UFz. *Bounce* é saltar como uma bola, e é o que um leão de chácara faz quando tem que enfrentar um encenqueiro, no clube noturno, o joga para o olho da rua! Reiteramos a equivalência baseados na frase “*A big 'bouncer' stood at the entrance to the bar*”.³⁵¹

³⁴⁸

Disponível

em:

<<http://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/hiccup>> Acesso em 10/04/2014.

³⁴⁹ (1974, p.169)

³⁵⁰ (1978, p.140)

³⁵¹ Disponível em: <<http://www.teclasap.com.br/girias-leao-de-chacara/>> Acesso em 10/04/2014.

103. LEÃO - parte do leão

A expressão é usada para falar do acerto de contas com o leão (governo) do imposto de renda devido, ou “órgão responsável pela arrecadação do imposto de renda” (Houaiss e UNESP).

Mota³⁵² diz que *a parte do leão* é a melhor parte de qualquer coisa. Caramori³⁵³ associa a expressão *ficar com a parte do leão* à temática vantagem.

A expressão *a parte do leão* é compartilhada por três dicionários que dão a equivalência *the lion's share*.

104. LEBRE - comer gato por lebre v. em vender gato por lebre

104. LEBRE - levantar a lebre

É denunciar um problema que estava oculto. Houaiss e UNESP não definem essa UFz. Os bilíngues também não a mencionam.

Mota³⁵⁴ diz que significa “descobrir a causa, o pretexto, a intenção de alguma coisa”. Para Nascentes³⁵⁵ é ser o primeiro a levantar a questão ou irregularidade e faz uma analogia com o animal ao dizer que “levantar uma caça é fazê-la sair da toca.” Segundo Caramori³⁵⁶, a expressão pode ser associada com a temática alarme. Riboldi³⁵⁷ diz que *levantar a lebre* é levantar uma questão polemica suscitar um problema inesperado. O autor associa a ideia do idiomatismo com a ligeireza da lebre.³⁵⁸ Pode-se usar a equivalência *to bring something up* para a UFz

³⁵² (1978, p.140)

³⁵³ (2000, p.134)

³⁵⁴ (1978, p.141)

³⁵⁵ (1986, p.163)

³⁵⁶ (2000, p.134)

³⁵⁷ (2007, p.45)

³⁵⁸ Parente do coelho, a lebre é maior e melhor dotada para a corrida, graças à conformação das patas posteriores, dispostas para o salto e mais longas que as dianteiras. Dificilmente é alcançada pelos cães, particularmente se a fuga for morro acima, favorecida pela forma de suas patas. Numa descida, atrapalha-se e, com maior probabilidade, é alcançada pelo cachorro lebreiro. Os caçadores desse animal contam com a ajuda dos cães. Com o faro privilegiado, eles as levantam de seus esconderijos, no meio da vegetação. Com a aproximação dos cachorros, saem em disparada por trilhas já conhecidas pelos caçadores, que as esperam com as espingardas engatilhadas e impiedosas. [...]”(RIBOLDI, 2007, p.45)

conforme a abonação “I shouldn't have expected that you would bring up all these remembrances of my troubles to me,--it's so inconsiderate”.³⁵⁹

105. LEOA - (ser uma) leoa

O idiomatismo *ser uma leoa*, normalmente é comparado com uma mãe forte, que defende e luta pelos seus filhos com garra. Mulher que “demonstra garra, força; defende seus objetivos com determinação” (Houaiss) ou no sentido do UNESP “mulher sensual e lasciva”.

O Michaelis fornece *a brave woman* como equivalente para a UFz.

Não encontramos maiores informações nas referências pesquisadas, mas a expressão pode ser traduzida por *like a lioness* conforme abonação a seguir: “*Mr. President, I want to thank the rapporteur for having fought 'like a lioness' for access to environmental information.*”³⁶⁰

106. LESMA - (ser uma) lesma

O fraseologismo é usado para referir-se a pessoa extremamente lerda em suas ações. A expressão tem sentido pejorativo conforme explica o Houaiss e o UNESP, com as definições “(*fig.*) *pej.* pessoa que revela lentidão na maneira de pensar e agir; indivíduo insípido, monótono” e “(*Deprec*) pessoa mole ou vagarosa”. É, também, a mesma definição fornecida por Mota³⁶¹ que diz se referir a pessoa vagarosa, lenta, preguiçosa.

Todos os bilíngues registram o sentido figurado de *ser uma lesma* e dão a equivalência de *sluggard* e *sluggish*. Há também a variação britânica *slowcoach* para a UFz.

107. LOBO - lobo em pele de cordeiro

É uma pessoa dissimulada, que parece boa, porém é perigosa, falsa. Houaiss e UNESP não mencionam a UFz, mas vamos encontrá-la

³⁵⁹ Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/bring+up>> Acesso em 12/05/2014.

³⁶⁰ Disponível em: <<http://pt.bab.la/dicionario/portugues-ingles/leoa>> Acesso em 10/04/2014.

³⁶¹ (1978, p.142)

citada em Mota³⁶² que diz que é “sujeito mal intencionado, agindo com disfarces”.

Dos bilíngues, somente o Michaelis registra a UFz com a equivalência *a wolf in sheep's clothing* que é satisfatória tanto quanto ao registro como quanto à inclusão de um zoônimo.

108. MACACO(A)- estar com a macaca

A expressão é usada para justificar uma pessoa que esteja muito irritada, de péssimo humor, gesticulando e descontando no outro sua irritação. O Houaiss informa que significa encontrar-se irritado, inquieto. Segundo Mota³⁶³ é “estar danado da vida”, em outras palavras, é estar muito bravo.

Os bilíngues registram a expressão, com as equivalências: *to be/wake up in a foul mood*, (col) *to be in a foul mood*, *be in a fool mood*, contudo há uma diferença de *foul* para *fool* levando a crer que exista um erro.

109. MACACO - ir pentear macaco

A fraseologia significa mandar alguém às favas (Houaiss), mandar “ver se eu estou na esquina” quando alguém é impertinente, amolando quem está trabalhando ou descansando, por exemplo.

Para Mota³⁶⁴ significa “vá embora, deixe de chateação” e para Nascentes³⁶⁵ é uma “pessoa que esteja importunando”.

Os bilíngues não registram equivalências para a UFz, mas pode-se dizer *go fly a kite* para a tradução, não esquecendo que é uma forma rude de interpelar o outro uma vez que se está mandando a pessoa ir embora. A abonação a seguir exemplifica o equivalente “*Go fly a kite! It's just not funny any more*”.³⁶⁶

³⁶² (1978, p. 142)

³⁶³ (1978, p.145)

³⁶⁴ (1978, p. 145)

³⁶⁵ (1986, p. 171)

³⁶⁶ Disponível em <<http://idioms.thefreedictionary.com/Go+fly+a+kite>> Acesso em 10/04/2014.

110. MACACO - ser macaco velho

Mota³⁶⁷ explica que *ser macaco velho* é ser um sujeito experiente e sagaz. Nascentes³⁶⁸ diz que é ter muita experiência. E cita o provérbio que diz que “o macaco velho não mete a mão em cumbuca”. Para o Houaiss e o UNESP, *macaco velho* é indivíduo experiente, escolado em um determinado assunto.

O Larousse, o Collins e o Michaelis registram a expressão e dão a mesma equivalência *old hand*.

111. MICO - pagar (um) mico

A expressão denota passar por um embaraço repentino, “passar vergonha” (Houaiss) ou ainda “ficar com o prejuízo” (UNESP). Riboldi³⁶⁹ informa o mesmo sentido encontrado nos dicionários e acrescenta que *pagar o mico* é “dar vexame”.

Os bilíngues consultados dão a equivalência de *embarrassment* para a UFz. Porém trata-se de uma equivalência muito formal para a expressão. Pode-se sugerir *to make a blooper* para a UFz, conforme a abonação “*dressed in a polo shirt, blue denims and a yellow cap, ‘he made a blooper’ by introducing Cebu Gov. Gwendolyn Garcia as ‘Gwen Garcia’*”.³⁷⁰

112. MINHOCA - ter (estar com) minhocas na cabeça

É ficar pensando em bobagens, ter “ideias absurdas, tolas” (Houaiss, UNESP), significa suposições mesquinhas (MOTA)³⁷¹, preocupações inúteis ou indesejáveis (RIBOLDI)³⁷².

Dos bilíngues consultados, o Larousse, o Michaelis e o Collins registram explicações como, por exemplo, *with strange ideas, colloq whims, ridiculous beliefs, fancies, (col) daft idea*. Sugerimos *to have rocks in your head* como em “*John is a real nut. He has rocks in his*

³⁶⁷ (1978, p.144)

³⁶⁸ (1986, p.171)

³⁶⁹ (2007, p.48)

³⁷⁰

Disponível

em:

<<http://www.inquirir.net/specialreports/inquirirpolitics/view.php?db=1&article=20070218-50130>> Acesso em 12/05/2014.

³⁷¹ (1978, p.148)

³⁷² (2007, p.48)

head”.³⁷³

113. MOSCA - acertar na mosca

É alcançar o alvo. Demonstrar precisão em alguma coisa, acertar em cheio (Houaiss), atingir o objetivo (UNESP). Segundo Mota³⁷⁴, *acertar na mosca* é “atingir o coração do alvo”.

O Larousse e o Michaelis apresentam a mesma equivalência para a UFz *to hit the bull's eye* e o Oxford a registra como *to hit the nail on the head*. Consideramos *to hit the bull's eye* uma equivalência satisfatória para traduzir a UFz.

114. MOSCA - (estar) às moscas

O fraseologismo expressa deixar algo no abandono, sem cuidado. *Às moscas* para o Houaiss é esquecido, abandonado e vazio, e para o UNESP significa deserto. Mota³⁷⁵ explica a expressão *ficar/entregue às moscas* como “sem ninguém, tratando-se de qualquer ponto de reunião.” Nascentes³⁷⁶ diz que estar às moscas é “vazio, sem clientes, sem fregueses, sem espectadores, sem frequência”. Caramori³⁷⁷ associa a expressão à temática abandono.

O Oxford, o Michaelis, o Collins, o Webster's e o Landmark parafraseam a expressão com as seguintes explicações: *to be empty, to be deserted, without clients or spectators, empty, with few customers, not be frequented*.

A UFz *estar às moscas* tem o mesmo sentido da UFz *entregue às baratas* e, em nossa opinião pode ser traduzida por *gone to dogs* (cf. explicações do Macmillan).³⁷⁸

³⁷³ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/have+rocks+in+head>> Acesso em 12/05/2014.

³⁷⁴ (1978, p.149)

³⁷⁵ (1978, p.149)

³⁷⁶ (1986, p.191)

³⁷⁷ (2000, p.134)

³⁷⁸ According to the *Macmillan English Dictionary*, if a place or an organization is going to the dogs, it is not as good as it was in the past. People often say things like “This country's going to the dogs. Things aren't like they were 30 years ago” or “This train service is going to the dogs. The trains are always late.

115. MOSCA - ser um mosca morta

Segundo Mota³⁷⁹ *mosca-morta* é “bobo, preguiçoso, imbecil”. Nascentes³⁸⁰ diz que é pessoa “dissimulada, manhosa, que parece inofensiva; pessoa indolente”. Um *mosca-morta* pode parecer não fazer mal a ninguém, mas até por sua própria apatia acaba por prejudicar alguém, “aparenta inocência, mas é capaz de prejudicar outrem”, é o que afirma Houaiss em sua segunda acepção, pois na primeira expressa o contrário, ou seja, “pessoa sem ação, apática, que não é capaz de agir ou fazer mal a alguém”.

Quanto aos bilíngues, apenas o Collins registra e lematiza a expressão *mosca-morta* oferecendo a equivalência *stiff* para a mesma. Sugerimos a equivalência *wallflower* para a UFz *mosca-morta* com o sentido de pessoa sem iniciativa, uma pessoa muito parada, como na abonação “*Mary behaved a bit like a wallflower at the dance*”.³⁸¹ Outra possibilidade de tradução para a UFz é *be a pushover* como em “*Mike is a pushover! He can't discipline his kids!*”³⁸² ou pode-se ainda sugerir a UFz *a lame duck* como no contexto *we can't afford to have any lame ducks in our staff*.

116. MULA - picar a mula

É ir embora apressadamente (Houaiss), fugir, ir embora depressa (UNESP).

Para Magalhães Junior³⁸³ *picar a mula* é “quando alguém anuncia que chegou a hora de partir e esta fazendo suas despedidas”. A significação vem de calçar a esporra no cavalo e fazê-lo apressar o passo, generalizando-se o uso até para os que nunca montaram em um cavalo. Pimenta³⁸⁴ diz que significa “ir embora, picar (ferir) a mula (com a esporra) para que ela ande, levando quem a monta.”.

Michaelis registra a UFz com a equivalência *to flee, go away*. Sugerimos a equivalência *to hit the road* como na frase “*It's getting kind*

³⁷⁹ (1978, p.149)

³⁸⁰ (1986, p.191)

³⁸¹ Disponível em: <<http://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-mosca-morta-em-ingles-t4718.html>> Acesso em 14/04/2014.

³⁸² Disponível em: <<http://eiu-englishinuse.blogspot.com.br/2011/10/como-dizer-mosca-morta-em-ingles.html>> Acesso em 14/04/2014.

³⁸³ (1974, p. 251)

³⁸⁴ (2006, p. 184)

of late, so I think I'm going to hit the road.”³⁸⁵

117. ONÇA - ficar/virar uma onça

Ficar/virar uma onça é ficar muito bravo, ou, como diz Houaiss, “ficar irado, enfurecido”. Há uma crença que vem da Antiguidade que diz que os indivíduos em determinadas condições, podem se transformar em feras, em lobisomens. Para os antigos era a licantropia (metamorfose do homem em lobo), conseguida por meio de mágica, em que as próprias feiticeiras viravam lobo (cf. Magalhães Junior).³⁸⁶ Talvez isso possa explicar a origem da UFz *ficar/virar uma onça*.

Os dicionários bilíngues Larousse, Michaelis e Collins a registram como: *to be wild, become very angry, to get furious*. A expressão tem o mesmo sentido de *ficar uma arara*, mas com intensidade maior. Pode-se usar as equivalências *have a cow* como em: “*Don't have a cow, Mom, I'll clean up my room*”.³⁸⁷ *blow your top* como em: “*When my mother saw the state of the house after the party, she 'blew her top'*”³⁸⁸ ou *to blow a fuse* com sentido parecido como na frase: “*Charlie 'blew a fuse' yesterday when he discovered that his ipod had been stolen*”.³⁸⁹

Há, ainda, outras equivalências como: *to fly off the handle; to hit the ceiling; to throw a fit; to kick up a stink; to bite sm's (sb's) head off; to last out at; to get pissed off; to tell sb where to get off; to breathe fire and brimstone; to flip out*, com pequenas diferenças de contexto.

118. ONÇA - ser amigo da onça

É aquele amigo que no momento em que mais se precisa dele ele não está presente. Segundo Houaiss, é o “amigo falso, hipócrita, infiel;

³⁸⁵Disponível em: <<http://www.englishdaily626.com/slang.php?189>> Acesso em: 14/04/2014.

³⁸⁶(1974, p. 315)

³⁸⁷Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/have+a+cow>> Acesso em 14/04/2014.

³⁸⁸Disponível em: <http://www.learn-english-today.com/idioms/idiom-categories/anger-annoyance/anger-annoyance1_up-flak.html> Acesso em 14/04/2014.

³⁸⁹Disponível em: <http://www.learn-english-today.com/idioms/idiom-categories/anger-annoyance/anger-annoyance1_up-flak.html> Acesso em 14/04/2014.

amigo-urso” com mesmo sentido registrado no UNESP. Mota³⁹⁰ diz que significa sujeito superindiscreto. Caramori³⁹¹ associa a expressão à temática de amizade.

Para Riboldi³⁹² é amigo falso, infiel, que age pelas costas. O autor conta que segundo a tradição, a expressão surgiu de uma história contada por um caçador que ao deparar-se com uma onça feroz no meio da mata, deu um grito estridente, ao que o animal fugiu em disparada. O amigo do caçador, que ouvia a história considerou-a tão inverídica que soltou uma risada de incredulidade. Indignado o caçador teria lhe dito: Você é meu amigo ou amigo da onça?

Todos os bilíngues apresentam *false friend* como a equivalência para a UFz. Sugerimos outro idiomatismo, ou seja, *fair-weather friend* como em “*I thought he would always stick by me, but when I got into trouble, he turned out to be a fair-weather friend*”.³⁹³ O amigo-da-onça do português seria o amigo só de tempo bom em inglês, que significa ser amigo quando lhe convém.

119. ONÇA - tempo do onça

Algo do tempo do onça é porque é coisa muito antiga ou pertencente a tempos remotos (Houaiss, UNESP). Pimenta³⁹⁴ informa que a expressão nasceu em 1725, de um velho militar que havia no Rio de Janeiro, com reputação de homem honesto, mas muito autoritário e que reclamava de tudo. Por seu temperamento, ele ganhou o apelido de ‘Onça’. Daí teria originado a expressão *do tempo do Onça*, para designar daquele tempo.

Os bilíngues (quatro deles) informam as seguintes equivalências: *went out with the ark, as old as the hills, very old, old fashioned, from way back*. Uma equivalência para a UFz pode ser *be as old as Methuselah* como na frase “*I was a young boy at the time so to me he looked ‘as old as Methuselah’ but he was probably only in his sixties*”³⁹⁵. A equivalência *as old as the hills* presente em um dos

³⁹⁰ (1978, p.153)

³⁹¹ (2000, p.134)

³⁹² (2007, p.49)

³⁹³ Disponível em: <<http://www.inglesnosupermercado.com.br/como-se-diz-amigo-da-onca-e-amigo-urso-em-ingles/#sthash.d9O4oOGC.dpuf>> Acesso em: 14/04/2014.

³⁹⁴ (2006, p. 165)

³⁹⁵ Disponível

bilíngues pode ser avalizada pela frase “[...] *every body abused him saying "That has been already said" - "That is as old as the hills" - "all the world knows that"*”.³⁹⁶

120. OVELHA- ovelha negra

É aquela pessoa indesejável na família, alguém de quem se tem vergonha por não seguir o mesmo comportamento dos demais. Para o UNESP é pessoa dissoluta; mau elemento.

Magalhães Júnior³⁹⁷ informa que ser uma ovelha negra é indivíduo de costumes dissolutos, um mau elemento, uma companhia que é pernicioso. Segundo o autor, o provérbio “Uma ovelha negra põe o rebanho a perder” vem do sentido da UFz. Para Mota³⁹⁸ é pessoa má, transviada. Para Riboldi³⁹⁹ é pessoa que tem uma conduta inadequada em seu grupo social, assim como uma ovelha negra se destaca em meio às outras ovelhas branquinhas. Pode-se comparar a um comportamento desagregador e desajustado. Segundo o autor, nas religiões pagãs antigas, o animal preto era visto como maligno e, por consequência, era sacrificado aos deuses. Além disso, os pastores preferiam as ovelhas brancas “porque sua lã podia ser tingida. A lã negra não servia para o tingimento, o que levava os pastores a desprezarem as ovelhas negras”.

Todos bilíngues, exceto o Webster’s, registram a expressão *ovelha negra* (da família) com a mesma equivalência para todos *black sheep (of the family)*.

121. PAPAGAIO - falar como um papagaio

É indivíduo tagarela, muito loquaz (Houaiss) ou que fala muito, desconexamente (UNESP). Mota⁴⁰⁰ informa que a expressão significa falar muito sem saber o que diz. Nascentes⁴⁰¹ afirma que é repetir as coisas inconscientemente. Tagarelar.

<<http://idioms.thefreedictionary.com/be+as+old+as+Methuselah>> Acesso em: 14/04/2014.

³⁹⁶Disponível em: <<http://www.phrases.org.uk/meanings/43250.html>> Acesso em: 14/04/2014.

³⁹⁷(1974, p.225)

³⁹⁸(1978, p.154)

³⁹⁹(2007, p.50)

⁴⁰⁰(1978, p.156)

⁴⁰¹(1986, p.218)

O Michaelis e o Landmark registram a expressão e dão a equivalência que é a mesma para o inglês - *to chatter like a parrot*.

122. PATINHO - cair como um patinho

É ser enganado facilmente, ou deixar-se lograr muito ingenuamente (Houaiss) ou cair bobamente como define o UNESP. Nascentes⁴⁰² reafirma a definição do Houaiss “deixar-se totalmente lograr”.

O Larousse e o Landmark são os únicos que registram a UFz. Entretanto, eles a registram com a variação *pato* ao invés de *patinho*. Encontramos a seguinte abonação para a equivalência fornecida pelo Larousse “*I can't cycle around on that old thing! I'll 'be the laughing stock' of the neighbourhood*” e que em nossa opinião foge do sentido original dado pelos monolíngues. O que se percebe pelo contexto na frase é de alguém que se teme passar por bobo, talvez *pagar o mico* e não cair como um patinho. Essa UFz necessita de maior pesquisa para se chegar a uma equivalência mais satisfatória.

123. PATO - pagar o pato

É pagar pelo erro que outros cometeram. Como diz o Houaiss “sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa”, ou ainda, conforme o UNESP “ser responsabilizado por algo que não fez”.

Magalhães Junior⁴⁰³ afirma que é “fazer papel de tolo, pagar para que os outros aproveitem, ser ludibriado.” Para Mota⁴⁰⁴ é ser vítima de alguma coisa, pagar pelos outros. Para Nascentes⁴⁰⁵ é “correr com as despesas ou como a expressão no espanhol *pagar el pato de la boda*.” Caramori⁴⁰⁶ associa a expressão à temática culpa. Segundo Pimenta⁴⁰⁷ a expressão se popularizou na literatura portuguesa com o sentido de ser ludibriado, e é “fruto de um relato picante de quatro personagens, uma mulher, dois homens e um pato”.

Todos os bilíngues, exceto o Longman, registram equivalências para a UFz, sendo *to carry the can*, e *to pay the piper* as mesmas em

⁴⁰² (1986, p. 223)

⁴⁰³ (1974, p.228)

⁴⁰⁴ (1978, p.159)

⁴⁰⁵ (1986, p.223)

⁴⁰⁶ (2000, p.134)

⁴⁰⁷ (2006, p. 172)

mais de um dicionário. Outras equivalências são informadas como, *to take the blame* e *to be in for it*.

124. PATO - ser um pato

Para Mota⁴⁰⁸ o sentido de *pato* liga-se a “sujeito bobo, palerma, que toda gente engana”. É justamente esse o sentido que se encontra no Houaiss “indivíduo tolo, parvo” e ainda, mais especificamente o sentido atribuído a jogador ruim, este reforçado pela definição do UNESP.

O Larousse e Collins registram a UFz com o sentido de otário em inglês, *sucker* e o Oxford cita o segundo sentido, de *pato* como mau jogador também apresentado pelo Michaelis com a equivalência *bad player*. Cremos que a equivalência que mais se encaixa no sentido é *be a sucker*.

125. PEIXE - não ter nada com o peixe

É não ter nenhuma responsabilidade com a situação. Segundo o Houaiss é ser “completamente alheio ao caso em debate, à disputa”.

Mota⁴⁰⁹ e Nascentes⁴¹⁰ informam a mesma definição de Houaiss, ou seja, “ser alheio à contenda, ao caso”. Caramori⁴¹¹ associa a expressão com a temática descomprometimento.

O Larousse, o Collins e o Landmark registram a mesma equivalência *have nothing to do with it* e a outra equivalência registrada pelo o Michaelis é *it's none of my business*.

126. PEIXE - peixe fora d'água

O UNESP afirma que é estar em um ambiente que não é o seu. Segundo Mota⁴¹² é “pessoa fora do seu lugar, dos seus convívios, de sua competência”. Para Nascentes⁴¹³ é o mesmo que ficar “desambientado”. Caramori associa a expressão com a temática inadequação. Riboldi⁴¹⁴ explica que *peixe fora d'água* é “pessoa em situação muito

⁴⁰⁸ (1978, p. 159)

⁴⁰⁹ (1978, p.161)

⁴¹⁰ (1986, p.232)

⁴¹¹ (2000, p.134)

⁴¹² (1978, p.161)

⁴¹³ (1986, p.232)

⁴¹⁴ (2007, p.52)

desconfortável, em constrangimento; individuo que se sente mal em determinado ambiente, não se sente à vontade”.

O Oxford e o Collins fornecem a equivalência *like a fish out of water* e o Michaelis *ill at easy*.

127. PEIXE - vender o peixe pelo preço que comprou

É relatar na íntegra o que se ouviu. Segundo Mota⁴¹⁵ é “transmitir a notícia como a recebeu”. Nascentes⁴¹⁶ registra a UFz com uma pequena alteração em sua composição mas fornece sentido semelhante *vender como comprou* que significa “vender sem alterar”. O Houaiss informa que é uma fraseologia e significa “repetir uma novidade exatamente como foi contada, sem assumir a responsabilidade pela sua veracidade ou exatidão”.

A UFz não é citada em nenhum bilingue e requer uma pesquisa detalhada para se chegar a um equivalente razoável.

128. PEIXE - vender (seu) peixe

Segundo o Houaiss é “argumentar em favor dos seus pontos de vista, defender habilmente os seus interesses, expor as suas opiniões” e segundo o UNESP é “valorizar a si mesmo ou ao próprio serviço”. Das referencias pesquisadas encontra-se em Nascentes⁴¹⁷ a UFz, com uma pequena variação, *vender logo o seu peixe* (Ceará), que quer dizer “falar primeiro ou contar logo a sua história”.

O Larousse e o Collins registram as equivalências *to look out for one's own interests: [opinar] to have one's say, to feather one's nest, to say one's piece*. A equivalência *to feather one's nest* traduz bem a UFz analisada, com base no exemplo *"The congressmen 'feathered his nest' through his connection with big business"*.⁴¹⁸

129. PERU(A) - ser/estar uma perua

A expressão denota uma pessoa exagerada na maneira de se vestir. Houaiss diz que a expressão é pejorativa e que significa “mulher

⁴¹⁵ (1978, p. 161)

⁴¹⁶ (1986, p. 312)

⁴¹⁷ (1986, p. 233)

⁴¹⁸ Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/feather+one%27s+nest>>
Acesso em 16/04/2014.

que se dá ares de elegante, mas que se veste espalhafatosamente” e o UNESP afirma que é “mulher muito enfeitada”.

Um dos significados que Mota⁴¹⁹ dá para a UL *perua* é “ser mulher sem importância, rapariga”, ou ainda para *peru* “indivíduo orgulhoso sem motivo”, mas a definição foge do sentido dado pelos monolíngues. Os bilíngues (especialmente o Michaelis) reforçam o sentido de mulher muito enfeitada.

O Larousse e o Oxford registram as equivalências *hussy* e *flashy woman*. O Michaelis apresenta a paráfrase explicativa “*woman whose clothes and jewelry are bright and flamboyant, especially in a vulgar way*”. A Ufz está muito bem traduzida pela equivalência do Oxford *flashy woman* com base na frase “*when a bloke makes it all too obvious that it's quite simply a 'flashy woman' that gets his pheromones going..*”⁴²⁰

130. PINTO - estar/ficar um pinto molhado

Para o Houaiss a UFz denota uma pessoa “completamente molhada; encharcada”. Mota⁴²¹ faz alusão à expressão *pinto na chuva* como pessoa molhada, que pode ser ligado ao sentido da UFz (*ficar*) *como um pinto molhado*.

O Larousse, o Collins e o Landmark apresentam as equivalências *to get soaked to the bone, like a drowned rat, be wet to the skin, be soaking wet* para a UFz. Todas as equivalências parecem boas opções de tradução, no entanto, preferimos *like a drowned rat* por apresentar um zoônimo em sua composição e satisfazer o sentido conforme o exemplo “*I had to cycle home in the rain and came in looking 'like a drowned rat'.*”⁴²²

131. PORCA - aí é que a porca torce o rabo

Significa que é nesse ponto que se localiza o problema. Segundo

⁴¹⁹ (1978, p. 164)

⁴²⁰ Disponível em:

<http://blogs.smh.com.au/lifestyle/asksam/archives/2009/03/do_men_really_like_flashy_women.html> Acesso em 17/04/2014.

⁴²¹ (1978, p. 166)

⁴²²

Disponível

em:

<<http://idioms.thefreedictionary.com/look+like+a+drowned+rat>> Acesso em 17/04/2014.

o Houaiss “aí é que está a dificuldade”. Para Mota⁴²³ é “agora é que vai decidir-se a questão”. Nascentes⁴²⁴ assim como João Ribeiro concordam com a mesma definição dada pelo Houaiss. Caramori⁴²⁵ associa a expressão com a temática dificuldade e Riboldi⁴²⁶ diz tratar-se de situação de “extrema dificuldade, hora de tomar decisão difícil”.

O único bilingue que registra a expressão é o Michaelis que apresenta a equivalência *that's is where the shoe pinches*. Pesquisamos uma abonação para o sentido dado e encontramos respaldo na frase “*The coach said he wasn't worried about any position except quarterback; that was 'where the shoe pinched'*”.⁴²⁷

132. PORCO - ser um porco (pessoa)

A UFz segundo o Houaiss apresenta mais de um sentido. É pessoa suja, imunda (higiene), grosseira, imoral (caráter) e ainda, fazer algo malfeito, sem capricho (má qualidade). Segundo o UNESP é pessoa sem higiene, suja e também apresenta o sentido de tosco, sem capricho. Mota⁴²⁸ define *porco* como “indivíduo sujo física ou moralmente”.

Todos bilíngues registram *porco* no sentido figurado e são muitos sinônimos: *dirty, coarse, shoddy, pig, he's filthy, slob, a very dirty or indecent fellow, indecent, obscene*. Três bilíngues apresentam a equivalência *filthy* que denota o sentido da UFz.

133. PORCO - comer como um porco

Nem o Houaiss nem o UNESP registram a UFz, porém fornecem acepções que podem ser ligadas ao sentido da mesma. Entende-se como derivação de sentido da palavra porco. O Houaiss informa o sentido de “indivíduo sujo, sem higiene pessoal ou no local onde costuma ficar” e o UNESP é “pessoa sem higiene, suja”.

⁴²³ (1978, p.169)

⁴²⁴ (1986, p.247)

⁴²⁵ (2000, p.134)

⁴²⁶ (2007, p.53)

⁴²⁷ Disponível em: <http://www.sky-net-eye.com/eng/english/idioms/american/i_w/8844-where-the-shoe-pinches>

Acesso em 17/04/2014.

⁴²⁸ (1978, p.169)

Mota⁴²⁹ diz que comer ou dormir como um porco é “comer ou dormir muito e na sujeira”. Nascentes⁴³⁰ cita a expressão *sujo como um porco* como muito sujo.

O Landmark é o único que apresenta uma equivalência *pig out* para a UFz *comer como um porco*. Os demais não mencionam essa expressão. Pode-se encontrar ainda *make a pig of oneself* para porco no sentido de ser guloso, comer em excesso ou sem educação.

134. PORCO - espírito de porco

O *espírito de porco* costuma colocar ‘gosto ruim’ nos planos que as pessoas fazem, é tipo desmancha-prazeres. Segundo Mota⁴³¹ é ser “atrapalhador da vida alheia, inventor de obstáculos de última hora”. O Houaiss diz que é “aquele que interfere geralmente no sentido de criar embaraços ou de agravar situações por si só difíceis” sentido reforçado pelo UNESP.

Os bilíngues apresentam as equivalências *to be a busybody*, *wet blanket*, *troublemaker*. A equivalência *wet blanket* é satisfatória para traduzir o sentido da UFz, como na frase “*Jack's fun at parties, but his brother's a wet blanket*”.⁴³²

135. PORCO - montar num porco

Segundo Mota⁴³³ significa “ficar desconcertado, em situação humilhante ou ridícula”. Nascentes⁴³⁴ apresenta a mesma definição de Mota. O Houaiss define a UFz como “reclamar ou brigar com escândalo, sentir-se acanhado; encabular”.

Nenhum bilíngue registra a UFz. Pode-se sugerir como equivalência para a UFz a expressão em inglês *get the fingers burnt* como na frase “*He didn't pay attention to what we said and "got his fingers burnt"*”⁴³⁵ ou ainda, “*Several art dealers 'got their fingers*

⁴²⁹ (1978, p.169)

⁴³⁰ (1986, p.247)

⁴³¹ (1978, p. 170)

⁴³² Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/wet+blanket>> Acesso em 17/04/2014.

⁴³³ (1978, p. 170)

⁴³⁴ (1986, p. 247)

⁴³⁵ Disponível em: <<http://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-se-deu-mal-em-ingles-t597.html>> Acesso em 17/04/2014.

*burned' on old master paintings that later turned out to be fakes".*⁴³⁶

136. PULGA - estar com a pulga atrás da orelha

É estar com a impressão de que estão lhe enganando ou como diz Houaiss “suspeitoso de alguma coisa; desconfiado” ou ainda conforme o UNESP “cheio de suspeita ou dúvida”.

Para Mota⁴³⁷ é “desconfiança, suspeita, intuição”. Nas palavras de Nascentes⁴³⁸ significa “desconfiado, inquieto”. Riboldi⁴³⁹ ressalta a definição de Houaiss e acrescenta “preocupação, dúvida”.

Os bilíngues apresentam a equivalência *to smell a rat, to have a flea in one's ear, to be uneasy, anxious or suspicious*. A tradução *to have a flea in one's ear* parece satisfazer não só o sentido quanto a forma da UFz como na abonação “*He has a flea in his ear about their relationship*”.⁴⁴⁰

137. RAPOSA - ser uma velha raposa

O Houaiss e o UNESP não registram a UFz, contudo oferecem uma acepção para a UL *raposa* que pode ser ligada ao seu sentido figurado, “pessoa matreira, astuta” (Houaiss) ou “pessoa manhosa, sagaz, matreira” (UNESP).

Para Mota⁴⁴¹ significa “manhoso, espertalhão” e para Nascentes⁴⁴² é “pessoa experiente e manhosa”.

O Larousse, o Collins e o Webster's registram a expressão *raposa* com sentido figurado e apresentam equivalências diferentes como *sly old fox, crafty person*, ou ainda, *foxy person*. A frase a seguir “*I would never have guessed that about you, you sly old fox!*” ilustra o sentido da UFz. Consideramos que *foxy person* não é apropriada para traduzir a UFz, uma vez que as abonações levam em sua grande maioria para o sentido de mulher extremamente atraente como, por exemplo, “uma

⁴³⁶ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/burn+fingers>> Acesso em 17/04/2014.

⁴³⁷ (1978, p.172)

⁴³⁸ (1986, pg.254)

⁴³⁹ (2007, p.55)

⁴⁴⁰ Disponível em: <<http://www.answers.com/topic/flea-in-one-s-ear-a#ixzz2zAxHjMRI>> Acesso em 17/04/2014.

⁴⁴¹ (1978, p.175)

⁴⁴² (1986, p.262)

gata”.

138. RATO - rato de biblioteca

É aquela pessoa que se distingue das outras por ser extremamente afeiçoado ao ambiente de biblioteca e ser dado a muita leitura.

Segundo o Houaiss e o UNESP a UL *rato* significa indivíduo que assiduamente frequenta determinado lugar. Mota⁴⁴³ diz que rato de biblioteca é “bibliófilo, pesquisador em livros e documentos”. Nascentes⁴⁴⁴ registra a expressão *rato de biblioteca* como “indivíduo que vive lendo pelas bibliotecas”.

Os bilíngues (Larousse, o Collins e o Landmark) registram a equivalência *bookworm* que atende ao registro de informalidade. Pode-se ilustrar a equivalência com base na frase “*A bookworm (sometimes pejorative) is someone who loves books for their content, or who otherwise loves reading*”.⁴⁴⁵

139. SAPO - engolir sapo

É passar uma grande raiva ou decepção e ter que ficar quieto. Para Mota⁴⁴⁶ é “suportar hostilidades por fraqueza ou astúcia” e para Nascentes⁴⁴⁷ é “ouvir de cara coisas desagradáveis, sem poder responder a elas”. O Houaiss define a UFz como “tolerar coisas ou situações desagradáveis sem responder, por incapacidade ou conveniência e o UNESP a define como “suportar afronta sem revidar”.

O Larousse, o Oxford o Collins e o Landmark apresentam as equivalências *to swallow a bitter pill, to bite your tongue, to sit back and take it, sit down under the insult*. Sugere-se como equivalência *to swallow an insult* como na frase “*Sometimes you just have to swallow an insult — and move on from it*”.⁴⁴⁸

⁴⁴³ (1978, p.176)

⁴⁴⁴ (1986, p.262)

⁴⁴⁵ Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Bibliophilia>> Acesso em 18/04/2014.

⁴⁴⁶ (1978, p.179)

⁴⁴⁷ (1986, p.277)

⁴⁴⁸ Disponível em: <<http://vsafuto.wordpress.com/2013/10/22/the-worst-insult-i-ever-had-to-take/>> Acesso em 18/04/2014.

140. SARDINHA - como sardinha em lata

Pode-se sentir apertado num lugar e se ouvir a expressão “estou me sentindo como sardinha em lata”. Da mesma forma o UNESP afirma ser “local cujo espaço é apertado e desconfortável”. Mota⁴⁴⁹ informa a expressão com uma pequena variação *apertado que só sardinha em lata* é a define como “sem espaço nenhum”. Nascentes⁴⁵⁰ diz que *estar apertado como sardinha em lata* é “extremamente apertado com outros, sem se poder mexer ou voltar”.

Apenas o Collins registra equivalência *like sardines* para a UF. Sugere-se a *pack like sardines* como em: “*The bus was full. The passengers were packed like sardines.*”⁴⁵¹

141. SARDINHA - puxar a brasa pra sua sardinha

É tirar vantagem da situação, geralmente uma vantagem financeira. Segundo o Houaiss é “torcer as coisas visando a justificar os seus pontos de vista ou defender os seus interesses particulares; advogar em causa própria; tratar dos interesses dos seus, em detrimento das outras pessoas” e segundo o UNESP é “cuidar só dos próprios interesses; argumentar em causa própria”. Para Mota⁴⁵² é “defender as vantagens”.

Os bilíngues registram várias equivalências diferentes para essa UFz, como: *to look after number one, bring grist to one's mill, to look out for oneself, to feather one's nest, to seek one's own advantage*. A tradução *feather one's nest* parece satisfazer o sentido da UFz. “*While the CEO feathered his own nest, his company was firing employees by the hundreds*”.⁴⁵³

142. SERPENTE - ser uma serpente

Usa-se essa metaforização para referir-se a pessoa perversa e traiçoeira. Uma “víbora” como diz o UNESP, pessoa pérfida ou

⁴⁴⁹ (1978, p.180)

⁴⁵⁰ (1986, p.277)

⁴⁵¹ Disponível em <<http://idioms.thefreedictionary.com/packed+like+sardines>> Acesso em 18/04/2014.

⁴⁵² (1978, p.180)

⁴⁵³ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/feather+nest>> Acesso em 18/04/2014.

desencadeadora de males, um verdadeiro demônio como afirma o Houaiss.

O Larousse e o Collins registram a expressão e apresentam a mesma equivalência *snake in the grass* o que satisfaz a tradução da UFz tanto no registro quanto na forma. Na frase “*How could I ever have trusted that snake in the grass?*”⁴⁵⁴ encontra-se o sentido da UFz. Os demais dão equivalências para a UL, mas não registram se é o sentido figurado.

143. TAMANDUÁ - Abraço de tamanduá

É um abraço desonesto, falso, que denota uma amizade fingida e anuncia traição. Segundo Pimenta⁴⁵⁵ a expressão ganhou o sentido de abraço de amigo falso porque o tamanduá se ergue nas patas traseiras e abre as dianteiras quando vê um inimigo. Seu ato se assemelha a um abraço e com isso engana o inimigo que dele se aproxima e é comprimido quando este lhe encrava as unhas nas costas. Por fim, o tamanduá irá comer não a vítima, mas, as formigas que serão atraídas pelo bicho morto.

Nenhum bilíngue registra a UFz. Pode-se usar a equivalência *fake hug* que demonstra um abraço não sincero, só por conveniência, como na frase “*A fake hug is worse than a non-hug*”.⁴⁵⁶

144. TARTARUGA – a passo de tartaruga

É alguém fazer alguma coisa de uma forma irritantemente lenta. O Houaiss registra a UF com a variação de cágado ao invés de tartaruga e a define como pessoa lerda ou pachorrenta. O UNESP confere à tartaruga o sentido figurado de pessoa muito lenta que faz ligação com a UFz em questão.

Para Mota⁴⁵⁷ tartaruga é pessoa sem iniciativa, lenta, estúpida, e a UFz *no passo da tartaruga* é “lentidão”. Nascentes⁴⁵⁸ registra a UFz

⁴⁵⁴ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/snake+in+the+grass>>
Acesso em: 18/04/2014.

⁴⁵⁵ (2006, p. 14, [2002])

⁴⁵⁶

Disponível

em:

<http://www.ragan.com/Main/Articles/11_rules_for_hugging_at_the_office_46752.aspx> Acesso em 18/04/2014.

⁴⁵⁷ (1978, p. 183)

⁴⁵⁸ (1986, p.222)

com uma pequena variação *passo de cágado* ao invés de *passo de tartaruga* e dá o sentido de “muito vagarosamente”.

Os bilíngues (Larousse, Oxford e Collins) apresentam a mesma equivalência *at a snail's pace* para a UFz. A equivalência atende ao registro e também ao uso de um zoônimo (ou ser vivo, molusco) para a composição da UFz. Observe-se o exemplo a seguir “*The roads were full of traffic and we were travelling at a snail's pace*”.⁴⁵⁹

145. TOUPEIRA - ser (cego, ignorante, como uma) toupeira.

O sentido dado pelo Houaiss é o de pessoa “ignorante, estúpida, de inteligência muito curta”, reforçado pela mesma definição do UNESP.

Para Mota⁴⁶⁰ é “pessoa ignorante, boba, preguiçosa”. Nascentes⁴⁶¹ registra a expressão *burro como uma toupeira* como sendo “muito burro”.

O Larousse, o Oxford, o Collins e o Landmark apresentam pelo menos três equivalências diferentes *dimwit*, *numbskull*, *idiot*. A tradução *like a numbskul* como na abonação “*I feel like a numbskull, I couldn't find my reading glasses and found them on top of my head*”⁴⁶² traduz bem o sentido da UFz.

146. TOURO - pegar o touro à unha

É não ter medo de tomar decisão diante de um problema a ser resolvido. Para o Houaiss é “enfrentar uma situação difícil com decisão e firmeza; tomar o pião na unha” e para o UNESP a expressão tem uma variação, ou seja, *à unha* que significa “sem instrumentos, desarmado”. Segundo Nascentes⁴⁶³, a expressão vem das touradas e significa “enfrentar frontalmente uma dificuldade”.

Em inglês a fraseologia tem equivalência de mesma forma, com o mesmo animal da UFz, ou seja, *to take the bull by the horns*.

⁴⁵⁹ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/at+a+snail%27s+pace>>
Acesso em 18/04/2014.

⁴⁶⁰ (1978, pg.185)

⁴⁶¹ (1986, p.301)

⁴⁶² Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/numbskull>>
Acesso em 18/04/2014.

⁴⁶³ (1986, p.301)

147. VACA - tempo das vacas gordas

Mencionar no *tempo das vacas gordas* é quando se quer referir a tempos de grande abundância e riquezas, nas palavras de Houaiss “época de prosperidade” ou como afirma o UNESP época “de fartura”. Para Mota⁴⁶⁴ significa “tempo de farturas e felicidades”.

A UFz pode ser traduzida, segundo o Larousse, por *in times of plenty*. Encontramos também a tradução *fat years* para a UFz como podemos exemplificar na frase “*Our Prime Minister was warned in the ‘fat years’ to prepare for the lean years?*”⁴⁶⁵

148. VACA - tempo das vacas magras

Dizer que se está passando por um *tempo de vacas magras* é porque as finanças não vão bem e há falta de dinheiro para as coisas básicas. Houaiss a define como “época de escassez, de penúria” e o UNESP como “dificuldade”. Para Mota⁴⁶⁶ é um tempo “ruim, de necessidades e preocupações”.

O Larousse e Collins registram a expressão com praticamente a mesma equivalência *during lean times* e *lean period*. A tradução *lean years* pode ser aplicada à UFz como na frase “*It has been a particularly ‘lean year’ for the education department*”.⁴⁶⁷

149. VACA - a vaca foi para o brejo

Usa-se o idiomatismo para se expressar alguma situação ou negócio que foi perdido, sem chance de voltar atrás. É “não ter êxito, malograr-se” (Houaiss) ou pode se referir a um “fracasso” (UNESP).

Riboldi⁴⁶⁸ explica a UFz como sendo “malograr-se em intento, dar-se mal, ir para o beleléu”. Se uma vaca em busca de capim fresco entra em local pantanoso pode ser sinal de estiagem e de carestia. Como

⁴⁶⁴ (1978, p.191)

⁴⁶⁵ Disponível em: <<http://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-epoca-de-vacas-magras-vacas-gordas-em-ingles-t16208.html>> Acesso em 18/04/2014.

⁴⁶⁶ (1978, p.191)

⁴⁶⁷ Disponível em: <<http://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-epoca-de-vacas-magras-vacas-gordas-em-ingles-t16208.html>> Acesso em 18/04/2014.

⁴⁶⁸ (2007, p.58)

resultado ela acaba por afundar no brejo e não consegue sair mais de lá.

O Larousse e o Collins registram *it went out the window* e *everything went wrong*, respectivamente. Oxford e Michaelis apresentam as equivalências *to go down the drain*, *to fail utterly* e *come off badly*. Pode-se usar a tradução *gone to the dogs* como em “*My plans fell through, all gone to the dogs*”.⁴⁶⁹

150. VACA - fazer uma vaquinha

Em uma roda de amigos numa lanchonete pode-se ouvir a expressão *vamos fazer uma vaquinha*, que quer dizer que todos vão pagar uma parte da conta, dividindo igualmente entre todos o valor a ser pago. Segundo o Houaiss, é uma “coleta de dinheiro por um grupo de pessoas para o pagamento de uma despesa comum, para ajudar alguém, para a compra de um presente coletivo” e, segundo o UNESP, é uma “associação de várias pessoas que contribuem com um tanto de dinheiro para a compra de alguma coisa ou para a realização de algo”.

São as “quotas recolhidas entre várias pessoas para uma despesa comum” (Mota).⁴⁷⁰ Quase sempre no diminutivo é quotizar-se para o pagamento de bebidas, despesas de uma viagem de automóvel (Nascentes).⁴⁷¹ Riboldi⁴⁷² reforça os sentidos dados e conta que a expressão surgiu de uma prática de premiação, no futebol.

O Larousse, o Oxford, o Longman, e o Collins fornecem os equivalentes *to form a pool*, *pot*; *kitty*; *(GB)*, *to get up a collection*, *pool*: *a joint subscription of minor amounts as for a wager or for beneficial purposes*, *to have a whip-round*, *combination of resources or funds*, respectivamente. As paráfrases explicativas são do Webster’s e do Michaelis. A tradução *go dutch* parece satisfazer o sentido da UFz como na frase “*I don't want you to pay for my ticket. Let's go Dutch*”.⁴⁷³

151. VACA - voltar à vaca-fria

É retomar a conversa no ponto em que se parou. Conforme o

⁴⁶⁹ Disponível em: <http://www.influx.com.br/blog/2010/08/19/como-se-diz-a-vaca-foi-pro-brejo-em-ingles/#.U1Hf1ld_Oro> Acesso em 18/04/2014.

⁴⁷⁰ (1978, p.190)

⁴⁷¹ (1986, p. 309)

⁴⁷² (2007, p. 59)

⁴⁷³ Disponível em: <<http://idioms.thefreedictionary.com/go+Dutch>> Acesso em 18/04/2014.

Houaiss é “assunto já ventilado, retomar uma questão interrompida ou o assunto principal” ou ainda, “assunto ou questão já tratados ou discutidos” (UNESP).

Segundo Pimenta⁴⁷⁴ a expressão teria passado para o português, adaptada ao então costume da mesa portuguesa de servir carne fria de vaca como entrada, antes dos pratos quentes, e ao qual os convidados não voltavam.

O Larousse, O Michaelis, o Collins e o Landmark registram as equivalências *to get back to the point in question, to pick up the thread, return to the point or subject of talk, to get back to the subject, go back to square one, return to the point*. Ao pesquisar essa expressão encontramos a tradução *meanwhile, back at/to the ranch* como na frase “*Mary and John were in Spain, Ann and Mark were in Greece and ‘meanwhile back to the ranch’ we were taking care of their kids*”.⁴⁷⁵

152. ZEBRA - dar zebra

O idiomatismo é usado na atualidade para falar de resultados negativos inesperados em algum planejamento. Se *deu zebra* no seu projeto é porque deu errado, não saiu como você planejou. Segundo o Houaiss é “dar resultado anormal, inesperado, e/ou negativo” ou segundo o UNESP é “resultado esportivo inesperado”.

Mota⁴⁷⁶ diz que *zebra* se aplica particularmente ao resultado imprevisto da loteria esportiva. Riboldi⁴⁷⁷ informa que a origem é do jogo do bicho. Como a zebra não está prevista entre os animais dessa loteria ilegal, quando se obtém um resultado muito inesperado diz-se, que *deu zebra*.

O Larousse, o Michaelis, o Collins e o Landmark oferecem para a UFz, as equivalências *to turn out badly, to fail, have a bad outcome, there was an upset, go wrong*. A equivalência *the dark horse has won* traduz a expressão tanto no sentido como no registro e também utiliza um zoônimo.

5.4 Algumas Considerações

⁴⁷⁴ (2006, p. 235)

⁴⁷⁵ Disponível

<<http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=1608637>> Acesso em 19/04/2014.

⁴⁷⁶ (1978, p.195)

⁴⁷⁷ (2007, p.63)

No início desta pesquisa, apontavam-se como perguntas de pesquisa as seguintes questões: Quais UFz estão elencadas em dicionários monolíngues e bilíngues? As equivalências fornecidas para algumas dessas UFz são as mesmas nos dicionários bilíngues? Os dicionários bilíngues registram as UFz tomadas como amostra? As coleções de livros didáticos recomendadas pelo PNLD para o ensino da LE registram UFz nas seções de vocabulário? Quais dicionários bilíngues têm maior incidência/ausência das UFz tomadas como amostra?

Para elaborar respostas para estes questionamentos acerca das UFz nos dicionários foi necessário proceder à delimitação de algumas hipóteses de trabalho que pudessem, no final da pesquisa, serem confirmadas ou contestadas. Para esse fim, elaboraram-se as hipóteses que são avaliadas na sequência.

5.4.1 Avaliação das hipóteses de pesquisa

As hipóteses elencadas para proceder à pesquisa foram as seguintes:

Hipótese 1: as UFz presentes nos dicionários monolíngues não estão contempladas nos dicionários bilíngues;

Hipótese 2: As equivalências das UFz nos dicionários bilíngues escolares diferem de dicionário para dicionário com equivalências nem sempre satisfatórias para atender a requisitos básicos como, por exemplo, manter o teor formal ou informal das expressões; Hipótese 3: as UFz não estão contempladas na seção de ensino de vocabulário dos livros didáticos investigados;⁴⁷⁸

Após o levantamento de todos os dados foi possível confirmar ou contestar cada hipótese.

Hipótese 1

Para a coleta de dados nos dicionários monolíngues fez-se, primeiramente, a digitalização de todos os nomes de animais que constam no Houaiss⁴⁷⁹ e no UNESP. Depois, passou-se para a busca das unidades fraseológicas com zoônimos em cada verbete, utilizando para a escolha das mesmas, aquelas que fossem familiares a esta pesquisadora,

⁴⁷⁸ Em 5.1 uma análise detalhada da investigação feita nos livros do PNLD.

⁴⁷⁹ Somente após a digitalização tivemos acesso ao arquivo digital (CD) desse dicionário;

falante nativa da língua portuguesa. Após o levantamento nos monolíngues reuniu-se um total de 152 unidades fraseológicas com zoônimos para a amostra e sua subsequente busca de equivalentes nos dicionários bilíngues. Dessa forma foi possível confirmar a primeira hipótese:

Unidades fraseológicas com zoônimos presentes nos dicionários monolíngues não estão contempladas nos dicionários bilíngues.

Concluiu-se que as unidades fraseológicas com zoônimos **não** estão contempladas nos dicionários bilíngues, pelo menos, não em sua maioria. Da amostra tomada para a pesquisa obteve-se uma porcentagem de 36 % (v. quadro 18) de UFz presentes nos dicionários bilíngues. Para chegar a este resultado considerou-se a frequência em porcentagem de cada dicionário. (Ver planilha no apêndice 4).

Quadro 18: Presença de UFz nos bilíngues

H1 PRESENÇA DE UFz NOS BILINGUES							
Dicionários bilíngues	LA	OX	LO	MI	CO	WEB	LAND
Presenças	86/152	44/152	21/152	80/152	86/152	16/452	47/152
Presenças por bilíngues	56,57%	28,94%	13,81%	52,63%	56,57%	10,52%	30,92%
Porcentagem acumulada das UFz =249,96%							
Média da presença nos bilíngues = 36%							

O quadro mostra que das porcentagens acumuladas das UFz que constavam nos dicionários (um total de 249,96%) dividiu-se pelo número de dicionários e foi possível chegar à porcentagem média da presença dessas UFz nos dicionários. Esse dado demonstra que 36% de UFz pode ser considerada baixa para os aprendizes que buscam equivalentes para a sua produção e para os tradutores que buscam equivalentes para a sua tradução.

Hipótese 2

As equivalências das UFz nos dicionários bilíngues escolares diferem de dicionário para dicionário com equivalências nem sempre

satisfatórias para atender a requisitos básicos como, por exemplo, manter o teor formal ou informal das expressões.

Para testar a hipótese 2, foi necessário investigar as equivalências fornecidas pelos 7 dicionários para as 152 unidades fraseológicas tomadas como amostra nesta investigação. Para isso, organizou-se uma planilha e para cada equivalência registrada para uma unidade fraseológica com zoônimo, deu-se a nomenclatura E1, E2, E3 (equivalência 1, equivalência 2, equivalência 3) e assim sucessivamente. (Ver planilha das equivalências no apêndice 5).

Com o levantamento feito foi possível mensurar se as unidades fraseológicas com zoônimos registradas nos dicionários bilíngues recebiam os mesmos equivalentes ou equivalentes diferentes. Conclui-se que as UFz recebem em média três equivalências diferentes nos 7 bilíngues pesquisados e, portanto confirma-se a hipótese 2:

As equivalências das UFz nos dicionários bilíngues escolares diferem de dicionário para dicionário com equivalências nem sempre satisfatórias para atender a requisitos básicos como, por exemplo, manter o teor formal ou informal das expressões.

Das 152 UFz analisadas 29 não foram contempladas pelos bilíngues e, portanto, não tiveram as equivalências computadas. Ver quadro 19 a seguir:

Quadro 19: Média de 3 equivalentes para cada UFz

Número de equivalências fornecidas para cada UFz		
Nr. de UFz	Nr. de equivalências recebidas	Total de equivalências
29	0	0
41	01	41
25	02	50
20	03	60
11	04	44
13	05	65
07	06	42
02	07	14
02	09	18
01	10	10
01	12	12
152		356
	em média 03 (2,9) equivalências diferentes para cada UFz	

O quadro 19 mostra que as UFz recebem mais de uma equivalência nesses dicionários (03 equivalências para cada UFz) e em alguns casos pode levar à insegurança da informação por parte dos usuários.

Pode-se ilustrar pelo menos 2 UFz que recebem 10 e 12 equivalências cada uma, respectivamente. A UFz *ser um besta*, em seu sentido figurado, recebe as seguintes equivalências: *pedantic, idiotic, fool, idiot, cocky, silly, simple, full of oneself, imbecile, stupid person* totalizando assim 10 (dez) equivalências e a UFz *ser um burro* recebe as equivalências: *stupid, ass, dumb, thick, idiot, idiotic, fool, stupid fool, foolish, dim, blockhead, dull*. Com esse resultado é possível não somente confirmar a hipótese 2 como também ilustrá-la.

Hipótese 3

As coleções do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para ensino da língua estrangeira - inglês, perfazem um total de 29 livros. São duas coleções de 4 livros cada para o Ensino Fundamental e 7 coleções de 3 livros cada para o Ensino Médio. Pesquisaram-se as seções de ensino de vocabulário em cada unidade, com o objetivo de descobrir se as unidades fraseológicas com zoônimos (ex: *ser uma anta; virar bicho; vai dar bode; soltar os cachorros*, etc) eram ensinadas nos livros didáticos.

Para se chegar a esse resultado avaliaram-se não só as atividades propostas na seção dedicada ao vocabulário, mas, também se verificou a presença de zoônimos nos glossários das coleções. Constatou-se um número alto de zoônimos registrados nos glossários de cada coleção (Fig. 2), porém foram encontradas apenas 5 unidades fraseológicas com zoônimos nas seções investigadas, e como se poderia esperar de um material didático que ensina a língua estrangeira, essas UFz estão em inglês, descaracterizando de certa forma o objetivo desta pesquisadora que é o de localizar UFz em português. As UFz presentes são: *birds and bees*⁴⁸⁰ (estória da cegonha), *black cat thief*⁴⁸¹ (gatuno), *a little bird told me* (um passarinho me contou), *black sheep* (ovelha negra) e o provérbio com zoônimo *it is not only fine feathers that make fine birds* (não só de penas boas se faz bons pássaros). *Ovelha negra (black sheep)* e um

⁴⁸⁰ Essa UFz equivaleria à nossa expressão “a cegonha que traz os bebês”, ou ainda estória da cegonha;

⁴⁸¹ Seria necessária uma pesquisa para encontrar um equivalente fraseológico em português dessa fraseologia no inglês. Ofereceu-se apenas um sinônimo.

passarinho me contou (a little bird told me) são culturalmente equivalentes com a língua portuguesa, as demais podem receber equivalência cultural aproximativa com a língua portuguesa. A UFz *scapegoat (bode expiatório)* aparece em texto secundário de uma das coleções e por esse motivo, não é inventariada.

Concluiu-se que as UFz não figuram nas seções de ensino de vocabulário de língua estrangeira - inglês, e portanto, confirma-se a hipótese:

As UFz não estão contempladas na seção de ensino de vocabulário dos livros didáticos investigados.

A figura a seguir demonstra, a título de ilustração, os zoônimos mais recorrentes nas coleções de livros didáticos.

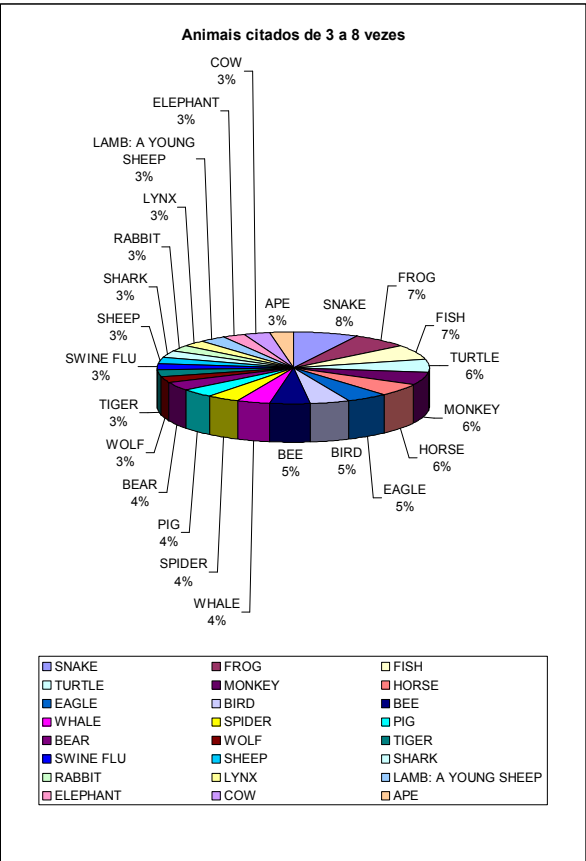


Figura 2: Nomes de animais presentes nas coleções do PNLD.

A figura acima é útil para se esclarecer que da mesma maneira que se pode incluir o ensino de zoônimos nas atividades de vocabulário, poder-se-ia incluir o ensino das UFz, expressões idiomáticas com nomes de animais que fossem mais frequentemente encontradas em diálogos, filmes, novelas. Neste sentido, percebe-se uma lacuna a ser preenchida com relação a essas fraseologias.

Além das hipóteses avaliadas, outros dados puderam ser observados no levantamento feito. Entre eles, está a constatação de o dicionário bilingue que tem o maior número de UFz. Sabe-se que essa questão permeia o universo dos professores, ou seja, responder aos alunos qual dicionário apresenta mais expressões idiomáticas (neste caso, expressões com nomes de animais).

Fez-se um levantamento dessa ocorrência com base nas 152 UFz tomadas como amostra nos dicionários bilingues e o quadro abaixo apresenta um demonstrativo da investigação realizada. Com base nos números levantados pode-se concluir que a maior incidência de cobertura das UFz se deu no dicionário bilingue Larousse (57%) e Collins (57%) atingindo, inclusive, o mesmo percentual de ocorrências e os bilingues com menor incidência de UFz são Webster's com 10,52% e Longman com 13,81%. Poder-se-ia esperar uma performance melhor do Larousse em relação ao Collins e aos demais em virtude desse dicionário se intitular *Avançado*, no entanto verifica-se o mesmo número de UFz do Collins.

As porcentagens de cada bilingue com relação a esse aspecto podem ser verificadas no demonstrativo abaixo:

Quadro 20: Maior incidência de UFz nos bilingues

Presença das unidades fraseológicas com zoônimos nos dicionários bilingues							
152 UFz	LA	OX	LO	MI	CO	WEB	LAN D
Presenças	86	44	21	80	86	16	47
Ausências	66	108	131	72	66	136	105
Presenças por bilingues	56,57 %	28,94 %	13,81 %	52,63 %	56,57 %	10,52 %	30,92%

Esses números permitem que se afirme que dificilmente se pode avaliar a qualidade de um dicionário com base em sua apresentação.

Somente após um estudo detalhado é possível afirmar qual dicionário pode atender as diferentes necessidades do aprendiz de línguas estrangeiras.

CONCLUSÕES

A primeira intenção desta pesquisadora ao escolher o tema foi de privilegiar uma área carente de estudos fraseológicos, ou seja, as unidades fraseológicas com zoônimos, pois elas se constituem “um saber plural, um enriquecimento do idioleto do sujeito, facilitam a comunicação, estabelecem com outros falantes certa partilha linguística, cultural e humana” (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p.272). O presente trabalho foi planejado com base na carência de pesquisas no campo da fraseologia, os fraseologismos zoonímicos na direção português-inglês (função de produção), com objetivo de localizar, identificar e comparar o modo como dicionários (monolíngues e bilíngues) e livros didáticos tratam as unidades fraseológicas com zoônimos. Para alcançar tal objetivo, foi necessário, em primeiro lugar, propor perguntas de pesquisa e estabelecer hipóteses. Uma vez estabelecida a estruturação geral do trabalho, iniciou-se o levantamento das unidades léxicas relativas a nomes de animais (sem diferenciar quadrúpedes, bípedes, répteis, peixes, pássaros ou insetos) presentes nos dicionários monolíngues e bilíngues. Optou-se pela digitalização dos verbetes e o subsequente alinhamento dos verbetes relativos a cada zoônimo de cada dicionário, totalizando 9 fontes. Esse alinhamento foi realizado para proceder à localização, identificação e comparação das UFz encontradas nesses materiais de referência. Uma vez colhida uma amostra dessas fraseologias foi preciso realizar pesquisas na área da metalexigrafia e fraseologia no sentido de conhecer mais sobre a configuração dessas combinações lexicais, sua natureza e aspectos sintático-semânticos de sua formação. Nesse sentido, organizaram-se os capítulos que iriam nortear, por um lado, os estudos relativos à fraseologia pesquisada, inserindo-as em sua área teórica (Fraseologia), no fazer dicionarístico (Metalexigrafia) e os aspectos relativos ao ensino e aprendizagem das unidades fraseológicas com zoônimos. Para isso, classificou-se esta tese em cinco capítulos, listados a seguir:

No capítulo 1, dedicou-se aos estudos teórico-metodológicos que embasam o ensino e aprendizagem de uma LE, o dicionário e a inclusão das unidades fraseológicas nesses materiais. Sugeriu-se uma abordagem que objetiva o ensino do léxico com o foco nas combinações lexicais, blocos significativos de unidades léxicas que cada língua “impõe a seus falantes em sua maneira de encarar o mundo, de analisar a experiência que dele se tem” (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p. 272). Outro aspecto importante foi a alternativa do uso dos dicionários como material de referência indispensável para a aprendizagem de uma língua estrangeira,

bem como a valoração que os diferentes tipos de dicionários podem imprimir ao estudo das UFz.

O capítulo 2, fundamentado nos estudos da área da metalexicografia e do fazer dicionarístico deu a conhecer o estado da arte do antigo labor da elaboração de dicionários desde as suas origens, bem como a busca da área por conhecimentos teóricos atualizados no sentido de unir o *fazer* e o *pensar* da arte lexicográfica. Outro aspecto importante abordado no capítulo foi a comparação e conceituação das opiniões dos estudiosos da área acerca da polêmica em torno do significado da equivalência entre unidades léxicas da língua de partida com as da língua de chegada. Foi possível demonstrar que sua conceituação passa necessariamente pela negociação entre as partes envolvidas e que há que delimitar a área a qual se necessita do conceito de equivalência.

No capítulo3 teorizou-se acerca da outra área à qual esta pesquisa se baseia – a Fraseologia, com as definições da área oriundas dos diversos estudiosos e lexicógrafos experientes. Aprofundou-se na classificação e delimitação da natureza das expressões cristalizadas, ou seja, das UFz e exemplificou-se com as UFz tomadas dos *corpus* as várias funções exercidas por esses fraseologismos e sua relevância para o ensino e aprendizagem de uma LE, pois conforme Ortiz Álvarez (2000, p. 273) “necessita-se de um estudo sistemático e coerente dos fenômenos idiomáticos das duas línguas escolhidas que leve os estudantes e/ ou falantes a um contato progressivo com a idiomaticidade” e resulta que isso só é possível por meio do ensino e dicionarização dessas expressões que permeiam o cotidiano comunicativo. Quanto à metodologia (capítulo 4) foi necessário detalhá-la em duas etapas. Na primeira (capítulo 4), explanaram-se os materiais utilizados para o *corpus*, livros didáticos e dicionários, bem como se relatou os procedimentos seguidos para a efetivação do levantamento da pesquisa. Na segunda etapa (capítulo 5) analisou-se o material coletado a fim de confirmar ou contestar as hipóteses estabelecidas para esta tese.

Após a síntese do trabalho avaliam-se, na sequência, as hipóteses de pesquisa.

E por fim, nas considerações finais procedeu-se a uma avaliação dos resultados e dos limites do estudo e perspectivas, na tentativa de apresentar desafios para a área e possíveis desdobramentos para os estudos futuros.

Limites do Estudo e Perspectivas

Procurou-se com este trabalho apresentar alguns resultados da investigação empreendida no sentido de identificar a presença das UFz em dicionários monolíngues e identificar e analisar seus equivalentes em dicionários bilíngues, com o fim de contribuir para o fortalecimento de sua utilização e para os estudos lexicográficos no Brasil, comparando suas equivalências e traços distintivos.

Estes objetivos estão em consonância com o projeto de pesquisa do qual participamos, mas passaram pelo crivo de nossa razão e pelo filtro de nossa pesquisa.

O senso comum aponta para uma vasta ocorrência de UFz e a presença nos dicionários monolíngues confirma essa ocorrência. Sabe-se e agora se comprova que os dicionários de língua não oferecem muito espaço para as fraseologias, o que obriga os aprendizes e tradutores a fazer buscas complementares em dicionários fraseológicos. Esses, por sua vez, “prestam mais atenção à macroestrutura [...], porém não dão a devida informação do seu uso na prática cotidiana, das situações onde é utilizada a frase registrada” (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2000, p. 274) e dificilmente chega-se ao significado de uma expressão idiomática zoonímica se não for por meio do ensino e da consulta ao dicionário e ao contexto.

Julga-se que este trabalho soma-se àqueles que vêm comprovando a necessidade da elaboração de materiais de referência que possam auxiliar o usuário aprendiz em suas dúvidas e buscas pelas unidades fraseológicas com zoônimos. Da investigação feita até aqui, pode-se concluir que, na média, as UFz estão precariamente representadas nos dicionários bilíngues analisados, e se, se considerar que os dicionários pesquisados são os mais populares entre os aprendizes, o fato torna a situação ainda mais problemática. Acredita-se que alguns desafios precisam ser superados, como por exemplo:

a) Os produtos lexicográficos devem seguir um modelo padrão para a apresentação das UFz nos materiais de referência para evitar-se dificuldades na localização das UFz do tipo que foram constatadas nesses materiais (ver 5.2);

b) As chamadas expressões idiomáticas fazem parte da comunicação diária, da expressividade do falante e é marca de oralidade que requer ser descrita e traduzida para atender a necessidade de produção do aprendiz. A presença das UFz nos dicionários é comprovadamente deficitária;

c) O ensino das UFz é recomendado, pois necessitam ter seus

significados ensinados em contexto e incluídos nos dicionários bilíngues para os aprendizes;

d) Os mecanismos para a inclusão de equivalências precisam adequar-se à traduções idiomáticas e atingir maior proximidade com as UFz da língua de partida para que, conseqüentemente, não se encontrem tantas equivalências diferentes para uma mesma UFz. Na análise realizada no *corpus* observaram-se até doze equivalências para uma só UFz. A pergunta que fica é: “Como pode o aprendiz saber qual deverá usar?”.

e) Os livros didáticos devem ensinar as UFz. Devem incluí-las nas seções de ensino de vocabulário, pois elas são parte integrante do idioma e tal procedimento representa uma economia de esforços no aprendizado de uma LE.

Saliente-se, por fim, a expectativa de que as propostas apresentadas neste trabalho possam ser aproveitadas no futuro para a estruturação e elaboração de materiais lexicográficos bilíngues para o campo da fraseologia. Com base no levantamento apresentado, definições, sentidos figurados pode-se, futuramente, proceder à elaboração de um glossário fraseológico zoonímico no sentido português-inglês.

O estudo das UFz na direção português-inglês é recente e constitui-se um campo fértil de pesquisas na Fraseologia e Metalexicografia. Os diferentes recortes que se vislumbram na comparação de duas línguas precisam ser conhecidos e demonstrados na tentativa de minimizar os obstáculos postos pela idiomaticidade presentes nas unidades fraseológicas geradas por cada cultura. Essas expressões encantam e preenchem uma lacuna linguística e discursiva: a de dar colorido, sabor e tempero às falas do cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, E. M. de. **Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa** – normas técnicas de presentación de trabajos científicos. Asunción: A4diseños, 2008.

ALVAR EZQUERRA, M. **Diccionario manual ilustrado de la lengua española**. 14 ed. Barcelona: Bibliograf, 1994.

ALVES, Ieda M. Para utilizar o dicionário na sala de aula. **Leitura**, 4, pp. 59-63, 1988.

ARNAUD, P. J. L. La connaissance des proverbes français par les locuteurs natifs et leur sélection didactique. **Cahiers de Lexicologie**, n. 60 (1), p. 195-238, 1992.

ARNAUD E SAVIGNON. Rare words, complex lexical units and advanced learner. In: Coady, J; Huckin, T. **Second Language Vocabulary Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ATKINS, B. T. Monolingual and Bilingual Learner's Dictionaries: a Comparison. In: **Dictionaries, Lexicography and Language Learning** (ELT Documents: 120). Oxford: Pergamon Press Ltda. p. 15-24. 1985.

AURÉLIO. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. São Paulo: Positivo. 2010.

AYTO, J. OXFORD Dictionary of English Idioms. **Preface to the third edition**. 3 ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

AZAD, A. K. Grammar Teaching in EFL Classrooms: Teachers' Attitudes and Beliefs. **ASA University Review**, vol. 7, n. 2, July–December, 2013.

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. Los diccionarios didácticos del español desde la perspectiva de sus destinatarios. **Estudios de Lingüística**, n. 14, E.L.U.A, Universidad de Alicante, p.19-44, 2000.

BALLY, C. **‘Traité de stylistique française’**. Heidelberg: C. Winter, [1909]1961.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da Tradução** – uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BÉJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: A study of language needs and reference skills. **Applied Linguistics** II, 3 , p. 207-222, 1981.

_____. **Tradition and Innovation in Modern English Dictionaries**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

_____. **Modern Lexicography - an Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

_____. **Teaching and researching lexicography**. England: Pearson Education Limited, 2001.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. **Manual of Specialized Lexicography**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1995.

BOCORNÝ, A. E. P. **Descrição das unidades especializadas poliléxicas nominais no âmbito da aviação**: subsídios para o ensino de inglês para fins específicos (ESP). 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BORBA, F. S. **Uma Introdução à Lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação (Elaboração: Rangel, E. de O.; Bagno, M.), 2006.

BRASIL. **Guia dos livros didáticos PNLD EJA**. Brasília: Ministério da Educação, 2011.

BURGER, H. **Deutsche Idiomatik**. Tübingen: Niemeyer, 1973.

_____. **Phraseologie: eine Einführung AM Beispiel des Deutschen**. Berlin: E. Schmidt, 1998.

CARAMORI, A. P. **É o bicho: É bestial. Dicionário de expressões idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em Italiano, e respectivas listas temáticas**. 2000. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: CSIC, 1969[1950].

COADY, J.; HUCKIN, T. **Second Language Vocabulary Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

COIMBRA, R. L.; BENDIHA, U. P. **Nem todas as cegonhas trazem bebês**. Um estudo de metáforas com nomes em falantes portugueses e chineses. Disponível em: http://sweet.ua.pt/~f711/documentos/rlcoimbra_LCC_2004.pdf. Acesso em 29/09/2012.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

_____. Criterios generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas, con ejemplos tomados del español y del inglés. In: M. ALVAR EZQUERRA Y G. CORPAS PASTOR. **Diccionarios, frases y palabras**. Málaga: Servicio de publicaciones e Intercambio Científico de la Universidad de Málaga, p. 157-187, 1998.

COWIE, A. P. The treatment of Collocations and idioms in Learner's Dictionaries. *Applied Linguistic*, **Autumn**, v.II, n.3, p. 223-235, 1981.

_____. Stable and creative aspects of vocabulary use. In: R. CARTER & M. MCCARTHY (Eds.), **Vocabulary and language teaching**. Harlow: Longman, p. 126-137, 1988.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. **Delta**, São Paulo, v.23, n.2, p. 203-222, 2007.

DURÃO, A. B. A. B. **Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. Londrina: Eduel, 2004.

_____. Expressões idiomáticas do espanhol: um osso duro de roer! In: DURÃO, A. B. A. B.; ANDRADE, O. G. de; REIS, M. A. O. B. dos. (Org.) **Vários olhares sobre o espanhol: língua e literatura**. Londrina: Moriá, p.131-166, 2005.

DURÃO, A. B. A. B. **La Interlengua**. Madrid: Arco/Libros, 2007.

DURÃO, A. B. A. B.; WERNER, R. **Dicionários Contrastivos Português-Espanhol (DiCoPoEs)**. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Edital MCT/CNPq 15/2007.

DURÃO, A. B. A. B.; (Org.) **Por uma Lexicografia Bílingue Contrastiva**. Londrina: UEL, 2009.

_____. SASTRE RUANO, M. A.; WERNER, R. Equivalentes Léxicos e Informação Semântica Contrastiva no Dicionário Contrastivo Português-Espanhol. In: DURÃO, A. B. A. B. (org.) **Por uma lexicografia bilingue contrastiva**. Londrina: UEL, p. 187-201, 2009.

DURÃO, A. B. A. B.; (Org.). Bastidores de um Dicionário de Falsos Amigos na direção português-espanhol. **Boletim. Revista da área de Humanas**, Londrina, n. 57, p. 9-26, jul./dez.2009.

_____. SASTRE RUANO, M. A.; WERNER, R. **Dicionário Bilingue Contrastivo de Unidades Fraseológicas (Português-Espanhol) (DUFraPE)**. Projeto de Pesquisa aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Edital /MEC/CAPES Nº 18/2012.

_____. Princípios metalexigráficos e subsídios contrastivos subjacentes ao Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol (DiFAPE). In: DURÃO, A. B. A. B.; ORTIGOZA, A. F.; RUANO, M. Á. S. ; WERNER, R. (Org.). **Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol (DIFAPE)**. Florianópolis: Insular, v. 1, p. 27-43, 2014.

_____. Propriedades lexicográficas distintivas do Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol. In: DURÃO, A. B. A. B.; ORTIGOZA, A. F. ; RUANO, M. Á. S.; Werner R. (Org.). **Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol**. (DIFAPE). Florianópolis: Insular, v. 1, p. 45-66, 2014.

_____. WERNER, R. Referências bibliográficas para o estudo científico da Lexicografia e da Metalexicografia.

Cadernos de Tradução, Florianópolis, n. 32, v.2, (jul-dez) p. 251-273, 2013.

_____. Apresentação do Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol: contextos de desenvolvimento, funções e características gerais. In: In: DURÃO, A. B. A. B.; ORTIGOZA, A. F.; RUANO, M. Á. S. ; WERNER, R. (Org.). **Dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol** (DIFAPE). Florianópolis: Insular, v. 1, p. 13-26, 2014.

FONSECA, H. Da C.; CANO, W.M. Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua geral. **Horizonte Científico**, v.5, n.2, 2011. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4436>. Acesso em 29/09/2012.

GENTZLER, E. **Contemporary translation theories**. London - New York: Routledge, 1993.

GRANDE, H.; SERPA, O. Dicionário de Expressões idiomáticas Inglês-Português/Português-Inglês. **Prefácio**. Rio de Janeiro: Fename, 1980.

HALLIDAY, M. A. K.; YALLOP, COLIN. **Lexicology – a short introduction**. London: Cromwell Press, 2007.

HARMER, J. Bilingual Breakthrough. **Prefácio** do Dicionário Escolar Longman, 2ª ed., Harlow: Pearson/Longman, 2009.

HARTMANN, R. R. K. On theory and practice - theory and practice in dictionary-making. **Lexicography: Principles and practice**, London, p. 3-11, 1983.

_____. **Teaching and Researching Lexicography**. Essex: Longman, 2001.

_____. **Interlingual lexicography**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007.

HAUSMANN, F. J. Wortschatzlernen ist kollokationslernen. Zum Lehren und Lernen französischer Wortverbindungen. **Praxis des neu Sprachlichen Unterrichts** 31, p. 395-406, 1984.

HERMANS, T. **The manipulation of literature: studies in literary translation.** London: Croom Helm, 1985.

HERMANS, T Translation and Normativity. In: SCHÄFFNER, C. (ed.) **Translation and Norms.** Clevedon: Multilingual Matters, 1999.

HERNÁNDEZ, H. La lexicografía didáctica del español: aspectos históricos y críticos. In: FUENTES MORAN, M. T. & WERNER, R. (Eds.), **Lexicografía iberorrománicas: Problemas, propuestas y proyectos.** Frankfurt: Vervuert, p. 49-79, 1998.

HOUSEHOLDER, F. W. **Summery Report.** In: Householder, F.W.; Saporta, S. (ed.), [1967], p. 279-282, 1962.

HUMBLÉ, P. **Dictionaries and Language Learners.** Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001.

_____. Melhor do que muitos pensam. Quatro dicionários bilíngues Português- Inglês de uso escolar. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 253-273, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view>. Acesso em: 16 mar. 2014.

KRIEGER, M. G. Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis. v. 18, p. 235-252, 2006.

LEAL RIOL, M. J. **La enseñanza de la fraseología en español como lengua extranjera – estudio comparativo dirigido a estudiantes anglófonos.** Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2011.

LEWIS, M. **The Lexical Approach – the state of ELT and a way forward.** England: Language Teaching Publications, 1993.

_____. **Teaching Collocation: Further developments in the Lexical Approach.** England: Language Teaching Publications, 2000.

MACKEY, A & GASS, S. M. **Second language research: Methodology and design.** Mahwah, NJ: Erlbaum, 2005.

MACKIN, R. On collocations: ‘words shall be known by the company they keep’. In: **Honour of A.S. Hornby**. Oxford: Oxford University Press, Peter Strevens (Ed), p. 149-165, 1978.

MARTINEZ DE SOUZA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MOTA, M. **Os bichos na fala da gente**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MOUDRAIA, O. **Lexical Approach to Second Language Teaching**. [on line].Disponível em: <<http://www.cal.org/ericcii/digest/0102/lexical.html>>. June 2001. Acesso em 19/11/ 2003.

NASCENTES, A. **Tesouro da Fraseologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NASH, M. G.; FERREIRA, W. R. **Michaelis: Dicionário de expressões idiomáticas inglês-português**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

NIDA, E. A. **Towards a Science of Translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NORD, C. **Text analysis in Translation** – theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis. Atlanta: Amsterdam, 1991.

OLIVEIRA, Alessandra Ramos. **Equivalência**: sinônimo de divergência. In: Cadernos de Tradução/ UFSC, v.1, n.19, 2007.

OLIVEIRA, S. T. de. **Comparação de fraseologismos franceses em dicionários bilíngues brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras – Universidade de Brasília, 2009.

ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ORTÍZ ÁLVAREZ, M. L. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (org.) **Tópicos em Português como língua estrangeira**. Brasília: Editora da UnB, p. 157-172, 2002.

_____. **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Dicionário de expressões idiomáticas ou dicionário fraseológico? **Línguas e Letras**, (Unioeste) Cascavel, v.2, p. 83-96, 2001.

PASTORE, P. C. F. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas Inglês-Português**: Uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – UNESP de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2009.

PÉREZ, M. I. S. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. 2000. Tesis (Doctorado en Lexicografía) Facultad Filosofía Y letras - Universidad de Alicante – 2000.

PIMENTA, REINALDO. **A Casa da Mãe Joana – Curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

QUEMADA, B. **Les dictionnaires du français moderne (1539-1863)**. Paris: Didier, 1968.

REY, A. **Littré, l'humaniste et les mots**. Paris: Gallimard, 1970.

REY, A. Un champ prefixal: *les mots* français en anti-. **Cahiers de Lexicologie** XII-1: 37-57, 1968.

REY-DEBOVE, J. **Etude linguistique et semiotique des dictionnaires français contemporains**. The Hague, Mouton, Paris, 1971.

RIBEIRO, J. **Frases Feitas**. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo Ltda, 1960.

RIBEIRO-AYA, O. M. Uma história pra boi dormir. Artigo publicado no **Jornal de Uberaba**, Coluna Opinião em 12-06-2007, Jornal online Triângulo Mineiro, 2007.

RIBOLDI, A. **O bode expiatório**. Porto Alegre: Age, 2007.

RIBOLDI, A. **Entrevista**. Expressões com nomes de animais. Disponível em: <http://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/expresoes/animais/>, 2013. Capturado em 26/03/2013.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença: uma proposta de desconstrução da noção de equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury**. Síntesis, v. 4, 1999.

_____. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROMÃO, T. L. C. Fraseologias zoonímicas relativas a peixes, cetáceos e crustáceos: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o alemão. **Anais do SILLic, Florianópolis, 2013**.

ROTHKEGEL, A. Kollokationsbildung und Textbildung. In: **Europhras** 92, B. Sandi.g. (.Hg.), Bochum. Jnnwver. lag, 499-523, 1994.

_____. **Feste Syntagmen: Grundlagen, Strukturbeschreibung und automatische Analyse**. Tübingen: Niemeyer, 1973.

SASTRE RUANO, M. A. El diccionario contrastivo portugués-español (DiCoPoEs) en la lexicografía bilingüe portugués-español: aportaciones, limitaciones y expectativas. In: DURÃO, A. B. A. B.; WERNER, R. (Org.). **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 32, 2013.

SECO, M. **Diccionario manual ilustrado de la lengua española**. Barcelona: Bibliograf, 1994.

SHCHERBA (SCERVA), L. V. Toward a general theory of Lexicography. [trad. Inglesa do original de 1940] **International Journal of Lexicography**. Oxford, v.8, n. 4, p. 314-350, 1995.

SKULTETY, J. El papel de los modismos en la enseñanza del español. In: HORÁNY, E. (Ed.). **Actas del Congreso Internacional de la Asociación de Profesores de Español**. Budapest: Akadémiai Kiadó,

1980. p. 289-297.

SILVA, J. P. de. **Ensaio de Fraseologia**. Rio de Janeiro: CíFEFi/DIALOARTS, 1998.

STEINER, E. Halliday and the translation theory – enhancing the options, broadening the range and keeping the ground. In: **Continuing discourse on language: A functional perspective**. HASAN, B.; C. MATTHIESSEN & J. WEBSTER (ed.), London, Oakville, Equinox, pp. 481-500, 2005.

STREHLER, R. Marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. ; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, p. 129-142, 1998.

SVENSÉN, B. **Practical Lexicography: Principles and methods of Dictionary-Making**. Trad.: Sykes, J.; Schofield, K. New York: Oxford University Press, 1993.

SZYNALSKI, T. P. Comparative review of dictionaries for English learners. **Antimoon**. Disponível em <http://www.antimoon.com/how/learners-dictionaries-review.htm> Acesso em: 19 de jul. 2013.

TAGNIN, S. O. **Expressões Idiomáticas e Convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O jeito que a gente diz**. Expressões convencionais e idiomáticas – Inglês e português. São Paulo: Disal, 2005.

TOSQUI, P. O dicionário bilíngue como ferramenta de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. **Trabalhos de linguística Aplicada**, Campinas, n.40, p. 101-114, Jul./Dez, 2002.

VILLAR, M. de S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. **Prefácio**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

VILELA, M. Tradução da multiculturalidade e ensino de uma língua estrangeira. In: Seminário Internacional Português Como Língua..., 1997, Macau. **Actas...** Macau, p. 559-573, 1997.

WELKER, H. A. **Dicionários** – Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, Rio de Janeiro, ano 13, n.19, jul-dez, p. 1-21, 2006.

_____. **O uso de dicionários**: Panorama geral das pesquisas empíricas. Brasília: Thesaurus, 2006.

_____. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008.

_____. Sobre o uso dos dicionários. **Anais do Celsul**. GT Lexicologia, Lexicografia, e Terminologia. 2008.

_____. Lexicografia Pedagógica: Definições, História, Peculiaridades. In: XATARA, C. M.; BEVILACQUA, C.; R. & HUMBLÉ; P. R. M. (Org.) **Lexicografia Pedagógica, Pesquisas e Perspectivas**. Florianópolis: UFSC/NUT, p. 9-45, 2008.

WERNER, R. **Alguns elementos de una teoría del diccionario bilingüe**. Conferencias 1996-97, Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1996.

_____. El diccionario bilingüe y la enseñanza del español como lengua extranjera. **Hispanorama**, n.110, p. 75-84, ago. 2005.

_____. El diccionario bilingüe y la enseñanza del español como lengua extranjera. **Signum: Estudos da linguagem**, Londrina, n 9, v.1, jun., p. 205-238, 2006.

_____. DURÃO, A. B. A. B. **Dicionários Bilíngues De Línguas Afins**. UFSC, Florianópolis, palestra proferida em 3 e 4 de dezembro, 2013. Conferência de Abertura do I Simpósio Internacional de Lexicografia e Linguística Contrastiva (I SILLIC).

WOTJAC, G. No hay que estarse con los brazos cruzados. Algunas observaciones acerca del significado de las expresiones idiomáticas del español. En G. Corpas Pastor (ed.), **Estudios de fraseología, fraseografía y traducción**. p. 185-196, Granada: Editorial Comares,

2000.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa: Revista de. Linguística**, São Paulo, v. 42, n. esp., p. 147-159, 1998.

_____. Tradução para o português de expressões idiomáticas em francês. 1998. 253 p. **Tese** (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista/Araraquara, Araraquara, 1998.

_____. RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 8, p. 183 -194, 2002.

_____. BEVILACQUA, C.; HUMBLE, P. (Org.) **Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas**. Florianópolis: UFSC-NUT, 2008.

_____. BEVILACQUA, C. R., & HUMBLÉ, P. R. M. (Org.) **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. A web para um levantamento de frequência. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, p.770777,2008.Disponívelem:http://www.letras.ufmg.br/gtlex/viiengtlex/pdf/resumos/tatiana_Carvalho_Zavaglia.pdf Acesso em 29/09/2012.

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography**. Mouton: Paris, 1971.

_____. Translational Equivalence in the Bilingual Dictionary. In: HARTMANN, R.R.K., (Ed.) **LEXeter'83 Proceedings – Papers from the International Conference on Lexicography at Exeter**, September, 9-12, 1983, Tübingen: Niemeyer, p. 147-154, 1984.

_____. Lexicography Then and Now: Selected essays. **Lexicographica Series Maior**. vol. 129. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006.

ZIMMERMAN, C. B. Historical trends in second language vocabulary instruction. In: COADY, J.; HUCKIN, T. **Second Language**

Vocabulary Acquisition. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las unidades fijas.** Frankfurt am Maim: Peter Lang, 1980.

Dicionários Bilíngues Objetos da Pesquisa

COLLINS. **Dicionário Prático Inglês-Português/Português-Inglês.** 3 ed. São Paulo: Disal, 2012.

LANDMARK. **Dictionary English-Portuguese/Portuguese-English.** São Paulo: Richmond Publishing/Moderna, 2006.

LAROUSSE. **Dicionário prático para o aprendizado da Língua Inglesa (Avançado).** 2 ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LONGMAN. **Dicionário escolar Inglês-Português/Português-Inglês para estudantes brasileiros.** 2 ed. Inglaterra: Longman, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Inglês-Português/Português-Inglês.** 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

OXFORD. **Dicionário Escolar para estudantes brasileiros de inglês, Português-inglês/Inglês-português.** Oxford: Oxford University Press, 2009.

WEBSTER'S. **Minidicionário, Inglês-Português/ Português-Inglês.** Antonio Houaiss, Rio de Janeiro: Record, 2011.

Dicionários Monolíngues Objetos Da Pesquisa

BORBA, F. S. **Dicionário UNESP de português contemporâneo.** São Paulo: UNESP, 2004.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

Outros dicionários utilizados na pesquisa das expressões idiomáticas

ALMEIDA, Dauster C. de. **Dicionário de Expressões idiomáticas Inglês-Português**. São Paulo: Atlas, 1979.

AYTO, J. **OXFORD Dictionary of English Idioms**. 3 ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CAMARGO, S.; STEINBERG, M. **Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas Português-Inglês**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária Ltda / EPU, 1989.

CURTIS, S. **Animal Idioms in Action 1- through pictures**. Singapore: Learners Publishing, 2011.

_____. **Animal Idioms in Action 2- through pictures**. Singapore: Learners Publishing, 2011.

ESTEVES SOBRINHO, A. **Dicionário de expressões idiomáticas inglês - português**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.

FONTES FILHO, A. **O dito pelo não dito**: dicionário de expressões idiomáticas. São Paulo: Libra Três, 2006.

LONGMAN. **American Idioms Dictionary**. Pearson Education Limited, Harlow, 1999.

MAGALHÃES JUNIOR, R. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

MICHAELIS. **Dicionário de Expressões Idiomáticas Inglês-Português**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

NASH, M. G.; FERREIRA, W. R. **Michaelis**: Dicionário de expressões idiomáticas inglês-português. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

PASTORE, P. C. F. **Dicionário Inglês-português de Expressões Idiomáticas com nomes de animais**. São José do Rio preto, SP: HN, 2011.

SCHAMBIL, M. H.; SCHAMBIL, P. **Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Inglesa**. São Paulo: DIFEL, 2002.

SCHIMIDT, M. A.; HAINFELDER, H. F. **Dicionário Português-Inglês de Locuções e Expressões Idiomáticas**. São Paulo: Casa Editorial Schmidt, 1990.

SERPA. **Dicionário de Expressões idiomáticas Inglês-Português/Português-Inglês**. Rio de Janeiro: Fename, 1980.

SPITZER, C. S. J. **Dicionário Analógico – tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1952.

STEINBERG, M. **All the dogs are barking. Os animais na língua inglesa**. São Paulo: Disal Editora, 2006.

ANEXOS

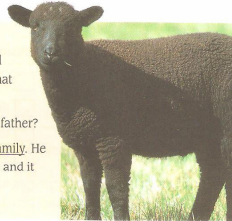
ANEXO 2

1

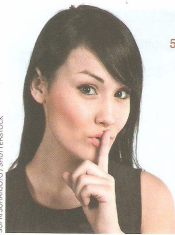
4 Henry: My uncle has six brothers, and they are all teachers. He is the only one in the family that didn't go to university.

Tim: Why didn't he become a teacher like your father?

Henry: He's always been the black sheep of the family. He likes to go out at night, sleep until midday and it seems he doesn't like to work very much.



CHRIS HENNESSY/ALAMY/OTHER IMAGES



SUPREMANIZO/SHUTTERSTOCK

5 Lorna: My cousin James found out he's an adopted child.

Crystal: Wow... how did he find that out?

Lorna: His parents kept it all in the family for years, but he found the adoption documents when he was using his father's laptop.

Crystal: Is he OK with that?

Lorna: Yeah, but now he wants to know more about his biological parents.

PIRELL GENTILE

- ☐ 4 someone who is considered a bad example by the rest of the family
- ☐ 2 the child who is similar to his parent (physically or in personality)
- ☐ 3 a private or secret information that is restricted to the family
- ☐ 1 a characteristic that is common in many members of the same family
- ☐ 5 to be pregnant

4 Get together in groups and discuss the following questions.

- 1 Is there any characteristic that runs in your family?
- 2 Are you a chip off the old block? Who do people say you are very similar to?
- 3 Is there anyone in your family who is considered a black sheep? Why?

SPOOKY

"All happy families are alike,* each unhappy family is unhappy in its own way."
Leo Tolstoy, the first line from his novel *Anna Karenina*
 What did Tolstoy mean when he wrote this?

* are similar to each other

APÊNDICE 1

ALGUMAS PESQUISAS QUE ENVOLVEM ESTUDOS COMPARATIVOS COM ZOÔNIMOS

1. XATARA, Claudia Maria. A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês. (Tese defendida em 1998).

Xatara trabalhou com as expressões idiomáticas vertendo do francês para o português.

2. CARAMORI, Alessandra Paola. É o bicho: É bestiale. Dicionário de Expressões Idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em Italiano e, respectivas listas temáticas (Tese defendida em 2000).

Caramori elaborou um estudo para dicionário de fraseologismos zoônimos na direção português – italiano.

3. ORTÍZ ÁLVAREZ, Maria Luisa. Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira (Tese defendida em 2000).

Ortíz Álvarez trabalhou com as expressões idiomáticas, entre elas algumas contendo nomes de animais, no sentido português-espanhol de Cuba.

4. COIMBRA, Rosa Lúcia; BENDIHA, Urbana Pereira. Nem todas as cegonhas trazem bebês (2004).

Este artigo descreve um estudo de metáforas com nomes de animais em falantes portugueses e chineses.

5.a PASTORE, Paula Christina Falcão. A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica (Tese defendida em 2009).

5.b PASTORE, Paula Christina Falcão. Dicionário Inglês-português de Expressões Idiomáticas com nomes de animais (2011).

Pastore investigou a simbologia dos animais nas expressões idiomáticas e publicou um dicionário de fraseologias incluindo nomes de animais, na direção inglês- português, conforme referências apontadas.

6. FONSECA, Heloísa da Cunha; CANO, Waldenice Moreira. Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua geral (2011).

Fonseca e Cano tratam das expressões idiomáticas construídas a partir de zoônimos, investigando-as nos dicionários de língua portuguesa e fazem um levantamento para base de dados de fraseologismos zoonímicos na direção português-francês.

APÊNDICE 2

MONOLÍNGUES

UNESP	COBRA
Cobra Dizer cobras e lagartos encontra-se no verbo <i>dizer</i>	co-bra Sf 1 réptil de corpo fino e comprido, coberto de placas córneas, venenosas ou não; serpente 2 pessoas má: <i>Essa mulher é uma cobra.</i> 3 no jogo do bicho, conjunto de dezenas de 33 a 36, corresponde ao número 9 S 4 pessoa perita em alguma atividade: <i>Ele é o cobra do basquete.</i> Adj 5 perito; Excelente: <i>um aluno cobra em matemática</i> ► uma c. muito bravo: <i>Ao saber da notícia ficou uma cobra.</i> c. que não anda não engole sapo usada para justificar uma ação ou estimular alguém a uma atividade.
Cobra-Cipó	co-bra-ci-pó Sf serpente comprida e delgada, semelhante a um cipó, comumente verde e que habita nas árvores.
Cobra-Coral	co-bra-co-ral Sf pequena cobra de cores mistas (coral, preto, amarelo e branco) intercaladas em faixas transversais.

HOUAISS	COBRA
Cobra	<input type="checkbox"/> substantivo feminino 1 Rubrica: herpetologia. design. comum aos répteis escamados, carnívoros, da subordem das serpentes, de corpo alongado, membros e aberturas dos ouvidos ausentes, olhos imóveis e sem pálpebras, cobertos por escamas transparentes, língua delgada, bífida e prostrátil e dentes cônicos, presentes na maxila, mandíbula e no teto da boca; malacatifa, serpente 2 Derivação: sentido figurado. qualquer objeto de formato semelhante ao da cobra 3 Derivação: sentido figurado. pessoa de má índole ou de mau gênio 4 Derivação: sentido figurado. pessoa astuciosa e falsa 5 Rubrica: etnografia. Regionalismo: Brasil. personagem zoológica do bumba-meu-boi 6 Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. no jogo do bicho, o grupo 9, ao qual

	<p>correspondem as dezenas 33, 34, 35 e 36</p> <p>7 Rubrica: dança, etnografia. Regionalismo: São Paulo (<i>Itanhaém</i>). dança do fandango em que uma fila única de homens e mulheres alternados faz evoluções</p> <p>8 Rubrica: culinária. Regionalismo: Alentejo. bolo em forma de serpente, feito com farinha, açúcar e ovos, e servido com calda</p> <p>9 Rubrica: ludologia. Regionalismo: Alentejo. espécie de jogo infantil</p> <p>□ adjetivo e substantivo de dois gêneros</p> <p>10 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. diz-se de ou perito em determinado assunto ou especialidade; cobrão, fadista Ex.: <ele é c. em xadrez> <um c. em imunologia desenvolveu uma nova vacina></p> <p><i>s.f.</i> (sXIII cf. IVP) 1 HERP design. comum aos répteis escamados, carnívoros, da subordem das serpentes, de corpo alongado, membros e aberturas dos ouvidos ausentes, olhos imóveis e sem pálpebras, cobertos por escamas transparentes, língua delgada, bífida e protrátil e dentes cônicos, presentes na maxila, mandíbula e no teto da boca; malacatifa, serpente 2 <i>fig.</i> qualquer objeto de formato semelhante ao da cobra 3 <i>fig.</i> pessoa de má índole ou de mau gênio 4 <i>fig.</i> pessoa astuciosa e falsa 5 ETN <i>B</i> personagem zoológica do bumba-meu-boi 6 LUD <i>B</i> no jogo do bicho, o grupo 9, ao qual correspondem as dezenas 33, 34, 35 e 36 7 DNÇ ETN <i>SP</i> (<i>Itanhaém</i>) dança do fandango em que uma fila única de homens e mulheres alternados faz evoluções 8 CUL <i>ALT</i> bolo em forma de serpente, feito com farinha, açúcar e ovos, e servido com calda 9 LUD <i>ALT</i> espécie de jogo infantil □ <i>adj.2g.s.2g.</i> 10 <i>B infm.</i> diz-se de ou perito em determinado assunto ou especialidade; cobrão, fadista <ele é c. em xadrez> <um c. em imunologia desenvolveu</p>
--	--

	<p><i>uma nova vacina</i>> <input type="checkbox"/> c. criada <i>B infirm.</i> indivíduo muito experiente <input type="checkbox"/> comer c. <i>B 1</i> estar de mau humor 2 enfurecer-se; engolir cobra, virar cobra <input type="checkbox"/> dizer cobras e lagartos de falar mal, dizer coisas desagradáveis ou injuriosas de ou a alguém <input type="checkbox"/> engolir c. m.q. comer cobra ('enfurecer-se') <input type="checkbox"/> matar a c. e mostrar o pau <i>B fraseol.</i> afirmar alguma coisa e prová-la <input type="checkbox"/> virar c. <i>B infirm.</i> m.q. comer cobra ('enfurecer-se') <input type="checkbox"/> GRAM dim.irreg.: <i>cobrelo</i> <input type="checkbox"/> ETIM lat. <i>colùbra,ae</i> 'cobra fêmea, serpente'; ver ¹<i>cobr-</i> e <i>colubr-</i>; f.hist. sXIII <i>coobra</i>, sXIII <i>coovra</i>, sXV <i>cobra</i> <input type="checkbox"/> SIN/VAR ver sinonímia de <i>fera</i> <input type="checkbox"/> HOM cobra(fl.cobrar) <input type="checkbox"/> VOZ v. e subst.: assobiar/assoviar, chocalhar, piar, sibilar, silvar, guizalhar; subst.: assobio/assovio, pio, sibilo, silvo <input type="checkbox"/> noção de 'cobra', usar <i>antepos.</i> ²boi- e colubr-; <i>pospos.</i> -bóia</p>
Cobra-Capim	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Brasil. m.q. cobra-de-capim (<i>Leimadophis poecilogyrus</i>)</p>
Cobra-Cega	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Brasil.</p> <p>1 design. comum aos anfíbios, ápodes, da ordem dos gimnofionos, encontrados na África, Ásia, América do Sul e Central; com até 1,5 m de comprimento, corpo vermiforme da aparência de uma grande minhoca, pele lisa com sulcos transversais formando anéis e olhos reduzidos, situados sob a pele; cecília, cobra-pilão, ibicara, mãe-de-saúva, minhocão, ubijara [Vivem ger. enterrados em solo úmido, ou mesmo no substrato de rios.] Obs.: cf. <i>cobra-de-duas-cabeças</i></p> <p>2 design. comum às serpentes da fam. dos tiflopídeos e da fam. dos leptotiflopídeos, com corpo cilíndrico, de aspecto vermiforme e hábitos subterrâneos; fura-terra, minhoca, minhocão</p>

Cobra-Chata	<p>□ substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Brasil. m.q. boipeva (<i>Waglerophis merremii</i>)</p>
Cobra-Cipó	<p>□ substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Brasil.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 design. comum a diversas serpentes de hábitos arborícolas, da fam. dos colubrídeos, de corpo delgado, ger. esverdeado; acutibóia, acutimbóia, arabóia, boicipó, boiobi, boiubi, boiubu, bojobi, bojubi, sacaibóia 2 m.q. bicuda (<i>Oxybelis aeneus</i>) 3 m.q. biru-listrada (<i>Mastigodryas boddaertii</i>) 4 m.q. acutimbóia (<i>Chironius carinatus</i>) 5 m.q. azulão-bóia (<i>Leptophis ahaetulla</i>)
Cobra-Coral	<p>□ substantivo feminino</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Rubrica: herpetologia. design. comum às serpentes venenosas do gên. <i>Micrurus</i>, da fam. dos elapídeos, encontradas do Sul dos Estados Unidos à Argentina; de comprimento variável, as maiores spp. podem alcançar 1,5 m de comprimento, corpo colorido, ger. uma combinação de anéis vermelhos, amarelos e pretos; cobra-coral-venenosa, coral-venenosa, coral-verdadeira, ibiboboca, ibiboca, ibioca 1.1 Rubrica: herpetologia. serpente venenosa (<i>Micrurus corallinus</i>), encontrada no Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, com até 95 cm de comprimento, corpo com anéis vermelhos, brancos e pretos, cabeça e cauda predominantemente pretas [Vive em buracos no solo ou sob folhas secas no chão das matas.] 2 Rubrica: herpetologia. design. comum a diversas serpentes da fam. dos colubrídeos, não venenosas, mas de coloração semelhante às corais-venenosas, do gên. <i>Micrurus</i>, das quais diferem também pela presença de olhos

	<p>grandes; cobra-coral-falsa, falsa-coral</p> <p>2.1 Rubrica: herpetologia. serpente da fam. dos colubrídeos (<i>Pseudoboa trigemina</i>), encontrada em todo o Brasil, de coloração avermelhada, com anéis dorsais azuis ou negros e amarelos, e ventre vermelho</p> <p>2.2 Rubrica: herpetologia. serpente da fam. dos colubrídeos (<i>P. rhombífera</i>) de coloração amarela, com manchas escuras no dorso e nas laterais, e com o lado inferior amarelo desbotado Obs.: tb. se diz apenas ³<i>coral</i></p> <p>3 Rubrica: etnografia. Regionalismo: Norte do Brasil, Nordeste do Brasil. personagem zoológica e fantástica do bumba-meu-boi</p>
Cobra-Coral-Falsa	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Brasil. m.q. cobra-coral ('colubrídeos')</p>
Cobra-Coral-Venenosa	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Brasil. m.q. cobra-coral ('elapídeos')</p>
Cobra-Corre-Campo	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. Regionalismo: Ceará. m.q. corre-campo (<i>Thamnodynastes pallidus</i>)</p>
Cobra-Covinha	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Rubrica: herpetologia. design. comum às serpentes da subfam. dos crotalíneos, da fam. dos viperídeos, como as jararacas, a cascavel e a surucucu, dotadas de fosseta loreal</p>
Cobra-D'Água	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino Regionalismo: Brasil.</p> <p>1 Rubrica: herpetologia. design. comum a diversas serpentes aquáticas da fam. dos colubrídeos, esp. aquelas do gên. <i>Helicops</i>, encontradas em rios, lagos e açudes; surucucurana, surucurana [Alimentam-se basicamente de</p>

	<p>pequenos peixes.]</p> <p>1.1 Rubrica: herpetologia. serpente aquática da fam. dos colubrídeos (<i>Helicops leopardinus</i>), encontrada das Guianas ao Norte da Argentina; de dorso castanho-escuro manchado de negro e menos de 1 m de comprimento; piraguara, piriguara</p> <p>1.2 Rubrica: herpetologia. m.q. cobra-lisa (<i>Liophis miliaris</i>)</p> <p>2 Rubrica: etnografia. m.q. boiúna ('mito hídrico')</p>
Cobra-de-Ar	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino</p> <p>Rubrica: entomologia. Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. jequitiranabóia ('designação comum')</p>
Cobra-de-Asa	<p><input type="checkbox"/> substantivo feminino</p> <p>Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. jequitiranabóia ('designação comum')</p>

APÊNDICE 3 BILÍNGUES

LAROUSSE	cobra /'kobra/ > <i>adj fam</i> [perito] ace. > <i>f-1. zool</i> snake. > <i>2. pej</i> [mau-caráter] snake. > <i>mf fam</i> [perito] ace.
OXFORD	cobra <i>sf</i> snake LOC dizer cobras e lagartos de alguém to call sb every name in the book
LONGMAN	cobra substantivo & adjetivo • <i>s</i> (animal) snake • <i>adj</i> ser cobra em algo to be brilliant at sth: Ela é cobra em Matemática. She's brilliant at math.
MICHAELIS	co.bra [k'obra] <i>sf</i> 1 Zool snake. 2 <i>fig</i> a sneaking, treacherous person, wicked tongue. 3 <i>s m+f bras pop</i> expert, dizer cobras e lagartos de alguém to denigrate someone. matar a cobra e mostrar o pau to make a statement and prove it.
COLLINS	cobra /'kobra/ <i>f</i> snake > <i>m/f (col)</i> expert > <i>adj (col)</i> expert; dizer -s e lagartos de alguém to say bad things about sb
MINI-WEBSTER'S	cobra , 'kɒbra , <i>s/.</i> snake
LANDMARK	cobra snake, serpent. ♦ dizer cobras e lagartos de alguém defame, speak ill of. picada de cobra snake bite. ♦6 – Animal Kingdom

APÊNDICE 4

UFz	DICIONÁRIOS						
	LA	OX	LO	MI	CO	WE	LAND
1. Ser uma abelha-mestra/rainha	Sim	1	1	1	Sim	1	Sim
2. Ser um águia	Sim	2	2	2	Sim	2	1
3. Olhos de águia	1	3	3	3	1	3	2
4. Ser uma anta	Sim	4	4	4	2	4	3
5. Estar em papos de aranha	2	5	5	Sim	3	5	4
6. Estar/ficar uma arara	Sim	6	6	Sim	Sim	6	5
7. Ser pau de arara	Sim	7	7	5	Sim	7	6
8. Ser um asno	Sim	8	8	Sim	Sim	Sim	Sim
9. Ter estômago de avestruz	3	9	9	6	4	8	7
10. Bagre ensaboado	4	10	10	7	5	9	8
11. Cabeça de bagre	5	11	11	8	6	10	9
12. Ser uma baleia	Sim	Sim	Sim	Sim	7	11	10
13. Entregue às baratas	Sim	12	12	9	Sim	12	11
14. Feito barata tonta	6	13	13	Sim	8	13	12
15. (Não) ter sangue de barata	7	14	14	Sim	9	14	13
16. Ser uma besta quadrada	8	15	15	10	10	15	14
17. Fazer (alguém) de besta	Sim	16	16	11	Sim	16	15
18. Fazer-se de besta	9	17	17	Sim	11	Sim	16
19. Meter-se a besta	10	18	18	12	12	17	17
20. Metido a besta	11	Sim	19	13	13	18	18
21. Ficar besta	Sim	Sim	Sim	14	Sim	19	19

22. Ser um besta	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
23. Chorar como bezerro desmamado	12	19	20	Sim	14	20	20
24. Pensar na morte da bezerra	Sim	20	21	15	15	21	21
25. Ser bicho -de sete-cabeças	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	22	22
26. Ser bicho do mato	Sim	Sim	Sim	16	Sim	23	23
27. Ser bicho grilo	13	21	22	17	16	24	24
28. Ser bicho papão	Sim	Sim	23	Sim	Sim	25	Sim
29. Que bicho te mordeu?	14	Sim	24	18	Sim	26	25
30. Ser o bicho em	15	22	25	Sim	17	27	26
31. Ver que bicho vai dar	Sim	23	26	Sim	Sim	28	27
32. Virar bicho	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	29	28
33. Amarrar o bode/bode amarrado	16	24	27	Sim	18	30	29
34. Bode expiatório	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
35. Vai dar bode	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	31	30
36. Apanhar como boi ladrão	17	25	28	19	19	32	31
37. Colocar o carro diante dos bois	18	26	29	Sim	20	33	32
38. Comer como um boi	19	Sim	Sim	20	21	34	33
39. Conversa (historia) p boi dormir	Sim	27	30	21	22	35	34
40. Dar nome aos bois	Sim	28	31	Sim	Sim	36	35
41. Ir amolar o boi	20	29	32	22	23	37	36
42. Pegar o boi pelo chifre	21	30	33	Sim	Sim	38	37
43. Ser boi de piranha	22	31	34	23	24	39	38

44. Ser um pé de boi	23	32	35	Sim	25	40	39
45. Ter boi na linha	24	33	36	24	26	41	40
46. Dar com os burros n'água	Sim	34	37	Sim	Sim	42	41
47. Pra burro	Sim	35	Sim	Sim	Sim	Sim	42
48. Prender o burro	25	36	38	25	27	43	43
49. Ser burro	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
50. Ser burro de carga	Sim	Sim	39	26	Sim	44	Sim
51. Cabra-cega	Sim	Sim	40	Sim	Sim	Sim	44
52. Cabra da peste	26	37	41	27	28	45	45
53. Cachorro sem dono	27	38	42	28	29	46	46
54. Estar com a cachorra	Sim	39	43	Sim	Sim	47	47
55. Estar matando cachorro a grito	Sim	40	44	Sim	Sim	48	48
56. Estar no mato sem cachorro	Sim	41	45	Sim	Sim	49	Sim
57. Levlar uma vida de cachorro	28	Sim	46	Sim	30	50	Sim
58. Pra cachorro	29	42	47	29	31	51	49
59. Soltar os cachorros	Sim	43	48	Sim	Sim	52	50
60. Viver como gato e cachorro /ser como cão e gato /viver como cão e gato	30	Sim	49	Sim	32	53	Sim
61. Ser um carrapato	Sim	44	50	Sim	Sim	54	51
62. Ser uma cascavel	Sim	45	51	Sim	33	55	52
63. Cair do cavalo	31	46	52	30	34	56	53
64. Ser um cavalo	Sim	Sim	53	Sim	Sim	57	Sim
65. Ser /fazer um cavalo de	Sim	47	54	Sim	Sim	58	Sim

batalha							
66. Tirar o cavalo da chuva	Sim	48	55	31	Sim	59	Sim
67. Esperar a chegada da cegonha	Sim	49	56	32	35	60	54
68. Cobra criada	32	50	57	33	36	61	55
69. Dizer cobras e lagartos	33	Sim	58	Sim	Sim	62	Sim
70. Matar a cobra e mostrar o pau	34	51	59	Sim	37	63	56
71. Ser cobra em	Sim	52	Sim	Sim	Sim	64	57
72. Ter dente de coelho /ai há dente de coelho	35	53	60	Sim	38	65	58
73. Manso como um cordeiro	36	54	61	Sim	Sim	66	59
74. Ser pai/mãe coruja	Sim	55	62	34	Sim	67	Sim
75. Lagrimas de crocodilo	37	Sim	63	Sim	Sim	68	Sim
76. Ser um dinossauro	38	56	64	35	39	69	60
77. Lavar a égua	39	57	65	36	Sim	70	61
78. Ser uma égua	40	58	66	37	40	71	62
79. Ser um elefante branco	Sim	59	67	38	Sim	72	63
80. Estar/ficar uma fera	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	73	Sim
81. Ser fera em (algo)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	74	64
82. Como formiga (aglomeração)	41	60	68	39	41	75	65
83. Que nem formiga (para doce)	42	61	69	40	42	76	66
84. Ser frango (do goleiro)	Sim	62	70	Sim	Sim	77	Sim
85. Soltar a franga	43	63	71	41	43	78	67

86. Dormir com as galinhas	44	Sim	72	42	44	79	Sim
87. Galinha morta	Sim	64	73	43	Sim	80	Sim
88. Quando as galinhas tiverem (criarem) dentes	45	65	74	44	45	81	68
89. Ser galinha /"galinhar"	Sim	66	75	sim	sim	82	69
90. Cantar de galo	46	67	76	45	46	83	70
91. Cozinhar o galo	47	68	77	46	47	84	71
92. Galo de briga	Sim	69	Sim	sim	Sim	85	72
93. Bêbado como gambá	Sim	Sim	78	Sim	Sim	86	Sim
94. Afogar o ganso	48	70	79	47	48	87	73
95. Ser um garanhão	Sim	71	80	Sim	Sim	88	74
96. Ser uma gata/gato	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	89	75
97. Ser uma gatinha	49	72	81	Sim	Sim	90	76
98. Fazer de gato e sapato	Sim	73	82	48	Sim	91	77
99. Gatos pingados	Sim	74	83	49	Sim	92	Sim
100. Vender/comprar gato por lebre/comer gato por lebre	Sim	Sim	84	Sim	49	93	Sim
101. Dar grilo	Sim	75	85	Sim	Sim	Sim	Sim
102. Leão de chácara	Sim	76	86	50	Sim	94	78
103. Parte do leão	Sim	77	87	Sim	50	95	79
104. Levantar a lebre	50	78	88	51	51	96	80
105. Ser uma leoa	51	79	89	Sim	52	97	81
106. Ser uma lesma	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
107. Ele é um lobo em pele de cordeiro	52	80	90	Sim	53	98	82
108. Estar com a macaca	Sim	81	91	52	Sim	99	Sim

109. Ir pentear macaco	53	82	92	53	54	100	83
110. Ser macaco velho	Sim	83	93	54	Sim	101	Sim
111. Pagar um mico	54	Sim	Sim	Sim	55	102	84
112. Ter minhocas na cabeça	Sim	84	94	Sim	Sim	103	85
113. Acertar na mosca	Sim	Sim	95	Sim	56	104	86
114. Estar às moscas	Sim	Sim	96	Sim	Sim	Sim	Sim
115. Ser um mosca morta	55	85	97	55	Sim	105	87
116. Picar a mula	56	86	98	Sim	57	106	88
117. Ficar/virar uma onça	Sim	87	99	Sim	Sim	107	89
118. Ser amigo da onça	Sim	88	100	Sim	Sim	108	Sim
119. Tempo do onça	Sim	Sim	101	Sim	Sim	109	90
120. Ovelha negra	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	110	Sim
121. Falar como um papagaio	57	89	102	Sim	57	111	Sim
122. Cair como um patinho	Sim	90	103	56	Sim	112	91
123. Pagar o pato	Sim	Sim	104	Sim	Sim	Sim	Sim
124. Ser um pato	Sim	Sim	105	Sim	Sim	113	92
125. Não ter nada com o peixe	Sim	91	106	Sim	Sim	114	Sim
126. Peixe fora da água	58	Sim	107	Sim	Sim	115	93
127. Vender o peixe pelo preço que comprou	59	92	108	57	58	116	94
128. Vender seu peixe	Sim	93	109	58	Sim	117	95
129. Ser uma perua	Sim	Sim	110	Sim	59	118	96
130. Estar um pinto molhado	Sim	94	111	59	Sim	119	Sim
131. Ai e que a porca torce o rabo	60	95	112	Sim	60	120	97
132. Ser um porco (pessoa)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

133. Comer como um porco	61	96	113	60	61	121	Sim
134. Espírito de porco	Sim	Sim	Sim	61	Sim	122	98
135. Montar num porco	62	97	114	62	62	123	99
136. Estar com a pulga atrás da orelha	Sim	Sim	115	Sim	Sim	124	Sim
137. Ser uma velha raposa	Sim	98	116	63	Sim	Sim	100
138. Rato de biblioteca	Sim	99	117	64	Sim	125	101
139. Engolir sapo	Sim	Sim	118	65	Sim	126	102
140. Como sardinha em lata	63	100	119	66	Sim	127	103
141. Puxar a brasa p sua sardinha	Sim	Sim	120	Sim	Sim	Sim	Sim
142. Ser uma serpente	Sim	101	121	Sim	Sim	128	104
143. Abraço de tamanduá	64	102	122	67	63	129	105
144. A passo de tartaruga	Sim	Sim	123	68	Sim	130	106
145. Ser uma toupeira	Sim	Sim	124	69	Sim	131	Sim
146. Pegar o touro a unha	65	Sim	125	Sim	Sim	132	107
147. No tempo das vacas gordas	Sim	103	126	70	64	133	108
148. Tempo das vacas magras	Sim	104	127	71	Sim	134	109
149. A vaca foi p brejo	Sim	Sim	128	Sim	Sim	135	110
150. Fazer uma vaquinha	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	111
151. Voltar à vaca fria	Sim	105	129	Sim	Sim	136	112
152. Dar zebra	Sim	106	130	Sim	Sim	137	113
35,4% UFz presentes	LA 87p 65 (Ausentes) 57%	OX 46p 106(Ausentes) 30%	LO 22p 130 a. 14%	MI 81p 71 a. 53%	CO 88p 64 a. 58%	WE 15p 137 a. 10%	LAND 39p 113 a. 26%

APÊNDICE 5

UNIDADES FRASEOLÓGICAS	LA	OX	LO	MI	COL	WEB	LAN D	TOT .
1. Ser uma abelha-mestra	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E1	E=1
2. Ser um águia	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
3. Águia – olhos de águia	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
4. Ser uma anta	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
5. Estar em palpos de aranha	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
6. Estar/ficar uma arara	E1	E0	E0	E2	E3	E0	E0	E=3
7. Ser pau de arara	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E0	E=2
8. Ser um asno	E1	E0	E0	E2E3	E4	E0	E2E5E3	E=5
9. Ter estômago de avestruz	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
10. Ser bagre ensaboado	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
11. Ser cabeça de bagre	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
12. Ser uma baleia	E1	E2	E3	E4E5	E0	E0	E0	E=5
13. Entregue às baratas	E1E2	E0	E0	E0	E3E4	E0	E0	E=4

14. Feito (como) barata tonta	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
15. (Não) ter sangue de barata	E0	E0	E0	E1E2	E0	E0	E0	E=2
16. Ser um(a) besta quadrada	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
17. Fazer (alguém) de besta	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
18. Fazer-se de besta	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E2	E=2
19. Meter-se a besta	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
20. Metido a besta	E0	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
21. Ficar besta	E1	E2	E2	E0	E2	E0	E0	E=2
22. Ser um besta	E1E2E3	E4	E5E3	E4E6E7E8	E7E9E3	E10	E6	E=10
23. Chorar como bezerro desmamado	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
24. Pensar na morte da bezerra	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
25. Ser /fazer bicho de sete cabeças	E1E2E3	E4E5E6	E4E5	E7E3	E4	E0	E0	E=7
26. Ser bicho do mato	E1	E1	E1	E0	E2	E0	E0	E=2
27. Ser bicho-grilo	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
28. Ser bicho-papão	E1E2E3	E1	E0	E1	E1	E4E1	E5E6	E=6

29. Que bicho te mordeu?	E0	E1	E0	E0	E2	E0	E0	E=2
30. Ser o/um bicho (em)	E0	E0	E0	E1E2E3E4E5	E0	E0	E0	E=5
31. Ver que bicho vai dar	E1	E0	E0	E2	E3	E0	E0	E=3
32. Virar bicho	E1	E2	E3	E4	E2	E0	E0	E=4
33. Amarrar o bode	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
34. Bode expiatório	E1	E1	E1	E1	E1	E1	E1E2E3	E=3
35. Vai dar bode	E1	E2E3	E4	E3E5E6	E4	E0	E0	E=6
36. Apanhar como boi ladrão	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
37. Colocar o carro diante dos bois	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
38. Comer como um boi	E0	E1	E1	E0	E0	E0	E0	E=1
39. Conversa (historia) p boi dormir	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
40. Dar nome aos bois	E1	E0	E0	E2	E2	E0	E0	E=2
41. Ir amolar o boi	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
42. Pegar o boi pelo chifre	E0	E0	E0	E1	E2	E0	E0	E=2
43. Ser boi de piranha	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0

44. Ser um pé de boi	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
45. Ter boi na linha	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
46. Dar com os burros n'água	E1	E0	E0	E2E3	E4	E0	E0	E=4
47. Pra burro	E1E1	E0	E2E3E4	E5	E6E4	E7E8E9	E0	E=9
48. Prender o burro	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
49. Ser burro	E1E2	E3E4E5E6	E1E6E7	E8E1E9	E1E10E4E7E5	E1E5	E11E1E9E12	E=12
50. Ser burro de carga	E1	E2	E0	E0	E3	E0		E=3
51. Cabra -cega	E1	E1	E0	E1	E1	E1	E0	E=1
52. Cabra da peste	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
53. Cachorro sem dono	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
54. Estar com a cachorra	E1	E0	E0	E2	E3	E0	E0	E=3
55. Estar matando cachorro a grito	E1	E0	E0	E2	E1	E0	E0	E=2
56. Estar no mato sem cachorro	E1	E0	E0	E2E3	E1	E0	E1	E=3
57. Levar uma vida de cachorro	E0	E1	E0	E1	E0	E0	E1	E=1
58. Pra cachorro	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
59. Soltar os	E1	E0	E0	E2	E1	E0	E0	E=2

cachorros								
60. Viver como gato e cachorro	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
61. Ser um carrapato	E1	E0	E0	E2E3E1	E1	E0	E0	E=3
62. Ser uma cascavel	E1	E0	E0	E2E3	E0	E0	E0	E=3
63. Cair do cavalo	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
64. Ser um cavalo	E1	E2	E0	E3	E4	E0	E4	E=4
65. Fazer/Ser um cavalo de batalha	E1	E0	E0	E2	E2	E0	E3	E=3
66. Tirar o cavalo da chuva	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E3	E=3
67. Esperar a chegada da cegonha	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
68. Cobra criada	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
69. Dizer cobras e lagartos	E0	E1	E0	E2	E3	E0	E4E5	E=5
70. Matar a cobra e mostrar o pau	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
71. Ser cobra em (algo)	E1	E0	E2	E0	E3	E0	E0	E=3
72. Ter dente de coelho	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
73. (Ser manso como) um cordeiro	E0	E0	E0	E1E2E3	E4	E0	E0	E=4

74. Ser pai/mãe coruja	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E2	E=2
75. Lagrimas de crocodilo	E0	E1	E0	E1	E1	E0	E1	E=1
76. Ser um dinossauro	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
77. Lavar a égua	E0	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
78. Ser uma égua	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
79. Ser um elefante branco	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
80. Estar/ficar uma fera	E1	E2E3	E2	E2	E4	E0	E5E4	E=5
81. Ser fera em (algo)	E1	E2	E3	E4	E5	E0	E0	E=5
82. Como formiga (aglomeração)	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
83. Ser que nem formiga (para doce)	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
84. Ser frango (do galeiro)	E1E2	E0	E0	E1	E3	E0	E1	E=3
85. Soltar a franga	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
86. Dormir/deitar-se com as galinhas	E0	E1	E0	E0	E0	E0	E2	E=2
87. Galinha morta	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E2	E=2
88. Quando as galinhas	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0

tiverem/criarem dentes								
89. Ser galinha	E1	E0	E0	E2	E3	E0	E0	E=3
90. Cantar de galo	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
91. Cozinhar o galo	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
92. Galo de briga	E0	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
93. Bêbado como gambá	E1	E1E2	E0	E1E3	E4	E0	E5E6	E=6
94. Afogar o ganso	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
95. Ser um garanhão	E1	E0	E0	E2	E1	E0	E1	E=2
96. Ser uma gata	E1	E2	E3	E4E5	E6E7E3	E0	E0	E=7
97. Ser uma gatinha	E0	E0	E0	E1	E2	E0	E0	E=2
98. Fazer de gato e sapato	E1	E0	E0	E0	E2E1	E0	E0	E=2
99. Gatos pingados	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E3E4E5E6	E=6
100. Vender gato por lebre	E1	E2	E0	E1	E0	E0	E3E4E1	E=4
101. Dar grilo	E1	E0	E0	E2E3E4	E4E5E6	E5	E4	E=6
102. Leão de chácara	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E1	E=1
103. Parte do leão	E1	E0	E0	E1	E2	E0	E1	E=2
104. Levantar a lebre	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
105. Ser uma	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1

leoa								
106. Ser uma lesma	E1	E2E3	E2E3	E4E1	E3	E1	E5	E=5
107. Ele é um lobo em pele de cordeiro	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
108. Estar com a macaca	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E2	E=2
109. Ir pentear macaco	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
110. Ser macaco velho	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E1	E=1
111. Pagar (um) mico	E0	E1	E1	E2	E0	E0	E0	E=2
112. Ter (estar com) minhocas na cabeça	E1	E0	E0	E2E3E4	E5	E0	E0	E=5
113. Acertar na mosca	E1	E2	E0	E1	E0	E1	E0	E=2
114. Estar às moscas	E1	E2	E0	E3E2	E2	E1E4	E5E3E2	E=5
115. Ser um mosca morta	E0	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
116. Picar a mula	E0	E0	E0	E1E2	E0	E0	E0	E=2
117. Ficar/virar uma onça	E1	E0	E0	E2	E3	E0	E0	E=3

118. Ser amigo da onça	E1	E0	E0	E1	E1	E0	E1	E=1
119. Tempo do onça	E1	E2	E0	E3E4E5	E2	E0	E0	E=5
120. Ovelha negra	E1	E1	E1	E1	E1	E0	E1	E=1
121. Falar como um papagaio	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E1	E=1
122. Cair como um pato/ patinho	E1	E0	E0	E2	E0	E0	E3	E=3
123. Pagar o pato	E1	E1	E0	E2	E1	E3E2	E4	E=4
124. Ser um pato	E1	E0	E0	E2E3	E1	E0	E0	E=3
125. Não ter nada com o peixe	E1	E0	E0	E2	E1	E0	E1	E=2
126. Peixe fora da água	E0	E1	E0	E2	E1	E0	E0	E=2
127. Vender o peixe pelo preço que comprou	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
128. Vender seu peixe	E1E2	E0	E0	E0	E3E4E5	E0	E0	E=5
129. Ser/estar uma perua	E1	E2	E0	E3	E0	E0	E0	E=3
130. Estar/ficar um pinto molhado	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E3E4	E=4

131. Aí é que a porca torce o rabo	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E0	E=1
132. Ser um porco (pessoa)	E1E2E3E4	E5E6	E4	E7E1E5E8	E5	E1E5	E1E5E9	E=9
133. Comer como um porco	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E1	E=1
134. Espírito de porco	E1	E2	E3	E0	E2	E0	E0	E=3
135. Montar num porco	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0
136. Estar com a pulga atrás da orelha	E1	E1	E0	E2E3	E1	E0	E1E3E4	E=4
137. Ser uma velha raposa	E1	E0	E0	E0	E2	E3	E0	E=3
138. Rato de biblioteca	E1	E0	E0	E0	E1	E0	E1	E=1
139. Engolir sapo	E1	E2	E0	E0	E3	E0	E4	E=4
140. Como sardinha em lata	E0	E0	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
141. Puxar a brasa p sua sardinha	E1	E2	E0	E3	E4	E5	E6	E=6
142. Ser uma serpente	E1	E0	E0	E0	E1	E2	E2	E=2
143. Abraço de	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=0

tamanduá								
144. A passo de tartaruga / cágado	E1	E1	E0	E0	E1	E0	E0	E=1
145. Ser (cego, ignorante) como uma toupeira	E1	E2	E0	E0	E3E2	E0	E3E2	E=3
146. Pegar o touro (à unha)	E0	E1	E0	E1	E1	E0	E0	E=1
147. No tempo das vacas gordas	E1	E0	E0	E0	E0	E0	E0	E=1
148. Tempo das vacas magras	E1	E0	E0	E0	E2	E0	E0	E=2
149. A vaca foi p brejo /ir a vaca pro brejo/ ir para o brejo	E1	E2	E0	E3E4	E5	E0	E0	E=5
150. Fazer uma vaquinha	E1	E2E3	E4	E1	E5	E6	E0	E=6
151. Voltar à vaca fria	E1	E0	E0	E2E3	E1		E4E3	E=4
152. Dar zebra	E1	E0	E0	E2E3	E4	E0	E5	E=5